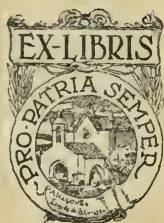
JULIO CESAR MACHADO

MIL E UMA HISTORIAS

ESCRIPTORIO E TYPOGRAPHIA

1 a 7 — CALÇADA DE S. FRANCISCO — 1 a 7

LISBOA

EMPREZA LITTERARIA DE LISBOA

MIL E UMA HISTORIAS

POR

JULIO CESAR MACHADO

1888

OFFICINA TYPOGRAPHICA

DA

Empreza Litteraria de Lisboa

1 a 5—Calçada de S. Francisco—1 a 5

QUE outros mettam hombros a grandes historias, romances em largos volumes, contos da proporção de romances; vamos, nós, a entreter-nos, se isto se puder conseguir, com os casos, os ditos, os feitos e gestos, de Pedro, de Paulo, de Sancho e Martinho... Tudo é grande agora, bem se sabe, lettras, artes, politica, e coisas; deixem, todavia, que um fiel, que sempre foi dado á alegria e á sensibilidade, venha recitar, a meia voz, as suas oraçõesinhas, perante o altar da anedocta!

Janeiro, 26 — 1888.

De uma occasião, cavaqueando o Innocencio e o Meréllo, na loja do livreiro Rodrigues, da rua do Crucifixo, farejaram um livro de valia; cuidando, qualquer dos dois, que, o outro, não houvesse dado por elle.

Principiaram então, como que ao desafio, em espertezas, procurando mutuamente afastar o competidor do logar da maravilha.

Já um chamava o outro para a porta, e lhe narrava não sei que historia em grandes ares de confidencia; —já o outro consultava o relogio e lhe dizia a hora, adiantando-a, ao passo que lhe perguntava qual fosse a sua hora de jantar... Nem o Meréllo nem o Innocencio arredavam um passo da baiuca do livreiro, recinto encantado da ambicionada joia.

N'isto, não se atrevendo um nem o outro a desampararem a caça, nem, tão pouco, a separarem-se, sairam juntos.

Innocencio, morava n'esse tempo, ao Rato, na rua de S. Filippe Nery; o Meréllo, como que deleitando-se com a sua conversação, foi indo até lá.

Uma vez chegados, disse-lhe o auctor do *Diccionario Bibliographico:*

—Você onde vae?

O Meréllo, titubiando, denunciou, porventura, na sua hesitação, o designio que guardava em seu animo? *Chi lo sá?!*

Respondeu conforme poude:

—Eu agora... estou capaz de ir... tenho por força de ir agora...

—Para cima?

—Não; ali, para aquelle lado...

Innocencio fixava-o no branco dos olhos.

—A Santa Isabel!!! accrescentou Meréllo, que, com o ganhar tempo, cobrára animo, e revigorára o seu espirito. Vou a Santa Isabel, e, adeus, que não me posso demorar!!!

—Então, adeus! disse-lhe o Innocencio. E obrigado pela companhia.

Meréllo, em passinho de pulga, cortou para a direita, pelo largo do Rato fóra, e sumiu-se detraz da esquina.

Dois olhos, porém, o acompanhavam, vigiando-o, sem fallarmos nos da providencia, que, talvez, n'aquella hora, o não seguissem com tanto disvélo...

Eram os olhos do Innocencio, que, logo depois de fechar a porta da rua, de novo a abrira, de mansinho, encostando-a habilmente, por maneira que podesse vêr sem ser visto.

Espreitado o Merello no rapido ápice de dobrar a esquina, ahi foi logo, de corrida, de voada, o Innocencio, encostar-se, meio escondido, na diligencia de observar, se, effectivamente, o Merello seguia pela rua do Sól, a fim de cortar depois á esquerda para Santa Isabel.

Mas, — oh! confirmação da suspeita! — o Merello virou pela rua de S. Bento, e, d'este modo, revelou a engenhosa estrategia com que estivera a ponto de levar de vencida o seu competidor.

Innocencio Francisco da Silva não pensou uma, não pensou duas, nem tres vezes, e, voltando a metter-se na rua da Escóla Polytechnica, désceu pressuroso, aos encontrões a quem ia e vinha; elle, para o passeio; elle, para o meio da rua; zás, pás; de salto, pulo, e gangão; respirando apenas; apertando o figado, abalado pela furia da correria; até que, catrapuz, cahia de chofre na loja do livreiro, onde, em caso immediato, se embrulhava com um vulto, que, tambem de repellão e de tombo subito, penetrava ali...

Era o Merello!

O Merello, que, suspeitoso e inquieto pelas perguntas do Innocencio, correra ao livreiro, e alcançára, pela rua de S. Bento, Calhariz e Chiado, chegar ao Pote das Almas ao mesmo tempo que o seu rival illustre, por S. Pedro de Alcantara e S. Roque: em passo vertiginoso, de bibliophilos, ambos elles; — o incomparavel passo, que fez sempre a inveja do Bargossi! o andarilho Bargossi!

Com razão se diz serem mudas as dôres supre-

mas. No meio do reboliço que houve n'aquella loja, quando os dois alfarrabistas se atropellaram ao entrar ali, qual d'elles com maior ancia, foi o Merello o primeiro a conseguir deitar a mão ao livro. O Innocencio, que tinha uma tremenda lingua de palmo e meio, terror do proximo, metteu-a no bucho, e, engulindo em secco, viu o outro arrecadar o livro no bolso do peito, abotoar-se á mesm'alma, pagar o livro ao Rodrigues, e sair, ficando quêdo e mudo, como se, aquelle caso formidando, estivesse a ponto de entupir-lhe por uma vez a falla.

*

Ha uma idade na vida em que quasi todos os rapazes sabem o que é uma góla a chupar chá; tive em tempos uma casaca azul, que chegou a beber muito; quasi todos os dias era um bulle cheio, metade para mim, metade para ella.

*

Cupertino casou com uma menina, de quem a familia lhe disse, em segredo, que era somnambula. Ficou um pouco espantado; mas, que lhe havia de fazer?

N'uma noite d'este rigido inverno, viu-a levantar-se da cama e ir direita á cosinha; — foi atraz d'ella. Não teem creada; e o costume é ir o gallego,

pela manhã, lavar a loiça: estavam em cima da mesa uns poucos de pratos; a esposa limpou-os todos, e foi deitar-se outra vez.

—Isto não a cança, disse elle. Trabalha a dormir! Façâmos uma experiencia. Fallando-lhe durante o somno, vê, adivinha, e é capaz de responder a tudo...

—Querida,—em que numero hade sair d'esta vez a sorte grande?

Ella não disse nada.

Vae elle o que fez? Dirigiu esta mesma pergunta á mesa, que, sem deixar que os espiritos fizessem triste figura, logo, á simples invocação do Silva ou do Fonseca, espiritos venerandos, lhe deu um numero em resposta.

Cupertino foi comprar o bilhete d'este numero, e não lhe saiu nada.

Voltou a confiar tudo do somnambulismo da esposa.

Elle era boticario. Entre outras perguntas, dirigiu-lhe esta por galanteria:

—Quem é o teu amorsinho?

Ella, moita.

—Quem é o teu *quido* lindo? (era assim que elle pronunciava, como abreviatura graciosa da classificação de *querido lindo,* que dava a si proprio sem exageração de modestia).

—É o praticante.

—O praticante da botica?

—Sim.

—Então, não sou eu?

—Não.

—Porque?

—Porque és feio, e elle é bonito.

Ahi está porque Cupertino tomou quisilia ao praticante e ao somnambulismo.

*

Quando Antonio Feliciano de Castilho foi habitar para a rua Nova de S. Francisco de Paula, uma das primeiras coisas de que se tratou, foi de arrumar os livros.

Ajudava n'essa faina um antigo prior de Santa Isabel, homem sabedor e tambem poeta, de quem o visconde era muito amigo.

Iam-se tirando os livros dos bahús, dizia-se o titulo da obra e o poeta indicava em que armario e junto de que outras obras deveria aquella ser collocada. Por entretenimento e para concorrer na lida, o prior e eu ajudámos esta tarefa.

N'isto, o prior, sobraçando não sei quantos volumes, perdeu os oculos:

—Máu! disse.

E parou.

—O que foi? perguntou o visconde.

—Estou bem aviado. Perdi os oculos!

O poeta sorriu-se:

—Procura, dizem que tudo se acha nos livros! Lá devem estar!...

*

As chronicas populares entendem haver *cobras mandadas* por feiticeiras morder alguem; e tambem chamam «cobra mandada» ao individuo, que o inimigo insinue a vir-nos fazer algum mal.

Não é raro ouvir dizer entre o povo:

—A acção, que me elle fez, parece de cobra mandada!

Na secretaria geral dos malificios a giboya é a incumbida da repartição dos divertimentos.

Ha animaes, que se cevam de lagartos e outros sevandijas: a giboya ceva-se de funcções.

Vae, ora para uma festa, ora para outra.

Ás vezes deixa os theatros e visita outros recreios...

Mas, em não sendo festas pagas, e em não podendo prejudicar os cofres, atira-se aos artistas.

Nos quarteis, antes de sairem as guardas, toca ás vezes a musica, principalmente em dia de gala. Não me lembro já em que regimento era, havia uma banda deliciosa. A visinhança fazia baixezas por ouvir aquella musica, ia gente de proposito deleitar-se a escutal-a, e o coronel estava todos os dias a receber cumprimentos de uns e de outros, de senhoras principalmente, pelos primores da banda do seu regimento.

—Que encanto! diziam as bellas. Que encanto!...

O coronel, apreciador da harmonia, e, por isso mesmo, da formosura, dava o cavaco pela musica, e não só transmittia aos musicos os louvores com que as damas a celebravam, mas pedia-lhes que tocassem todos os dias antes de ir para as guardas.

—Bem sei que nem sempre ha guardas grandes, estou farto de saber isso; mas, toquem como se as houvesse. Não lhes importe, que a guarda vá para o Banco, ou para o Limoeiro; façam sempre de conta que damos guarda ás Côrtes, Ajuda, ou ao Terreiro do Paço, unicas em que vossas mercês têem ensejo de ostentar os seus talentos. Vá, vamos a isto!

Principiou a haver musica todas as manhãs, e, ás vezes, á tarde, e, á noite até, a titulo de ensaio: havia musica sempre, sempre, sempre. A visinhança estava no céo...

N'isto a giboya irritou-se com tanta folia, e, quando menos a esperavam, começou a rondar por ali.

O repertorio da banda comquanto mimoso, era limitado. Tudo era dar-lhe com o *Macbeth!*

Ás sete e meia, ainda de inverno, ás vezes, ainda o dia não aclarára bem, já elles estavam a fazer prodigios do côro das bruxas; as guardas saiam depois: o coronel tinha aquella funcção tão certa, que acertava o relogio pela primeira nota; a primeira nota era ás sete e meia; mas, de dia para dia foi sendo a nota como que menos sonora...

O coronel dizia:

—É celebre! Em tendo a janella fechada já não os oiço tão bem!...

E abria-a.

De uma occasião, notou que faltava o fagote. No outro dia, deu pela falta do trombone. D'ali a dois dias, o clarinete é que assoprava ás bruxas. No dia immediato, o pifano é que assoprava tudo.

O coronel abriu a janella e viu-o sósinho, a tocar conscienciosamente, a tocar...

—Que é feito dos outros? perguntou.

—Morreram.

—Morreram?!

—Saberá o meu coronel, que sim senhor! respondeu o pobre musiquinho. Resto só eu!...

—Vae-te embora, rapaz! disse-lhe o coronel, com as lagrimas nos olhos.

Á noite morreu o pifano.

Era a giboya, que tinha devastado a banda, do primeiro ao ultimo!...

Imaginem as torturas porque tem passado agora esse animal medonho, de corpo quasi roliço, cauda afurada, focinho temeroso, a espreitar nos theatros as enchentes e ovações,... de que resam as folhas publicas.

*

O velho doge Marino Faliéro, menos preoccupado da politica exterior, e das promessas, que fizera, de sustentar os interesses da santa séde, do que dos seus negocios domesticos, feito conspirador depois de velho,—cousa entre todas rara, porque, os cons-

piradores, assim como teem no theatro um uniforme, teem na vida a idade de trinta a cincoenta annos, e, conspirador de setenta e seis annos, á força, de velho, seja novo! — por se haver casado com uma rapariga formosa, e não parar com ciumes d'ella desde que um patricio lhe escrevera nas costas da cadeira esta chufa cruel:

Marino Faliéro da mulher bonita
Que outro tem e elle mantem...

soffreu torturas provenientes d'isso; e é por causa d'esse gracejo que o retrato não está na galeria dos doges, no palacio ducal de Veneza, e, na tabua negra, a fria inscripção que Alves Mendes cita:

Hic est locus Marini Faliéri
Decapitati pro criminibus

O doge pediu, que os *dez* julgassem o patricio como de crime de estado: a Veneza dos amores riu-se do velho; e quando um marinheiro, patrão ou chefe de patrões do arsenal, offendido por um patricio, foi pedir justiça ao doge, o pobre Faliéro, que tinha visto o conselho negar-lh'a a elle, entendeu ser boa a occasião de se vingarem ambos e aceitou os mil cumplices, que o patrão do arsenal lhe offereceu para a revolta que houvesse de deitar abaixo o conselho e désse a auctoridade unica ao doge, porque não lhe saisse da cabeça o

Marino Faliéro alla bella moglie

que outro tinha e que elle mantinha...

*

Era n'um dia de mudança; o padre Marcos, que tinha um aquarium magnifico, com salamandras e outros peixinhos, recommendava aos gallegos, encarregados de levarem os moveis para a sua nova residencia, a maior cautela e vigilancia.

Chegado á casa nova, foi logo examinar o bocal; o bocal estava intacto, mas, os peixinhos haviam desapparecido.

Padre Marcos cobriu-se de suor...

Disse-lhe, um dos moços:

—Fui eu, que me incumbi da redoma.

—E os peixes?

—Estão aqui! *Baia!* Por cautela! disse o gallego, tirando da algibeira das calças uma série de embrulhinhos...

Eram os peixes!

*

—Muito me alegro, com o observar, que, vossa altesa esteja ouvindo já o melhor possivel!

—Hein...?

—Muito me alegro de...

—Escreve-me isso, que não te oiço.

E o cortezão escrevia: «Muito me alegro com o observar que vossa alteza esteja ouvindo o melhor possivel!»

—Vae para o diabo! disse-lhe o principe.

*

Estava, a um canto do balcão, um grande janota, bebericando, de cavaco com um piteireiro subalterno, o que as castanheiras chamam: «de baixa esphera».

Travaram ali uma amisade eterna.

Este, ficou mais leve que o outro, e quiz por força acompanhal-o a casa.

—Ninguem leva hoje *vósselencia,* senão eu!

—Que quer dizer isso?

—Que ninguem boje ha de acompanhal-o, senão a minha pessoa!

—Aonde?

—Para casa.

—Para fazer o que?

—Para dormir.

—Ah! Para dormir. Isso sim. É bom. Então vamos por ahi fóra!

—Vamos embora!

Põem-se a caminho. Tombo cá, tombo lá. Uma dança, primeiro que chegassem á habitação do cavalheiro, e que subissem,—e entrassem, levando-o elle em braços. Casa magnifica.

—Viva o luxo! diz o de *baixa esphera.* Quanto pagas aqui de renda, ó tu?

—Sei cá, d'isso!

—Ó reinadio!

N'isto, sempre com o amigo ao collo, vê cortinas... e deita o fidalgo.

—Safa! Pezas muito!

Depois, desce outra vez pela escada, cáe aqui, cáe ali; e, chegado á rua, quando se abaixa n'um dos tombos, vê o janota de cócoras.

—Já te levantaste? Ó reinadio!

Enganára-se com as cortinas e tinha-o deitado da janella abaixo.

*

O cabo, ao sargento:

—Ó meu official, Valentim é nome ou appellido?

—É nome, responde-lhe o sargento.

—Nada, é appellido, hade perdoar; porque o meu pae chamava-se Valentim José Lopes!

*

Não sei se foi em França, se no Brazil, que, o ex-capitão de vapores do Havre, Ferdinand Garay, a quem ouvi contar este caso, affirma, haver elle acontecido, a um prégador, que dissera, por lapso, haver Jesus fartado na montanha cinco pessoas com cinco mil pães.

Logo, um ouvinte, lhe retorquiu:

—Tambem eu me atreveria a fazer isso!

Vindo, pela reflexão d'aquelle parochiano, no conhecimento do que havia dito, fez no domingo immediato uma rectificação, que lhe pareceu util:

—Não foram cinco pessoas; foram cinco mil, as que Jesus sustentou com cinco pães. E se ha alguem, que, no domingo passado, se haja sentido nas circumstancias de conseguir outro tanto, seria optimo que nos dissesse se ainda hoje se julgaria capaz de fazer o mesmo?

E o outro, levantando a cabeça, para o pulpito:

—Com o que sobejou da outra semana!

*

Um tintureiro, da cidade, apanhou um avejão, que lhe rondava a casa, alta noite, com espanto e susto da visinhança.

Agarrou-o, auxiliado, por um gallego, que era seu moço; e, metteram-o, ambos, dentro da caldeira.

As tintas estavam frias.

Depois de lhe dar um banho, pôl-o na rua.

Isto produziu desgosto em casa,—nunca se poude saber bem o porquê; nem o tintureiro o disse, nem sua mulher, nem o gallego.

No dia seguinte, foi, um cavalheirão, procurar o tintureiro.

—Venho pedir-lhe um grande favor!

—Pois não, senhor! Diga lá!

—Ha um sujeito, ainda meu parente, que está em casa sem poder sair...

—Alguma doença?

—Não é. O senhor tingiu-o de azul...

—Isso era um lobis-homem; bem sei; foi, esta noite.

—Não ha agua, que o lave. Tem-se feito toda a diligencia! Agua quente, agua fria, agua de Colonia...

—É. Tem isso. Não sáe. É uma rica tinta! Ficou-me muito boa!

—Emfim, para pouparmos palavras, exija o senhor o que quizer, mas limpe-me o parente!

—Difficil, retrucou o outro. Impossivel! Só poderei fazer uma coisa; pelo gosto, em que estou, de o obsequiar.

—O que vem a ser?

—Mudal-o para outra côr, se elle não gosta de azul! Posso, por exemplo, mudal-o, para verde; que, tambem tenho ahi, um verde bonito! Ou para pardo, se elle preferir uma côr grave!

Esse foi o ultimo lobis-homem, o lobis-homem pardo! E assim se foi destruindo a fama d'aquelles doentes solitarios, que atravessavam pelas selvas, e iam descançar nas alcovas.

*

Pobre D. Quixote, que vive de idealidade, brilho e orgulho; grande nas suas illusões, grande nos seus desvarios,—que o não são talvez, por fim de tudo, que não são tal desvarios, senão de o parecerem pela situação, pela scena, pelo quadro, em

tanta maneira é sempre cavalheiro, sempre e em tudo realçado e nobre.

O que é elle?

Aquella tenacidade, aquelle enthusiasmo, aquella resignação...

E doido?

Muitas vezes, o parece. De outras, é quasi isso, é um homem, que padece, da doença moral, chamada credulidade; sente em si uma consciencia, que repugna á prosa rasteira e egoista; a imaginação multiplica-lhe o pensamento vago e primitivo, o sentimento innato de conquista; engolfa-se subito em qualquer acção, sem pensar nas consequencias; como quem vae de corrida e não hesita em saltar o muro, que se lhe antepara, vae de umas vezes cair do outro lado, de outras estende-se logo ao armar o pulo.

Escorjado pela sorte, batido como heroe, sempre na idéa de ser perseguido e sacrificado por furor e inveja de outro, e não logrando nunca senão ingratidões e chacotas, o pobre cavalheiro, magro de mais a mais, debil, e mal montado, excede, todavia, em nobreza e rasgos de animo, os que se riem d'elle e os que o derrotam.

Conserva-se, porém, igual.

A mais rara das prendas de caracter!

É o mesmo sempre, na hora da partida, ou na do ultimo combate.

«Dulcinéa! Dulcinéa!» Nem se teme do tempo, que mata, nem repara nas tristes novidades, que elle lhe traz dia por dia.

No fim da sua lida, excursões e desastres em que tão experimentado foi, D. Quixote fica ainda creança, sempre creança, creança para a eternidade.

Moido e derreado, recolhe tropego, tem os membros quebrados com pancadas; mas, as azas da phantasia e da mocidade, conserva-as: não poderam cortar-lh'as!

Sancho Pança tem por elle o dó do riso, e não percebe que o outro, em vez de pedir a este mundo a commodidade e os interesses, aspire a mil loucuras: á felicidade, de que nem lhe é dado avistar a sombra; e á gloria, flôr de tentação, que só tem aroma pela noite adiante.

Sancho Pança ri-se, de o ver sonhar delicias, considerar tudo bello, julgar todos bons; e, até mesmo ao avistar das nuvens, persuadir-se ainda, de que ellas não estejam fazendo outra coisa senão baloiçar no céo extases com que elle sonhe.

Ainda se aquella celebreira lhe durasse um dia...

Uma hora...

Mas, sempre, sempre, até o chegar da grande noite!

Sancho Pança, ri-se.

E mais elle não sabe, não sonha uma coisa. Ainda riria mais, se a soubesse; e é que, da superioridade do heroe, provém, talvez, tudo isso: e que, comquanto em condições mais moderadas, haja sempre na superioridade o que quer que seja um pouco phantastico, um pouco extravagante.

É vêr os poetas!

E escusamos, para isso, de ir buscar exemplos lá fóra.

Deixemos o Byron quieto!

Por ventura não se dava alguma coisa d'isso, por exemplo, no Garrett?

Não fazia elle, das illusões, já no ultimo quartel da vida, a sua riqueza inexaurivel?

Sabendo toda a gente que elle usava chinó, não corre o boato, falso talvez, e nem por isso menos caracteristico, de o têrem ouvido alguns dizer-lhes serenamente:

—Até mais ver. Deixe-me ir aqui, a este Baron, cortar o cabello. . . .—?

*

Andava fazendo a côrte a uma menina, que não parecia insensivel ás suas attenções, e chegou a fazer inveja a uns rivaes, que juraram pregar-lhe alguma:—este, a quem chamarêmos *o flosa.*

Passava-se isto no meio de um verão, no campo—onde a menina estava com a familia a ares.

A familia tinha muitas visitas, como succede sempre nas casas em que haja herdeira rica.

Era gente agradavel; passeavam, umas vezes a cavallo, outras a pé; tocava-se piano, conversava-se; passava-se bem:—entretanto, apesar do bem tratado que ali se era, obrigavam ás vezes as conveniencias a privar-se uma pessoa das commodidades mais indispensaveis á vida...

De uma vez, iam todos passeando de ranchada; estava o tempo lindissimo, sereno, puro; céo sem nuvens; banhava-se a terra n'uma atmosphera de mocidade e de amor; renascia, sorria, tudo, na natureza: tudo, excepto o *sujeito,* que, havia um pedaço, se achava absorto em cuidados, como que contrafeito, olhando para um lado, para o outro, olhando principalmente para os cantos, até que descobriu um cóio, que lhe agradou: e esquivou-se com tal presteza, que nem se deu pela sua ausencia.

Talvez fosse melhor, n'este ponto da historia, deixarmol-o nós... ir só. Mas, não ha remedio, senão seguil-o!

Só passados instantes, os *amigos,* para não dizermos os rivaes, principiaram a scismar no que teria elle ido fazer.

Para o *sujeito,* no entanto, ia tudo o melhor possivel e não seria capaz ninguem de ir dar com elle na balseira onde estava encoberto, a não ser uma circumstancia furtuita, que revelou aquelle segredo cheio... de horror.

Chamam-se flosas uns passaros muito pequeninos, muito mais pequenos até do que pardaes, que dão o cavaco por depenicar figos.

Junto do tal esconderijo de silvados, onde se occultára o *sujeito,* havia uma figueira, e, ás maganas das flosas, deu-lhes, n'aquella occasião, a vineta de se irem a ella.

Avista-as, um dos do rancho, e diz ás senhoras e aos homens:

—Olhem, que de flosas, além! Quem vae atirar-lhes, sou eu!

Ainda as senhoras disseram que deixasse os passarinhos, que não fizesse mal a quem é vivente, que é ter máu coração ser caçador; mas, o homem, teimoso, vae n'um pulo buscar a espingarda, volta, faz pontaria, e ia já o tiro a partir quando o *sujeito,* espreitando pelas silvas da balseira, vê o perigo que ameaça sua estimavel pessoa.

O medo faz esquecer as precauções mais necessarias.

O homem não se lembrou de mais nada senão do tiro, e largou a fugir com quantas pernas tinha.

Por não haver outro retiro, e ser tudo descampado, teve de ir correndo por ali fóra, um pouco á fresca e sem ceremonia, como se o tivessem ido acordar á cama no melhor do seu somno.

Imaginem que risota, que caçoada, que falsa posição para o *sujeito,* a quem a menina nunca mais poude vêr sem rir, a quem toda aquella gente ficou chamando «o flosa» por ter estado por um triz a ser caçado, e que teve de renunciar á conquista e voltar para Lisboa conversando com os seus botões... já mettidos nas casas.

*

Sargedas era comico na scena e na vida; o espirito, que se lhe admirava no theatro, tinha-o elle tambem na conversação e em tudo que fazia; era o

homem dos ditos, dos casos, das anedoctas; levou vida risonha, sempre matisada de aventuras; tirava partido de qualquer situação; nunca ficava sem réplica e sem expediente; sabia, que, em tudo d'este mundo, ha riso, e, onde outro ficaria entalado n'uma semsaboria, convertia-a elle logo em maganice.

O seu papel de *Gaiato de Lisboa,* esse mesmo papel tem historia; elle era pouco affeiçoado á peça em quanto a ensaiava: desconfiava d'ella e de si, e tomára-lhe raiva, por preferir isto a odear-se a si mesmo.

Indo por essa occasião passar a noite a casa de uma familia, onde entreteve muito toda a gente, teve n'isso bastante gosto, e o dono da casa foi no dia immediato fazer-lhe uma visita.

—Como está, o meu Sargedinhas?

—Estou magnifico, obrigado!

—Venha esse abraço!

—Venha elle.

—E, além do abraço, esta pequenina lembrança...

—Mau! Faça favor de entender, que, o prazer que tive em estar na sua casa, vale já para mim como a melhor lembrança!

—Bem sei, bem sei, agradeço muito, agradeçemos todos muito, a minha mulher recommenda-se, os pequenos mandam-lhe saudades... Mas, isto, é uma galanteria, simplesmente, uma garrafa de vinho, que já nem se sabe quantos annos tenha... Foi á India e voltou umas poucas de vezes, esta sujeitinha; foi ao Brazil com o sr. D. João VI...

—E voltou?

—Voltou, está aqui. É esta magana! Teve-a o José Agostinho de Macedo, o padre José Agostinho...

—Bem sei!

—Pois teve; e deu-a ao compadre Camproé, o Camproé marceneiro, que a deu ao avô de um amigo meu, que a deu a meus paes, que m'a deixáram a mim...

—É boa!

—Aqui lh'a entrego! Venha de lá outro abraço!

—Dê cá, ambas as coisas!

Era uma garrafa espantosa.

Só á roda do gargalo, estavam seis gerações de aranhas!

—Ha de ser bedida em occasião solemne!

Levou a garrafa para o sotão com o maior respeito pela idade d'ella, e perfeitamente resolvido a não a beber sem que algum grande caso auctorisasse semelhante libação.

N'isto entrou em ensaios o *Gaiato de Lisboa,* e elle principiou a estudar a parte de José.

—É um diabo de peça difficil, porque é destinada a ter muita graça, quando representada; e ella em si não tem graça nenhuma. Se não fosse amigo do traductor, recusava-a!

E ia ensaiando, ensaiando.

—A peça é enorme! insistia elle. Dois actos, que não teem fim! É uma viagem de churrião! Se eu não fosse tão obrigado ao traductor...

Na noite do ensaio geral, acabada a tarefa, re-

colheu aos lares, moido, e com vontade de comer e de beber; sobretudo de beber; uma vontade de beber extrema, mas, beber bem, beber bom, beber fino...

De repente lembra-lhe o vinho, o vinho d'aquella familia da noite de annos, o vinho offerecido, o vinho velhissimo...

Todos os portuguezes juntos, se lhes tirassem as decimas, não soltariam um *hurrah* de tanta satisfação como elle soltou!

Foi, pé ante pé, surrateiro, porém jubiloso, buscar a velha ao sotão.

Estava a *preciosa* a deixar-se compôr o centesimo primeiro véo por uma aranha, que largou a fugir, logo que avistou aquelle comico insigne.

Elle levou-a para a mesa, tirou-lhe a rolha, dispoz-se a saborear a joia aromatica, que os annos haviam consagrado.

Bebeu um golinho... Fez uma careta.

Outro golinho... Triste! Triste!

O liquido tinha um gosto tolo, entre mofo e azedo...

Já não era velhice, era decrepitude! Estava ratão. Parecia o espectro do vinho, a rir-se d'elle!...

Talvez cuidem, que, ao achar-se n'este desastre, blasphemasse desordenadamente contra o céo e a terra?

Não. Metteu outra vez a rolha na garrafa, lacrou-a, e na manhã immediata mandou-a de presente ao traductor do *Gaiato de Lisboa*.

*

Um pequeno de aldeia levava tres pecegos ao prior, formosos, madurinhos.

Não sabendo resistir-lhes, comeu dois pelo caminho. Diz-lhe o prior:—No bilhete fallam-me de tres! Como fizeste isto?

O pequeno, comendo o terceiro:—Assim!

*

Ser, ou não ser, para os repentes do paquete, é phrase, que poderá ficar em uso, e applicar-se em occasiões várias, enriquecendo assim o breviario de ditos e dichotes nacionaes.

Foi o caso que, um preto, se queixou ao seu correspondente em Lisboa, de que, o café, que elle para cá mandava, fosse vendido por mais baixo preço de que outros cafés de igual procedencia, e inferiores aos d'elle.

Escreveu-lhe, o correspondente:

«Accuso a recepção da sua estimada de tantos do mez tal. É effectivamente o seu café o melhor de quantos d'ahi veem para Lisboa, e só deve attribuir o vil preço que se lhe tem estabelecido, a chegar elle sempre a esta com atrazo das remessas, que outros d'ahi enviam, pelo facto de que sempre m'o tenha remettido por navegação veleira.

«Para que são os paquetes, senhor? Acabe de

vez com os barcos de vella; demorada é a viagem, e, isso, ainda depois de quatorze e quinze dias, que leva o metter carga, ao passo que, o paquete, chega n'um dia, recebe a carregação, e abala. Siga meu conselho; seu café chegará em tempo habil e não quando já o mercado esteja surtido, e o preço tenha de indicar menor estimação.

Resposta do preto:

«Chegou-me ás mãos sua estimada. Ponhâmos pedra em cima de minha queixa. Aprecio seu conselho, mas não vale fallar mais d'isso. Tudo irá continuando como até á d'esta, e seguirei resignando-me a preço diminuto por meu café, com tanto que elle vá d'aqui para essa em barco velleiro como tem ido sempre. Não se dá com o meu genio, o que me aconselha. O barco de vella é o barco de minha affeição. Eu arranjo, eu disponho, eu preparo, eu envio, com tempo e sem inquietar-me.

«Desejo sua saude; e me desculpe de não utilisar seu alvitre; mas, não sou de meu natural para os repentes do paquete.

«Sem mais.»

*

É uma historia, que sempre me deu idéa não só do respeito que se deve ter pela tragedia, se não da distancia que a nossa gente teimou de todo o tempo em guardar-lhe.

Foi n'um theatro de curiosos.

Era no tempo dos theatros particulares!

A furia cerimoniosa de Melphomene attraíra um *curioso,* estimado e celebre nos theatrinhos do Timbre, dos Anjos, das Escólas Geraes, do Aljube, e da rua do Cura.

Subira-lhe o cothurno á cabeça; e o homem quiz representar, por força, o *Frei Luiz de Sousa.*

Todos os theatros particulares se lhe afiguravam pequenos para o caso.

No da rua dos Jasmins, de mais a mais, acabava de succeder n'essa quadra certo acontecimento, um pouco ridiculo á primeira vista...

N'um soberbo e grande drama, em que a vista marcava que houvesse um moinho ao fundo, um dos curiosos, homem de dimensões imprevistas, vindo a sair do moinho, por tal arte metteu os hombros á porta, que, a porta, veiu andando pela scena adeante, — o que effectivamente e com bastante fundamento pareceu um quasi nada inverosimil.

Receando, por isso, que algum incidente podesse suscitar um acolhimento equivoco, da parte dos convidados, qual o de largarem a rir em vez de chorarem nos mais sérios lances da peça, o influido *amadôr* ia pôr de parte, sem querer mais saber d'elles, todos os amaveis theatrinhos particulares da capital; e unicamente se resolveu a dar n'um d'elles a recita, por não poder deixar de attender ao irremediavel embaraço, que sobreveiu, de não quererem em nenhum theatro publico, e, notavelmente, em S. Carlos, alugar-lhe a sala para aquella funcção.

Chegou a noite do espectaculo; achavam-se na platéa não só os influentes, os constantes dos theatros de sociedade d'aquella época, porém muitos dos mais conspicuos actores de theatros publicos, lustre da scena nacional, e que íam assistir áquelle *Frei Luiz,* com todo o pezo da sua auctoridade de grãos sacerdotes do palco.

Nem quasi póde fazer-se idéa da satisfação, que sentiam, n'aquella representação memoranda, não só os fanaticos pelas obras tragicas, como as suas familias; e, com especialidade, o nosso homem, para quem era tudo uma peça de theatro, em que figurassem pessoas illustres e cujo fim fosse excitar o terror ou a piedade, terminando por um acontecimento funesto! Uma tragedia!

Elle exultava emfim, por se vêr livre da miscellanea dramatica moderna, de gosto ridiculo e monstruoso, e todo inchava de alma tragica!

Correram os primeiros actos lindamente.

Palmas e mais palmas.

O nosso homem tinha o papel de Manuel (Frei Luiz) de Sousa.

Apparecera mil vezes bem caracterisado... Cabeça veneranda... Figura symbolica... Perfeita reunião das condições distinctivas do personagem.

Produziu uma impressão, d'aquellas que os jornaes costumam dizer «não poderem descrever-se».

Por isso, julgo melhor,—além de mais commodo—indical-a ao leitor, para a calcular a seu gosto, sem que eu, tão pouco, emprehenda descrever-lh'a...

E esperava-se, de acto para acto, anciosamente; e, chegada a grande scena do terceiro, em que se corre o panno do fundo, apparecendo a egreja de S. Paulo; os frades sentados no côro; em pé junto ao altar mór, o prior; Manuel de Sousa, de joelhos com o habito de noviço vestido; o arcebispo de capa magna e barrete, no seu throno; Magdalena ajoelhada e já vestida de noviça; o orgão a tocar e o côro a rezar latim;—chegada essa grande scena, no momento em que Maria entra precipitadamente pela egreja em estado de completa alienação, cabellos soltos, rosto macerado, e vae, correndo, direita aos paes, pedindo-lhes que se levantem,—o grande curioso, possuido, o quanto um homem possa possuir-se de alguma coisa, da situação do seu papel, abraçou-se á filha (por signal era um rapaz, outro fanatico pelo theatro particular, o que representava a parte de Maria) e balbuciando, como quem nem se póde suster, a famosa phrase:

—«Filha, filha!... Oh! Minha filha!...» caiu-lhe aos pés.

Que mimica! exclamavam algumas pessoas na platéa.

Aprendeu com a Rugalli! É discipulo do Moraes!

E elle, sempre no meio do chão.

—Levanta-te, dizia-lhe em voz baixa o frei Jorge. Acaba com isso. Avia-te; agora basta...

E, quando foram a ajudal-o a erguer-se, viram que tinha morrido.

É possivel que fosse este caso a verdadeira ori-

gem do terror, que, a tragedia, ficou inspirando aos portuguezes.

Não me attrevo positivamente a affirmal-o, mas, desconfio que foi.

*

Contava o marquez de Niza do seu amigo Prim, que, no tempo em que principiava carreira, perdêra oito contos de réis ao jogo.

— Perdêl-os seria sempre mau! ponderava o Niza.

E, franzindo, como elle costumava dizer, o seu sobr'*olho em vão* (o marquez tinha ficado sem o olho direito, n'um assalto ao florete, no seu jardim, n'uma tarde de verão, em simples exercicio d'armas com um francez) accrescentava em seguida a uma breve pausa:

—Perdêl-os sem os ter, era o peor de tudo. Pediu espera de uns dias; na esperança de que algum amigo lhe arranjasse o dinheiro; mas, um estava fóra, outro morrêra, outro não tinha um real — e era, de todos, este, o que estava mais morto —: cumpria pagar sem demora ao crédor; pagar-lhe com a vida era um dos meios; carregou uma pistolla e dirigiu-se a uma alameda sua conhecida, com o fim de dar cabo de si entre as arvores.

No caminho, encontra o Montezuma.

—Qual Montezuma?

—O Montezuma XXXIV, ou XXXVI, que veiu para Portugal em 1862, deu saráus no hotel de

Italia, do largo das Duas Egrejas, patrocinado pelo Marechal, que era seu amigo, pelo Castilho que foi padrinho de baptismo dos XXXIV ou XXXVI filhos que elle aqui teve; director de um collegio no Porto, engenheiro em Coimbra, mineiro em Merida, herdeiro do Mexico em toda a parte. Encontra o Prim o Montezuma; este percebe, ou o outro lhe diz, ao que vae...

—Canastros! exclama Montezuma. Na flôr da vida! Por oito contos! Espere V. dois dias.

—Tenho só mais um, um só!

—Pois, espere esse. Se não podermos arranjar as coisas, mata-se V. ámanhã, e não hade morrer peor por isso.

No dia immediato, o Montezuma em casa d'elle com os oito contos.

Passaram annos; casou o Prim riquissimo e teve a sorte brilhante, que o mundo inteiro sabe; o Montezuma andava por Londres, andava pela America, andava, como andou sempre, ora nas grandezas, ora nas torturas;—vindo a Lisboa, agora, o Prim ouve fallar no Montezuma, á mesa, ao Deslandes.

—Qual Montezuma? pergunta.

—O do Mexico!

—O XXXIV!

—O XXXVI!

—E está...?

—Um pouco retirado... Cahira na vaidade de de se dar por fiel depositario... Fiel! Quem é hoje fiel!? A justiça, menos clemente que as mulheres, não perdôa infidelidades...

—Barbara!

—O Prim, proseguiu o marquez, apesar da noticia que lhe deram, mandou-o convidar a almoçar. Quando o guarda do Limoeiro, entregou a carta ao Montezuma, informou-o do mesmo passo que se achava liquidada a divida. Encontraram-se no Matta, ponto de reunião para o almoço. Quando se senta á mesa, livre e alegre, acha o Montezuma oito contos de réis debaixo do guardanapo.

—Que diabo é isto, ó Prim?

—São os oito contos de réis, que V. me emprestou ha annos.

—Mas, se V. pagou a divida que me retinha preso e que era quasi isto?!

O Prim respondeu-lhe:

—Isso foi para ter o gosto de almoçar comsigo!

*

Um celebre Trancolino, que houve em Lisboa, grande amigo do cantor Celestino, dando rasgadamente uma memoravel funcção de fiambre e champagne a muitos amigos, n'uma barraca de feira, estranhou um pouco os preços e deixou para outra occasião o averiguar-se a conta da despeza feita.

Depois, como um emissario da quitanda principiasse a visital-o todas as manhãs na casa d'elle, com o papelinho fatal—haviam feito saltar as rolhas a vinte garrafas, pouco mais ou menos, e aquelle champagne saía, posto aqui, a tres mil réis: na bar-

raca, quatro mil e oito centos;—o bom Trancolino ouvindo-o dizer-lhe, que tinha ordem de não saír de casa d'elle n'esse dia sem o dinheiro, puxou-lhe cadeira, e pediu-lhe com cortezia que estivesse a seu cómmodo.

Em seguida escreveu algumas cartas...

Chamou depois a patrôa,—vivia n'uma casa de hospedes,—e, um pouco tétrico, expressou-se por esta maneira:

—Bem sei que este caso é anómalo, acéphalo, hybrido! (a patrôa, pasmada, ía fallar) Silencio! *Tacce!* como diz o Celestino no *Torcato Tasso. Ah! Tacce!* Em anoitecendo hade levar estas cartas ao seu destino. Compre lacre preto, e feche-as. Ellas aqui ficam em cima do *trenó!*

Depois pegou n'uma folha de papel e escreveu, em lettras de traslado,—tinha um bastardão garrafal de dar no olho:

Não accusem ninguem da minha morte.

Feito isto, foi ás casas de dentro buscar um fogareiro.

O outro ficou lendo e relendo aquellas palavras sinistras...

Voltou sem demora, fechou cautelosamente as janellas, accendeu o lume, e zás, zás, zás, aparas, papeis, carqueija, uma fumaça, que mettia medo...

—Para que está o sr. Trancolino a fazer isso?

—Para morrer, disse o Trancolino. Nunca suppuz que o diabo do champagne fosse tão caro n'essa barraca; mas, já que fiz a asneira, heide pagal-a, senão da outra maneira, d'esta.

—Mas, da outra maneira, é que se quer!

—Da outra não posso; vae d'esta.

E abanava; e mais aparas, e mais carqueija...

—Ó sr. Trancolino, faz favor de abrir a porta, olhe que me falta o ar!

—Saiba morrer o que viver não soube! declamava Trancolino.

—Abra a porta, sr. Trancolino! Isto não são termos. É tolo por natureza! Leve a bréca a conta! A mim ninguem me paga para acabar com os meus dias. Abra a porta, sr. Trancolino, que já me está custando a fallar...

E saltando na chave, o emissario conseguiu fugir, horrorisado, fugir para nunca mais voltar.

—*Addio! Per sempre addio!* cantava o Trancolino, sempre como o Torcato Tasso.

*

Houve em Lisboa um cirurgião, popularissimo, chamado Fernandinho, que passava por ser o melhor dos homens.

Nos seus ultimos tempos, por doença, não podia subir escadas, e, batendo á porta da rua as argoladas sufficientes, esperava, até apparecer alguem no plano em que terminasse a escada no respectivo andar:

—Como vae o doente?

—A febre, continua, sr. doutor, mas, a modo que está mais brandinha...

—Bom é isso. Diga-lhe que chegue ahi.

—Está na cama.

—Mas, que se embrulhe, que se embrulhe...

D'ahi a nada apparecia o homem envolto em cobertores.

—Então, e a lingua?

—Grossa bastante.

—Que!

—Grossa.

—Mostre. Deixe vêr. Deite-a de fóra. Mais... mais, não ouve?

—Hein?

—Mais. Está bem. Continue com o mesmo.

—Não me posso mecher!

—Hein?

—Que não posso dar um passo.

—A seu tempo, a seu tempo... Continue com o mesmo. Até amanhã, mais cedinho que hoje. Vá para dentro!

*

Quando, os cantores italianos, regressam da campanha de S. Carlos, ao chegarem á sua terra, ou a destino de outra marcha, encontram-se em curioso apuro, por causa do *tuque tuque*, que sempre por cá apanham.

—*Pateado?* pergunta-lhe a familia.

—*Per Bacho! Non puó dirse questo...*

—Ah! *Dunque... applaudito?*

—*Sicuro!*

E os parentes pasmados:

—*Má*... ?!!

Explica-lhes, então:

—O paiz é bonissimo. Céo azul a toda a hora, quando não chove sempre. Muita jogatina. Vinho excellente; pouca fructa, e dura; publico... como a fructa:—não entenderam bem a minha voz; nem a poderiam entender, porque não a ouviram.

—Como! Não cantaste?

—Cantei. Mas não ouvem.

—Surdos?

—Não de nascença; mas ensurdecem-se em sociedade. Na primeira recita, ouviamol-os nós a elles; elles não poderiam ouvir-nos a nós;—isso, é sempre reservado para a segunda noite...

—Sempre assim;... na abertura. Nem que um homem cantasse em todas as vozes, tenor, baritono, baixo profundo, como fazia o celebre Garcia, que cantou com exito estrondoso os tres grandes papeis de homem no D. João! Na abertura, é um publico especial: pateia sempre.

—Porquê?!

—Quesilado de não estar a banhos; furioso de que a elegancia esteja em Cascaes, por lá estar o rei, a rainha, os principes, os marquezes, os condes, os barões, os duques,—e elle ali, de casaquinha e chapéu de côco, longe da nobreza, da elegancia, da formosura... E então, *poveretti, fischianno come dei maledette! Poverini!*...

—E... a ti?

—A mim, como aos outros. É um costume nacional. Não fazer isso a um artista, seria despre-

sal-o. Fizeram-me o diabo. São costumes barbaros, mas pittorescos. É dar-lhes para ali, de pé, de chave, de goella; e torcem-se, e resmungam, e espirram, e berram, e silvam, e fungam! É pittoresco que tem diabo! *Birrichini! Fagottini!*... Dão cabo de um homem, de uma mulher, de uma familia, sendo preciso, durante os tres primeiros actos de uma opera, e deixam-nos sem podermos piar. Tudo isto a rir. Estão sempre a rir. Em Italia, em Madrid, em Barcelona, quando se pateia, está-se enraivecido. Elles, não. Elles riem.

—E tu?

—*Anchi! Io riddeva.* É como se lhes dessem corda; e, aquillo, faz-nos nervosos, ao ponto de que, ou havemos de rir, ou... Mas, rimos, todos rimos. É *raton,* como elles dizem por lá; *multo raton!*

—*A la fine?*

—*A la fine, tutto va benino!* Dá-se a noticia de que nos vamos embora, e isso, da nossa parte, produz um fanatismo!

*

É festiva a entrada de Evora, porque, em duas leguas de redor, não se compõem os suburbios da cidade senão de quintas e mais quintas de uma frescura extrema; e o olhar hesita um instante, quando, depois, se fixa no interior da cidade, em acceitar o estylo desgracioso da casaria, predios

brancos, corcovados, de informes sacadas vermelhas, e ruas em que se passa por baixo de arcos acanhados e desiguaes... A par d'isto, e maior é o contraste, alguns palacetes magnificos, destinados a brilharem sempre por si sós, porque nunca se veja ninguem á janella...

Sente-se a solidão; predispondo o viajante a estar triste.

Cáe-se n'um abatimento, n'uma prostração, n'uma atonia physica e moral, n'uma melancolia phantastica.

Chega uma pessoa a suppôr, que, Evora, desde os deuses, nunca mais fosse habitada.

Á proporção que se encontra o solar de Garcia de Rezende, a Casa da Misericordia, onde estiveram as freiras maltezas, e a casa de Vimioso, em que apenas se adivinha nas janellas a ordem gothica, estando até os arabescos das cimalhas trocados por ornatos modernos, não se logra fazer idéa alguma da época em que se está, e vem logo o desejo de procurar a sepultura de Venus...

Está n'esta sepultura
A formosa Venus mettida
Que além da sua brandura
Morreu já muito madura
Tendo a espinhela cahida.

—O que ha que vêr? pergunta-se.

—A Cathedral, a Bibliotheca, e S. Francisco!

—Primeiro o que?

—S. Francisco depois de tudo.

—Ah! E porque, S. Francisco depois de tudo?

—Por originar impressão mais funda.

—Realmente?

—Oh!...

Este oh! quer dizer:

—Não póde fazer idéa!

E depois de se levantarem os olhos para o céo, baixam-se humildemente como que estremecendo de terror...

Pensa cada um:

—O que será S. Francisco?!

Principia-se pela Cathedral, egreja magestosa e clara; tres entradas, a porta principal, a porta do norte, e a porta do sul; vasto templo; anachronismos, erros de perspectiva e de gosto nos remoçamentos: por exemplo, uma capella a interromper a linha de columnas: uma porta lateral, que parece uma porta de escriptorio... A capella-mór está em desaccôrdo com o estylo do templo, mas é de uma riqueza, e de uma perfeição, que não ha remedio senão perdoar-lhe; e depois o quadro da *Invocação,* os bustos dos Apostolos, os ornatos, os marmores...

Na galeria dos arcebispos os retratos de Fr. Miguel de Tavora, D. João da Cunha, da casa de S. Vicente, D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, da casa de S. Miguel, retratado depois de morto, Fr. Manuel do Cenaculo, Santa Clara, Fr. Patricio da Silva, Annes de Carvalho. Falta o de S. Boa Ventura.

Na casa das vestimentas um numero incalculavel de vestes sacerdotaes, bordados de grande riqueza,

maravilhas de paciencia e de opulencia... Vê-se uma cruz de pedras preciosas, pela qual em tempos se offereceram quatrocentos contos de réis.

O côro é notavel em trabalhos de entalhadura; as cadeiras são cheias de arabescos, ornatos, figuras, emblemas profanos, e pricipalmente agricolas, como era o gosto da época.

Sóbe-se á torre, contempla-se do terraço os suburbios, avista-se o convento das freiras de S. Bento, o aqueducto, a Cartuxa, o forte de Santo Antonio, o convento dos frades do Espinheiro, um ponto escuro que é Evora Monte, Redondo, S. Miguel de Machede, a serra de Alpedreira, a ermida de S. Pedro de Portel, a encosta e villa de Vianna, onde se deu a batalha de 1846, e a serra de Montemór mettendo a cabeça nas nuvens...

Espalha-se a vista por aquella amplidão; e a alma sente-se humilde, hesitante, enlevada, como o atomo que nos calores do verão se ergue e se perde na athmosphera fluctuante...

—Aquell'outra egreja é S. Francisco?

—É. Mas, isso, no fim; depois de tudo.

—Ah!

Passa-se á Bibliotheca.

A Bibliotheca publica de Evora deve-se a Fr. Manuel do Cenaculo, considerado a flôr dos arcebispos eborenses, que colligiu trinta e tres mil quatrocentos e vinte e quatro volumes, a que uniu avultada quantidade de manuscriptos e pinturas, offerta avaliada em trezentos mil cruzados. Pela guerra da Peninsula foi desbaratada a livraria. A Bibliotheca

teve na sua fundação um prefeito, um vice-prefeito, tres bibliothecarios, um cartorario, e um continuo, que entraram em serviço em 1811, sendo a vontade do prelado, na creação de tão util estabelecimento, confirmada pela bulla expedida no Rio de Janeiro em 12 de dezembro de 1810, undecimo anno do pontificado de Pio VII, assignada pelo nuncio Lourenço, arcebispo de Nicibene, precedida de licença régia de 21 de maio de 1807, e com o régio *exequatur* de 18 de janeiro de 1815... Quando eu a visitei tinha a Bibliotheca por empregado—um continuo.

—Vamos agora a S. Francisco?

—É tarde. Depois viria a noite sobre as impressões recebidas; e as crueis inquietações dos sonhos...

—Ah!

—Ámanhã.

—E agora, mais nada?

—Mais nada. Theatro á noite; se houver theatro.

Ha theatro muitas vezes. Companhias ambulantes.

Na primeira recita, á hora de principiar o espectaculo, chegam, a pouco e pouco, ranchos e ranchos de homens. Enchem a platéa.

Nos camarotes um homem, outro homem, outro, outro...

A' primeira representação vão só homens; se a peça é má, não volta lá ninguem; se é boa, na segunda recita vão as familias.

De manhã, ao accordar, vem logo á idéa de ir vêr S. Francisco...

—Antes de almoço, ou depois de almoço?

—Depois de almoço. E almoço forte.

—Ah! Forte?

—Forte.

Almoça-se forte. Assorda, bifes, paio, e vinho.

—Partamos!

A egreja, logo vista de fóra, é linda. Frontispicio gothico, portada no gosto manuelino; por baixo das armas, do lado direito refere-se a D. João II, que foi o que principiou a obra: do lado esquerdo a D. Manuel, em cujo reinado se concluiu.

É historica por ter pertencido aos templarios, por haver sido freguezia em que foi prior André de Rezende e por instituir n'ella D. Manuel a irmandade da Misericordia de Evora, que é a segunda do reino.

Por dentro é uma egreja alegre, elevadissima, de columnas graciosas, paredes finas, tom de variedade e de elegancia...

Lá está o jazigo dos Cogominhos, companheiro um d'elles, de Giraldo sem pavor...

Ali está enterrado tambem, mas não se sabe o sitio, o nosso Gil Vicente.

De repente, um padre, o sachristão, um *cicerone,* alguem que nos acompanhe, diz friamente:

—A casa dos ossos.

Em se lá entrando, adeus mundo, adeus tudo; sente uma pessoa que está a metter-se no papo da morte...

Ossos, e ossos; caveiras por todos os lados, tibias, e tibias...

Tentou outr'ora a velha antiguidade, como lhe chama o Bocage, expressar nos monumentos a idéa da morte; punham os egypcios aquelle sêllo de melancolia do seu genio em tudo que faziam, e, emquanto os gregos, elegantes sempre, gravavam apenas nas campas uma borboleta como unico emblema que consagrasse á morte os marmores funerarios, a Italia representava-a em baixos relevos, em bronzes, em pinturas, espectros, e esqueletos...

Mas, n'isso, havia intenção, era um protesto contra o orgulho dos grandes para os humilhar, e por isso os velhos poetas entremeavam os regosijos com a imagem da morte, para os tornar mais vivazes.

Na casa dos ossos, porém, nem intenção, nem arte.

A fria brutalidade. Dir-se-hia uma brincadeira de máu gosto, uma *troça* atrevida de rapaziada brava á triste solemnidade da morte...

Alguns que entram, fingem gostar. Ha gente, que faz gala n'esse arremedo de coragem.

Uma das coisas de que mais gostava o Byron, por ser, ou para ser, o homem das excentricidades, era ir em Londres a Hyde-Parck n'uma sege de defuntos.

Mette nojo, essa casa dos ossos.

A tristeza vive ali no horror, no silencio, e na noite.

É-se assaltado logo de idéas confusas, tradições vagas, sonhos pesados, que transfiguram tudo.

Herdava o paladino fabuloso a força dos que matava, e a gente parece mudar em seus os ossos que vê ali.

O soprar da brisa, entrando pelas frestas altas do templo, é glacial, n'aquelles corredores, n'aquella casa deserta e lugubre, aonde parecem passeiar fantasmas da noite, espantalhos funebres, a dizerem-nos que haverão de anivelar-se comnosco no eterno pó...

É o mesmo que provar o amargor mortifero.

Os pagãos mandavam fazer covas e tumulos á porta das casas em que moravam, para nunca deixarem de ter presente a idéa do que espera a todos.

A casa dos ossos é uma especie d'isso; nem sequer figura a morte por simulacros, talvez porque simulacro venha de simular, fingir o que não é: mostra-nos ossos descarnados, frios, do chão ao tecto, formando as paredes, e com isso imprime a idéa da morte, melhor que por todas as descripções e parabolas.

Quanto se está longe ali dos albuns, das photographias, dos quadros a oleo, em que a gente gosta de poder contemplar os retratos das pessoas amigas; ali o conceito, é que seja preferivel contemplar a representação da morte nos destroços d'ella.

Está lá um pessimo soneto, que ainda augmenta o enjôo, como sempre succede com versos mal feitos.

É o caso, que, havendo os frades encontrado um cadaver incorrupto, deram-se ao appetite de lhe consagrarem estes ridiculos versos:

Aonde vaes caminhante accelerado?
Pára aqui, não prosigas mais adiante
Que negocio não tens mais importante
Que este que aqui vês pendurado.

Quantos d'esta vida tem passado!
Olha que a tua hade ter fim similhante,
Que é para meditar causa bastante
Terem todos os mais n'esta parado.

Pondera que influindo d'essa sorte,
Entre negociações do mundo tantas,
Tão pouco consideras na da morte.

Porém se o pensamento aqui levantas
Pára, porque em negocio d'este porte
Quanto mais tu parares, mais adeantas.

Pára aqui... Não prosigas... Menos isso! Lembra o *Cœcus cœcum ducit et ambo in foveam cadunt...*

Tenha o povo de Evora a devoção que quizer com essa casa dos ossos, e concorra ali ás sextas feiras com o mesmo fervor com que em Lisboa se afflue á egreja da Graça; mas parar, e nunca mais proseguir, é exigir talvez de mais em honra d'aquellas paredes construidas d'ossos.

Á saida ha um esqueleto com estas palavras:

Nós ossos que aqui estamos
Pelos vossos esperamos

Dizem os cirurgiões, que haja exemplo, de, doentes, aos quaes se tenha cortado um braço ou uma perna, queixarem-se, em certas condições de temperatura, de soffrerem da perna, ou do braço, que já não teem. Dá-se ali, com os visitantes, ainda mais

que este phenomeno. Ao ir um homem lá parar com os ossos, sente-se esfriar... nos que lá vê. Rara historia!

*

Amann contractára o pianista Rubinstein para seis concertos no theatro de D. Maria II.

No dia em que chegou a Lisboa a noticia da morte do czar, estava annunciado dever realisar n'essa noite o primeiro concerto.

Ás duas horas da tarde, isto é, pouco depois de haver tido communicação d'aquella nova, o ministro da Russia mandou dizer a Amann que fizesse favor de lhe ir fallar.

Amann metteu-se n'um trem, e lá foi direito.

—Excellentissimo! disse. Eis-me... Sou o Amann.

—Ah! É o senhor, o emprezario Amann?

—Em pessoa.

—Que é do sr. Rubinstein?

—Não está em Lisboa.

—Pois não está annunciado que elle haja de tocar esta noite?

—Está, sim, excellentissimo; está annunciado.

—E então?

—E então, á noite, quando vier de Cintra, tocará.

—É necessario que não toque! Mataram o czar.

—Já ouvi dizer! Estou consternadissimo.

—Bem entendido. Queira dizer ao Rubinstein,

assim que elle chegue, que não se apresente hoje em publico.

—Por emquanto ainda por ahi não consta a fatal noticia, excellentissimo! e por conseguinte...

—Por conseguinte, não ha concerto, basta sabel-a eu, essa noticia! De mais a mais, Rubinstein é da capella real!

—E o publico?

—O publico ouvil-o-ha n'outra noite. Deixe passar uma semana, e, depois, annuncie.

—Uma semana!?! E o meu dinheiro?!

—É questão de dias!

—Meu senhor, não estamos na Russia, estamos em Lisboa. Dei esta manhã sessenta libras a Rubinstein, é conveniente que elle me dê esta noite oitenta libras, pelo menos, de receita para mim.

—Eu fallarei com Rubinstein.

—Mais nada, excellentissimo?

—Mais nada, sr. Amann!

—N'esse caso, com licença...

Á noite,—logo ao principio da noite,—apeavam-se de uma carruagem, á porta que dá entrada para o palco de D. Maria, Amann e Rubinstein.

—Que original que vossê é, Amann! dizia-lhe Antonio Rubinstein. Eu passo por ser original, mas ainda não sou para me comparar com a sua força! Desde as tres horas, que vossê se pespegou no meu quarto a fallar-me de Cintra, e a convidar-me a ir vêl-a! mettemos-nos n'uma carruagem; chegámos a metade do caminho; n'isto entendeu ser tarde para proseguirmos hoje n'essa idéa; e, agora tem o ca-

pricho de querer que eu venha jantar comsigo no theatro! Que celebre homem! Emfim, jantemos! Mas, olhe, que eu, quando tenho de tocar, bebo pouco, e champagne apenas.

—Temos Cliquot e Roeder.

—Roeder Theophilo, ou Luiz?

—Luiz e Theophilo. Vamos para a mesa. São seis horas, temos duas horas deante de nós; e meia hora mais, para fumar! Para a mesa, illustre senhor Rubinstein, glorioso mestre!...

Rubinstein, vendo tudo bem illuminado; a mesa muito bem posta, e tres creados promptos a servirem o jantar: sorriu-se, asperamente, que era o modo d'elle, mas sorriu-se.

—Original Amann! exclamou de novo.

Devem ter jantado bem, porque Antonio Rubinstein disse depois com satisfação, ao emprezario:

—Jantar viennense! Isto é o que se póde chamar um jantar viennense! Como conseguiu esta empreza?

—Mandei fazer o jantar na minha casa.

Rubinstein agradeceu-lhe com um abraço; e, lavando as mãos e enchugando-as bem.

—É a hora? perguntou, com saudade.

—Sim, é a hora; está a platéa cheia.

—Mas ainda terei tempo...

—Nenhum tempo!

—Homem!?

—Para a scena, mestre glorioso! O publico espera n'um religioso silencio... Panno acima!

E, pegando-lhe do braço, respeitosamente:

—Para a scena!...

O publico, á entrada do celebre pianista, rompeu em applausos.

—Que original, disse por entre dentes, Rubinstein, avistando Amann radiante de jubilo, ao fundo dos bastidores.

E o caso foi que, o ministro da Russia que procurára tres vezes o Rubinstein no hotel, só poude fallar ao Rubinstein na manhã do dia immediato.

*

Não tendo nós outro instrumento senão a guitarra, nem outra musica que não seja o landum e o fado, é justo que tenhamos amor a tudo que se pareça com guitarra, e fado, embora o vagabundo nocturno se haja assenhoreado d'ella, chegando a julgar preciso ter desenhos emblematicos na mão e no braço, gravados a tinta e polvora, caracóes sobre a orelha, e alguma morte ás cóstas para se entender bem a poesia d'essa musica dos amores, que tenham por capella o Aljube e o Limoeiro, o amargurar da ventura entre grades, o ciume de faca de ponta, as saudades da patria, e o suspirar do degredado.

Em Lisboa, esteve haverá trintas annos, o *virtuose* por excellencia da viola, da bandurra, e da guitarra, Huerta, D. Trinitario Francisco Huerta y Caturla, cavalleiro de Izabel a Catholica, e da Espora de oiro.

Conheci-o no antigo theatro do Gymnasio quando ali tocou.

Era um dos homens mais excentricos que o sól tem allumiado.

Andára nas guerras.

Fôra deixado por morto, n'um campo de batalha.

Encontraram-o estatelado, com uma guitarra ao lado de si.

Quando elle contava isso, dizia sempre:

—Não era minha, era emprestada. Tão tolo era eu, que, fosse expôr aos vae-vens da peleja e á cubiça dos salvadores um instrumento d'aquella qualidade. Um homem substitue-se facilmente; apparece logo outro para fazer as vezes d'elle; mas, guitarra de Pages de Cadiz, fabricada em 1828, não se encontra outra para pôr no logar d'ella.

Era um original formidavel; tinha sessenta annos quando aqui esteve; e não tocava sem haver bebido uma garrafa de vinho do Porto ou de Xerez.

N'uma noite de concerto, as filhas da rainha Christina, de passagem por Lisboa, onde apenas se demoraram uma noite e um dia, tomaram um camarote de fundo, a que n'esse tempo se chamava o *camarote do Ruas,* por ser propriedade do constructor do theatro, pae dos actuaes emprezarios do *Principe Real.*

Quando o bandurrista Huerta soube que estavam assistindo ao espectaculo a rainha Christina e suas filhas, ficou em verdadeiro extase.

—Estão cá! *La Christina e sus hijas!* Ponham no meu camarim duas garrafas de *Amontillão!*

E, n'essa noite, tocou como um anjo, ao ponto de ir o Taborda, a chorar, abraçal-o.

—É um grande artista, sr. Huerta!

—O que sou, sei-o eu.

—Diga? acudiu Taborda.

—Sou o Shakspeare da guitarra!

Tem sido sempre o instrumento companheiro da poesia.

Almaviva, na opera do *Barbeiro de Sevilha,* toca guitarra hespanhola.

O principe Leopoldo, na *Hebréa,* faz vibrar a guitarra italiana.

D. João, acompanha-se á bandurra nas noites de Sevilha.

E até o diabo, o Mephistofeles, á bandurrinha toca!

*

Uma senhora idosa, que tem parentes perto de Bordeus,—escusamos agora averiguar se é n'este sitio ou n'aquelle,—vivendo em Lisboa, ha muitos annos, sem que, em todo esse periodo, houvesse tornado a vêr os seus, foi fazer-lhes uma visita.

Um genro d'essa senhora, logo que recebeu, aqui, carta d'ella a dizer-se contentissima na vivenda de sua familia, toda de vinhateiros, teve idéa de lhe encommendar uma pipa de vinho, com a recommendação de tratar esse negocio commercialmente e dizer que esse vinho era para estranhos.

A unica condição, era a excellencia de qualidade d'elle.

E accrescentava, que não confiasse a pipa ao

comboio de mercadorias e a fizesse conduzir no trem expresso, em que a propria senhora tivesse de vir. Caro, mas seguro.

Ella assim fez, dando as ordens para o bom exito d'aquella encommenda, conforme as indicações recebidas,—isto é, tudo um pouco mysteriosamente, afim de que os seus parentes ficassem persuadidos que o vinho enviado era simples encommenda commercial.

E, tão persuadidos, que, indo acompanhar á estação a idosa e respeitavel senhora, lhe disseram momentos antes da despedida:

—E o vinho? Fez expedir a pipa?

—Sim. Não lhe dê cuidado; o vinho vae seu caminho.

—Para onde foi elle, para Inglaterra?

—Não.

—Allemanha?

—Qual!

—Então para onde foi? É segredo?

—Nenhum segredo. Foi para Lisboa.

—Para Portugal? Oh! com a bréca!...

—Porque?

—Porque de lá veiu elle!

—De lá!?

—Sim, de lá; e o que lá temos em casa, de lá é tambem.

Depois, ao ouvido d'essa senhora:

—Pois se não temos uva; se a molestia a comeu; se os bacellos novos estão mettidos de fresco; o que quer a mana que a gente faça!? Adeus; já dão

o signal para a partida. Uma boa viagem, volte breve a vêr-nos, que isso é gosto para nós;—e, para outra vez, quando quizer vinho, não tome rodeios mysteriosos, e diga lisamente para que terra o vinho hade ir. Podiamos ao menos ter-lhe dado um... hespanhol! Mas, de Lisboa e para Lisboa, *c'est un peu trop fort!* É verdade que a agua sempre lhe dá um ar francez... Adeus! adeus!

Fff... Fff... Fff...

O comboio partiu festivamente, o grande expresso veloz...

E lá ia a pipa de Bordeus, de Bordeus para Lisboa, de Lisboa Bordeus, de Lisboa—Lisboa, ou de Lisboa... e agua de Bordeus, a toda a velocidade, paff, paff, puff puff, recolher-se ao seio da mãe patria, como na canção:

> Madre tan mudada estoy,
> Que me já *no* conoçais...
> Pero, madre, yo soy!...

*

Todo o empenho do Minne, actor francez, que veiu a Lisboa por tres differentes épocas e foi director e emprezario de uma companhia no theatro de D. Maria, era conseguir, que, no junho e julho de cada anno, as celebridades mais *pimpantes* de Paris viessem visitar-nos.

Um ratazana que lhe appareceu aqui, Donizetti chamado, tirou ao Minne o gosto de cá voltar, para todo o sempre.

O Minne affeiçoára-se-lhe; achava-o poetico e tudo era dizer-lhe que o suppunha destinado a inspirar paixonetas ás portuguezas.

—As portuguezas são deliciosas mulheres! dizia-lhe. Deixe fallar os tolos. São as mulheres mais apaixonadas;—pelo que eu tenho percebido, com dois dedos de namoro e amaveis presentinhos, faz-se um homem amar até ao delirio.

O Donizetti dizia-se trompa, ou trombone, ou trombão; e o Minne chegou a querer impôl-o á orchestra, augmentando assim a inferneira dos latões.

Donizetti da sua parte, todo se desfazia em ser-lhe agradavel: engraixava-lhe as botas, fazia-lhe os recados...

—Ó Donizetti, dizia-lhe o Minne, você tem parentesco com o da tanta fertilidade,... o da *Lu*...

—O da *cre*...?

—O da *Lucrecia,* sim.

—Filho natural, respondia Donizetti, sorrindo.

Nunca o Minne se atreveria a offerecer-lhe ordenado, nem soldada. Um amicissimo! e, de mais a mais filho de um genio!

E depois, poetico,—as portuguezas que o dissessem.

No dia, porém, em que deviam embarcar e deixar Lisboa, ahi desapparece o Donizetti.

Corria o Minne de um lado para o outro á hora de ir para bordo, ia ao Chambica, empurrava a porta da casa de comes e bebes do chamado Campo Grande, entrava de galgão no botequim do Grego...

Nada de Donizetti.

Quando ia metter-se no bote com as mallas, principiam a apparecer-lhe contas:

—Para que é isto?

—Para pagar.

Contas de modista, ceias no *restaurant*. Chapelier, da rua do Ouro, onde depois esteve por tempo estabelecido o Matta; vinhos finos, gelados do Ferrari, o sufficiente para o Minne pagar, ou não poder seguir.

—Despertei n'elle excessiva estimação pelas portuguezas! Foi de mais! exclamava o Minne.

E, elle, que resistira em Lisboa ao cholera e á febre amarella, não resistiu áquella decepção amarissima, e nunca mais cá voltou—para o que, verdade seja, teve tambem esta desculpa attendivel, pouco depois, morreu.

*

Quando elle casou, estabeleceu o systema de nunca dizer que não, a sua mulher. Ouvia sem pestanejar e retrucava apenas:

—Queres isso deveras?

Bem, está dito.

E estava dito.

Homem de haveres, seriedade, economia e instrucção. Excellente etymologista: sabendo o fraco ás palavras, buscando a origem dos termos, e descobrindo nos effeitos a subtileza das causas...

A noiva, moça e prendada. Em todo o tempo de

solteira, os paes, boa gente, mas secante, moeram-a n'um viver monotono.

Esperou até ao casamento, para dispender appetites, aliás innocentissimos, e que economisára em todo o tempo, que vivera em casa da familia.

As circumstancias tornaram o programma difficil.

Ella dissera, sem mais nem menos:

—Vamos esta noite a S. Carlos, á ultima da Patti!

O marido correu a tratar d'isso; não havia camarote. Instou, offereceu, ameaçou, implorou, deitou-se aos pés dos contractadores, banhou-lhes os joelhos com ardentes lagrimas, quiz suicidar-se na presença do bilheteiro: tudo para nada.

Voltou para casa, triste, abatido.

A mulher, deu-lhe palavras de consolação.

—Olha, ao marido da prima offereceram-lhe um camarote por dez libras: elle não quer, queres tu? És rico! elle, tambem o é, mas, não tem animo, e tu tens animo!

O marido embuchou.

Ao romper da aurora, levantou-se da cama, vestiu-se á pressa, embrulhou-se n'um paletot—chovia a cantaros!—sahiu.

Ia nascendo a aurora n'uma balburdia de escuro, que lhe estonteou a vista. Elle já tinha visto muitas coisas curiosas na sua vida, amores, brigas, heroismos, banquetes, assassinatos, espetaculos de todos os generos, gente de todos os feitios,—só o que não tinha ainda, visto era amanhecer. Espreguiça-

va-se-lhe por cima das mãos o vapor da madrugada, era como se acordasse dentro de um poço. Iam os vultos tomando relevo a pouco e pouco.

Claridade melancholica a estender-se pelo céo, aliviando a terra e subindo...

Abriu-se uma tenda; e o moço, ainda meio dormente, principiára a limpar o balcão. Em seguida abriu uma padaria. Os varredores, *escrivães da penna longa*, como diz o povo, recolhiam fatigados da sua tarefa nocturna. Principiavam os operarios a ir para o trabalho, mal dormidos, de humor pouco agradavel, encolhidos, apressados. As leiteiras, iam tratar da vida. Passava um sujeito de olhos vermelhos, com um grande rombo no chapeu,—coisa de o ter amolgado n'algum tecto baixo...

—Coragem! dizia o marido. Ávante!

Assim foi indo até ao largo de S. Carlos, mas, ao chegar ali, encontrou uma vasta multidão, rumorosa, inquieta. Ninguem lhe respondeu quando elle fallou, ninguem o ouviu, ninguem deu por elle; e assim se conservaram todos em grupos assustadores, magotes tenebrosos, até chegar ao camaroteiro escoltado por algumas das melhores patrulhas...

—Uma frisa! Uma primeira ordem! Uma segunda! Uma terceira! Uma torrinha! Uma torrinha, *e morire!*

Quiz violentar a força armada, e aproximar-se do camaroteiro, mas teve de recuar, para não ser preso, como que impellido pelo sopro das revoluções.

Ao chegar a casa, tenta despersuadir sua mulher da conveniencia de irem ao theatro. Que era arriscado, que havia desordens:

—E depois, proseguiu, aquellas peças versam provavelmente sobre casos calamitosos, que perturbam as imaginações como a tua,... e a minha.

E ella retrucava com um sorriso de ironia:

—Os camarotes estão caros?

Com o dizer isto, a noiva, recolheu-se ao seu quarto, em grande exaltação, lagrimas, febre.

Mandou-se chamar o medico.

O doutor classificou isso de *pattite* e receitou um camarote.

A essa hora, é que, por qualquer dinheiro, não seria possivel realmente alcançal-o.

Quando a noiva conheceu a absoluta impossibilidade, de ir ao theatro, resignou-se a melhorar e espertou de repente.

—Tira-se d'ahi o sentido! disse. Na esperança de ter algum allivio, sabes do que me lembro? Nunca, na minha vida fui mascarada a um baile! Annunciam o primeiro na Trindade, esta noute!

—Mascarada!?

—Sim, para saber o que isso é. Nunca fui...

—Está claro que nunca foste, *Maschara,* do arabe! *Mascarah,* do persa! *Mascaró,*... oh! não; Mascaró não tem nada com isto; mas podia ter, porque o caso é um pouco *torto.*

—Iremos á Trindade! Ao *salão* da Trindade!...

—Á Trindade! Ao salão?!

—Sim. Não vae lá muita gente? Vamos nós tambem.

E o marido a torcer-se... moralmente.

—Um camarote por dez libras pareceu-te caro...

—Não me pareceu caro, é que já os não ha!

—Pareceu-te caro...

—Não pareceu! Que idéa!

—Pois sim, vamos á Trindade.

Elle empregou todos os meios de resistir, sem dizer que não redondamente, porque redobraria o desejo; porém, não teve remedio senão ceder.

—Seja. Mas, com uma condição.

—Qual é a condição?

—Hade ir tambem a tua prima e o marido.

—Vou já escrever-lhes.

O outro casal acceitou. As senhoras, contentissimas; os maridos, um pouco contrafeitos; dominó para aqui, dominó para ali, depressa, avia-te, vamos; partem.

Allegaram os maridos, que não valia a pena mascararem-se elles; que, em não se conhecendo as senhoras, estava conseguido o mais importante do caso, e evitar-se-hia a caturreira de metterem o nariz n'uma caraça, para irem com a familia!

Depois, um com o outro, combinaram qual seria o melhor estratagema para que as mulheres ficassem para todo o sempre com tedio áquellas festas...

—É preciso desgostal-as de taes folias!

—Isso! Convém que abominem os divertimentos...

Foram sental-as a um cantinho, recommendando-lhes que se deixassem estar ali quietas, a não quererem expôr-se a algum desacato; que elles iam dar uma saltada ao Gremio, a vêr se havia por lá

bons telegrammas, e que ali voltariam dentro de uma hora.

Dizer-lhes que estivessem quietas, foi o mesmo que desafial-as a passear.

Elles a voltarem costas, ellas, de pé, na sala.

Os maridos alugaram lá mesmo, dois dominós, e, certos de que a prohibição de se levantarem, seria o melhor convite ás senhoras, para que se não deixassem estar sentadas, sairam-lhes ao encontro e começou cada um a dizer finezas á mulher do outro, requestando-a vivamente. A mascara é de um condão infinito para a phantasia! O olhar mysterioso que procura o nosso, o dedo que faz signal de longe a uma pessoa, parece ser a felicidade a chamar por nós . . . Passearam na sala, passearam nos corredores, elles para baixo, elles para cima . . . As duas, ás vezes, tocávam no braço uma á outra, como que a dizerem:

—E esta?!

Tentaram os maridos tantas excursões pelos campos da ternura, diziam-lhes tantas finezas, e ao mesmo tempo tantas maganices—tudo para as desgostar da funcção—que ellas, como que perplexas na sua inexperiencia, não se atreviam a abrir bico, e conchegavam o dominó o mais que podiam.

—Vamos ao pião chinez, vamos ao tiro, vamos a todas estas traições, vamos tomar um *cabaz* lá abaixo...

E ellas, moita.

—Paraliza-as o terror! disseram elles depois,

comsigo. Não as façamos soffrer mais! . . . Para lição, basta!

E deixaram-as, de repente, para irem tirar a mascara e tornarem á primeira fórma.

Á volta, encontraram-as já sentadinhas, outra vez, no logar antigo.

—Nada de telegrammas no Gremio... Vamos para nossas casas.

—Pois, sim! disseram ellas.

Em casa, cada um, dos maridos, quiz tirar partido da sua habilidade:

—Então, hein? Que me dizes?! Fortes mascaras!...

—Não temos razão de queixa. Emquanto foram ao Gremio, ficámos ali, quietinhas, e ninguem contendeu comnosco.

—Sério?

—Sério.

—Não contendeu ninguem com vocês?... É notavel.

E os maridos scismavam:

—Perceberiam a nossa esperteza, ou o que significa isto?

—*Maschera*, do italiano! ponderou, a noiva, sorrindo. Eu tambem gosto de etymologias!...

*

—Você está sempre a lêr! dizia um livreiro ao caixeiro.

—Quando não ha freguezes, se heide estar de braços cruzados, vou lendo.

—Para quê?

—Para me instruir.

—É fresco!

—Porque a leitura me dá gosto.

—Com isso se hade achar. Ha bocado aquelles sujeitos que ahi vieram, iam principiando a desdenhar o *Fr. Luiz de Sousa,* a pretexto de terem adormecido no theatro, quando o viram representar...

—Exactamente.

—E você metteu-se a dar parecer?

—Disse que o Garrett era um grande talento!

—Que lhe importa a você o Garrett?! Deixe lá o Garrett! A esse respeito o que ha a dizer é simples: Garrett, obras completas, sete tomos de theatro, nove de versos, dez de prosa, seis tostões cada volume.

*

Dizia-se n'esta grave Lisboa, a um homem:

—A sua filha é muito séria! Que menina tão capaz! É o que póde dizer-se sem favor, uma rapariga honrada! honradissima!

Respondia o pae:

—Não é, agora, tambem, essas honranças... É *honradêta!*

*

Havia um padre em Italia, chamado Don Liberatore, que tem sido tão conhecido em Milão pelos seus chistes como o foi, por exemplo, entre nós o conde da Taipa.

Em geral, como é notorio, não se morre por lá de amores pelos padres, porque alguns tenham o defeito de embirrarem com as bellas artes, e, percebe-se bem, que, prégar, ao povo italiano, que as bellas artes não sejam a primeira das coisas, é, pelo menos, falta de habilidade.

E depois, como em todas as coisas do mundo, pagam uns pelos outros; e, os bons padres de Italia, que tambem os ha por lá, são prejudicados por algum que nem tem batina, vae de manhã á egreja enfiar uma das sotainas que houver na sachristia, diz a sua missa, mette os cobres na algibeira, e elle ahi vae sem se lembrar mais que é padre, n'um passinho de pulga, barrigudo e afogado em banhas, com uns olhinhos redondos, que mal se abrem, figura viva da materia a respirar sósinha, um pouco cabisbaixo e sorumbatico por haver emprestado um dinheirito a juros e pedir-lhe o devedor que espere dois dias, coisa que o molesta por não querer pregar com a justiça em casa do homem nem tornar publico o mister a que se dá.

Don Liberatore, pelo contrario, era muito alegre, muito agradavel, e estimado por toda a gente.

Fôra mestre de meninos por casas particulares, comera e bebera á custa de diversos burguezes, que queriam fazer como os fidalgos e alugavam um padre para lhes educar o herdeiro e leval-o a passear.

Não se deu bem com aquelle emprego, por não ter geito para ser humilde com o dono da casa, cortezão do creado predilecto, tratar os inferiores por cima do hombro, calcular a tempo quando devesse fallar e quando lhe conviesse calar o bico, abrir os olhos e fazer-se cego, rir ou botar lagrimas, tudo em termos habeis e a hora propria.

Passava por ter virtudes e por ter juizo.

Não havia viv'alma em Milão que o não conhecesse, e elle pagava á população e aos forasteiros na mesma moeda, porque conhecia toda a gente.

Tinha graça ás pilhas, e fallava pelos cotovelos.

Em vendo passar alguma carruagem, tirava logo o chapéo.

—Ó Don Liberatore! diziam-lhe os seus amigos. Isso é que é o rigorismo. Tem grandes conhecimentos! Nunca se viu por este mundo um reverendo tão bem relacionado! Chapéo para a direita, chapéo para a esquerda, vae a fidalguia toda!...

—Bem me importa, a mim, a fidalguia!

—Não lhe importa, não! Bem se deixa ver!

—A fidalguia não tem que vêr com isto. Tiro o chapéo, mas é aos cavallos.

—Aos cavallos?!

—Aos cavallos.

—Essa é nova. Aos cavallos, porque?

—*Per due raggioni.*

—Venha a primeira.

—A primeira é porque gosto d'elles, coitados, gosto dos pobres cavallinhos, tão bomsinhos, que se prestam a deixar-se montar e a puxar pela gente!

—E a segunda?

—A segunda é porque, se todos esses cavalleiros não tivessem cavallos, eram capazes de querer que os puxassemos nós. Do que concluo ser favor que me fazem os cavallos, e sempre tenho com elles uma attenção!

*

Um estudante namorava a lavadeira. Para entreter o namoro, dava-lhe por dia, uma camisa, a lavar; pedindo, que lh'a apromptasse depressa.

Apuros de vida os separaram, e encontraram-se tempos depois. Outra vez namoro...

—Olha lá, disse ella, tens-me sido fiel?

—É vêres. Já não trago camisa!...

*

O caseiro, de uma quinta, nos arrabaldes da capital, deu uma sóva de pau n'um lobis-homem.

O lobis-homem poz-se em pé de réplica e fallou-lhe:

—Sou eu, Mathias!

Era o amo, que andava a namorar-lhe a mulher.

—Ah! É vossa senhoria!? E eu cuidava, que era o que vem de noite fallar á patrôa!...

*

Foram dois rapazes, da tropa, dois pobres moços, dois tristes soldados, aboletados para casa de um grande somitico, em Peniche.

Apressou-se logo em lhes ir dizendo o homem:

—Ó filhos, vocemecês veem para cá! Ora, que idéa! Não lhes posso dar senão agua e lume.

—Agua e quê?

—E lume.

—Já não é mau.

—Está visto, que não é mau. Mas advirto-os desde já, para saberem a tempo com o que podem contar, e não me azoinarem depois com pedidos...

—Diz bem.

—Tenho razão ou não tenho?

—Tem, tem razão.

—Cada um dá o que póde.

—Está bem de vêr!

—Não é assim!?

—É.

—Pois ahi está. Agua e lume teem vocês aqui. O mais arranjem-o.

—Sim, senhor!

—Estamos entendidos.

Puzeram agua ao lume.

Depois, disse um para o outro:

—Ó Rufino, vae buscar a coisa, hein?

—A agua já ferve?

—Não: mas para haver tempo de se lavar.

—Ah! Isso, sim.

E para o dono da casa:

—Com licença!

—Você vae sair?

É um instante. Faz favor de não fechar a porta.

—Não fechar a porta! Deus me livre d'isso! A porta quere-se sempre fechada.

—Vou ali buscar uma coisa, e já volto...

D'ali a nada voltou com uma pedra.

—Vá, disse-lhe o outro; lava-a, que a agua já principia a ferver...

O soldado lavou a pedra muito bem lavada, em tres aguas, como se faz ao arroz, depois escorreu-a, limpou-a, e metteu-a na panella.

O somitico estava pasmado.

E mais pasmado ficou, quando os vio deitarem sal na panella e provarem.

—Que tal está? perguntou um dos aboletados.

—Não está má.

—Não o deve estar, porque a pedra parece boa.

—Ah! Isso é ella. De boa qualidade.

—Precisa ferver.

—É o que precisa. E se tivesse uma hortaliça qualquer, uma cabecinha de nabo, umas cenouras, estava obra!

—Homens, lá por isso não seja a duvida! Pon-

derou o dono da casa. Tomem vocês lá duas cenouras, e duas cabeças de nabo, e mesmo tambem a rama, se querem...

—Pois venha lá isso.

Metteram os vegetaes para dentro da panella.

D'ahi a bocado prováram.

—Que tal vae?

—Vae bem. Está mesmo boa. Por mais um nadinha, ficaria optima!

—Que nadinha é? perguntou o avarento.

—Um bocadinho de toucinho, ou banha de porco... respondeu um dos soldados.

—Pois, tire lá: mas, hão de dar-me a provar, porque tenho curiosidade de vêr o que sáe d'ahi.

—Sáe uma sopa só fina!

—Mas, isso, é sopa de pedra?

—É sim, senhor. Tambem se faz de seixos. Mas, esta, é mais gorda.

—É a primeira vez que tal vejo!

—Hade gostar.

Foi-se o soldado ao toucinho, cortou-lhe um naco, deitou-o no caldo da hortaliça e deixou ferver.

—Cheira, cheira, isso já!

—E bem!

—Cheira bem, cheira bem.

—Ora! pois é piteu. E então em levando um *annexim,* que lhe falta, é de uma pessoa lamber o prato...

—O que é que falta?

—Um pedacinho de chouriço, ou mesmo linguiça. Isso então fica maravilha!

—Homem, disse o somitico, lá por causa de um apendice tão facil de achar á mão, não deixe essa extraordinaria comida de chegar a ser o que se diga perfeita...

Juntou-se-lhe o chouriço.

Coseu, coseu...

Deitava um cheiro...

—Ó senhores, que cheiro! disse o unhas de fome.

—Cheira muito bem, meu senhor, e melhor hade saber! redarguio um dos aboletados.

E o outro aboletado:

—Está prompta. Está na conta propria. Agora, em querendo, vamos a ella... Isto com pão, é melhor ainda, se é possivel; mas, mesmo sem pão é boa!

O somitico foi buscar um pão.

—Vamos já a isto... Estou com vontade de saborear essa historia...

—Esta historia é mais bonita que a da carochinha, e com isto se diz tudo! Ora, muito bem... Uma vez partido o pão á mão...

—Sim! ponderou o outro soldado. Isso é que é de preceito para este caso. Hade ser por força á mão...

—Sim, sim... Pois seja á mão.

— Mas por força!

—Acredito! basta vocês dizerem!

—Agora despeja-se-lhe o caldo em cima, guardando de reserva o pão sufficiente para maxucar no toucinho, acompanhado com as hervas... Que tal?! Boa?

—Está optima! exclamava o homem. Está excellente. Vocês são o diabo! Não ha gente como são os soldados, para estas coisas! Como vocês fazem sopa de um pedregulho, e fica uma delicia por esta maneira! Não se acredita! Parece bruxaria!

—É para vocemecê vêr!

—Cá me fica!...

*

Contava, um sujeito de temperamento nervoso, que sempre ficava sem saber o que havia de dizer ás senhoras, quando tinha a fortuna de obter de alguma bella uma primeira entrevista:

—Vae cuidar que não gosto d'ella! scismava. Estarei estupido. Quanto mais quizer ser amavel, mais afflicto ficarei...

E passava gente que lhe dizia:

—Ah! felizão! Ah! felizão!

E elle meditando:

—Se em vez da primeira entrevista, fosse possivel principiar pela segunda!?

*

Macario diz a Gualdino:

—Tu já vistes sair um ministro?

—De casa?

—Do *poder!*

—Ah! Do *poder*, ainda não vi.

—É curiosissimo. Os proprios correios a cavallo, aquelles eternos companheiros das *pastas* e das *pistas*, que vão, sempre, na rectaguarda dos excellentissimos, *tuque, tuque,* ora a trote, ora a galope, não se enganam nunca nas notas que devem dar e nas palavras que acompanham a musica...

—Por exemplo!

—Por exemplo, cáe o ministro de manhã; ao meio dia já os correios não dizem:

—«Sua excellencia»!

Ás tres horas dizem só:

—«O ministro».

Ás oito dizem:

—«O sr. fulano»!

E á meia noite:

—«O fulano coitado»!

—A gradação dos tons tem que se lhe diga, Gualdino! O homem que quizer compôr uma *Arte,* como a *Arte poetica* ou a *Arte de cosinha,* para uso dos ambiciosos, sollicitadores, pretendentes, demandistas, volteadores de escadas de secretaria, jornalistas gratuitos, e caçadores de empregos, deve dar o capitulo:—De qual seja melhor, se adorar o sól que vae nascer;—o que está na força toda;—ou o que estiver a pôr-se—!

—O melhor, é...—o que vou eu dizer?

—Vaes dizer, que, o melhor, é adorar todos! Exercer para com os deuses de hoje e para com os de hontem, um polytheismo amplo e rasgado!

—E se não houver remedio senão escolher! A que deuses será mais util, offerecer incenso?

Gualdino hesita.

—Os levianos, imprudentes, frivolos, que não pensam, nem nasceram para carneiros de Panurgio, talvez balem ao sól que estiver a erguer-se, obedecendo n'isso á usança velha, á manha antiga, e deixando-se ir pelo declive por onde quasi todos vão...

—Teem beneficos orvalhos, as auroras;— mas, não ha nada como os sóes, vivos, brilhantes, contentes, sempre affaveis e generosos. A lua de mel da gloria e do poder torna rosadas as frontes, que ainda não se acostumaram a abanar, como quem diz a tudo que não...

—Mas, isso, dura pouco. Cança-se, gasta-se, enfastia-se depressa um homem. Vae com o que te digo. Nunca tarda muito que o sujeito pense, que, todas essas adorações, lhe sejam devidas, que não se lhes faz n'isso favor algum, á força de ver um calculo em cada mesura, e um memorial em cada attenção, — no comprimento mais superficial, n'um singelo adeus, na innocente ceremonia de se lhe tirar o chapéo, quando o encontram na rua...

—E os outros, os que deixaram de ser trunfos, os que voltam para a onda... no intervallo?

—Esses, pelo contrario; não se esquecem nunca das almas complacentes, que, nas primeiras horas do abandono, das tundas nos jornaes, do desdem cruel, lhes prestaram a homenagem de um bilhete de visita; sempre dispostos a animarem e a conside-

rarem heroicas, essas delicadezas, desinteressadas na apparencia, e, perigosas, que teem diacho—que teem diacho!

Macario, em extase:

—Vês, Gualdino! Não é tão tolo como parece, todo aquelle que se fizer cortezão da desgraça, e fôr, debaixo das janellas dos cahidos, cantar o *choradinho*...

*

Tem cada um n'este mundo, conforme o seu natural, preferencias especiaes a respeito das mulheres...

Entende, um, que, sem aristocracia não ha civilisação completa e lhe faltam as grandes vias, desenvolvidas com largueza, livres de cogitações mesquinhas, susceptiveis de bellezas como obras de arte, elegancia de costumes, delicadeza de sentimentos, a grande educação cosmopolita; e só quer fidalgas, para amar do *fino!*

Outro, estimará o que fôr original e pittoresco, vivandeiras por exemplo, que, ora se afigure, serem amantes, do regimento, ora mães dedicadas, d'elle, querendo d'alma aos soldados, e por elles expondo a vida; destino de dedicação, em que até, ás vezes, o heroismo faz das suas;—a varina que dorme á luz das estrellas, n'uma loja terrea, em que de verão se accende o lume á porta e de inverno no meio do chão, porta e janella aberta, fazendo da canastra travesseiro e almofada do chapéo de Braga; rapariga

que veio em pequena de Aveiro embrulhada no gabão do pae, pescador da Costa Nova, tentadora de sáia curta de baeta azul e corpete sem mangas;— a saloia, que vem á cidade vender fructas, ou leite, ou pão: e que ainda conserva um pouco a feição e nitidez, que já as distinguiu no tempo em que a cidade tinha quarenta freguezias, começando de Nossa Senhora dos Olivaes e acabando em Nossa Senhora da Ajuda, ficando apartada cada freguezia uma da outra, duas leguas...

Este, por já não poder sonhar com a freira, por que a freira esteja velha, mas levado de idéas sentimentaes, meio mysticas, meio romanticas, não o attrahae de sympathia senão a irmã de caridade, doce figura com aureola de santa, lidando sempre, penosamente, cuidando dos doentes com extremo á cabeçeira d'elles; em tempos de guerra substituindo para com os feridos as irmãs e as mães, suavisando-lhes com suas doces fallas as amarguras da hora derradeira, quando os não possa curar; sublimes de caridade, irmãs d'ella como o seu nome diz, victimas muitas vezes da dedicação, doces e legendarias creaturas!

Aquelle, gosta das massadoras, as que tem o *tic* especial de moer, namoro interminavel, caricias interminaveis, ciumes interminaveis, achaques interminaveis, de que parecem morrer sempre e nunca morrem, levando com isso o marido a não mandar fazer fato de côr sem consultar o medico:

—Ó doutor, ainda terei tempo para calças claras?

Alguns, se é verdade o que diz a chronica e o

que os exemplos parecem querer provar, até não desgostam e com um fraco particularissimo, das que não tem culpa talvez de certas incoherencias, que lhe sejam inherentes ao temperamento; e são ainda mais indulgentes com ellas, que o cavalheiro Zambulho, que, querendo muito a uma dama, menina e moça que nem a de Bernardim, a qual aceitava o seu culto e por igual aceitou a proposta que elle lhe fez da sua mão, tomou a liberdade de ir fazer-lhe uma visita: e, porque não apparecesse criado para o annunciar, foi entrando até aos aposentos d'ellà, e a encontrou em galantes trajes, como se lá diz, frasqueiros, a dormir sobre um sophá...

Chegou-se Zambulho sem fazer ruido, para aproveitar delicadamente a occasião e roubar-lhe um beijo...

N'essa occasião deu ella um suspiro da maior ternura...

—Está quieto Ambrosio, deixa-me socegar!

O cavalheiro Zambulho ouviu aquillo, e sahiu do quarto devagarinho; mas, á porta encontrou o escudeiro:

—Ó Ambrosio, disse-lhe elle, vocemecê deixe socegar a senhora,—que ella assim lh'o pede.

*

Um amigo meu, grande amador de café, vae sempre a certo botequim, por lhe parecer que, n'aquelle,

seja melhor o café do que nos outros. Ha dias, lembrou-lhe fazer esta pergunta aos moços:

—Como fazem vocês este café?

Os moços riram-se.

Foi-se ao patrão, e perguntou-lhe a mesma coisa.

—O meu systema é muito simples!

—Como vem a ser?

—Deito uma quarta de café do Rio, outra de Cabo Verde, outra de Moka...

E calou-se.

—E a outra?

O do botequim respondeu, voltando as costas:

—Só tres quartas partes!

*

Escreve-se por ahi, todos os dias, a biographia de quanto escriptor tem vivido da penna, de quanto actor tem repetido no palco com mais ou menos calorosa accentuação as palavras, que algum auctor juntasse — ou enfeixasse, como agora dizem para tudo, feixe de pennas, feixe de idéas, feixe de palavras —; tem-se levantado estatuas a todo o comediante social que haja prestado o seu contingente para os progressos da farça publica, um homem apenas foi esquecido, um grande vulto, um grande poeta, um grande philosopho: —o inventor da cama!

Esqueceram-se d'elle!

D'elle, que não se esqueceu de nós! que se oc-

cupou do repouso do homem! que attendeu á commodidade do homem! que, quiz, para os outros, o que cada um quer para si: estar bem deitado!

Não se inventou a cama para o amor, nem para o casamento, podem crer; inventou-se para dormir e para meditar.

Do leito em que sua mãe o haja concebido, dependem o caracter e o destino do individuo.

Cama sólidamente construida, proporciona á humanidade creaturas de tempera rija, firme e constante.

Ao passo que, um leito tropego, desengonçado e velho, que verga, range, e estala, não alcançará nunca ao mundo senão um ente inquieto, nervoso, phrenetico, infeliz para si e para os outros!

Estar deitado é uma felicidade; estar bem deitado é a felicidade—completa, absoluta, suprema!

A digestão do somno é um dos actos indispensaveis á elaboração das idéas.

Conhece-se pelo estylo, nos periodos occos e palavrosos, nos dispauterios ambiciosos de figurarem de sublimidades, no *tom menor,* de querer e não poder dar mais, se o sujeito dormiu pouco, se dormiu de mais, se dormiu mal, emfim...

A dormir se conhece o espirito das pessoas.

Os que dormem de bocca aberta, na attitude de quem esteja extenuado e abatido pela agitação do dia, são, por via de regra, homens de pensamento, de actividade, commerciantes, typographos, empreiteiros; os que roncam com uma energia petulante, são quasi sempre directores, membros de syndicato,

fundadores de asylos; com a lingua de fóra dorme, por via de regra, a gente que não faz nada, ourives, janotas, deputados, poetas; de bruços, dormem os mendigos, os estudantes, e os amanuenses, os desgraçados d'esta terra.

Doces e rapidas como os instantes do céo, são as horas de quem dorme bem.

A carta de quem nos quer, deve lêr-se ao voltar do theatro, quando as janellas da nossa casa estiverem fechadas, em redor de nós...

O relogio de uma egreja faz então soar lentamente as horas, dando-nos a certeza de que nenhum importuno nos visite, nos procure, nos queira vêr...

Na cama se inventa, planeia, medita, resolve, o que haja mais sério para a existencia e para os destinos, assim nos interesses, na gloria, ou no amor!

Ali se abobóra o drama da razão.

E não é só o que se medita e planeia, na cama: é tambem o que se observa.

O Joseph Pardewe conta nas suas obras varios casos, dos quaes, uns, correm em verso, feitos em fabulas, e outros mereciam ir á historia.

Estando, pela manhã, na cama, a lêr, sentiu a modo uma bulhasinha, semelhante á que fazem os ratos, quando andam no que se chama fôrro do tecto.

Ficou muito quieto, á escuta, sem respirar alto e de olho á mira...

N'isto, vê apparecer um rato, n'um buraquinho.

Um ratinho pequenino, que espreita, olha, observa, sem fazer rumor, todo cacoiço e carapatento, como diria o Gil Vicente...

Depois de haver examinado tudo á sua conveniencia, retira-se.

D'ali a nada, apparece outra vez, puchando outro rato, por uma orelha, um rato gordanchudo com geitos de rato velho.

Deixa-o logo ali, ao pé do buraco.

E, n'isto, vem um ratinho pequerruchinho ter com elle.

Juntos percorrem o quarto...

Vão lambiscando as migalhas de pão da ceia, apanham umas côdeasinhas, e levam-as ao companheiro que haviam deixado abeirado, como agora dizem os classicos do dia, abeirado do buraco.

O homem ficou pasmado.

Vêr elle uma attenção d'aquellas; em animaes; e que animaes!

Não cahia em si da maravilha que aquelle caso, lhe produziu!

E ahi principiou de observação mais commemorativa.

—Que historia é esta? scismava. Que diabo de ratice de ratada vem esta a ser?

E todo elle era olhos...

E todo elle ardia a querer adivinhar a obra...

Veio então no conhecimento de que, o animalsinho, ao qual, os outros dois, levavam de comer, era cego.

Era cego, o rato gordanchudo e velho, e não

achava as migalhas que elles lhe davam, senão pelo tacto.

Talvez os ratinhos pequenos fossem filhos d'elle, e andassem por isso mesmo n'aquella lida de olharem pelo pae fielmente e com cuidados constantes no seu bem estar, á maneira da Antigona a acompanhar o Oedipo desveladamente desde que elle cegou...

Chegava a ser caso de recear uma pessoa interromper aquella boa acção, que verdadeiramente fazia honra aos ratos.

Mas, — entrou alguem no quarto; os dois ratinhos deram um guincho para assim pôrem de advertencia o cego, e, apesar do medo em que ficaram, não arredaram d'ali um passo para fugirem, emquanto o rato velho se não poz em segurança.

Elle a enfiar-se pelo buraco, e, os ratinhos, em seguida, a fazerem-lhe costas.

*

Um dos filhos de um fidalgo nosso, conde ou marquez, — chamêmos-lhe, desde já, marquez, a elle mesmo, filho, — chegára de França, onde estivera estudando; encontrou na rua duas senhoras, mãe e filha, que não comprimentavam ninguem, pareciam ser conhecidas de pouca gente, paravam, de vez em quando, deante dos mostradores das lojas, e tinham ar de pessoas sérias.

O marquez foi seguindo as duas senhoras, por maneira que ellas entendessem que se propunha a fazer a côrte á menina.

Moravam para os lados da Sé, na rua chamada de S. João da Praça, em casa de uma gente que lhes alugára parte da habitação; eram da provincia, e achavam-se em Lisboa á espera da decisão de uma demanda.

Na casa ao lado havia explicação de mathematica; o marquez procurou o explicador para que o considerasse como um dos seus discipulos; e para não dar o seu nome, disse chamar-se Varella, que era o nome de um conhecido d'elle.

Foi á lição com assiduidade, chegando sempre mais cedo, e indo para a varanda corrida, a titulo de esperar o professor, que jantava cedo e sahia, recolhendo á hora da explicação.

Da varanda, separados pelo papagaio de madeira, principiaram os dois namorados, e a mãe tambem ás vezes, a conversar.

O marquez era muito novo, dezenove annos apenas; a menina teria quinze.

Na vivacidade amorosa dos annos verdes, o mancebo com impaciencia de adolescente, fez declarações incendiarias.

A donzella, deu como resposta, que, quando mesmo pensasse conforme aos desejos d'elle, não seria susceptivel de o declarar com facilidade.

Entendeu o moço na sua sabedoria de rapazola, que lhe cumpria affectar indifferença desde aquelle instante, para se tornar mais querido; e, por in-

quietar a bella, já costumada a vêl-o, deixou por uns dias de ir a casa do explicador.

Passada a semana, appareceu de uma occasião na varanda, como que para deitar á rua a ponta do charuto que fumáva, comprimentou-a, e disse-lhe que não se atrevia quasi a fallar-lhe, na sua qualidade de ente detestado.

—Porque o haveria eu de detestar? retorquiu ella..

—Só uma natural antipathia póde haver fechado o coração de V. Ex.ª, prevenindo-o contra a ternura do meu amor.

—Engana-se. Mas se eu houvesse concedido a declaração que me pediu, estaria medrosa agora e envergonhada, por haver deixado tantos dias de procurar vêr-me...

Foi uma delicia. Começou n'aquella tarde um periodo de felicidade; mas, breve, como ella é sempre.

O marquez, no Gremio, por uma questão de nada, turvou-se com o Varella, levou uma bofetada d'elle, bateu-se d'ali a dois dias, e em tão má hora, que o matou.

A familia, afflictissima, tratou de o esconder; foi o marquez ficar, já n'essa noite, n'uma quinta em Telheiras; dias depois embarcou para o Brazil.

Quando a menina viu subitamente desapparecer-lhe o namorado, e ouvio contar que tinham matado um rapaz chamado Varella, ia morrendo tambem, mas de pena e das saudades d'elle...

Nove annos andou o marquez lá por fóra.

Ao fim d'esse tempo, havendo-se posto pedra sobre o caso, como é costume dizer, voltou a Lisboa.

Pela inauguração de uma linha ferrea, foi a Evora; estabeleceu-se na hospedaria do Tabaquinho, e, á noite, convidado para uma soirée, em casa de uma das principaes familias que residem n'aquella cidade, póde calcular-se porque impressão passou, ao entrar ali a sua namorada da rua de S. João da Praça.

Recordou-se então, que, essas senhoras, lhe haviam dito terem casa em Montemór; e entendeu que á festa do caminho de ferro as houvesse attraido a Evora.

A surpreza d'ella, ao ver a semilhança extraordinaria d'aquelle homem, com o estudante de quem tanto havia gostado — porque o caso não poderia ter outra significação no seu espirito senão a de serem muito parecidos — fez com que olhasse para elle com maior fixidez; e, ao ser-lhe o marquez apresentado, não poude esquivar-se a dizer-lhe:

—É extraordinario, senhor marquez, o quanto v. ex.ª é parecido com um cavalheiro que eu conheci...

—E que foi feito d'elle?

—Morreu! disse ella tristemente.

O marquez, commovido, mas vencendo-se, retrocou, affectando uns leves ares de malicia:

—E v. ex.ª não lhe quereria muito mal, se eu me não engano...

—Queria-lhe bem, queria-lhe muito. Minha mãe concluiu os seus negocios em Lisboa, e eu estimei deixar aquella terra, que me avivava idéas crueis.

Voltámos para Montemór; e, ha um anno que estou casada em Evora.

O marquez estava a ponto de trair-se com o vêr arrazarem-se de lagrimas os olhos d'ella; mas achou graça n'aquella tontice de se destruir a si proprio n'um coração que possuia ainda; propondo-se a ser rival de si mesmo, e multiplicar-se, para triumphar duas vezes da mesma mulher.

Tentou-o a idéa de ser o objecto, não da constancia d'ella, mas de uma infidelidade, e persuadil-a de que em vez de chorar o morto, não seria peior a semelhança que o vivo tinha com elle.

Ella respondeu-lhe com graça, mas a graça séria, das mulheres de bem; que o seu coração, ainda que ella estivesse solteira, faria entre elles a differença pela qual os seus olhos não davam. Deu-lhe a perceber, emfim, que perderia o tempo, se tivesse a lembrança de lhe fazer a côrte.

O marquez perde a cabeça, aclara o mysterio todo, faz-lhe saber que Varella e marquez são o mesmo sujeito; e recorda-lhe tudo com uma exactidão que lhe tirava o direito de poder duvidar, mas a que a surpresa e o silencio serviram de resposta.

Na manhã immediata, o marquez recebeu a seguinte carta, ao accordar, na hospedaria do Tabaquinho:

«Ex.^mo^ sr. marquez.—Parto hoje mesmo para a quinta das Palmeiras, ao encontro de meu marido; vou levar-lhe um coração, que a tristeza lhe roubava. Varella, não teria rival depois de morto; vi com alegria que está vivo; não precisa quem é feliz

que alguem pense só n'elle, basta-lhe a estima de toda a gente».

—Celebre, celebre! disse o marquez, scismando. Nunca gostou de mim... nem do Varella.

*

Um homem estimabilissimo, que fez uma *Memoria sobre a molestia das vinhas,* folheto em 4.º, com estampas, devendo ir passar uns dias ao campo para casa de um amigo, enviou-lhe, nas vesperas, esse folheto, com uma carta em que, referindo-se á obra, lhe dizia:

«Meu dilecto amigo:

«A minha amada chegará um pouco antes de mim. Espero que lhe dê hospedagem, fechando indulgentemente os olhos á minha temeridade».

E o outro furioso ao receber a epistola, dizia a sua mulher:

—Vae mandar-nos para cá a sua amada! Não sabe que temos duas filhas?! E' immoral.

Era a *Memoria.*

*

Um certo Grima, mimico, mais engraçado na vida do que nas danças, dizia, em pirueta estupefacta, a respeito do corpo de baile de S. Carlos:

—São bailarinas, que a gente respeita!...

Esse Grima, maganão celebre, foi aquelle, que, sendo encontrado no lar alheio, em flagrante aventura, (por um valentão celebre, que, com um piparote, lhe daria occasião para fazer mimica entre as nuvens, um José Maria Saloio, corista memorando) lhe disse com expressão mysteriosa pondo o dedo ao canto da bocca, e esbogalhando os olhos:

—Caladinho; isto é pelo que você sabe! Você bem o sabe!!! hein?... Sabe ou não?!!

E o José Maria, attonito, emquanto o Grima se safava, queria atinar com o que podia ser que elle soubesse tanto a preceito...

*

Ha varios Strakosh no mundo, mas, havia um só verdadeiro, para os grandes casos;—o Strakosh da Patti. Era tão singularmente sagaz, que, fazendo profissão de descobridor, e sendo cunhado da Adelina, nunca teve empenho em descobrir a Carlota. E' verdade que a Carlota sendo coxa, do que mais precisava era de quem descobrisse para ella uma opera, em que uma coxa fosse a heroina. Isso descobriu elle: encommendou uma *Mademoiselle de la Vallière* a Dumas pae, e no dia dos annos da Carlota fez-lhe presente do *libretto*.

Ella ficou tão contente, que, apesar de coxa, poz-se a dançar... com a outra irmã!

A côrte amorosa, que o de Caux fez á Patti, desde

1864, espantou um pouco esse Strakosh, que até então nutrira a idéa de que a *diva* vivesse exclusivamente para a musica e não quizesse attender a nenhum *sire,* senão ao de Ravenshood, na *Lucia de Lamermoor.* Mas o *sire* de Caux, que a adorava sem musica e sem delirio, fez-lhe perceber que não seria necessario qualquer fim tragico; e Strakosh, mercê do andamento das coisas, cada vez se espantou mais de que o *sire* da Normandia, apesar das *cauchoises* serem celebres pela formosura e pela singularidade do penteado, recorresse a uma italiana para lhe armar o penteado, a elle! Tudo isso, creio eu, o affastou cada vez mais da que fôra invenção sua e seu idolo.

Fôra elle proprio, casualidade celebre, fôra elle proprio que apresentára a Adelina o marquez, instando porque ella fosse o mais graciosamente amavel com esse gentil-homem, que, n'aquella época, era *écuyer* da imperatriz, e tanto em moda, que sempre era elle o escolhido para dirigir o *cotillon* nos bailes das Tulherias. Strakosh, que não via n'este mundo senão a Patti, presentiu no de Caux o melhor *claqueur* do segundo imperio da França, um *claqueur apud imperatore,* e aquella idéa logrou então que elle se seduzisse mais do marquez, do que nunca a marqueza se seduziu depois de seu marido...

Ouvil-a cantar e alcançar aos eleitos da fortuna a ventura de a admirarem, foi, por muito tempo, o sonho e o extase d'esse fanatico, que durante annos ninguem soube affirmar se era simplesmente

um emprezario, se um musico, se um cunhado, se um amante em perspectiva.

Pobre Strakosh! Não, elle não era, nunca foi nada d'isso. Era um Carniole burguez, menos artista e menos excentrico do que o da *Dalila,* mas tão fanatisado como elle...

Quando a hoje celebre Patti era mocinha, de uma occasião, em Nova-York, o Strakosh perguntou-lhe:

—Queres ouvir cantar a Alboni?

—A Alboni! exclamou a pequena.

—Se quero! É um prodigio essa Alboni, não é? É um assombro, e um phenomeno?...

O Strakosh empallideceu.

—Um prodigio... Um assombro...Sim, ella é isso. Mas tu és mais assombro, e mais phenomeno, e agora mesmo, ao ouvir-te isso, mudei de idéa; não hasde ser tu que vás ouvir a Alboni, hade ser a Alboni que hade vir ouvir-te a ti!

Dito isto, pegou de uma escova, sacudiu um pouco o pó do fato, poz o chapéo, beijou a estrella, *la stella,* e sahiu...

Foi d'ali direito atirar-se ao seio da Alboni. Heroico mergulho. O mar não seria tão vasto!

—Condessa, disse-lhe.—Uma prece!

A Alboni deu-lhe um sorriso, como a animal-o a pedir-lhe tudo, menos o conde Pepoli, seu marido, a prenda que ella mais agradecia a Deus.

—Venho rogar-lhe instantemente a mais amavel das graças. Que se digne de visitar uma discipula minha, uma creança, um sonho, um anjo, mas o anjo mais afinado de quantos anjos ha, o mais di-

gno de cantar entre os seraphins, o que Deus retarde por muitos annos, o mais capaz de suscitar invejas aos cherubins de primeira classe da côrte do céo, se ouvissem a frescura encantadora d'aquella voz, e os gorgeios deslumbrantes de seu canto puro e limpido.

—Strakosh! ponderou a Alboni. Vamos ser dois a admiral-a. Vou convidar meu marido...

—Oh! não! implorou o mestre da Patti. Da primeira vez, isso, intimidal-a-hia damasiado. É uma creança, tem vergonha de cantar, por emquanto, como que pede perdão de ser sublime e quer esconder a sua superioridade. Digne-se ir sósinha. Quem sabe, quem adivinha, quem calculará nunca o milagre que se alcança, se eu conseguir que ella cante para a condessa a ouvir! Vae augmentar-lhe os medos...

—És tu que tremes, Strakosh! Verás como tudo hade sair bem... Partamos.

O conde Pepoli atirou um chale para cima dos amplos hombros de sua mulher, e a Alboni partiu com Strakosh na carruagem d'elle.

—Vamos então ouvir, perguntou o famoso elephante, que tinha o rouxinol na garganta, para não deixarmos de dar á Alboni este titulo consagrado pela tradição e attribuido ao chiste da formosa madame Emile de Gerardin; vamos então ouvir uma das tuas discipulas, caro Strakosh, uma competidora, uma rival que vae talvez fazer com que se esqueçam de mim... Não é muito amavel convidar-me para o ante-gosto da minha derrota... É bonita?

—É melhor do que isso.

—Olha que isso não é mau, ser bonita!

—Bem sei, mas, ella é melhor que bonita.

—Onde desencantaste esse thesouro?

—No fundo... de uma familia! Quatro irmãos, tres raparigas, uma chamada Carlota, outra Adelina, e outra Amelia, que é minha mulher.

—São as filhas da Barili e do tenor Salvador Patti?

—Perfeitamente.

E é a tua esposa, que vou ter o gosto de ouvir?

—Não, condessa. É minha cunhada Adelina.

A carroagem parou.

—Chegámos! disse Strakosh, offerecendo a mão á Alboni.

A Patti era, n'esse tempo, ainda creança; mas, porque já lhe houvesse crescido o corpo quanto teria de crescer, e porque mais tarde ella se conservasse creança sempre, podemos considerar que seria então, com pouca differença, o que é hoje, que tem quarenta e cinco annos. Puro milagre. Em Lisboa, velhos *dilletanti* reivindicam para Portugal uma especie de gloria em que haja sido durante a estação lyrica de S. Carlos que a Barili concebesse o prodigio, que devia ser o deslumbramento do mundo inteiro pela maravilha da sua voz, não ainda assim aos primeiros vagidos... mas aos segundos, aos que soltou no theatro, n'esse mesmo theatro de Nova-York, de que n'aquella época este mesmo Strakosh era o emprezario. O que está averiguado todavia, é que a Patti nasceu em Madrid em 1843. Foi no verão?

Foi no inverno? Ali pelo anno bom? já perto de S. Silvestre? *Non lo so.* Nem que o soubesse o diria. Quando não podem tirar-se annos a uma mulher, a cortezia ao menos é deixar os mezes no vago...

Feita a apresentação da aurora ao meio dia, da pequena Patti á grande Alboni, aquella que foi, apesar da sua estatura rebelde ás graças de um papel de vivandeira, a mais deliciosa *Filha do regimento* que o Donizzeti haveria sonhado, beijou ternamente a que hoje é marqueza de Caux, ou ex-marqueza de Caux, e pediu-lhe, e insistiu, e renovou por muitas maneiras a expressão do vivo desejo de a ouvir.

—O que! cantar, eu! deante de si, deante de madame Alboni, *impossibile!*

—*Carina!* implorava o Strakosh.

—*Impossibile!* Mai!... Ou então...

—Então?

—Hade ser do modo que eu exigir...

—Sim! disse a condessa. Está acceite.

—Havemos de jogar o jogo das escondidas...

—Nós tres?

—Nós duas.

—O jogo das escondidas?!

—Sim, os quatro cantinhos, a cabra cega.

A Alboni que era a pessoa mais alegre do mundo, não se poude ter de riso pelo disparate d'aquella idéa, e por vêr a expressão de semblante do fanatico Strakosh, que se fazia verde, amarello e carmezim, á proporção que a condessa Pepoli trilava as suas argentinas gargalhadas.

—Adelina!...

—Nada mais! replicava a pequena a rir tambem... a rir...

Póde fazer-se idéa do que seria esse momentoso jogo das escondidas, se nos lembrarmos da corpolencia da Alboni... Corriam uma atraz da outra, *zig zag*, aqui te apanho, acolá te agarro, *zás, traz, piff, paff*, lá se esconde, lá vem, agarrei-te, ainda não, fugiste...

N'isto a Patti, sempre a rir, o que servia apenas para a denunciar, mette-se debaixo da cama.

A Alboni, coitada, estacou!

Ir buscal-a ali, ella, tão gorda, seria impossivel!

Mas, havia um recurso. Era não a deixar sair.

Encostou-se á cama, estabeleceu, mercê do seu corpanzil montanhoso, uma nova muralha temivel, e intimou-lhe como condição expressa para voltar ao mundo e sair debaixo da cama, o cantar.

—*Canta addesso!*

—*Má*...

—Canta!

Ella cantou então, adoravelmente, o «rondó» da *Somnambula*, trecho seu predilecto, e com o tempo o seu maior triumpho.

Depois, quando a Patti sahiu debaixo da cama, a Alboni, cobrindo-a de beijos e abraçando-a com um frenezi de enthusiásmo, intimou-lhe para cantar em um concerto, que haveria de realisar-se d'ali a uma semana.

Tudo isto, palavra mais, palavra menos, é histo-

rico, e—mais raro ainda—é exactissimo, o que poucas vezes succede... com o que é historico!

*

Para a prisão de Diogo Alves, não sabendo a policia como encontrar o heroe, que, de repente, e ás escondidas, se mudára para Arroyos, tratou de averiguar onde parava a Parreirinha, amante d'elle, e a quem elle costumava ir vêr todas as noites.

Uma velha visinha respondeu:

—A Parreirinha mudou-se, ninguem sabe para onde.

—Se a visse conhecel-a-hia?

—De certo que a conheceria!

Chegára por essa occasião a Lisboa o primeiro realejo, que por cá appareceu.

A população saudava essa novidade, e, em rua por onde passava o realejo, era certo chegar toda a gente ás janellas.

A policia escripturou o homem do realejo, para ir correndo ás tardes a cidade, e escripturou a velha para seguir o realejo, misturada no ranchinho de povo, que acompanhava a musicata, e com um policia ao lado.

A velha era incumbida, de olhar para todas as janellas, até avistar a Parreirinha.

N'uma tarde, a Arroyos, a velha, de repente, disse, a meia vóz, ao policia:

—Lá está ella!

D'ahi o rastro, as pesquisas, a busca e a prisão...

*

Um mestre de canto exigia dos discipulos, para que fizessem boa carreira lyrica, o haverem soffrido. Da alegria, da commodidade, do *ram ram* da vida, não se faz nada bom. Nos exames do conservatorio, ia cantar um rapaz: soffrivel voz, mas, *senza anima;* o professor, que se interessava por elle, quando o o moço estava para abrir a bôca,—e deante de toda a gente que ali estava reunida a assistir á festa dos exames,—rompe em improperios contra elle... O rapaz, pallido de vexame, não poude suster as lagrimas. O professor que se levantára da cadeira, á mesa de jury, para o vexar e affligir por aquelle modo, disse-lhe, então, magestosamente:

—Canta, agora!

*

Achando-se um viajante, na Laponia, e andando por lá perdido em logar pouco frequentado, bateu a uma porta, n'um dia de grandes calmas.

Bateu, bateu, ninguem lhe deu resposta; mas, elle por uma fenda da porta, viu um casal de lapões no traje da mais perfeita innocencia, e que estavam fazendo ouvidos de mercador.

Bateu mais de rijo, e já estava quasi a porta a ir

dentro, quando, elle observa, mandar o marido á mulher que se levantasse e fosse vêr o que era aquillo.

A mulher por não ter ali fato á mão, pegou n'um prato que estava em cima da mesa, pôl-o, em ar de bibe ou de avental, e veio:

—Que quer você?

—Viajante, que anda perdido, e pede alguma coisa de comer!

Ella voltou, poz o prato no sentido opposto—*do outro lado* como diz a scena comica—resguardando as costas no sitio em que já se lhes chama de outra maneira, migou-lhe umas sopas dentro, veio abrir a porta ladeando, e offereceu-as ao viajante sempre no dito prato.

O calor faz coisas!...

*

Dizia um juiz ao réo no tribunal:

—Porque matou você o pintor?

—Porque tinha na minha casa um quadro pintado por elle, e n'uma terra como a nossa em que se estimam tão pouco as artes, morrer o pintor, daria, assim mesmo, mais valor ao quadro!

*

Indo um figurão, o que a gente chama um machucho, a casa de Rodrigo da Fonseca Magalhães, quando elle era ministro, e entrando sem prevenção

foi encontral-o em mangas de camisa a engraixar as botas.

Ficou estupefacto, e sem arte de disfarçar seu espanto:

—Ora essa! Vossa excellencia! exclamou, sem mais reflexão. Essa, é que eu não esperava! Vossa excellencia mesma, a engraixar as botas? Vossa excellencia em pessoa!?!

—Nunca engraxou nenhumas? respondeu-lhe Rodrigo da Fonseca, sorrindo-se para elle com o poder de ironia, que era a primeira força do seu espirito. Nenhumas?...

*

Dizia-me um arrieiro:

Em seus principios, Peniche tinha a sarda e a sardinha; e, a Nazareth, a sua sardinhita apenas, que só era boa pelo Natal, chamada como se fôra porco, a *da matança*. Na casa, que veio a ser *da Patrocinio* habitava um morgado, que déra cabo dos seus bens. Nunca ouviu fallar do Ambrosio?

—Não; nunca ouvi fallar. Conheci a Patrocinio e estive na hospedaria d'ella ha vinte e seis annos; mas, d'esse Theodosio, não tenho noticia.

—Qual Theodosio!? Ambrosio é que elle era, tres vezes. Não vale trocar os nomes, porque é sabido que cada nome diz de si:—Antonio, vem a dizer flôr nova, André, varonil, Acacio, sem mal,

Nicolau, vencedor, Paulo, boca de trombeta, Simão, obediente, e Ambrosio, immortal.

—Está dito, rapaz!

—N'uma noite de janeiro em que a chuva punha a estrada em lagos, estando o morgado já recolhido, bateram á sua porta.

—«Quem está ahi? Quem bate? Quem está batendo?»

Para despacharmos razões, era Nosso Senhor, que ia com os doze apostolos, e lhe pediu agasalho.

Logo as portas se lhe abriram, e vendo o homem aquella sociedade, não se poude conter que lhe não dissesse:

—Vocemecês veem encharcadinhos! Recolham-se depressa, e, não obstante a ceia ser fraca, sempre a boa vontade ajuda. O que sardinha quer é picar e beber, e ainda ha ahi um resto d'ellas.

Não lhe pediu Nosso Senhor senão que se aviasse, porque um dos do rancho, que era S. Pedro, estava com vontade de comer, e, a bem dizermos, com debilidade.

Despachou-se a ceia com a pressa possivel; e, ateada a brazeira, atiraram-se-lhe as sardinhas.

—A minha pena é uma, exclamava o homemsinho, e ninguem a sabe senão eu!

—Qual é? perguntou Jesus.

—A sardinha é fresca, é gordita, mas não luz, nem póde dizer-se que seja uma sardinha despachada. Se eu tivesse da de Peniche, que pinga no pão, e é grande, grande!

—Consola-te, disse Nosso Senhor. Olha para o

nosso companheiro, e vê o gosto com que elle a está comendo!

Era o sr. S. Pedro, que não fazia senão dizer-lhe:

—Tira as outras do lume. Estão promptas! São ellas, por signal, bem boas! Avia-te, vem para o meu lado, ajudar-me a comel-as, já que só eu me apresento de bom appetite n'esta casa!

Foi o Ambrosio para a mesa, apresentando o resto das sardinhas, e, collocando-as n'um prato e suspirando, soltou de novo esta voz:

—Toda a minha pena é não serem ellas grandes, como as de Peniche! Porém, que remedio?! Não ha barco sardinheiro, que as vá pescar maiores. Taes quaes são, eil-as aqui, e só falta ir buscar um pichel de vinho.

Não teve tempo para mais o Ambrosio do que abrir a porta da adega, e appareceu, d'ali a nada, segurando a ambas as mãos o vaso de tirar o vinho das pipas: que não representaria quantidade demasiada nem inferior á que rasoavelmente devia convir a quatorze homens, quando mesmo se quizesse attender ao preceito, renovado dos gregos, que chamavam *brie* á medida por onde se bebesse, considerando-se sóbrio o que não chegasse a ella e ébrio o que passasse.

—Ao ir depôr o pichel sobre a mesa, continuou o arrieiro, viu Ambrosio grandes as sardinhas, que havia um instante deixára pequenas, e formou logo d'isso materia de reparo.

—Tate! disse comsigo, embuchado de pasmo, e percebendo que andava milagre no caso.

Cravou os olhos no chão com mansidão e prudencia; e nada de se querer sentar.

—Senta-te, disse-lhe Nosso Senhor. E come.

O Ambrosio, encheu-se de resolução, e acompanhou, atirando-se á sardinha crescida e pingarôna.

Depois da ceia a sociedade foi-se deitar, e, de madrugada, tendo amainado o temporal, despediu-se Jesus e os seus discipulos, do Ambrosio, louvando-o pelo gasalhado que lhes déra, e dizendo-lhe o desejo em que estava de o recompensar:

—Pede tres coisas que mais queiras.

—Pedirei, respondeu o Ambrosio com humildade. Gostava de viver cem annos.

—Cem annos viverás, respondeu Nosso Senhor.

—Ó tonto, acudiu o senhor S. Pedro, em voz baixa. Pede a salvação da tua alma. Deixa o dominio dos appetites. Não dês alojamento na tua idéa a hospedes confiados. Trata da tua alma.

E logo:

—Uma vez que é tão grande a vossa bondade, pedirei igualmente que este predio em que habito se aguente por muitos annos sem precisar concertos, que não ha despeza mais pesada do que a que se faz com casas velhas.

—Seja assim! respondeu Jesus.

E o senhor S. Pedro, outra vez a puchar por elle e a fallar-lhe ao ouvido:

—Ó peccador pateta, pede a salvação da tua alma, despacha, aproveita tão bom piloto no temporal da sorte; ainda tens uma coisa para pedir.

—Pedirei ainda, ia já a esse tempo dizendo o Ambrosio, que, as sardinhas da Nazareth, sejam tão boas como as de Peniche!

E tendo-lhe concedido, Christo Nosso Senhor, mais esta graça, poz-se a caminho com os seus discipulos; e—desde aquella noite—a sardinha da Nazareth ficou para sempre saborosa e grande como a de Peniche!

*

—Drama por antonomasia, o pae dos dramas, um, que se representou no Salitre!

Na occasião em que o tyranno se arregaçava (moralmente fallando) para chacinar a victima, saltava das profundas de um alçapão um velho venerando de barbas brancas, que tinha mão no outro e lhe suspendia o ferro.

Era, mal comparada, tão arrepiativa scena para o pello como na Biblia o intervir do anjo no sacrificio de Abraham.

Caia o theatro com palmas.

O que ninguem sabia nem tratava de perguntar, era como haveria feito o barbas para apparecer ali tanto a talhe de foice; não queria o publico parecer abelhudo no tocante aos arcanos d'aquelle excellente ancião, que rebentava no palco como um cogumelo com o feitio da providencia!

Ia por deante a peça com o das barbas brancas sem lhe pedirem satisfações, até que, ao chegar do

desenlace, um personagem mais curioso perguntava-lhe, como agora se faz aos ministros novos, de onde vinham e que intenções eram as suas.

O publico estava, ali, pelo beiço, anhelante de curiosidade, com os olhos cravados no encanecido figurão: vae senão quando—dando um geito ao corpo e levantando um dedo para o ar—saia-se elle com estas palavras em tom de grande solemnidade:

—É um segredo, que hade acompanhar-me á campa!

E o publico em vez de quebrar os bancos, applaudia com ancia aquelle mysterio.

Havia gente, que voltava lá todas as noites, esperançada de que, alguma vez, elle dissesse quem era; mas, nada de novo!

O velho, levava, todas as noites, o segredo, para a campa.

Nunca se poude saber quem era aquelle velho, e a peça agradava cada vez mais!

Por aqui, por ali,... todos os dramas são isto.

*

Foi na quadra dos dias humidos de novembro, a mais triste e desoladora do anno, á mais assustadora para os desgraçados, que, um poeta inglez, que esteve em Lisboa, e por quem o velho duque de Palmella se interessava, compoz uma das canções de maior melancolia...

Chamava-se elle Thomaz Hood, e era um dos collaboradores do *Punch:* moço esbelto, vivamente aprehensivo; desconfiado, susceptivel no ultimo grau; evitava a sociedade, e, por melhor que o acolhessem, e se esforçassem todos por testemunhar-lhe agrado, havia n'elle como que um sentimento de esquivança, até para com os sorrisos e agrados do mundo.

De todas as suas composições a *Canção da camisa* é considerada a obra prima, e, dizem os criticos, que quando os economistas escreveram por aquella época—e Deus sabe que não escreveram pouco?—com respeito ás classes laboriosas, tudo se apagou na opinião publica, na estima e conceito do povo, deante d'esta canção, que agitou a Inglaterra, melhor e mais rapidamente que os pamphletos que por aquelle tempo choviam de todos os lados, ou do que os discursos mais eloquentes em favor das classes pobres.

A canção diz assim:

Já com as mãos cançadas, e os dedos gastos; escabeceando a cada instante, tendo os olhos a avermelharem-se e as palpebras a amortecerem; pucha sem cessar pela agulha e pela linha, uma pobre mulher assentada n'um banquinho e com o fato que tem no corpo todo roto e esfrangalhado.

Coser, coser, coser... Que assim lh'o exige a sua pobreza e a fome, a fome... E vae cantando sempre, suspirando e soluçando a *Canção da camisa*... Trabalhar, trabalhar, até que a cabeça largue a andar á roda.

Trabalhar até que se perturbe a vista e que os olhos já não possam mais. Costura, sobre costura, bainha, debrum, orla, listra... Trabalhar até cair adormecida sobre os botões e cozel-os a sonhar. Homens, homens, que tendes irmãs em casa, irmãs ás quaes quereis muito! Homens, que tendes mães e mulheres, não é panninho o que usaes e no vosso corpo consumis, não é panninho, não, é a vida humana!

Trabalhar, trabalhar... Coser, coser... Não ha parar nem descançar do meu trabalho: e que paga recebo d'isto? Dormir em cima da palha embrulhada em andrajos; um bocado de pão, um tecto velho, um quarto feio, uma mesa e um banco, e as paredes nuas, tão nuas que até agradeço á minha sombra quando a vejo cair por ellas...

Ah! respirar a doce primavera, ao menos, e vêr o céo por cima da minha cabeça e a relva a meus pés! Quem me dera por uma hora que fosse experimentar de novo o que senti antes de conhecer as torturas da necessidade, e o triste passear, que impede de ganhar para comer!

Não ter um momento abençoado para o amor e para a esperança, e só o tempo para amargurar a vida! Far-me-hia bem chorar, e aliviar-me-hiam o coração as lagrimas, mas devo recalcal-as e não as deixar sair porque me escurecem a vista, molham-me a linha, e retardam-me a agulha...

Ó morte! Porque penso em ti, phantasma descarnado, sem o teu aspecto me metter medo? É porque te pareces commigo, tu, com quem a fome me

fez parecida! Ó Deus! porque é o pão tão caro, e a carne humana por tão vil preço?

Dias antes de morrer e já doente, Thomaz Hood, conversava com alguns amigos. Riam todos muito. Elle pegou da penna e desenhou um mausoleusinho como que a brincar. Poz-lhe em cima uma estatua, que dava idéa da figura d'elle, por baixo poz-lhe o seu nome. Em seguida como epithafio escreveu este distico: *He sang the sang of the shirt*—«Cantou a canção da camisa».

Tanto o duque de Palmella, como o velho Alcalá Galiano, estimavam-o, e, este ultimo dizia ser elle o homem mais alegremente triste, que, o sól, havia alumiado, desde que havia gente.

*

A caldeirada ficou memoravel para um dos primeiros cantores do mundo, Tamberlik.

Tamberlik esteve em Lisboa no tempo da sua estreia, em S. Carlos.

Era muito moço, cantava divinamente, e ganhava uma bagatella.

Um engajador audaz, meio emprezario e meio amador, *dilletante* intelligente, com grande experiencia de theatro e fino gosto para a musica, adivinhou e sentiu n'elle o extraordinario cantor que ia ser.

N'uma noite ceiaram juntos depois do theatro; o *dilletante* havia preparado por sua mão uma caldeirada de sardinhas; Tamberlik nunca comêra d'isso.

A caldeirada estava estupenda, e era acompanhada de vinho do Rheno para fazer as honras devidas a um prato e a um tenor, de que não havia saber qual valesse mais.

Dois ou tres copos de Champagne, corôavam essa festa a *duo*.

Enthusiasmado das sardinhas, Tamberlik dizia ao *dilletante*.

—Que occulto dom possues, para fazeres um pitéu d'esta qualidade?

E o *dilletante*, levado tambem de enthusiasmo, e talvez impressionado de vêr que a remuneração que davam ao tenor de nenhum modo seguia na proporção as raras prendas d'elle, disse para Tamberlik:

—Gostas da minha caldeirada?

—Tenho por ella idolatria! respondeu o cantor, dando o *dó* de peito.

—Estimavas ter um cozinheiro, um *moço*, que te arranjasse muitas vezes d'isto?

—Seria fanatico por esse *moço!*...

Houve uma pausa de momento. O bastante para mudar de prato, e continuar com a caldeirada.

—Queres fugir commigo? disse o *dilletante* ao tenor. Ganhas em Lisboa uma miseria; e terias os theatros do mundo encantados de ti, logo que te oiçam! Eu devo partir esta madrugada; tenho as malas promptas: vem commigo para Italia, é preciso que cantes em Roma que é a tua terra, em Napoles, em Milão, em Paris, na America; é necessario que espantes o mundo inteiro e ganhes muito, immenso, tudo; um artista precisa viver bem, viver grande-

mente, esplendidamente! Vae á hospedaria buscar a tua mala; farte-hei, sempre que tu quizeres, uma caldeirada surprehendente; és o primeiro tenor do mundo! a sardinha é o primeiro peixe! eu sou o unico emprezario *dilletante!* O mundo espera-te, partamos!

No dia immediato, affixados os cartazes, e publicados os annuncios para a récita da noite, procurava-se Tamberlik...

Tamberlik não appareceu.

Tamberlik a essa hora, ia já longe de Lisboa.

*

De uma occasião em Paris, logo que Adelaide Borghi-Mamo ali chegára pela primeira vez, escripturada para a Grande Opera, e, estando, n'uma bella manhã, seu marido a almoçar, o creado annunciou-lhe uma visita.

—Que visita?

—Um estrangeiro! respondeu o criado.

—Que estrangeiro é?

—Não sei: não disse o nome...

—Velho ou moço?

—Meia idade; mais para velho...

—Italiano?

—Talvez.

—Hespanhol?

—Não, com certeza.

—Ar de emigrado?

—Alguma coisa d'isso.

—Emigrado . . . pobre?

—Está claro.

—Manda-o esperar.

E foi almoçando.

—D'ali a nada, o creado:

—Meu senhor?

—Que temos? perguntou Mamo.

—O homem parece-me allemão.

—Qual homem?

—O que está na sala.

—O emigrado? Deve ser italiano. Dá-me mais manteiga fresca. . .

E continuou a almoçar.

—Estes estrangeiros são triviaes em Paris! mastigava elle, com o pão e a manteiga. Custam-me sempre dinheiro. Não ha vel-os de graça. É como ir a um espectaculo, e pôr-lhes a vista em cima! Que boa manteiga, José! Ah! Pobres compatriotas!

—É boa, meu senhor? Ainda bem!

—A senhora ainda dorme?

—A criada Angela está á espera de que a senhora chame.

—Vae gostar muito d'esta manteiga! Tão boa ainda cá não veio. Ora, o massador do emigrado! Deixa-me ir despachal-o, esse interessante infeliz!

E preparou cinco francos para lh'os metter na mão á despedida.

Ao chegar á sala, o estrangeiro fez-lhe o seu cumprimento, e disse-lhe em voz submissa.

—Madame Borghi-Mamo?

Mamo ia dizer:

—Sou eu!

Mas, respondendo melhor:

—Madame Borghi-Mamo está ainda recolhida...

—Ah!

—Está; está ainda lá para o seu quarto. É cedo... São dez horas e meia, apenas...

—Peço perdão de haver escolhido esta hora...

—Não! Não tem duvida.

—Mas na minha impaciencia, e receando que mais tarde fosse ainda mais incerto ter a fortuna de encontral-a...

—Sim...

—Estava em Vienna qnando tive noticia de que vae estreiar-se pela *Favorita* ou pelo *Propheta*...

—É certo... Na Fidés do *Propheta*...

—Puz-me immediatamente a caminho e cheguei esta madrugada.

—De Vienna? retorquiu Mamo surprehendido.

—De Vienna.

—...A fim de...

—A fim de ouvir madame Borghi-Mamo.

Pausa.

—Que diabo de emigrado! pensou Micaelo Mamo. Vem de tão longe para ouvir minha mulher!

E, cortando a pausa:

—Desculpe a minha curiosidade, senhor, posso saber a quem tenho a honra de...

O outro poz-se em pé:

—Sou o Meyerbeer...—respondeu elle com um perfeito ar de humildade.

—Oh!!! Senhor!!! exclamou Mamo, suffocado em seu extasi, entropeçando n'uma cadeira e caindo, quasi sem falla, de joelhos, diante do illustre musico.

*

O Bragança, á simples idéa de massada, mudava de côr.

Não sabendo, de uma occasião, como supplicar, de longe, e por um signal, a uma senhora a quem não tivera a fortuna de ser apresentado, a graça de trocarem duas palavras ou acceitar-lhe uma carta, de noite, lembrou-se de levantar para o ar o dedo indicativo, muito seguro de que ella adivinharia que isso queria dizer uma hora da noite.

A essa hora, atravez do escuro e por entre o nocturno silencio amigo, elle foi; a janella permaneceu fechada.

Não o haviam adivinhado?

A idéa, então, de poder ser julgado massador com o achar-se ali pespegado, surgiu deante d'elle como um espectro, e por um triz que se não deitou ao mar.

Passaram-se dias, e vê elle que havia por lá um massador verdadeiro, que tinha a vantagem de ser visita d'aquella casa, e, nas praias, a titulo da familiaridade que ali se estabelece, lhe fazia visitas que não tinham fim.

Era effectivamente um massador sério. Sua sensaboria não era avaramente enthesourada; e a actividade productiva das suas caturreiras pretenciosas

—o peior modo de ser asno—não se cançava por se repartir.

Se a vida do justo deve ser uma canceira de todas as horas, ninguem mais diligente do que elle em tornar virtuoso o proximo. Pessoa com quem fallasse, punha-se logo com ares de concordar tão plenamente em tudo quanto elle dizia—a fim de abreviar—que, a não ser por querer dar signal de vida de vez em quando, dispensar-se-hia de mecher a lingua, para soltar uma só palavra que fosse!

O Bragança cada vez que olhava para os formosos cabellos da dama, negros e magnificos; e para os olhos d'ella, que tinham o segredo especial de parecer que iam a fechar-se, quando queriam vêr melhor alguem, verdadeiro encanto de o endoidecer, por mais sério e grave que elle se mostrava quando a via,—invejava a sorte d'esse massador que tinha a vantagem de a conhecer de perto.

Quando, por fim, alcançou a fortuna de lhe ser apresentado, disse-lhe logo uma quantidade de coisas com referencia aos massadores, que, com o tomarem-lhe o tempo, o privavam a elle de a avistar sequer; principalmente o tal . . .

—Conheço-o d'aqui, da praia, do banco onde nos sentamos antes de entrar na barraca!

—Elle tambem toma banhos?

—Creio que toma.

—Pobre mar!

—Porque, pobre mar?

—E' capaz de o seccar! Um banhista d'esses, tão *seccante*. . . na vida!

—E' muito cortez . . .

—Póde ser, mas é massador. Deveria estremecer-se em se lhe ouvindo pronunciar o nome, fugir em elle chegando, demorar-se a gente dentro d'agua para não o ter tão perto de si, nadar para o largo em elle saltando da prancha! E' perigoso.

—Qual perigoso!

—Cá me entendo.

N'esse mesmo dia o Bragança, fumando o seu charuto, e mergulhando em seus pensamentos, para não deixar de mergulhar algures, visto não mergulhar no Tejo, disse comsigo meditando: — E' preciso!

E, mettendo-se n'um carro, veio a Lisboa.

Logo que chegou, dirigiu-se a casa de um medico.

Bateu á porta e perguntou ao creado se era possivel fallar a esse doutor.

—Pois não! disse o creado. Faz v. ex.ª favor de entrar.

Ergueu-se o doutor da ampla cadeira em que estava sentado, e porque já conhecesse o Bragança exclamou:

—Olé! Meu excellente amigo! Então que é isso? O que temos? Por cá, meu caro?

O outro, principiou de palavra tardia, demorando-se-lhe a falla ao principio do discurso, semelhante ao gago, que, indo á botica buscar ipecacuenha, tantas vezes disse: — Ipe. . . ipe. . . ipe. . ., que o boticario levantou o braço para o ar e gritou:

—*Hurrhah!*

—Vejo que o caso é grave, disse o medico.

—Grave a valer, retorquiu Bragança, tranquillisando-se a pouco e pouco. Mas, para os grandes casos, os grandes doutores!

—Queira sentar-se. Mais perto; assim... Ora bem; vamos a saber! Insomnias? Alguma febrinha intermitente, d'estas que andam agora? Palpitações? Venha esse pulso!

—Perdão; quer dar-me licença de que seja eu que interrogue?

—Isso é systema novo, meu caro doente; mas emfim, está concedido.

—A massada é, scientificamente considerada, coisa perigosa, quando seja exercida com violencia sobre animos fracos?

O medico olhou para elle espantado...

—A massada?! balbuciou.

—Sim. Pergunto, se uma pessoa, que use, e abuse, de se tornar pesada, por sua presença e conversação, póde ter influencia perneciosa sobre o espirito de outrem?

—Essa agora?! exclamou o medico, recuando um pouco a cadeira.

—Póde, ou não póde?

—Talvez possa...

E, depois de reflectir:

—Pois, póde, sim; com certeza. Póde.

Bragança respirou.

—Excellente. Deseja-se agora saber, qual seja o mal, que possa d'ahi provir?

—Primeiro que tudo, o enfado, esse estado de torpôr, atonia physica e moral em que fica uma pessoa, sempre que fôr causticada com a monotonia do supplicio antigo, do pingo de agua em cima da cabeça, de bocadinho em bocadinho!

—Bravo!

—Logo depois, a exacerbação natural, a agitação do pulso, palpitações violentas...

—Viva!

—Em seguida, preocupação permanente, tédio profundo, mau estar insupportavel pela tortura de uma idéa fixa, humores negros, horisonte cerrado, noites agitadas, pesadelos crueis, idéa pavorosa de catastrophes, precepicios, abysmos, inesperadas e surprehendente desgraças, por todos os pontos e motivos imaginaveis...

—Magnifico!

—Entumecencias de figado, affecção do baço, hypertrophia do coração, securas do bofe, doença de espinha, amolecimento cerebral...

—Um abraço! Venha um grande abraço!

—Porque?! De que?!

—Queira escrever isso, que acaba de me dizer; — ou — para melhor regularidade — vou escrever eu as perguntas, e digne-se o meu sabio amigo lavrar a resposta, visto como esta consulta seja destinada a sair de Lisboa, enviando-a eu pelo correio para fóra da terra.

—Que original! dizia o doutor a rir. E' a primeira vez que...

—Acredito. Ora venha papel! Desculpe-me e

ature-me, doutor. V. ex.ª era medico da minha familia, v. ex.ª tirou-me a ferros!

E deitou-se-lhe nos braços.

—Tirei, tirei... dizia o medico; mas, o meu amigo, agora, parece ressentir-se um pouco d'aquella operação violenta! Essa cabeça...

—Está optima. Tudo isto é para satisfazer um pedido da provincia. Vamos.

—«Quaes os resultados que a massada constante, e, de algum modo, inevitavel na vida das praias, póde, quando excessiva e abusiva, originar?»—Eis a pergunta. Queira dar a consulta.

O doutor, escreveu, assignou, entregou-lhe o papel, e accrescentou rindo:

—Bem; vou jantar, e mais alegremente do que esperava; o que é devido a esta singularidade. Hoje jantam cá minhas irmãs, e vão divirtir-se com esta historia. Que original! Quer o meu amigo jantar comnosco? Não?! Pois dê cá um abraço, e vá em bem com o seu papel para fóra da terra! Adeus!

Passaram-se tres dias.

Na praia, o massador, sempre de rancho, ou em visita, horas e horas...

Quando o Bragança lá appareceu, foi dar com elle no mesmo banco, defronte d'ella, da dos bons cabellos...

—Tinha razão! diz essa senhora ao Bragança. Este homem é massador. Agora dou razão ao que me disse d'elle.

E, o Bragança, logo:

—Por quem é, minha senhora, escreva isso, e

assigne! Aqui está uma folha da minha carteira, e aqui está lapis. Dê-me essa ventura!

—Está n'isto a sua ventura?! exclama ella, rindo ás gargalhadas e escrevendo: — «O sr. *fulano* é, na minha opinião, um massador.» E assignou.

—Que alegria me dá! Que raio de luz!

Nada mais explicou; n'aquella manhã nada mais a tal respeito disse.

Mas, — o que d'ali surdiu!

No dia immediato o *massador,* segundo consta, foi chamado ao governo civil.

Intimaram-o ahi, se o boato não erra, para que, de uma vez pozesse ponto á perrice prolongada e teimosa da sua conversação, — semelhante ao instrumento de massar o linho, a que chamam massadora, e até, ás vezes, comparada em rijesa ao pilão cilindrico, peor que as maças de brigar, destinadas a darem solemnes sovas, do que as usadas pelos calceteiros para assentarem as calçadas.

O que significava isto? O que era pois o que se havia passado?

Nada mais simples.

Bragança munido da declaração do medico, e do abaixo assignado da banhista, havia ido prevenir a policia, a fim de que evitasse uma catastrophe eminente, e pozesse cobro a que o sorna, vaidoso, desapiedado, e temivel, dispondo de fecundos contingentes de estopada em praticas enfandonhas, aborrecidas, e eternas, estivesse assim attentando contra os dias d'aquella interessante senhora.

*

Ha um homem casado, que tem por costume fallar de rijo a dormir.

Sabe isso; e tolhe-o, esta pecha, de saborear á vontade as doçuras de uma soneca boa,—porque, apesar de ter poucas culpas no cartorio, receia descobrir, estando ao lado da esposa, alguns rasgõesinhos que possa ter feito nas escripturas nupciaes: *coups de canif,* como dizem os francezes.

O que fez? Imaginou uma «insidia.»

N'uma noite, em que a mulher estava accordada, fingiu elle dormir profundamente, e resmungou, como se fôra em sonhos:

—De ti, de ti é que eu gosto, morena! Morena! Morena, é por ti que eu morro! Therê... Therê... Theresa!

A mulher sentou-se logo na cama, e ficou pasmada. Elle fingiu acordar sobresaltado, e teve de responder sem demora a um vendaval de perguntas. Riu-se.

—Era brincadeira! disse. Fingi que sonhava, para te metter ferro!...

—Cuidas que sou tola!?

—Não tens nada d'isso. Mas levanta-te, que vou mostrar-te em cima da mesa de escripta, um papelinho em que has de lêr o que te disse. Queres vir?

—Vamos!

Foram; e, a senhora, julgou, pelos proprios olhos, da verdade, que se lhe affirmava.

N'uma d'estas ultimas noites, porém, estando elle a dormir e a sonhar deveras, sentiu sacudirem-o com ancia, e viu a mulher a rir.

—Perdes o teu tempo, meu riquinho! Escusas de estar a fingir namoros! Inventa outra coisa; essa já não serve!

*

O cavalheiro, apanhando da sorte a fortuna de ter mais um filho, e tendo ouvido fallar das vantagens do ar do campo, e de livrar um innocente do clima de Lisboa, e das brisas do Aterro, manda vir uma ama do Reguengo para lhe confiar o menino.

Chega a ama. Elle apresenta-a a sua esposa, ambos entendem que é uma bella ama, forte, rija, córada, sádia, ar casto e saude florescente...

Mas receiando que a insalubridade de Lisboa, lhe seja nociva, apressam-se em a expedir para os seus penates, depois de lhe darem de comer, e de ella fazer honra a um Porto velho que lhe dão a provar e de que ella escorrepicha a garrafa, em demonstração de ser muito bom,—circumstancia de que os conjuges tiram os melhores augurios para a saude de seu filho.

D'ali a quinze dias vem do Reguengo o almocreve e traz de presente uma linguiça (chouriço de carne e sangue) um pão de milho (roido dos ratos, na noite que o almocreve passou na estalagem) e uns bolos folares, temperados com azeite: dão-lhe cinco tostões, e mandam um casaco á ama.

D'ali a um mez o marido da ama, que andava com desejos de vir a Lisboa, vem saber se os senhores passam bem de saude. Offerecem-lhe a casa. Lá come, lá dorme, lá está dois dias, falla muito do menino, que está lindo, que é um amor, que se parece com o pae e com a mãe, — e leva uma libra para o caminho de ferro, até ás Caldas da Rainha.

—E d'ali para o Reguengo?

—E' um saltico; vae-se a pé que é um relampago; tomara-me eu já a ver o meu rico menino; se fôra filho da gente, não eramos capazes de lhe termos mais amisade...

Dão-lhe um chapeu, para elle, e um lenço de seda para a mulher—não querem violental-o convidando-o a que se domore,—mas elle, por bondade sua, fica mais dois dias, compra uns sapatos para a companheira, uma manta de cinto para si, —pagam-lhe isso, e dão muitas saudades, e beijos para o menino. Vae-se para o Reguengo.

A lembrança das bellezas da capital e de quanto são boas pessoas os *senhores*, conduz a ama a Lisboa, quando menos se espera.

Vem o menino.

—O que é isto? Isto é que é o meu filho?!

—Pois que havia de ser!?

—Tão feio!

—Isso é lá com a senhora. Ora está fina!

—Pois olhe, ama, já para lá não volta. Tem um anno de idade, já se póde desmamar... Coitadinho! Tão sujo do pescoço! As orelhas tão espetadas! Ai,

coitadinho, as perninhas estão tortas!... Ó ama, esta creança foi costumada a andar antes de tempo!

A ama, com enfado, ao menino:

—Olha, menino, d'antes entendia-me bem com os papásinhos, mas agora a modo que...

—Pois então, ama, sempre lhe digo que me é desagradavel que esteja como que a doutrinar o menino contra nós, e que o melhor é dar-se desde já por despedida...

A ama, deitando a vista para a meza, onde estão os restos do jantar, e sobremezas que ella considerava serem-lhe destinadas:

—Ai! Pelas cinco chagas de Christo, o meu rico menino!!..

Os senhores dão-lhe em generosidade o que já em agrado lhe recusam.

Vae-se a ama, choramingando, para o Reguengo.

O cavalheiro pae, nos primeiros dias, leva o seu extremo a vestir-se com trajes de ama campezina, para que o menino o tome pela ama, não estranhe Lisboa, e continue a julgar-se no Reguengo.

*

Houve em Lisboa um palmeador celebre, um Stark, que havia sido alfaiate, e abandonára as thesouras, em que aliás fôra eximio, para se consagrar todo á arte de applaudir, na qual veiu a mostrar-se de primeira força, assim nas palmas unidas, como nas de concha, e de estalo.

Tendo o grande poeta Castilho a sua cadeira a um canto da platéa superior, mesmo adeante d'esse palmeador formiduloso que lhe estrugia os ouvidos pelo estálido de suas manifestações estupendas, perguntava aos visinhos dos outros logares de cadeiras, no justo anceio de seus terrores e para conhecer se poderia estar socegado durante o primeiro acto, ao menos:

—Já veio esse Stark?

Estreiando-se em S. Carlos a cantora Gazaniga, — Marietta Gazaniga Malaspina, o grande Castilho enthusiasmou-se.

A *claque* estava pela Galli Marié, a mesma que veio a ser famosa na *Opera Comique* de Paris; e o poeta, revoltando-se contra o silencio injusto com que os contrarios se obstinavam a não applaudir essa artista, rompia todas as noites, elle proprio, n'uma palmaria brava, que era, ao mesmo tempo, como que uma sagração e um protesto.

Então, o Stark, quando chegava ao seu logar, e por amarga revendicta, perguntava aos visinhos da platéa geral:

—Já cá está esse Castilho?

*

Conta-se, no campo, o conto de certo sapo, que quiz, de uma occasião, comer um ovo, que vira adiante de si, mas não lhe poude quebrar a casca por não ter dentes. Scismou um instante, e trepou-

se n'uma arvore, atirando depois comsigo ao chão, a vêr, se, por aquella maneira, quebraria a casca ao ovo . . .

Effectivamente quebrou-a; mas, morreu.

*

Na vespera do concerto, a favor das Créches, em que cantou a Patti, que, expressamente para esse fim, viera de Madrid, chegou a Lisboa Augustus Spalding e foi hospedar-se no hotel Matta, na Avenida.

Esse cavalheiro inglez, com residencia no *Morpeth Terrace-Victoria Street* em Londres, onde quasi nunca pára, vinha em cumprimento á palavra dada, encontrar-se com o grupo viajeiro e acompanhar Nicolini e a Patti a Buenos-Ayres.

Parece que, de uma occasião, estando-se á meza, em Cray-y-nos-Castle, a Patti, espalhando a vista por Swansea Valley e scismando, dissera, pouco mais ou menos, a deitar contas á sua vida:

—Janeiro em Lisboa, fevereiro em Madrid, março no mar, abril em Buenos-Ayres, maio no Rio de Janeiro... O que devia fazer, uma vez que viaja tanto, Spalding, era vir comnosco!

Spalding, com o seu melhor sorriso, respondeu singelamente:

—Irei!

Dito isso, era, exactamente, como se o inglez ficasse inscripto no livro como devedor.

De Lisboa, Nicolini escreveu-lhe: — «Embarcamos a 7 de março»: no dia 3, Spalding chegou a Lisboa, e appareceu no Matta, fresco como um cravo.

—Eis-me aqui! em Lisboa, ha tres quartos de hora! Indo tomar passagem no *Congo*, disseram-me, na agencia, haver-se já Nicolini occupado d'isso... Corri ao theatro de S. Carlos, com o fim de tomar bilhete para o concerto...

—E não achou.

—Não achei...

—Cede-lhe amavelmente a sua cadeira o sr. Carlos Eugenio de Almeida...

Spalding provavelmente, disse:

All rigt!

E, almoçaram com um appetite apenas comparavel ao bom humor em que se achavam.

Todos os dias, das duas ás quatro horas, a Patti passeava. Ia, de umas vezes a Queluz, de outras vezes a Algés.

O costume era,—tão depressa chegava a um sitio, que, desde a primeira vez em que ali fôra, considerára extremo limite do seu passeio de carruagem, —deixar o trem...

No mesmo logar...

Sempre no mesmo logar: o methodo para ella é condição primaz...

E, contente de se apear,—*ou de meter o pé na terra*, como se expressava um traductor—corria durante um pedacinho pela estrada.

A Patti tem um cãozinho; raça ingleza, fina e

loira—sem semelhança, honra lhe seja, com os cães de ratos; mas sem se chegar tambem da nobreza elegante dos de raposas, os *fox—terrier's:—Riqui,* chamado.

E' uma especie de galgosinho, que vive de beber leite, comer sopas de peixe ou de gallinha e ouvir cantar.

Riqui, é, como a gente diz, o tudo d'ella.

De manhã, quando Nicolini, ficando ainda a deusa a dormir, emprehendia a sua girata antes de almoço, em companhia de sua gentil sobrinha Carlota —Carlina lhe chamavam mais docemente—filha de um irmão da excepcional cantora, Carlos Patti— não sabem o que elles iam fazer?

Iam passear *Riqui.*

Sahiam da hospedaria ás nove horas: passeavam o cão até ás dez; ás dez, voltavam a pôl-o em casa; e, para satisfação propria, seguia Nicolini até ao mercado da Praça da Figueira, percorria a rua do peixe n'uma biatitude de extasi comtemplativo, comprava camarões grandes, e dois *bouquets:* os *bouquets,* eram, um para Adelina, para Carlina o outro: os camarões, para elle e para *Riqui,* n'uma divisão de partilhas sensivelmente desegual: um, para *Riqui,* vinte e tres para elle.

Pelo dia adiante, *Riqui* e a Patti, a Patti e *Riqui,* não se separavam mais.

Ficava ella todo o dia em casa, porque o tempo estivesse aspero, ou porque n'essa noite devesse cantar?

Riqui, estaria ao seu lado . . .

Na sala, emquanto se conversasse...

No boudoir, emquanto ella estivesse a ouvir lêr...

Assistindo ás refeições, emquanto ella almoçava ou jantava...

Ao seu cóllo, se iam de carruagem...

Passeando juntos, a pé, ao ar livre, nas horas de Algés ou de Queluz...

Perder-se o cão, seria a peior das catastrophes. Evitava-se com horror pensar n'isso...

Com o chegar Spalding a Lisboa, era de rigor, porém, passear tambem Spalding.

O amavel *gentleman* costumava em Inglaterra ser um dos companheiros, o mais estimado, porventura, das caçadas, que emprehendiam frequentemente o famoso tenor e a celebre *virtuose.*

Riqui, porém, que não costumava ir ás caçadas, não se désse o caso de que algum bicho o comesse, viu pela primeira vez Spalding, no dia da chegada d'elle a Lisboa, por occasião de irem, todos, depois do almoço, passear.

Viu-o, e estranhou...

É um formidavel *gentleman*, Spalding; safa! Seis pés inglezes de altura. Dois pés inglezes para andar (que davam bem seis... para outras pessoas)...

Com cada uma das mãos d'elle—aliás brancas e cuidadas com esmero, poderia um contrabandista passar agilmente um presunto, ás portas, escondendo-o na palma e por de traz dos dedos, sem que o diabo désse por tal.

Olhinhos claros com certo brilho de loiça...

E grandes ares de um natural tranquillo e de costumes simplices, apesar da existencia movediça e da inquietação viajadora em que tem levado os seus dias de perigrinante tomando nota, a lapis, das excellencias e superioridades que encontrava, um bom vinho do Porto, uma qualidade primaz de bom café; com a mesma serenidade e galhardia com que os ia bebendo:... *eôdem animo quo bellavit,* segundo a phrase celebre.

Como disposição de espirito, não póde haver um inglez maior; e como tamanho... tambem não

Isto foi o que espantou *Riqui,* quando o viu tirar-se da carruagem e surprehender a natureza pela facundia da sua presença.

É um delicado, Spalding: affavel sincero; malicioso com gravidade, em certos momentos dados:— e musical o maganão do *torista,* que anda pelo mundo todo, como nós por nossa casa, indo sempre, de preferencia, para onde estiver a Patti, n'uma especie de desmentido perpetuo aos que negam sensibilidade musical aos inglezes—comquanto elles respondam a essa censura pelo culto tradiccional em que vivem para com as obras severas, religiosas e classicas dos velhos mestres, seus compatriotas, do seculo XV, XVI, XVII, e pelo bem que sabem entender-se com o estylo em que escreveram os Morley, os Gibbons, e os Parnell...

O peor foi, que *Riqui,* sem querer saber de nada d'isto, nem ver n'aquelle cavalheiro, além de um *gentleman,* um exemplar magnifico dos grandes discipulos das massas vocaes, estonteou-se e largou a

correr; como se avistasse n'elle, não direi, sequer, um côro;— um *festival*.

Na meia hora de liberdade, que lhe era dado disfructar na estrada, brincando, pulando, saltitando, nunca *Riqui*, abusára; depois de correr o seu pedacinho, para um lado, para o outro; n'um giro de voltas attenciosas, para a Patti e para Nicolini, por igual amavel para com aquelle que o passeava nas manhãs de dia da recita, e para aquella que, ao cóllo, e de carruagem, o levava á rua, guardando-o comsigo nos dias em que, por ter de cantar, não sahisse ella propria: accomodava-se com as resoluções subitaneas de um e do outro...

—Corre, *Riqui*.

Corria.

—Vem cá *Riqui!?*

Voltava.

O inglez, porém, perturbára-o, e, tresloucado, *Riqui*, correu um pouco mais que de costume.

Quiz Nicolini ir-lhe no encalço, e Spalding, amavel, adeantou-se, no empenho de o levar ao regaço da deusa, que, desassoçegada já,

> Corre raivosa e freme e com bramidos
> Os montes Sete Irmãos atrôa e abala...

O mesmo foi, isso, que se pozessem azas ao galgo. Accelerou a corrida, com o pressentir que o seguiam de perto; a Patti irrompeu de carreira; Nicolini desprendeu a voz, em que ha ainda algumas das vibrantes notas, que fizeram com que, em tempo, meio calado o Tamberlik, elle fosse, com o

Mario, e o Naudin, um dos tres primeiros tenores do mundo; Spalding, galgou um combro, com a pujança gigantesca de Pichrócolo, e, *tique, tique, tique, Riqui* desappareceu nos campos.

Seguiram-o, elles, precipitadamente, chamando-o, gritando; e, quanto mais gritavam, quanto mais corriam, a carreira de *Riqui* mais veloz era...

O campo estava deserto.

Não havia trabalhos de nenhuma especie; nem sacha, nem monda, nem lagarta, nem vindima...

Uma arribanasita, no alto de uma fazenda; um moinho, que se contentava com o sôpro de um pobre zephiro; terras de semeadura, barrancos, oiteiros entre as chãs, um riachosito; caminhos pessimos, a serpentearem em monticulos; e, na baixa, umas poucas de casinhas brancas...

Pela porta de uma d'ellas, sempre correndo, entrou, *Riqui,* pelo excellente motivo de a encontrar aberta de par em par: e, é inutil dizermos que, o mesmo, fizeram os seus perseguidores amigos.

Subido um degrau de pedra do patamar, trepava-se uma escada muito estreita, e entrava-se para uma saleta onde havia um canapé, um bahu, duas cadeiras, e uma gaiola vasia.

Morava ali um padre, que, muito sereno, estava fazendo as suas rezas; e a creada, sobresaltada, de vêr entrar-lhe pela casa dentro uma especie de batalha de Ramazano, de cão á frente, ia abrir a janella e gritar, quando a Patti lhe fez perceber que se tratava apenas de agarrar *Riqui.*

O jubilo, porém, de o haverem apanhado, e a

canceira em que estavam da velocissima corrida em que haviam ido, levou-os a sentarem-se; a Patti de cãosinho ao cóllo, n'uma cadeira; Nicolini n'outra; Spalding no bahu; — e, a creada, para serenar do susto, d'aquella incursão repentina, como que hostil e de tropas em paiz inimigo, no canapé.

Quando o padre appareceu na sala e deu com este presepio, considerando-se dispensado de lhes offerecer que se sentassem, estacou á porta, esbogalhando os olhos...

Levantaram-se todos, desculpando-se, com o explicarem, conforme poderam, o que lhes havia acontecido, e pedindo para beberem agua e descançarem por alguns momentos.

O padre foi dentro, e voltou d'ahi a nada com uma bandeja de velho xarão, uma garrafa de vinho branco, uns especiones.

—É o que tenho em casa! disse. Nada, mais insignificante, do que estes bolinhos, bem sei; mas são frescos, foram feitos esta manhã pela Joaquina —a minha pobre Joaquina, que tão assustada ficou por não esperar...

— Crédo! exclamou a criada. E, ainda estou, n'uma convulsão... Ora, se ha! Semelhante corredura!

—Pelo que respeita ao vinho, proseguiu o padre sorrindo, de boa vontade, por esse, respondo eu... É o das missas!

A Patti que falla admiravelmente as linguas, disse-lhe, em hespanhol, não poder consentir-lhe o animo, o vêl-o encommodar-se tanto por causa

d'ella, e que, apenas, lhe supplicava, deixal-a descançar ainda um pouco mais.

—Pelo amor de Deus! retorquiu o sacerdote; como que implorando, que, o não privassem, do gosto de prestar aquelles serviços. D'aqui a nada será noite, é o que me está dando cuidado...

Comeram, todos, dos especiones: e o proprio *Riqui*, se refez, da caminhada lambiscando dois. A Patti estava tão contente, que, bebeu do vinho das missas, entre dois gorgeios com que desprendeu a voz, n'uma especie de agradecimento a Deus e ao padre, por tudo haver chegado a bom fim.

Depois, apertando-lhe affectuosamente a mão, a Patti, Nicolini, e Spalding, despediram-se; não sem um acompanhamento de grunhidos risonhos de *Riqui*, que, por igual, parecia agradecer. E, em passo lépido e alegre, voltaram, ao sitio, onde os estava esperando a carruagem; e regressaram a Lisboa, ao hotel da Avenida.

—Livra! apostrophou a creada.

Eram figuras de infundir espanto!

—Ó Joaquina, vocemecê reparou que lindas modulações de voz?

Sem ares de haver poisado sufficientemente o pé no nosso sólo, para assentar de todo bem o monumento de saudades, que se guardasse d'ella, esta filha do sonho e da phantasia logrou, no emtanto, sem sair da atmosphera que lhe compete, entre o real e o imaginario, a meio caminho do céo, que, dos seus labios, sahissem, notas em tanta maneira penetrantes, que, jámais, no nosso

tempo, nunca n'este mundo, alguem as tivesse ouvido assim.

—Que linda vóz! considerou, de novo, detidamente, o padre.

E, por muitas vezes, sem poder apagar a lembrança d'aquella meia hora de conversação scintillante e alada: d'aquelle espirito, sempre mobil; do brilho, picante, de palavra a tempo; da veia fertil, de modos de vêr, que se não esperem; das coisas que ella contava—e como as conta bem!—que ora parecem graças, ora lendas; scismava, quem seria, quem poderia ser, aquella mulher do cãosinho.

Na vespera do dia da partida d'ella, Spalding foi, d'esta vez sósinho, bater áquella porta, que, primeiro, haviam encontrado aberta, e por onde *Riqui* entrára; e entregou á Joaquina um papeliço.

Quando o padre chegou a casa, disse-lhe ella:

—Veio cá um dos tres da corredura!

Trouxe-lhe isto. Pegue... Ahi tem!

Elle abriu-o.

Era um retrato.

Obrigada, escrevia-lhe, n'esse retrato, a Patti, *por mim e pelo Riqui...*

*

Esteve em tempos na hospedaria dos *Irmãos Unidos,* um gigante minhoto, visinho de quarto do famoso José Passos. Indo de uma vez Passos Manuel visitar seu irmão José, disse-lhe este:

—Queres tu vêr o gigante? Vamos ao quarto d'elle; anda cá.

Foram. Estava o gigante deitado e com as pernas encolhidas.

Passos Manuel, que era o homem de mais primorosa cortezia que tem existido, apressou-se em dizer-lhe logo da porta:

—Faz favor de não se encommodar!

Depois, entre outras coisas, que vieram a proposito na conversação, perguntou se elle não estranhava ser d'aquelle tamanho.

—Por mim não seria a duvida, respondeu-lhe o minhoto; costumar-me-hia, com tanto que os outros tambem se costumassem a vêr-me. Mas, isto de eu não caber na cama, é o que faz com que me seja difficil não estranhar.

*

Na noite do beneficio da Zamacois, deu-me noticia o porteiro de querer ella fallar-me. Corro ao palco, no instante em que ella sahia do camarim, com pressa para entrar em scena: de corrida me diz, n'um hespanhol de que percebi menos do que seria para desejar, umas coisas a qual d'ellas mais rapida:

—*Mañana... un batisão... Cáes de Sodré... medio dia... No falte usted... Adios, me voy...*

—No Cáes do Sodré! scismei. Um baptisado no Cáes do Sodré... E a egreja? Que é da egreja, no Cáes do Sodré?!

No dia immediato, com a minha casaca, providencialmente occulta ás vistas por um paletósito, como quem lança um véu sobre um segredo, ao meio dia, no Cáes do Sodré, lá estava eu.

Chega a Zamacois, n'um ranchinho de mais tres pessoas.

—Ah! Bravo! Vamos! Bravissimo!

E, feitos os cumprimentos, dirigimo-nos todos para o cáes, ao ponto de já não haver diante de nós senão a escadaria de pedra e o Tejo.

—Para onde nos encaminhamos?

—*A el otro lado del rio!* responderam elles alegremente.

—A creança está na Outra-banda?

—Creança?!!

—Não estamos aqui para um baptisado?!

Era effectivamente um baptisado, mas de um... bote. Um bote novo, que ia chamar-se Zamacois.

*

S. Pedro passa na tradicção popular por haver sempre sido muito distraido, e chega a referir-se, que, de uma occasião, lhe dissera Jesus:

—Heide dar-te um cavallo, se repetires, uma vez que seja, o Padre Nosso sem te distraires.

Principiou S. Pedro a recitar. De repente, interrompendo-se:

—Senhor! E o cavallo hade vir já com os arreios, ou em pêlo?

—Agora, respondeu-lhe Jesus, nem com arreios nem sem elles!...

Muito distraido...

*

Contava o velho visconde de Balsemão que, o povo inglez quebrara os vidros a lord Wellington; e que passado tempo, principiou a ir, no dia em que elle fazia annos applaudil-o defronte do seu palacio. O lord, porém, nunca mais havia mandado pôr os vidros n'uma das janellas, para não poder esquecer-se; e era sempre d'aquella janella, que ia agradecer esses favores como quem dissesse:

—Vocês são os mesmos que me quebraram os vidros!

Obrigado por tudo!

*

Em Italia ha, pelo anno adiante, uma revista permanente dos casos e das idéas. Têem lá duas estatuas, uma de Pasquino, e a outra de Marforio, que fazem as vezes de revista do anno. Passa um sujeito, um homem qualquer, o primeiro que aconteça, e escreve na estatua de Marforio uma pergunta. No dia immediato, outro homem que ninguem saiba quem seja, inscreve a resposta no pedestal de Pasquino. Equivale, por escripto, aos

chistes e allusões da revista de theatro entre nós. O Marforio não faz senão perguntar coisas ao Pasquino, e o Pasquino tudo é responder-lhe com pilheria.

O povo lê a pergunta de um, e larga pernas ao caminho para ir buscar a resposta do outro. Os casos de cada dia sempre se incumbem mais ou menos de dar assumpto á veia dos dois patuscos. Dizem as coisas com a reserva graciosa de dois finorios e dão-lhe para diante com um *Pacienza, signor Marforio, pacienza!* Pasquino é a voz do povo. Precisam-se por cá duas estatuas d'essas...

*

Estava um barbeiro de aldeia, na sua lojinha, a fazer a barba a um freguez.

—A navalha faz doer?

—Não.

—Então posso continuar...

—Está claro.

N'isto escurece tudo.

—Claro não está, diz o barbeiro. Escureceu de repente!

—É verdade! exclama o freguez.

O barbeiro suspende a navalha, olha pasmado para tudo que o cerca, depois vem á porta, reconhece que se está dando um eclipse, e pondera no tom de maior gravidade:

—Ora esta!...

—O que é! pergunta o freguez.

—Extraordinario! Isto é extraordinario!...

—O que?

—Um eclipse... n'uma tão pequena localidade!!!

*

Contava o Rodrigo da Fonseca Magalhães, que, a um deputado que costumava seccal-o nos corredores da camara, agarrando-o pela fato, puxando-lhe pelos botões, pela góla, pela manga, a fallar-lhe sempre no Palmerston, retorquira elle n'uma occasião:

—O meu amigo não admira mais o Palmerston, do que eu! Basta aquelle sublime pensamento d'elle, a melhor de todas as idéas que tem havido no mundo!

—Qual pensamento?

—De que nunca devemos agarrar outrem pelo botão do casaco para o obrigarmos a ouvir-nos, e que, em as pessoas não estando dispostas a isso, convem callar-se uma pessoa...

*

Em Lisboa ha sempre gêlo á venda... menos em fazendo grande calor.

O calor a apertar, e adeus gêlo!

Um cavalheiro, a quem a sua situação obriga a

viver com largueza, tem todas as quintas feiras dois ou tres amigos a jantar.

Jantar bom, variado, bem servido, abundante, lauto...

Ha tres quintas feiras que elle á mesa nem prova o vinho.

E entretanto o vinho é bom.

É um Collaresito temperado com moderação, e não tendo de Torres senão pouco mais de metade: excellente Collares.

Têem sido um pouco tristes os festins n'estas ultimas quintas feiras, devido isso principalmente á circumstancia de ser chamado o dono da casa de cinco em cinco minutos pelo criado que lhe vem dizer:

—Está lá fóra um pretendente, que deseja fallar a v. ex.ª

—Ora! que massada!

E ahi se levanta elle, suspirando, de guardanapo na mão.

D'ali a nada volta muito satisfeito, como quem acabou de fazer uma boa acção.

Os convivas scismam...

Um d'elles, pasmado de ver o seu amigo tão caritativo, resolveu esclarecer o mysterio d'aquellas esmolas periodicas, e tão depressa o creado fechou a porta, depois de haver annunciado novo pobresinho, correu elle atraz do dono da casa a pretexto de tambem concorrer com o seu óbolo e participar das bençãos da gratidão.

Participou!

A differença foi unicamente que, em vez de dar, recebeu...

Recebeu um magnifico copo de vinho com gêlo, que o dono da casa ia beber á saleta, emquanto os seus convidados bebiam vinho com agua morna...

Não podia nunca alcançar senão meio tostão de gêlo e reservava-o para si!...

*

Foi-me contado isto por Marques Pereira, procurador dos negocios syndicos em Macau, a uma janella do Hotel Brazileiro, no Cáes do Sodré, n'um dia em que se passava revista ás tropas:

—Exemplo da cortezia china; suppõe tu um pae encontrando outro pae!

—Agora mesmo tive o gosto supremo de vêr a sua fina bibliotheca de filho, na companhia do seu riquissimo colar de perolas de preciosa filha. Vão bem como parecem?

—Optimos. Esse meu cão de filho, e essa minha gata, não menos cachorra, de filha, têem uma saude que é de se admirar...

*

Havia concerto no Casino, e um cassoista encontrou, no largo, um calça de couro do seu conhecimento, que vinha a Lisboa de tempos a tempos, e

passava na sua terra por ser, como dizem os hespanhoes, um *caballero principal*.

—Que casa é esta para onde vae o amigo? perguntou-lhe o calça de couro.

—O Casino.

—Aqui é que tem logar as conferencias de que tenho ouvido fallar?

—É aqui mesmo.

—Pois vou vêr isso.

Não largou mais o outro. Queria que elle lhe dissesse o nome de toda a gente, e, tanto insistiu, que este, para o disfructar, fez, de memoria, uma escolha de contemporaneos illustres, e, designando os concertistas amadores que se achavam no palco para cantarem, deslumbrou aquelle figurão, nomeando a eito todas as nossas glorias.

De repente, aquelles amadores largaram a cantar um côro com perfeição inexcedivel...

—Elles cantam?!

—Cantam. Não ouve?!

E ainda hoje está persuadido, que ouviu cantar os conferenciadores.

*

O marechal tinha um conhecido, que lhe dizia de uma occasião:

—Ah! marechal! Feliz marechal! Tudo tem, tudo conseguiu! Boa casa, boa carruagem, bons cavallos, uma libré verde, feia em tanto extremo que

não se confunde, boa consideração, bons agulhetas, boa gloria... Feliz! Feliz!...

O marechal respondeu-lhe:

—Faz gosto de ter a mesma coisa?

—Oh! Quem déra!

—Nada mais simples.

—E então?

—E então vá lá baixo ao pateo, deixe-se lá estar um bocado, em quanto eu mando postar dois soldados a cada janella para fazerem fogo; se escapar ás balas, dou-lhe tudo o que quizer. Assim foi que eu alcancei isto; não foi de outro modo!

*

Esteve em Lisboa por muitos annos um inglez, Andrews chamado, que se recreava ás vezes em referir as astucias pacovias com que intentavam induzil-o em erro. Querendo elle, por exemplo, de uma occasião, um gato, para evitar que os ratos lhe dessem cabo dos papeis, vira-se obrigado a comprar um, visto como, apesar de ser costume entre nós não se levar dinheiro a ninguem por lhe dar um gato, a elle, inglez e rico, ninguem lh'os queria dar de graça...

—Quanto é? perguntou a um gordo taberneiro, n'um dia em que, indo por uma rua, viu um gatinho á porta de uma taberna.

O taberneiro mediu-o todo.

—Tres quartinhos!

—Isto não é gato francez! retorquiu Andrews.

—É para melhor. Melhor que isto nunca *xe biu!* replicou o gallego.

—Elle que idade tem?

—Nasceu pelo mez da feira do campo, *bamos* em maio, deite-lhe as contas.

—Já lhe não póde crescer o pêllo.

—É capaz de crescer-lhe, basta que eu lh'o diga!

*

Porque, em pequenita, o maior gosto d'ella fosse acompanhar com a voz as pancadas de um relogio de parede, que havia em casa, um d'aquelles antigos e grandes relogios chamados de caixa, puzera-lhe a familia, por brincadeira, a alcunha da Ti-ki-ni.

O nome d'ella é... Deixemos. É melhor ficarmos chamando-lhe como em pequena a tratavam... Ti-ki-ni.

Nunca o sól illuminou mais alegre creaturinha, nem houve ainda pintor que conseguisse toques mais finos que as duas pregas pequeninas, que se lhe desenhavam nas faces quando ella ria.

Apparentou-lhe sempre o seu genio travesso um quê de diabrete; quebrar por gosto, rasgar para se entreter: demonio bom,—e mais vale isso do que anjo mau. Cresceu-me deante dos olhos...

De domingo para domingo, fazia differença na altura. Com que ufania nos contou, de uma occasião, haver feito a bainha da sáia mais estreita, para o vestido ficar mais comprido!

N'uma bella manhã, encontrando-a no Chiado, disse-me sorrindo.

—Caso-me ámanhã.

E apertando-me a mão, que, extatico, eu lhe abandonára, entrou para uma modista pulando de alegria.

D'ali a tempo encontrei-a n'um baile. O marido cavalheirão de provincia, agradavel homem, que eu já conhecia, conversava com um rapaz loiro, que fazia versos; em seguida o rapaz loiro, que fazia versos, foi valsar com Ti-ki-ni.

O marido perguntou-me:

—Quem é este Lucio?

—Foi-lhe apresentado esta noite? Pois, olhe, não o conhece menos do que eu, que lhe fallo ha uns poucos de annos!

O Lucio, pelo fim da noite, pareceu-me um homem contente de si e do mundo.

—Que tagarela, a minha valsista de ainda agora! Moeu-me o espirito e a palavra! Falla tudo, falla mais que sempre. Eu, de mais a mais, não tenho o talento de saber estar de ouvido á escuta. O seu amigo Gonçalo, (era o nome do marido de Ti-ki-ni), casou com um monologo!...

As raparigas mudam tão subitamente de indole quando vão de repente para o mundo, que, não estranhei, que uma pequena que eu conhecera modesta, sem ambições a preciosa de salão, e engraçadinha na sua simplicidade, houvesse em dois ou tres mezes, que eu a não vira, passado por uma tal metamorphose. Tive vontade de ir contar-lhe o

que me tinham dito, para que avaliasse ao que se expunham os seus novos talentos de loquacidade.

Tornou a passar-se tempo. Em Cintra, no hotel Lawrence, em fins de março, tive o gosto de encontral-a.

Cintra não parecia ainda o sitio caracteristico do verão elegante, por não haver chegado a quadra propria; mas, a natureza estava um encanto. Em Collares não se recreava na varzea nenhuma das formosuras de Lisboa a gravar com os bicos de uma thesoura, um nome ou uma data, na casca do olmeiro: nem a varzea estava já cheia, nem o bote estava lá ainda; aquelle logar encantador achava-se entregue á melancólica serenidade da sua solidão; a aragem baloiçava brandamente os ramos, e a côr verde d'elles parecia fallar das felicidades que deveriam vir.

—Que insipidez! disse-me Ti-ki-ni, com o seu sorriso singelo e bom, mas mais languido, como que menos alegre, que o d'outr'ora.

O marido, excellente homem, mas esperto, temido mais que em casa, temido em Lisboa, temido na provincia, levemente mysantropo, mas amavel um quarto de hora por dia, estava nos primeiros cinco minutos d'esse favor quotidiano.

—Vae buscar o album! disse-lhe elle. Não deixes escapar este forasteiro, costumado por cortezia e vocação a taes tributos.

—Está muito pobresinho, disse-me Ti-ki-ni ao entregar-me o album; tem quasi todas as folhas em branco; a mesma miseria d'elle lhe dá direito de

imposto, aos que possam dar a esmola do espirito. Não seja avarento; escreva bastante: os ricos não devem ser mesquinhos. Ha dois mezes que tenho esse album, e não conta ainda senão uma pagina escripta; tudo o mais são desenhos, e plantas. Se os senhores escriptores se fizessem rebeldes n'este verão, acabaremos de o encher meu marido e eu. Não é assim Gonçalo? Faremos versos um ao outro!

E, dando um salto para chegar ás barbas do marido, pareceu pendurar-se a ellas, alegremente, em quanto elle, homemzarrão valente, lhe formava um collar com os braços.

Fui para o meu quarto encantado de os vêr. Invejavel sorte, a d'aquelle Gonçalo: — ser amado aos quarenta annos por quem tem quinze!

Abri o album: alguns desenhos apenas, effectivamente; e umas plantas seccas, coladas nas folhas; depois, como ella propria o dissera, uma só pagina escripta: — ... «amor com azas de chamma... corpo de luz no infinito e na eternidade como a ave no ar...» — Coisas d'estas, estapafurdias: — «a terra a estender os braços para o céo... o céo a olhar para a terra pelos olhos de uma mulher...» — Por baixo da ultima linha, o nome do tal Lucio.

Fiquei attonito. Que havia elle feito da vehemencia de apostrophes, d'aquella noite do baile, em que tão molesto se mostrára do estabalhoamento da tagarella? A pagina estava datada de Cintra, e da vespera.

Ratão do Lucio!

Os homens achavam-o insipido, as senhoras diziam-o sympathico.

Pelos modos dava-se bem assim.

Insinuava-se no espirito das pessoas, *caracterisando o seu caracter* conforme os gostos.

A serpente tem uma pelle só, elle tinha umas poucas, mudava-as quando queria.

De manhã, quando abri a janella para vêr a serra, que principiava a doirar-se pelos primeiros raios do sól, avistei, quasi ao meu lado, no terraço, o Lucio, embrulhado n'uma manta, fumando tranquillamente o charuto madrugador.

—Olá! sr. Lucio!

—Em Cintra, tão cedo! exclamou elle.

—Sete horas da manhã.

—Que cedo, para Cintra, queria eu dizer.

—Mas assim mesmo, já cá o encontro.

—Doente! disse-me. Vim espairecer. Quer alguma coisa para Lisboa?

—Vae hoje?

—Vou agora. Ahi chega o trem.

Desceu, e, ao entrar para a carruagem, erguendo a vista para o hotel:

—Sempre d'aqui se levam saudades. Que pena, não estar Cintra em toda a parte!

Fiquei um instante a olhar para o caleche que o conduzia, e para uma camelia que cahira de cima, na occasião em que Lucio ia a sair do portão. Parecêra-me ouvir fechar uma janella.

Á hora do almoço, entreguei o album a Ti-ki-ni.

Disse-me estar contrariada porque sua irmã, n'uma carta, que acabava de receber, lhe dizia estar doente. Ia apartar-se das sestas dos Pisões e das tardes no castanheiro.

Voltaram para Lisboa.

Um d'aquelles garotos que acompanham, sem ninguem os chamar, as burricadas á Peninha, e vão buscar cruzinhas de pedra e uns ramitos de florinhas, appareceu á porta, de barrete na mão, a fazer a classica pergunta:

—Os senhores hão de querer levar um ramo de camelias?

—Não, respondeu Ti-ki-ni.

—São tão bonitas, todas raiadas!

—Não! respondeu ella.

—Raiada vi eu uma ainda agora, que caíu das mãos de alguem, n'uma d'estas janellas!

Pareceu-me que ella se fez córada.

—Talvez de uma d'essas meninas inglezas que cá estão... —retorquiu.

—Provavelmente.

Partiram depois de almoço.

A irmã de Ti-ki-ni era uma menina alta e delgada, que parecia não ter mais de dezeseis annos e tinha vinte.

Só grandes dôres poderiam abater a sua gentil fronte inspirada.

Não havia n'este mundo mais bella e sympathica mulher.

Rica, formosa, educada com os mil esmeros de uma mãe ternissima, era, todavia, triste, e não

havia perceber porque motivo teria Deus distanciado tanto o caracter d'aquellas duas irmãs.

Quando Gonçalo fôra apresentado á mãe, não tinha visto ainda nenhuma das pequenas.

Eram herdeiras de bom nome e de bons haveres.

Disse-se na sociedade que elle pensára n'isto principalmente; o que é certo, é que, a sua sympathia pela preferida, não ia tão longe, que elle se não visse obrigado a dizer, a um juiz, grande amigo da casa:

—Escolhe-me uma d'ellas; é me igual uma ou outra; quem é que differenceia os anjos?

—Os anjos das salas, retorquiu-lhe o juiz, tornam-se ás vezes em demonios do lar domestico. Que idade tens tu, Mathusalem?

—Quarenta e um.

—Salvo o erro.

—A que vem essa pergunta?

—Para esta resposta, — uma tem vinte annos e a outra quinze. Olha que é asneira, Gonçalo!

—Melhor para ti, evita-te caíres n'outra semelhante. Deixa-me ser tolo ao meu modo: os tolos prestam serviços á sociedade, encarregando-se de fazer disparates, que talvez estivessem reservados para os que têem juizo.

O juiz tratou de insinuar Gonçalo no animo das duas meninas. A mais velha deixou logo caír esta phrase:

—Grosseiro homem.

O juiz, vendo a antipathia d'essa, tratou de captar a sympathia da outra.

—Parece que se ajustam as guerras de coração na sombra e na distancia! acudiu elle.

—Porquê? perguntaram ambas.

—Porque o Gonçalo, respondeu o juiz a rir, não tem por v. ex.ª uma predilecção muito invencivel, ao passo que...

—...?

—...ao passo que, adora a Ti-ki-ni!

Declaração, que chegue por intermedio de terceiro, ganha côr de sinceridade, como segredos que um coração contasse á brisa. Não ha desconfiar de quem nos admira em silencio. Gonçalo tomou, para Ti-ki-ni, proporções de ente interessante. Não é porventura inevitavel, reconhecer espirito em quem nol-o encontra?

E depois, o juiz, pintou-o bem: desembaraçado, impetuoso, valente e meigo; um leão.

Effectuou-se o casamento com grande brevidade. O juiz, sempre galhofeiro, fez á noiva um presente curioso; deu-lhe uma boneca.

Ao chegarem de Cintra, disse Gonçalo á sua sogra:

—Então o que tem a mana?

—Não tem nada, está muito bem graças a Deus.

Ti-ki-ni, com um ar infantil e desconfiado, replicou com voz trémula:

—Se a mamã receia dar-me alguma má noticia...?

—Má noticia!! Estás a sonhar!

—É celebre, ponderou Gonçalo. Dizia na carta estar doente e pediu á irmã para vir fazer-lhe companhia!

—Foi uma mentirinha, disse a mãe.

Quando as duas estiveram sós, a irmã mais velha disse a Ti-ki-ni:

—Não estou doente. Sei tudo. O Lucio tem uma irmã que esteve commigo nas Selezias, e, se essa irmã é a unica pessoa para quem elle não tem segredos, a pessoa unica para quem ella os não tem, sou eu.

Ti-ki-ni, curvou a cabeça.

—Que te disse então?

—Que auctorisas a sua temeridade ao ponto de te esqueceres de Gonçalo e de lh'o não lembrares a elle.

—Ha o quer que seja de fatal n'isto. Subjuga-me, vence-me, prosta-me. Um poder que eu não explico, prende a minha alma a pensar n'elle. Quando apparece no theatro ou nos bailes, figura-se-me que a sala redobra de luz pelo seu olhar. Nada n'elle é sincero, talvez; planeia tudo; a dar-lhe ouvidos no mundo, fica-se na idéa de que elle, me detesta, a julgar pelos remoques com que inculca desdenhar-me, para que ninguem suspeite...

A irmã, conduzindo-a até á janella do quarto, que deitava para o jardim:

—Não gostas de vêr de novo estas arvores? disse-lhe. Está Deus aqui n'esta serenidade simples e alegre. Não te faz medo o mundo, nem se amedronta a tua alma das inquietações que a ameaçam?

Ti-ki-ni escondia a fronte entre as mãos?

—Se eu fosse solteira ainda! balbuciou ella, como se a sua virtude e a honra de seu marido estremecessem n'aquella palavra.

Homem tão calculista, que tenha animo de desdenhar dos dotes de quem requestre... Antes um imprudente, do que um homem que me salve, humilhando-me!

Hontem á noite, em Cintra, estava eu sósinha no eirado do hotel, emquanto Gonçalo lia os jornaes, não se ouvia senão o sussurro da agua nas fontes dos Pisões, não se via senão os pinheiros que se erguiam na sombra...

—Cuidado, disse-lhe a irmã. É a manhã que vem ahi...

Deu-se como unica explicação da carta a impaciencia de os vêr regressar a Lisboa.

—N'este verão, disse Gonçalo, estaremos mais tempo sem nos vermos; iremos vêr a nossa casa á provincia.

—Escrever-nos-hemos, muitas vezes, para o tempo passar mais depressa, disse a irmã.

E ao ouvido da outra.

—Irás?

—Talvez.

—Sim! Por força, has de ir.

De vez em quando encontravam-se no que se chama a sociedade; e o Lucio, sempre distraído, como que indifferente...

Uma velha fidalga disse por uma d'essas occasiões a Ti-ki-ni, haver uma nuvem que costuma passar pela lua de mel das noivas,—o rasto de uma idéa, um sonho, um simples devaneio ás vezes: de outras vezes, a sombra de um crime; a curiosidade de Eva a renascer durante um espectaculo, auxiliada

por um oculo de theatro, ou, n'um baile, quando o braço que não tremeu na primeira valsa que se deu a um deputado, na segunda que se deu a um principe, treme na innocente contra-dança que se dá a um desconhecido.

Á saída, quando Gonçalo lançou o *burnous* sobre os hombros de sua mulher, um movimento casual fez que esta pedisse a essa velha fidalga a graça de lhe segurar por um momento o *bouquet*, e, quando esta senhora tornou a dar-lh'o, disse-lhe a meia voz, com uma expressão de susto, indicando o ramo:

—A nuvem!

A irmã ia continuando a dizer-lhe:

—Mais vale chorares commigo uma determinação que te salve, do que ter eu que chorar sósinha a tua desgraça qualquer dia.

Ti-ki-ni estremecia toda.

—Nem me dês essa idéa! Se meu marido... Quando ás vezes se falla de leviandades de alguma senhora, cada palavra d'elle austera e cruel, cáe-me no peito como chumbo derretido!

O *bouquet*, a que a fidalga se referira, tinha effectivamente uma carta.

—Quem me quer perder, elle, que me escreve, ou ella que me avisa? Observaram aquelles olhos de lynce o que eu não teria chegado a ver: é d'ella a culpa de eu não atirar o ramo pela janella, com o medo de que esta carta seja encontrada.

Preceptora perfida, que, para me ensinar a evitar o erro, principia por dar-me noticia d'elle.

No dia immediato, Ti-ki-ni, indo visitar sua mãe, encontrou-a de cama. As duas filhas passaram o dia á cabeceira da doente. Havia chegado o dia de partirem para a provincia, e Gonçalo pedia muito a sua mulher que não fizesse o sacrificio de o acompanhar, deixando sua mãe doente em Lisboa.

Não poude ella esquivar-se a isto, e Gonçalo partiu na noite d'este mesmo dia.

Porque a doença se prolongasse, os medicos aconselharam o ar do mar, instando para que partisse quanto antes para Paço d'Arcos, onde essas senhoras tinham casa.

Durante esse tempo Ti-ki-ni nunca mais pensára, pelo menos tinha os ares de não haver pensado mais, na *nuvem*, como a fidalga lhe chamára.

A irmã pela sua parte, parecia feliz, de vêr o modo digno com que terminára aquelle mal estreado romance.

Partiram para Paço d'Arcos. Não ia lá a casa ninguem senão o juiz, que fazia a diligencia de dissipar pela sua jovialidade a monotonia d'aquella existencia nova desacompanhada de sociedade e de distracções, apenas alegre pelas melhoras que a doente apresentára, tão depressa para ali haviam ido.

Uma tia, condessa, fazia annos por esse tempo. A mãe e a irmã mais velha, resolveram Ti-ki-ni a ir ali jantar n'esse dia, como era costume de todos os annos. Ella teimava em não ir.

—É bom! disse-lhe a irmã. E demora-te a noite, distrahe-te.

Depois, meigamente:

—Cuidas que não tenho visto o fundo de tristeza que ha nos teus sorrisos? Só o tempo e a sociedade podem apagar, de todo, aquelle capitulo primeiro da novella que eu te rasguei.

—Se alguma coisa me custa mais em tudo isto, é a idéa de que quando mesmo eu o esqueça, é elle que me não esquecerá.

—Ai, ai! ponderou a irmã. Isso é a cegueira de quem affere, pela sua, outra alma; a vaidade do amor!

—Deixa ás presumidas, que os annos e os desdens opprimem, a gala de apregoarem os homens como incapazes de terem amor a alguem. Confessei-te que elle me parecia planear os mais leves actos da vida. Resta saber se é isto um mal. A unica carta que se atreveu a escrever-me, queimaste-a tu mesma quando eu ia lêl-a. Porque te assustas então?

—Vem, disse-lhe a irmã, apertando-a ao peito. Perdôa-me tu o medo que eu tenho do conceito do mundo, que condemna quasi sempre antes da culpa, tanta esperança tem de que a victima venha a errar!

Á saida, a irmã e a mãe disseram-lhe muitas vezes:

—Fica para a noite.

E uma creada velha que a vira pequenina:

—Abafe-se bem, minha menina. O tempo está tão humido!

Instantes depois a carruagem rolava pela longa estrada de Paço d'Arcos. Principiava a descer um nevoeiro espesso. Ouvia-se o gemer como que la-

mentoso das ondas. A praia estava deserta. Ao longe distinguiam-se os navios pelas lanternas dos mastros, como estrellas n'um céo escuro.

Tudo lhe pareceu triste n'aquelle jantar e na *soirée* que se lhe seguiu: pállidas as luzes, as flôres sem aroma, a musica sem harmonias. Perguntou-lhe a tia condessa se tinha boas noticias do seu marido. Todos os dias ella tinha carta, e todos os dias escrevera; justamente, porém, n'esse dia, é que o não havia feito, esquecera-lhe.

Pela primeira vez na sua vida se sentiu mal no mundo e teve horror ás grandes *coquettes*, que, pelo poder da sua insensibilidade, ainda mais que pelo dos seus encantos, brincam com as alegria do céo e com as torturas infernaes.

Humilde e timida como se atravessasse as cerimonias de um culto, desfolhou melancolicamente o seu *bouquet*...

E em redor d'ella, sorrindo e namorando, passavam as outras com o olhar em fogo e o penteado em desalinho, como se fossem anjos do mal, a crearem e a destruirem, illuminando a vida pelo amor, queimando-a pelo ciume...

Só ella parecia ter medo d'aquella ébriedade delirante, que reduzia os sentidos a um unico, a felicidade; só ella não tinha um sorriso para dar, nem via olhar que lh'o pedisse!

Abandonou as salas no melhor do baile, e partiu inquieta, assustada, trémula...

—A minha carruagem! disse, com voz convulsa, aos criados.

Os criados estavam sentados no pateo de entrada a tomar gelados e a jogar a bisca. A bisca estava a acabar: ergueram os olhos, viram Ti-ki-ni sósinha, pállida, medrosa; e continuaram a jogar. A uns lacaios, que estavam á porta, pediu que lhe mandassem chegar o trem: mas, o largo estava cheio de carruagens, e levou-se tempo a encontrar o cocheiro.

Assim que a carruagem partiu, ouviu ella uma voz fallar-lhe, e sentiu presas as mãos: procurou quanto poude, na sombra, e viu Lucio ao lado de si.

Explicava-lhe elle, ser aquelle meio o que lhe parecera melhor de se aproximar d'ella e de poder fallar-lhe... Pedia-lhe perdão... Affiançava-lhe não ter nada a temer da sua ousadia... Que essa noite ficaria na lembrança de ambos, que talvez a sua estrella lhe não concedesse na vida mais do que essa hora de felicidade... Queixava-se da velocidade dos cavallos... Jurava que desde a primeira vez que a vira tinha sentido um vago terror pelo futuro, advinhando-lhe o coração que ia adoral-a; evitára quanto se podesse haver denunciado ao mundo o seu amor por ella... Que imaginasse por um momento, a coragem e a arte que lhe teriam sido precisas para desdenhar dos seus encantos, elle que não via outra coisa no mundo senão aquelles olhos apaixonadamente negros, aquelles cabellos magnificos, aquelle sorriso como que doente e meigo, o ardor inquieto e nervoso que respirava d'esse sorriso...

Supplicava-lhe ella, que a deixasse, que a esque-

cesse, que partisse sem olhar para traz, sem se lembrar mais d'essa noite em que Deus parecia ter desamparado a terra da sua misericordia: que o marido ia voltar dentro em pouco, e era preciso que ella podesse apparecer-lhe digna d'elle.

—Chegámos a Paço d'Arcos! balbuciou suffocada de susto. Como hade ser agora?

—A carruagem vae sobre areia, o cocheiro não me sentirá saltar. Como heide vel-a d'aqui em diante, diga? Pense que haverá de encontrar-me sempre no seu caminho, porque está no meu destino não poder viver sem lhe querer de toda a minha alma!

E ella não respondia: tremia toda...

De um salto rapido, atirou-se elle á estrada. A carruagem continuou a rodar surdamente e parou instantes depois.

Ninguem dormia em casa. Ti-ki-ni encontrou as creadas de pé, e a irmã á cabeceira de sua mãe: sobreviera um ataque, essa senhora achava-se em perigo de vida; o quarto estava ás escuras quasi; a luz de uma lampada parecia expirar por momentos no seu globo de christal...

Pouco tempo depois entre soluços, Ti-ki-ni exclamava dolorosamente:

—Perdi minha mãe!

O velho juiz, amigo de Gonçalo, disse-lhe ao ouvido dois dias depois:

—Aquelle Lucio n'uma d'estas noites foi encontrado em Paço d'Arcos a altas horas?...

—Que se atreve a dizer-me?! replicou ella.

—O que a sociedade anda dizendo já, e o que uma carta de Gonçalo me pergunta hoje.

Gonçalo regressou triste, sombrio. Nas conversações mais simplices achava occasião de lançar como que ao acaso phrases irreparaveis, de umas certas coisas que a gente está muito tempo antes de se atrever a dizer, mas que, uma vez ditas, se vão repetindo.

Estava-se nos dias pállidos de outubro; a temperatura, n'este mez cançado, é cheia de variações caprichosas: são os mesmos contrastes da primavera, mas, sem a esperança.

—Com que, disse o juiz a Gonçalo, de uma occasião em que estavam sós, no eirado, a olhar para o mar; recebeste uma carta anonyma? E que resolves?

—Veremos. Que se livre ella de não ser um anjo como eu a suppunha!

—E elle?

—Isso, como lês sempre os jornaes, os jornaes t'o dirão. É bom que aprendam em Lisboa, como é preciso comportar-se com os da provincia. Marido enganado que se zanga é bruto; o que não se zanga é tolo; é o que dizem aqui. N'esta scena não é o actor que é mau, é o papel.

A irmã ouvira isto, e contára-o a Ti-ki-ni. Todas as manhãs iam rezar junto do tumulo de sua mãe. Ao quinto, ou ao sexto dia, quando Ti-ki-ni foi a ajoelhar, viu sobre a pedra um ramo de saudades. Desde então encontrou sempre flôres sobre o tumulo, sem avistar nunca a occulta mão que ia juntar a sua offrenda á d'ella.

De uma vez por irem mais cedo que de costume, ou porque elle se houvesse esquecido indiscretamente, avistaram Lucio encostado ás grades do mausoleu. Por um movimento instinctivo, as duas senhoras pareceram querer retirar-se quando, ao voltarem-se, avistaram, em distancia, Gonçalo Dantas e o juiz.

Pareceu retêl-as um sentimento de perplexidade e de terror, mas o braço da irmã teve força para conduzir Ti-ki-ni até ao jazigo, onde, assombrada e livida, caíu de joelhos, em quanto, ella, rapidamente, dizia a Lucio:

—Jure-me pela alma de quem nos ouve, senhor, que acceita a unica maneira de salvar minha irmã!

Elle pareceu interrogal-a com o olhar.

—Serei sua mulher, accrescentou ella.

O mancebo, que, n'um relampago, percebeu o que havia de sublime n'essa resolução suprema, beijou-lhe a mão, humedecendo-lh'a de lagrimas.

Muito pouco tempo depois, Lucio, e a irmã de Ti-ki-ni, cujo imprevisto casamento o mundo explicava pela morte da mãe d'ella, como havendo-se opposto sempre essa senhora á mysteriosa côrte d'aquelle rapaz para sua filha, partiram para o Pará, onde elle tinha familia.

—Leva uma mulher mais bonita ainda do que a tua! disse o juiz a Gonçalo. Olé!

—Não me faz pena! replicou este, sorrindo-se meigamente para Ti-ki-ni.

*

Um taful, entrando n'um *restaurant*, perguntou com grandes ares:

—Quantas qualidades de sopa?

O criado, envergonhado, foi consultar o patrão que estava na cosinha.

—Que temos?

—Patrão, do que se trata não é do que temos, é do que não temos. Está ahi um freguez...

—Como é o freguez?

—Muito limpo. Não lhe quiz dizer que ha uma sopa só...

—Eu lá vou.

O freguez, tão magnifico, que tinha, até, um collete de pelucia, estava á janella, mirando a rua.

—Pergunta v. ex.ª aos criados quantas qualidades de sopa ha. Chega v. ex.ª um pouco tarde. V. ex.ª chega tambem de algum modo um pouco cedo. Isto é: tinhamos ahi umas dezenove sopas, mas acabaram-se, e vamos ter umas vinte e tantas, porém ainda não estão promptas.

—Vinte e tantas!... Tambem ha de ter arroz de papagaio?

—É uma das que estão ao lume.

O freguez pendurou o chapéo n'um cabide, poz a bengala a um canto, pegou n'um jornal e sentou-se.

—Espero! disse.

O da casa de pasto mudou para livido, mas, por

ser intrépido, comprimentou, virou costas, chegou á cosinha, e, dando dinheiro a um moço:

—Vae comprar um papagaio!

Vem o papagaio, mata-se o papagaio, depenna-se o papagaio, põe-se o papagaio em pouca agua e bom lume. Meia hora depois está cosido; zás, traz, caldo para um tacho; o caldo a ferver, o arroz para dentro, sem outros temperos senão uma lasca de bom presunto, duas cenouras, um pouco de aipo.

Feito isto, esfrega o patrão as mãos de contente que se acha, ri á sucapa, e diz ao creado:

—Pergunta-lhe lá se quer jantar!

—Em v. ex.ª querendo que sirva? diz o creado.

—Sim; traga peixe cosido, costeletas com molho de cogumelos, e perdigoto.

O patrão escutava lá de dentro.

—Sempre ha de querer o arroz de papagaio?

O freguez com indifferença:

—Sim, pois sim; traga... trinta réis d'elle!

*

Contava o nosso pintor Lupi, a proposito de ser de viva gana para artistas a mania do extraordinario, que, quando elle esteve a estudar em Italia, havia por lá uma sociedade de rapazes, mysteriosa, mysteriosissima, chamada:

Sociedade da sopa de cebolla.

Reunião de artistas e estudantes, que se juntavam todos os mezes n'uma *osteria* retirada, constituidos

em sociedade secreta e conjurados no sentimento de ficarem para sempre unidos no sentimento de se deffenderem e auxiliarem, de qualquer paiz que fossem, e em qualquer terra para onde tivessem de regressar.

Haviam feito aquelle jurão, de uma vez em que estavam a comer sopa de cebolla, uns poucos, ao seu jantar;—e foi juramento, pelos modos cumprido á risca.

Poucos eram ao principio os socios, e chegaram a ser vinte e cinco por eleição, com influencia pelo tempo adeante, para distincções, encommendas importantes, logares, condecorações, etc.

De uma occasião o Lupi instou com o doutor Hopffer, para que elle se interessasse não sei em que pretenção relativa a um estrangeiro.

—*É dos da sopa de cebolla!* dizia-lhe muito sério.

*

N'um jantar d'annos, estando um dos convidados a contar uma historia, comprida mas muito alegre, e a rir, a rir,—desatou de repente a criada a chorar;—«De que está você a chorar?»—«Quando eu me casei tinha o meu homem um burro, e nem eu nem elle tinhamos mais nada; morreu o meu homem, deixou-me o burro; depois morreu o burro, fiquei viuva outra vez, e agora a voz d'este senhor fez-me tantas saudades do animal, que não me pude conter!

*

Cantava-se não sei qual das operas de Rossini; o *maestro* mostrava-se muito satisfeito: — Bravo! Bravissimo! Bem cantado! Não se póde desejar mais! — E o Meyerbeer, que estava ao lado d'elle, perguntava-lhe pasmado:

—Hein?

—Dão sua *raia;* dizia-lhe Rossini por qualquer expressão pittoresca—das que elle usava a brincar, e que viesse a dar n'isto.

—Não faria melhor o meu amigo em reprehendel-os?

—Para quê? Iria dar-lhes desgosto, e nem por isso cantariam melhor. Deixal-os lá. D'esta maneira ficam contentes, e podem melhorar sem eu me ralar, nem elles.

E piscava-lhe o olho.

*

Certo lojista convidou de uma occasião a jantar um caixeiro novo.

Á mesa disse-lhe a patrôa: — «Ó fulano, você sabe trinchar?

— «Trinchar? Sei, sim, minha senhora».

Sabia boas coisas!

Não quiz, todavia, declarar sua ignorancia, e, fazendo-se mais *córado*... que o perú, foi-se a

elle... A patrôa não o perdia de olho. O rapazete pegou do facão e do garfo grande, e sem tratar de estudar a alta anatomia culinaria, cortou para ali, zás, traz, quebrou o prato, cortou a toalha, riscou a mesa, mas cortou o perú. A patrôa sorriu-se, tratou-o muito bem desde esse dia, e, d'ali a pouco tempo, havendo tido o desgosto de enviuvar, casou com elle.

*

S. Serapião vivia n'uma tóca, ao meio de uma charneca. Havia umas urzes, um buraco, e, lá em baixo, uma caverna, com um montão de folhas seccas, um taboa atravessada no rocado, a fazer de mesa, uma Biblia em cima e uma cruz pendurada. No tempo da sua mocidade, quando vivia em Roma, interessára-se muito por um comico e uma comica, que levavam airadamente a existencia de folia da profissão que tinham, e emprehendeu chamal-os ao bom caminho, vendendo-se a elles como escravo e acompanhando-os para toda a parte em toda a qualidade de caso, como uma pessoa se deita ao mar para salvar os que se afogam. Fizeram-se christãos os amos, mercê de seus conselhos, e forraram o escravo que os convertêra; mas Serapião respondeu a isso que não queria outro lucro senão o de haver conquistado suas almas, e, restituindo-lhes o dinheiro, foi para a tóca. Passou-se tempo; n'um bello dia foram os amos visital-o, e, por não caber na

caverna mais que uma pessoa, saltou cá para fóra o santo a receber-lhes a visita:

—A humidade, que está caindo, não nos permitte mais demora que abraçar-te! disseram-lhe os amos. Temos muitas dores nos ossos, nas articulações...

—Não estejam parados, disse-lhes Serapião. Vamos d'ahi buscar agua á fonte, apanhar lenha, e escolher ervas para a refeição, as pompostas, a alface do monte, a diabelha, o almeirão, os grellos de saramago...

Giraram, trepáram, correram, curvaram-se, os patrões, escolhendo a erva, sobraçando a lenha, saltando combros, afastando silvas, e quando partiram, cançados, suados, depois de trabalharem n'essa tarefa, estavam bons.

A inducção que devemos tirar disto é ser a actividade o melhor remedio para o rheumatismo.

*

Um homem perdera a faculdade de se vêr ao espelho. Via a imagem de outro, em vez de vêr a sua. Ainda que lhe dissessem que o viam a elle, não acreditava.

—A mim! O que o senhor vê é a cara d'elle! Sempre a cara d'elle!

Havia morto um rival; entrára-lhe em casa pé, ante pé, sem ninguem dar por isso, vira-o a escrever, sentado á mesa, defronte de um espelho... Chegára-se, olhára por cima do hombro d'elle, lêra

o nome da sua querida ao meio do palavriado amoroso: deu-lhe um tiro, e matou-o.

Mas, o rival erguera a vista não para o homem, mas para a imagem d'elle reflectida no espelho; e este viu desapparecer o seu rosto, para nunca mais vêr no espelho senão o rosto do outro... Quando, muito tempo depois, este heroe estava a morrer de doença, ou não sei de quê, pediu um espelho: viu-se então perfeitamente n'elle. Apagára-se, á ultima hora, a imagem falsa...

*

O caso mais curioso e saliente com que fechou os capitulos da sua nomeada, o pinhal da Azambuja, foi o do prégo, ha cincoenta annos.

Iam quatro passageiros n'uma caixa de coche sobre leito, a que se chamava churrião, porque chirriava muito.

Os ladrões saltaram do celebre pinhal, que quinhentos annos antes D. Diniz mandára semear, e fizeram parar o carro.

—Para que vivam! disseram aos viandantes. Talvez nos saibam dizer, se vem ahi o juiz Fragoso?

O juiz era um dos quatro. Ficaram todos sem falla.

Mas, como vissem que não havia remedio senão fallar, pozeram-se os tres a pé, e entregaram o juiz.

Os ladrões pegaram n'elle, amarraram-o a uma arvore, e metteram-lhe na testa um prégo comprido,

dos chamados cachorros, que lhe furou a cabeça e entrou pela arvore dentro.

—Ora torne agora a fazer das suas se é capaz!

O juiz havia condemnado um dos da quadrilha, tempo antes.

Ficou para ali, a revirar os olhos para a Castanheira, para Villa Franca, para Salvaterra e para Benavente, até que os fechou de todo.

*

Do mesmo modo, que, em Lisboa, sempre tem havido penitentes que sóbem de joelhos a calçada da Graça ás sextas feiras, assim, em vez de perna de cêra, braço de cêra, menino de cêra, olhos de prata a Santa Luzia, ou perna de prata a Santo Amaro, não é para surprehender, que, n'uma qualquer cidade—que alguma colonia grega, carola na devoção de amores, houvesse edificado em ridente planicie namorada de perto pelo Mediterraneo—se usasse fazer promessas d'essas á doce filha do céo e da terra, ou segundo alguns, do mar.

Choviam-lhe pedidos, coitada, a Venus...

Chegaram as coisas ao ponto, de fazel-a figurar n'uma demanda certa dama casada, que, suspeitosa e ciumenta do marido, propoz voto, para que elle lhe voltasse aos braços com o extremoso amor dos primeiros dias, ou das primeiras noites...

Acceitou a deusa dos amores a promessa, que aquella esposa fez, de uma bella estatua, e outorgou

a graça; quando, inesperadamente, rebentou uma chicana atroz, sobre se, a estatua offerecida, devesse ser, a da mulher, a do marido, ou a da Venus. Veiu a ser preciso, para acabar com o pleito, mandar a offerente fazer tres, a da deusa, a sua propria, e a do marido.

*

Já conheci um homem que se divertia com o Hamlet a ponto de chorar de riso.

Dizia o mais naturalmente:

— É uma borracheira! Não tem uma só coisa que se diga:—«Benza-te Deus!» Se tem ido tanta gente ao theatro em recitas successivas do *Hamlet,* é na esperança de acertar com o que aquillo queira dizer; mas, ninguem atina. Já o Tiek fez leituras publicas d'isso em Inglaterra, por ter fama de ser o homem que melhor n'este mundo sabia lêr, e nem assim conseguiu que a obra deixasse de ser enigma... Ainda mais:—todas as quintas feiras ha em Londres representações classicas do Shakspeare, e, a poder de estudo, têem levado essa ceremonia, no que respeita a declamação, scenario, investigação de época, trajes, caracteres, typos, á completa perfeição; pois senhores, só um intento lhes falha—conseguirem entender a peça, e darem-lhe interpretação segura. É um acervo de disparates! Quando o espectro se regala de accusar e desacreditar o rei, abre logo um parenthesis para

declarar que elle tem muito espirito e que é verdadeiramente seductor; não contente d'isto, e por ter sido um patuscão, declara haver-lhe custado muito ir-se do mundo no pleno florejar de seus peccados! —Tanto o espectro como o rei, e o Hamlet, são tres petiscos, que se dão ao disfructo; tres paspalhões, que se enfeitam a dizer qualquer coisa com ar de sentença, caprichando no dom da palavra.— O Polonio, pae de Ophelia, cortezão pechincheiro, mette a filha á cara do Hamlet, emquanto pensa que elle venha a herdar o throno. Vendo que não haja de ser isso para o seu dente, prohibe logo a pequena de lhe dar ouvidos, e ensina-lhe a parlenda para o despedir. Passados dias, cuidando que o rapaz está doido, e receioso de que o rei lhe attribua culpas, pede-lhe para se esconder atraz da cortina e ouvir o que os namorados disserem, indo, d'ali a nada, elle, vil espião, escutar o que o Hamlet e a mãe estejam dizendo. A Ophelia não anda n'aquelle *imbroglio* tão innocentemente, que não se perceba que havia feito, como se lá diz, das suas... Aliás, e a não ser considerado debaixo d'este ponto de vista, nem o procedimento do Hamlet seria tão cruel, nem a demencia d'ella teria razão de ser. A rainha é o que nós sabemos: casou com o cunhado depois de se entender com elle a fim de se livrarem do marido. O rapaz, o Hamlet, esse, é tolo, perturbando apenas a harmonia de toleima com uma dóse de velhacaria. Um poço de defeitos; vingativo, bruto, astucioso: vaidade, manha, e—além d'isso tudo,—um sorna que não presta para nada, nem

para amante, nem para defunto, ora quer morrer ora não não quer, não faz nada, é um pastel com folhado de nobreza de alma!

*

Ha certo apologo n'um livro antigo, que conta haver querido a lua, n'uma noite, que lhe fizessem um vestido do tamanho d'ella, e de uma côr que dissesse com a sua.

A modista a quem ella mandou chamar, desculpou-se de não se incumbir da obra, com o não poder tomar-lhe a medida, porque ella ora estivesse grande, ora estivesse pequena: nem acertar-lhe com a côr, por tão depressa ser vermelha, branca, ou pállida...

Póde quadrar bem este apologo a qualquer actriz. Ora se desempenha de uma phrase, de uma scena, com tal graça que parece haver nascido unicamente, para a personagem que representa, ora está a ponto de ser julgada uma semsaborona trivial.

*

Havia um mordomo de casa grande, que costumava acompanhar a fidalga, senhora idosa, nas suas devoções, lendo-lhe trechos de obras de boa moral. Gostava d'isso muito a fidalga, mas o mordomo, ás vezes, enfadava-se e, para se vêr livre da tarefa,

da primeira occasião que se offereceu de lêr uma meditação, pegou do livro, metteu-lhe entre duas folhas uma meditação composta por elle, a respeito da vassoura, e poz o livro no logar em que costumava estar. Na sessão immediata, quando a fidalga quiz mais leitura, abriu elle o livro no sitio em que mettera o papel, e leu com o maior sangue frio: Meditação ácêrca de uma vassoura. A fidalga pasmou do titulo, mas ponderou logo que os maiores talentos são os que sabem tirar um partido util das coisas apparentemente mais triviaes:

—Oiçamos! disse.

Principiou o outro a lêr com o mesmo tom com que lia sempre as differentes meditações, e a fidalga sem desconfiar do caso fallou d'isso a toda a gente:

—O sr. mordomo tem andado agora a lêr-me uma! Que joia!...

—Qual é?

—A da vassoura. Excellente meditação!

Uma das pessoas presentes custou-lhe a suster o riso, e, abrindo o livro, achou com effeito a meditação, mas, escripta pela letra do outro. Foi uma risota magnifica, e a propria fidalga disse:

—Que maganão!

*

—Com que, ficâmos despedidos, meus senhores! Preciso dar ainda algumas voltas, e não posso ter o gosto de acompanhal-os até ao fim do jantar. Se

para alguma coisa poder servir-lhes em Lisboa...
—disse em Madrid um portuguez á mesa redonda da hospedaria onde estava alojado.

—*Hombre!* retorquiu um commensal, que ficára ao lado d'elle á meza, durante todo o tempo que havia passado em Madrid esse nosso compatriota, Macieira chamado. Estou capaz de pedir-lhe um favor! Segue hoje mesmo?

—Pelo comboio da noite. Tenho duas horas. Queira dispôr d'ellas.

—Não sei se me atreva. Já fecharia a mala...

—Tenho o sacco de viagem... O que vem a ser?

—Uma lembrança para D. Nicacio Borrego, meu medico, homœpatha precioso, que se recreia ultimamente em viajar no paiz visinho, e deve achar-se a esta hora em Cintra, no hotel inglez.

—O hotel Lawrence...

—Ser-lhe-ha facil, uma vez em Lisboa, expedir para Cintra um pequeno embrulho, confiado á vigilancia de um conductor ou do correio?

—Serei eu proprio o portador. Parte esta semana a minha familia para Cintra, onde temos casa. Venha o embrulho!

—Leval-o-hei á estação do caminho de ferro, onde conto ter ainda a honra de apertar-lhe a mão.

Á hora de partir o comboio recebia o nosso compatriota Macieira, do seu companheiro habitual da mesa redonda na *fonda* de Madrid, um abraço e um paio.

—Que demonio é isto!? perguntou elle a rir, e porque lhe désse o cheiro.

O hespanhol, rindo mais forte ainda:

—Um *salpicon;* a vianda predilecta de Borrego, o precioso homœpatha! Se no hotel não souberem entender-se com o glorioso *puchero,* que admitte este bem aconselhado tropheu, elle saberá ter o engenho de saboreal-o crú, nas caçadas madrugadoras, escapando-se á severidade elegante da gentil filha que o acompanha.

Ouvindo-se o silvo a dar o signal da partida, trocaram os dois homens um aperto de mão affectuoso, e partiu o comboio, levando o nosso patricio sósinho n'uma carruagem; sósinho... isto é —elle e o *salpicon.*

Pelo caminho, Macieira, para se entreter, foi-se ao sacco mala, e abriu-o, observou, cheirou... Olhou para os campos, fumou, leu um jornalito...

D'ali a tempo o cheiro,—o aroma digâmos—do chouriço, levou-lhe á idéa o quanto seria grato ao seu appetite provar de uma tal dadiva.

—Fiz mal, disse elle, pensando em voz alta comsigo mesmo, em não me haver prevenido para meu repasto com uma preciosidade d'estas!

Pausa.

—Não venham gabar-me,—continuava mentalmente, —a linguiça de Troyes, tão apregoada dos francezes, constante de fressura e ubere de vitella, passada em manteiga com cogumellos, vinho branco, especiarias, em lume moderado! Não me gabem tão pouco a linguiça portugueza, feita de carne magra, da que se tira de limpar as mantas do porco, alhos machucados e cravinho, curtida ou marinada, oito

dias! Ainda menos ousem perturbar-me louvando o chouriço branco, composto de cebollas e banha, leite e miolo de pão, peitos de aves assadas, grelhado devagarinho! Porém, este diabo de salpicão de Hespanha, tem-me geitos de ser, entre os chouriços, o que o Cid foi entre os campeadores!

As estradas ora trepavam ora desciam, girando, voltando redemoinhando, em innumeraveis séries de valles, montes, collinas silenciosas e desertas... A fresca brisa sacudia agrestemente aquelles campos de Hespanha, sem habitantes, sem casas, sem arvores... Confundiam-se com a serra os montes em transições inapercebiveis, como as da serra a confundirem-se com o céo...

—Grande paiz! Um pouco árido, mas, grande paiz! Mais e mais o aprecio, de cada vez que me dá o cheiro de *salpicon*...

E logo em seguida:

—Que historia esta de tentação, que eu havia de trazer commigo!... Dava agora de boa vontade um presunto de Chaves, que não tenho, e outro de Lamego, que por igual não possuo, em troca de uma rodinha que fosse d'esta madrilena carne-ensacada, mais brilhante, a meus olhos, que a Puerta del Sól!

Ao postigo, olhando vagamente para os campos, onde obstinados archeologos procurariam debalde os vestigios dos tão famosos castellos...—:

—Hespanha, Hespanha! Que de idéas, a baterem-se umas ás outras... Feudalismo... Inqui-

sição... Castanholas... Pandeiros, cachuchas, serenatas... *Salpicões*... Fanatismo!...

Metteu-se para dentro.

—Se eu... Unicamente, uma rodinha, estreita, tenue, imperceptivel, para provar...?

E, sem mais tir-te nem guard'-te, navalha—-uma compra de Toledo!—*navaja* ao *salpicon* e toca a trincar.

Que delicia!

Sériamente, que chouriço pyramidal, proprio para sustentar os creditos pittorescos de uma nação que timbra em que o throno do seu rei seja o primeiro depois do de Deus—*El throno d'el-rey de Espana és el primeiro despues del de Dios.* Que augusto paio!

Saboreando aquelle chouriço castelhano, e conductando-o com um pãosinho, que comprou n'uma das estações a uma providencial vendedeira, que lhe fez lembrar a filha do ar de Calderon, e Dorothea, do Lope de Vega, chegava o nosso compatriota a parecer, em seu rompante, um *matador* investindo com o paio, como o Regatero, o Boca-negra ou o Salamanquino, com um touro que fuja, e caia vencido ao enterrarem-lhe a espada!

—*Ah! picaro sublime! Ah! salpicão das duas Castellas, que te hajo el quiebro!*

E navalha para a direita, navalha para a esquerda, ella no pão, ella no chouriço; d'alma firme, sem mudar de côr e sem tremer; rodinha sobre rodinha, mais um bocado agora, outro mais logo, espeta d'aqui, espeta d'ali, ia-lhe mettendo bandarilhas sem lhe deixar calgar, ora embrulhando-o no papel

ora desembrulhando-o logo, para ir-se de novo a elle como se o passára *á capa e á muleta,* sem lhe voltar a cara, em successivas sortes de dentada, rivaes das de *volapié!*...

Á chegada a Lisboa, o *salpicon* vinha reduzido a proporções por extremo humildes, e quasi improprias da impávida ostentação e rasgo cavalheiresco de tudo que seja hespanhol.

—*Doñ chouriço de mi mayor aprecio,* como heide offerecer-te em regalo, ao cavalheiro a quem vinhas destinado, se já me has regalado a *mi?* Houvessem-me entregado a collecção completa do Vellasques, o genio admiravel que tentou todos os generos, historia, paizagem, retrato, animaes, natureza morta, e triumphou em todas; ou as Virgens de Murillo, solitarias, em familia, antes do nascimento do Christo, ignorando ainda porque se lhes agite o seio;—dessem-me a Monna Liza, do Leonardo de Vinci; a Lucrecia Fede, do André del Sarto; a cabeça da Cleopatra do Guido Reni; o golpho de Salerno, do Salvator Rosa; os Alberto Durer; os Luca Giordano, que viveu com a alcunha de Luca *fapresto,* devida á facilidade com que imitava os mestres; dessem-me os cincoenta paineis do Ribera; ou o Rubens, que tem lá mais de sessenta; dessem-me o museu de Madrid, emfim, que eu passaria contente a minha vida, a olhar para elle, embebido em felicidade platonica, e sem lhe metter o dente... Uma vez porém que me não deram nada d'isso, e nem um leque, nem o Prado, nem um aguazil, nem o Escurial, para que haviam de dar-me um

salpicon, sem attentarem no perigo a que me expunham!?

Chegado a Lisboa, elle na estação de Santa Apolonia, e elle em Cintra. Madrugada encantadora. Chegou ao Cacem ás 8 horas, a Cintra antes das nove.

Ao passar pelo hotel Lawrence, accordaram-se-lhe remorsos do apuro em que se achava, ou melhor do apuro em que se achava o paio.

—É ali! disse. É ali que vive, aquelle que por minha falta tem de ser-me juiz!

E ia atirar-se aos braços da familia, sequioso de affectos e ávido de uma refeição innocente, quando, no eirado do hotel, avistou uma mulher de cabellos negros, e de uns olhos fulgurantes, que, á falta de céo, procuravam o toldo do terraço para não olharem para o mundo.

O mundo ali n'aquella occasião era elle; elle, e um burriqueiro que ia passando: logo excluido o burriqueiro, o mundo para ella teria de ser elle n'aquelle momento; elle. Assim o entendeu na sua sabedoria o nosso Macieira, e, fiel ao cathecismo amatorio, logo fitou — bem sei que fitar só deve dizer-se das bestas, quando olham alevantando a orelha, mas o uso já o está tambem applicando ás pessoas, e, por isso, o que escrevi, escrevi, — uma vista aguda na garbosa creatura que avistava.

—O namoro é livre! disse elle. O portuguez não tem mais nada, propriamente seu n'este mundo. Ninguem nos entende a lingua. Os olhos em Portugal são para dizerem tudo!

E revirando-se, atirou-lhe um olhar de varar corações.

Em casa, affectuosos abraços na familia; solemne ar de malogro por não poder almoçar com a sua gente, que já estava á mesa.

—Esperaremos por ti! disseram-lhe as irmãs. Vaes contar-nos Madrid e as festas!

—Não; não, não! Preciso tomar o meu banho; vestir-me com quietação... Olhem, sabem vocês que mais? Irei almoçar á Lawrence. É um socego. Depois, á volta, iremos passear em burrinhos á Pena ou a Collares, e faremos a conversinha.

Duas senhoras e um homemzarrão de sobrancelha espessa, bigode retorcido, e tez amarellada como uma cigarrilha que atirou pela janella, iam para sentar-se á mesa do hotel, e vinha dos quartos debaixo um personagem baixinho e azougado que foi tomar logar ao lado d'elles, na occasião em que Macieira appareceu e em que foi depôr o seu chapéo a um canto da casa, tomando por inexplicavel distracção uma espingarda por um cabide, o que o fez sorrir para os circumstantes, com a expressão de pedir desculpa.

—Não está carregada! disse o cavalheiro das grandes sobrancelhas.

E não foi preciso mais,—tão depressa Macieira se sahiu a explicar, em ar de graça, ser caçador tambem e não lhe fazerem estranheza espingardas, —para que logo se travasse conversação geral de uma vivacidade só comparavel á do solemne appe-

tite, de que, áquella mesa, senhoras e homens deram prova.

Tudo n'um momento se ficou sabendo, de quanto tivesse refferencia a Cintra e á vida aprazivel d'aquelles logares encantadores; e, que, o das sobrancelhas fortes, D. André Rubio, fosse casado com a visão do eirado, ali presente á sua direita: que o baixinho, homœpatha doutor Borrego, fosse viuvo, e pae da menina que lhe estava ao lado: que o Macieira tivesse irmãs, muito sympathicas, as quaes os outros já conheciam de as encontrarem a passear ás tardes na estrada nova, de as terem visto uma vez em Monserrate... outra nos Capuchos...

O tonto do patricio, ao achar-se em frente do seu julgador, e sentindo todo o peso do paio na consciencia; se havia de abrir ali mesmo, não diremos o estomago, porém o coração, afim de commover o homem pela confissão sincera da culpa em que incorrera, deixou-se vencer de um mal avisado acanhamento, levando a conversação para diversos assumptos, em que só foi evitado com cauteloso receio o das carnes ensacadas.

Depois, pagou o almoço, fez o seu cumprimento, retirou-se em boa ordem; e foi para casa contar á familia Madrid e as festas.

—Agradavel moço! ficaram os quatro dizendo d'elle. Composto em suas fallas, instruido, elegante e cortez!

—Sim, cortez! ponderou D. Anna.

—Elegante! disse a filha do doutor, a gentil D. Carmen em leve tom saudoso.

E, horas depois, no Parque da Pena, onde foram passear, a donzella colheu uma flór, cujo matiz lembrava as côres do traje de phantasia com que o nosso Macieira se apresentára vestido n'aquella manhã.

O caso foi, porém, que para a vida d'aquella familia tinha de não ser indifferente a chegada do mancebo a Cintra. Na sua inveterada costumeira de fazer a côrte a todas as mulheres, começou Macieira a fazel-a em primeiro logar a D. Anna. Não voltou mais ao hotel, mas estabeleceu-se-lhe desde aquelle dia em sentinella, tão periodica e prolongada, á casa, que o marido principiava a ter, de algum modo, o direito de lhe prohibir um dos lados da rua... E D. André Rubio, amabilissimo aliás, era ciumento em grau tão subido, que D. Anna, a mais séria e honesta mulher d'este mundo, tinha de andar sempre em sustos de que alguma catastrophe viesse surprehendel-a.

Da sua parte D. Carmen começou a viver da alegria de avistar o mancebo, da esperança de tornar a vêl-o da manhã para a tarde, da tarde para a outra manhã; e a inquietação, de D. Anna que era para ella como que uma irmã, subiu de ponto quando surprehendeu uma formosa lagrima deslisar pela face pállida d'aquella creança, em cujo coração, visivelmente, o amor n'aquella hora ía a amanhecer.

Uma idéa, imprudente talvez, mas que a urgencia das circumstancias lhe fez parecer acceitavel; não só porque o sentimento affectuoso de Carmen crescesse n'aquella alma com a tristeza, e que,

sempre a melancolia de um primeiro amor infeliz possa ser funesta no destino de uma mulher, porém pelo receio que a assaltou, de que, devendo realisar-se um pic-nic na Pedra d'Alvidrar, ao qual teriam de ir, Macieira a tirasse para dançar, no que daria a seu marido um pretexto que elle não deixaria fugir-lhe,—uma idéa imprudente talvez, bem intencionada em todo o caso, idéa de hespanhola, se assim quizerem, resoluta e decisiva, levou-a a escrever a Macieira pedindo-lhe o favor, de ir, ao caír da noite, fallar-lhe no terraço do hotel:

—Namorista ou não, passa por ser um cavalheiro,—disse ella, informando a sua amiga da determinação que tomára;—e o meu bilhete significa, se Deus quizer, que escrevi n'elle o primeiro acto do teu casamento com esse moço, visto como te conheço o genio ao ponto de saber que te será impossivel escolheres outro noivo!

O expediente era pyramidal, como, de tudo que seja formidando, costumam dizer os castelhanos. Consistia em haver pedido ao doutor um narcoticosinho, que adormecesse D. André um pouco mais cedo do que a hora a que elle costumava fazer um somninho antes do chá; por modo que Macieira, vindo ao terraço, encontraria duas senhoras, uma a intimar-lhe que tirasse do sentido a idéa impertinente de lhe fazer a côrte, e outra para a qual bastaria chamar-se-lhe a attenção, para que d'ella ficasse namorado e assim saisse do mau para o bom caminho. Mas, o medico andava de mau humor n'esse dia, com o haver recebido de Madrid uma carta, uma

inquietadora carta, de um amigo, perguntando-lhe noticias do prazer que devera ter-lhe causado o salpicão com que o brindára, salpicão precioso, acertadamente digno da influencia d'elle por tão apetitoso manjar, e que devera ter-lhe sido entregue pelo amavel portuguezito a cujos cuidados o confiára.

—*Pero que portuguezito y que salpicon?!*

Estava um dia encantador; desabrochavam as flôres, sorria a brisa, o sól affagava as arvores de Cintra e as pedras do Castello da Pena... Uma manhã digna do tempo em que o céo era d'este mundo e em que os deuses respiravam por cá á larga. Mas a rabuge em que o deixára esse singular malogro perturbava por tal arte D. Nicacio, que a natureza n'aquella hora deixou de ter encantos para elle; e por mais que D. André chamasse a sua attenção para as maravilhas d'aquelles logares feiticeiros, o doutor preoccupado, confundia as idéas e trocava as fallas, movido a espaços, de mais a mais, pelo seu cauteloso amor á verdade:

—Você toma todas as noites quando volta de passear... o seu copo... de... lombo de vinho d'alhos picado, mettido em lingua de vacca e curado...

D. André olhou para elle espantadissimo.

—Pois então!? A carne bem mettidinha em tripa de gado bovino, á maneira de sacco e curada n'elle ao fumo...

—Eu costumo tomar...?

—Que diz? Ah... Sim... Você costuma to-

mar uma laranjada á noitinha, sentado de sofá, e esse tal salpicão. . . — essa tal beberagem . . . A sua mulher pediu-me um narcoticosinho para fazer dormir meia hora. . . Isto é para você ou para ella?

E mostrou-lhe o frasquinho, que havia aprompptado já.

D. André ficou attonito.

—É para ella! disse. Passe para cá esse frasco, e dê-lhe um com agua da Sabuga.

—Está dito!

Assim correram as coisas; e, de tarde, pelo caminho, quando íam passeando:

—*Pero que salpicon y que portuguezito?* scismava elle, entregando a D. Anna o frasco com agua da fonte, e como que a vingar-se por simples instincto. . .

Regressaram de Seteais ao anoitecer; D. André bebeu a laranjada, que D. Anna temperou por sua mão; e, ainda mal á noite no eirado ella acabára de fazer a Carmen confidencia do plano que pozera em pratica, com vivo espanto e susto da donzella, quando ouviram na escada de pedra os passos de Macieira.

—Devo prevenil-o, disse D. Anna, de que apesar das circumstancias que se dão, v. ex.ª não está na aventura que poderia imaginar-se. . .

—Pediu-me um favor, minha senhora, e isso, para mim, é já a melhor ventura.

—Simplesmente e primeiro que tudo, advirto-o de que, n'este mundo, não tenho nada mais sagrado do que a felicidade de meu marido.

—Pelo amor de Deus! Nem o marido de v. ex.ª nem eu, temos culpa, minha senhora, de não poderem occultarem-se os thesouros de formosura de v. ex.ª, sem fallarmos nos de sua virtude, que, esses agora sim, seria talvez preferivel não mostrar tanto... para não tentar os ladrões!

—D. André está a ponto de poder enfadar-se de vêr o sr. Macieira passear constantemente defronte do hotel...

—Dar-se-ha o caso, de que elle, encarregasse v. ex.ª de me participar isso...?

—E se eu tiver sobre esse ponto a mesma opinião, e convidar v. ex.ª a ir passear para outro sitio?

—Não percebo, disse Macieira, disfarçando. Este larguinho defronte do hotel, sempre me foi predilecto: e o costume, que tomei, de pôr os olhos em alvo, provém simplesmente do gosto que tenho pela astronomia!

—Mesmo á hora do sól?

—Ao meio dia que seja! V. ex.ª realmente está a inquietar-se sem razão nenhuma!

E, a um movimento d'ella, em que o despeito ia a transparecer, elle sorriu-se, como que contente no seu orgulho de conquistador.

O terraço do hotel Lawrance communica com uma salinha, que serve de gabinete de leitura, e da qual se passa immediatamente para um corredor que tem á direita a sala de jantar, e á esquerda a escada interior do hotel. Na saleta estivera D. André durante este tempo, de ouvido á escuta, preparando um copo de Xerez com malicia de dar ao vinho

as prendas de dormideira e offerecel-o ao Macieira como se lhe offertasse uma papoila. Ao entrar no cirado, com grave surpreza de sua esposa, que suppunha que elle ainda estivesse a dormir, e ficou fazendo do Borrego a idéa de ser fraco homœpatha, a julgar pela pouca efficacia do remedio, D. André fallou ao amavel hospede com agrado, conversou a respeito de differentes coisas, foi buscar dois copos de Xerez, propoz-lhe uma saude ás prosperidades d'elle, e, depois de beberem e cavaquearem um bocado bom, desculpou-se de não poder receber devidamente essa visita, que, segundo disse, esperava já e com que tanto se honrava.

Depois, já ao voltar, e porque visse Macieira estupefacto:

—Pois!? lhe disse. Cuidava porventura, que, pelo motivo de não o haver convidado, me surprehenda vir encontral-o aqui á hora do crepusculo? Essa agora! Tenho por minha mulher a elevada consideração que merece. Vou ao telegrapho procurar uma resposta para D. Nicacio Borrego e prompto volverei...

Não ficaram D. Anna e Macieira sósinhos no terraço, porque Pacca continuava escondida, acochadinha ao canto da varanda; mas, sós se julgavam. E D. Anna, por suspeitar que houvesse em tudo aquillo alguma cruel astucia, chegou á beira do cirado e olhou para a rua. O marido ia para o lado da praça, serenamente, sem virar a cabeça uma vez sequer. A hespanhola, estremecendo, sentiu-se a peito com um desafio.

Macieira esfregando os olhos, deffendia-se, até onde coube em suas forças, de boccejar...

Levantava-se, sentava-se...

Ainda principiou a dizer-lhe o quer que fosse, que resava pouco mais ou menos de andar á procura do amor havia immenso tempo, ser o coração d'elle um templo preparado e promptinho á espera de um Deus, e haver o Deus surgido na luz dos fulgidos olhos d'ella...

Resmungou, porém, tudo isto como se a falla estivesse a entaramellar-se-lhe...

Girou inquieto de um lado para o outro, queixou-se do costume que tinha a sua familia de sempre o accordar cedo...

Sentou-se outra vez...

E a hespanhola, absorta em suas idéas, não fez bem reparo em nada d'isso, até que, de palavra em palavra como que arrastadas pela somnolencia, o viu fiçar silencioso e immovel.

Persuadida em seu despeito, de que aquelle homem não fosse um cavalheiro, mas um beberrão, D. Anna chamou por Pacca convidando-a a que escutasse como ressonava o singular heroe de quem a pequena fizera o seu ideal, e a que chamasse os creados para que fossem estendel-o na estrada.

Dito isto, despediu sobre o mancebo um olhar de indignação e voltou costas.

Cobria a lua cumplice immortal dos namorados, com a sua pállida claridade, a fronte adormecida de Macieira; e a donzella entendendo que seria crueldade deixar isolado e ao relento aquelle pobre moço,

que decerto adoecêra, resolveu, até que seu pae voltasse, para o vêr, conservar-se ali de vigia, na attitude dos anjos que tenham por incumbencia divina estarem de guarda a alguem.

Mas o ar fresco da noite entre-abriu as palpebras do dormente; trocaram-se logo mil explicações, pelas quaes elle ficou percebendo que o sentimento de protecção, sempre natural nas mulheres, havia levado a donzella, com o vêl-o abandonado, a querer estar ali para acudir-lhe.

E como as admirações subitas ao luar são imprudentes, e Macieira em principiando a namorar-se rompia n'um *crescendo* de que só a arte musical poderá dar idéa, chegaram as expansões ao subido grau de declarar o nosso patricio, peremptoria e eloquentemente, que, sendo o amor a invenção mais original que existe, não haveria merecimento em que elle se apaixonasse por ella se a conhecesse já, se fosse visita dos paes, ou se a houvera namorado á portugueza, fallando-lhe durante quatro annos e meio da rua para a janella de um segundo andar; que estava vagamente ao facto de ser ella filha de um medico, um illustrado homœpatha por signal, e nada mais sabia senão o principal de tudo, que era o que estava vendo n'essa hora, — a celeste formosura d'ella.

Depois, respeitoso, como gentil-homem que era:

—Estou seguro de que ámanhã me hade parecer mais encantadora ainda do que hoje a estou adivinhando. Se a prendem laços que eu não consiga soltar, cumpre-me morrer de amores por um im-

possivel; mas se é livre, e se todo este acaso lhe não não dá má idéa de mim, offereço-lhe a mão de um homem leal.

Profunda reverencia; e já ia a retirar-se, quando appareceram luzes na salinha proxima da varanda:

Ouviu-se a voz de D. André, n'um meio tom caçoista:

—Este presado Macieira, ainda virei ter o gosto de o encontrar por cá?

Macieira levado de um impeto, saiu-lhe ao encontro, perfilando-se na frente d'elle.

—Em pessoa! disse-lhe.

—Olá! redarguio o hespanhol entre surpreso e ironico. Que prazer vae dar-me com uma palavra sua. Sou portador de um telegramma, vindo de Madrid para D. Nicacio, em que, para o tranquillisarem de não haver sido entregue de um *salpicon,* é advertido de que o *salpicon* haja sido entregue aos cuidados de um distincto portuguez D. Hen...

—Sem dom, sem dom, Henrique José Macieira. É este seu creado.

E sem perda de um momento, metteu-lhe o braço:

—Uma palavra apenas, meu caro D. André. As apresentações em Cintra não teem hora marcada; a noite para isso é tão prestavel como as duas horas depois do meio dia: queira zelar para com o seu amigo a minha apresentação de pretendente á mão de D. Pacca...

—O quê, o quê!? exclamou D. André perplexo.

—Pouca bulha. Alcance d'elle o dar-me a filha,

—e não direi a ninguem e principalmente a sua mulher e minha senhora, haver sido o meu amigo, quem a levou á singular situação de me fazer dormir. E se não... não.

—Homem! retorquiu D. André, a rir. Veja se quer tambem que elle abale já para Hespanha a fazer um *pronunciamento,* a fim de que o Estado assegure um dote estupendo á pequena?

—Para quê?! replicou o mancebo. A minha casa é de seis contos de réis de renda.

N'isto, vendo apparecer D. Nicacio Borrego.

—Mil perdões, doutor, pela minha importunidáde! D. André vae pedir-lhe em meu favor a honra de virem tomar chá a casa de minha mãe. Ha lá uma surpreza, que lhe é destinada...

Foram todos. A familia de Macieira recebeu-os á maravilha. Já se conheciam, como a gente se conhece em Cintra, de se avistarem ás tardes nos passeios.

Quando foi servido o chá, apresentou o nosso patricio com grandes ares solemnes um embrulho em sete papeis de seda, que attrahiu as attenções geraes. A papel por papel se foi descobrindo o envolucro, até que appareceu, purpureo e rutilante, um pedaço de salpicão.

—*Salpicon* de Castella! exclamou Borrego.

—Não me atrevi, disse Macieira a D. Nicacio n'um tom delicado e respeitoso—não me atrevi a apresental-o senão nas proporções diminutas que a homœpathia aconselha!

—Para tudo? balbuciou Pacca.

—Para o noivar, por exemplo! disse-lhe Macieira a meia voz, sorrindo. Quanto mais curto praso...

Provaram todos do *salpicon,* cortado habilmente em tiras finas por Macieira, cujos movimentos não revellavam que elle hesitasse entre o paio e seu sogro, como Hercules entre a virtude e o vicio:— ao tempo em que D. André contentissimo, resolvia o dr. Borrego a dar ao nosso patricio a mão da formosa Pacca.

—Nós, livre de brincadeira, somos tres homœpathas! disse Henrique José Macieira, ao ouvido de D. André. D. Nicacio exerce a profissão; o meu amigo administra o ciume em globulos; e, eu, o salpicão de Hespanha em pequenas quantidades!

Quando D. Nicacio saboreou a primeira roda do *salpicon,* a sua alegria tocou o extase.

—Cavalheiro Macieira! Pacca! disse. Abençôo-vos, filhos!...

*

Estava nas Caldas o conselheiro Nazareth a banhos, e habitava uma casa n'uma das ruas mais proximas do hospital. Tinha de sustentar dia por dia, uma correspondencia activa com rendeiros e fornecedores. Carta para aqui... carta para ali... carta para além... Antes do almoço, depois do almoço, antes do banho, e depois do banho...

Escrevia, escrevia, escrevia; mettia nos sobrescriptos os differentes papeis, e dava ao creado para ir deitar na caixa do correio.

Passaram-se dias.

N'uma manhã, escreveu attenta e cuidadosamente epistolas sobre epistolas, fechou-as, sobrescriptou-as, poz-lhes as competentes estampilhas; e, resolvido a tomar banho, dispoz-se a ser elle proprio quem levasse as cartas, visto como a caixa do correio devia deparar-se-lhe no caminho.

Pareceu-lhe cedo, porém. Consultou o relogio... Era effectivamente cedo para o banho.

—São duas horas! disse. Não deve estar ainda feita a digestão. Leva-as tu, José!

O creado pegou nas cartas, e desceu a escada em passo diligente. Tão diligente até, que, no momento em que elle acabava de tirar o chapéo, com o resolver-se a ficar em casa, ouviu passos de novo, e, virando-se, teve a surpreza de avistar o seu creado, que já vinha de volta.

—Então, que é isso?!

—Sou eu!

—Que és tu, bem vejo; e as cartas?

—Deitei-as!

—Onde?

— Na caixa.

—Na caixa?! Qual caixa?

—Cá em baixo, na caixa!?

—Vamos ver isso!

Desceram juntos.

Chegados á rua o creado indicou-lhe a casa pegada com aquella onde moravam, e disse-lhe resolutamente:

—Ali está ella!

E então o conselheiro Nazareth viu, na porta da casa ao lado, que estava deshabitada havia mais de quinze dias, uma fenda, tendo por cima a palavra *Cartas* em uma chapa de metal.

—Aqui é que tens deitado as cartas?

—Sempre.

—Todas?

—Todas!

—Misericordia! E, eu, pasmado de não receber resposta ás minhas cartas todas, desde que estou nas Caldas da Rainha!...

*

De uma occasião, um honesto homem a quem haviam passado dois bilhetes, para o já hoje demolido theatro dos Recreios Withoyne, não podendo ir lá n'aquella noite, disse, ouvindo bater á porta:

—Se fôr visita, vou regalal-a com estes dois bilhetes!

Não appareceu o creado a dar parte de quem viera.

—Ó José, gritou o sujeito para o interior da casa; quem veio?

—É o aguadeiro, senhor.

—Que espere.

E foi á carteira buscar os bilhetes.

Depois, dirigindo-se á cosinha:

—Verissimo, lhe disse, esta noite vaes ao theatro dos Recreios!

—Xim xenhor.

—Tens algum companheiro?

—Tenho uns poucos.

—E algum, mais fiel amigo, entre todos, tens?

—Tenho o Fernandes.

—Bello. Pois leva-o esta noite na tua companhia. Leva o Fernandes.

—Aonde?

—Ao theatro dos Recreios, homem!

—Xim, xenhor.

—Aqui tens um bilhete para ti, e um bilhete para elle.

—Farei como voxulencia manda.

Dias depois, ao fazer as contas com o aguadeiro:

—Barris de agua, quantos?

—Dez.

—Recados, tens?

—Oito tostões de theatro, para mim e para o companheiro.

—Oito tostões de theatro?

—Quatro tostões para cada um; um crusado.

—Um crusado, para cada um quê?

—Para mim e para o Fernandes. Quatro horas de trabalho, xim xenhor. Deitou á meia noite. Quando eram oito horas já lá estavamos. Subimos aquellas ladeiras e fomos-nos pôr de atalaya lá em riba n'aquelle xalão que deita para os quintaes, onde nos fartámos de esperar, primeiro que déssem vasão lá para dentro. Chegámos de volta a casa,

e mientres comer e deitar, já dava uma hora nas torres. Não se póde fazer por menos; e o Fernandes ainda diz que não é trabalho para esse dinheiro...

*

O Protagoras passando de discipulo a lente teve a lembrança de estabelecer a usança, que todos os povos cultos vieram a adoptar... de se pagar as lições.

Notem, assim mesmo, que, esta idéa romana faz honra á antiguidade, com o pôr ponto na costumeira de gratificar a quem fizesse um recado e não dar nada a quem ensinasse alguma coisa.

Parecêra-lhe ao Protagoras historia... — romana de mais — isso de dar lições de graça.

Devia-lhe dinheiro de lições um auditor qualquer, e promettera embolsal-o á primeira causa que ganhasse.

Largos dias, porém, tem o largo anno...

O auditor não tinha clientes, ou não lhe pagavam ou não se resolvia elle a pagar aos outros.

O Protagoras, dando o cavaco com aquelle procedimento, chamou o homem aos tribunaes.

E, uma vez no tribunal, disse da sua razão o seguinte:

—O contracto que este homem fez commigo, foi o de me pagar na primeira causa que ganhasse. Se

os senhores o não condemnarem a pagar-me, o homem, pelo facto de ganhar a causa, deve-me pagar.

Os juizes escutavam attentos...

Elle proseguiu:

—Se o condemnarem, não tem mais, por este facto, do que executar a sentença; e pagar o que deve.

Retorquiu o discipulo:

—Se eu ganhar a causa, estou livre pelo julgamento; e não devo nada a esse homem.

Os juizes escutavam boquiabertos:

Elle continuou:

—Se pelo contrario fôr condemnado, tambem nada lhe devo, pelo facto de perder a causa.

*

De uma occasião, foram condecorados dois homens no mesmo dia, um com o habito de cavalleiro, a simples fitinha, e o outro com uma commenda.

Perguntava alguem, o porquê do caso; respondeu-se-lhe:

—Ao fulano deram o habito, porque ainda não era condecorado.

—Ah! Ainda não era! Então sim. E ao outro, porque foi que lhe deram a commenda?

—Porque já tinha o habito.

*

Na peça das *Nuvens,* do Aristophanes, rompe a primeira scena pelas lamentações de um pae, que se levanta pela noite alta para fazer as suas contas, apoquentado pelos credores hypicos do filho, e ouvindo-o dizer a sonhar alto:

—...Puxa para lá! Arreda a besta...

—É o que me deu cabo da casa. Lá está elle a pensar em cavallos, até a dormir!

—...Uma corrida larga!

—A mim me fazes tu correr para a ruina!

—...Avia-te, Philão, deixa esfregar o cavallo no pó, e traze-m'o!

—No pó esfregas tu o meu dinheiro!

N'isto o rapaz accorda.

—Pae! diz elle. Porque tens estado toda a noite ás voltas?

—Tenho um beleguim debaixo da roupa, e morde-me. Dize-me tu: tens-me amisade?

—Por Neptuno equestre o juro!

—Não mettas cavallo no juramento, que, o transtorno todo, do cavallo vem!

*

É n'um collegio; o prefeito, homem amavel, relacionado na provincia com familias das casas prin-

cipaes, está sempre a receber em Lisboa cartas e presentes.

Ao principio as senhoras enviavam-lhe muitos limpa-pennas, uns de lã, outros de casemira, bordados alguns na capinha exterior, e, quando Deus queria a matiz. Mas o prefeito, como os augurios da Bella Helena, haveria preferido dadivas de um aproveitamento mais nutritivo...

—Flôres, flôres! Tantos ramos... Sempre flôres! murmuravam os augurios, como que apercebendo-se n'isso da decadencia das crenças... Tudo galanterias! D'antes vinham vitellas, carneiros, viandas magnificas que engordavam a gente e davam forças para supportar os combates da vida... E agora, flôres, flôres!

Assim o prefeito:

—Limpa-pennas, *crochets*, almofadas bordadas... Bem sabemos que são lembranças delicadas, mas não se comem! Ao passo que os pasteis de Tentugal, o bolo pôdre do Alemtejo, o toucinho do céo de Coimbra, as arrufadas, as trouxas de ovos, as cavacas das Caldas, os pêcegos de Alcobaça, os melões da Moita e da Chamusca, sem esquecer o vinho verde de Amarante, o moscatel do Douro, o de Setubal, as tiborneas de Villa Viçosa, os presuntos de Chaves, as morcellas de Villa Real...

Tanto dizia isto, primeiro entre si, e depois entre outros, que foi constando, e começaram as bellas senhoras da provincia a abrirem mão dos bordados, das camelias, por occasião do anno bom, dos re-

tratos em photographia e de mil attenções epistolares a contarem-lhe o que se passava nas localidades, e a pedirem-lhe novas da sua saude.

Principiou então o prefeito a receber de vez em quando grandes caixas de ameixas de Elvas, barrilinhos de ovos de Aveiro, as lampreias e mexilhões de escabeche, o salmão da Figueira, as sardinhas de Espinho, as trutas brancas e rozadas, da nascente do Mondego, nas voltas que dá o rio junto da Serra da Estrella...

—Que pechincha! exclamava o prefeito. Ora, até que nos entendemos! Graças a Deus! É um gosto, necessariamente, ser amavel com as pessoas e ter para com ellas lembranças em que a largueza de animo não deixe nada a desejar para a estimação devida; mas, tambem é bom, quando uma pessoa agradece, sentir-se convencida do reconhecimento e gosto de que dér testemunho!

Levava então os presentes para uma cómmoda que estava collocada ao lado de sua cama, no dormitorio geral do collegio, ao fim da vasta sala.

A um dos pequenos, que havia no collegio, davalhe em tanta maneira o cheiro de alguns d'estes petiscos, que sempre lhe custava a conciliar o somno nas noites em que o prefeito estivesse acompanhado de pitéo odorifero á cabeceira.

De uma occasião, pelo tempo do Natal, havia elle recebido uma condeça formidavel com as mais formosas brôas que olhos humanos têem admirado; compridinhas, luzidias, mal deixando apontar o cidrão, e de bicos torrados e lustrosos...

O pequeno, quando o prefeito dormia, ia-se ao cestinho de vimes, levantava-lhe a tampa cautelosamente, e regalava-se de comer brôas com fartura, saboreando bem a finura d'aquelle milho, e tomando em consideração o bem trabalhado d'ellas, assim no que respeita aos temperos, como á acertada conta em que se via que o forno estivera.

—Que boas são! dizia deleitado do prazer do paladar que as brôas lhe causavam. Não as vejo eu mas devem ter muita farinha alva! E que mel! que azeite! que adubos!

O prefeito, vendo desfalcada a davida, entrou em suspeitas de que lhe assaltavam a cópa da cabeceira, e, n'uma noite, desvelado, vigilante, fingindo dormir, roncando simultaneamente, mas de braço fóra dos lençóes, e mão prompta e decisiva, armada de fina thesoura.

Vae o pequeno ás brôas, e o prefeito estende o braço, nas densas sombras da noite, agarra-o pelos cabellos, corta-lhe uma madeixa, e, deixa-o depois, sem accender luz nem soltar voz, agachar-se e fugir...

Atterrado, pela idéa do que teria de succeder-lhe no dia immediato, quando o vingador reconhecesse, á luz sagrada do dia, na falta do seu cabello, haver sido elle o bandido nocturno, o pequeno scisma, e scisma ainda, e scisma sempre...

Tudo lhe lembra, então, como áquelle personagem das *Nuvens* do Aristophanes, que, a scismar como fizesse para não pagar juros n'um praso marcado, até queria comprar uma bruxa da Thessalia

que de noite lhe apanhasse a lua para elle a arrecadar, afim de que, não saindo a lua, não se visse elle obrigado a pagar os juros, visto o dinheiro ser emprestado ao mez!

Fatigado da vigilia e contente do bom exito da sua astucia, adormece o prefeito emfim; e ronca, d'esta vez, a valer, sem deixar duvida nos echos do collegio de ser devéras aquelle o seu sincero roncar famoso...

Então, o pequeno levanta-se outra vez da sua caminha, e vae, de novo, pé ante-pé, até junto da cómmoda do prefeito.

Apalpa, tenteia, vae tateando na sombra, até que encontra a thesoura! Sorri, por entre a noite, n'esse instante; agradece intencionalmente á sua boa estrella o valer-lhe em taes apuros; e vae, devagarinho, surrateiramente, de cama em cama, cortar a cada um dos outros pequenos, que dormiam, uma madeixinha de seus cabellos, n'aquelle momento, para elle preciosos!...

Devastado pela thesoura o topete d'alguns meninos, volta de novo á cómmoda do prefeito, e ali depõe o instrumento, que servira para a vingança e para a salvação!

Depois, socegado, tornou a metter-se na cama...

De manhã, o prefeito, que sempre se levantava mais cedo que os rapazes, espera-os ao sairem do dormitorio, n'uma saleta contigua; risonho, humorista; a vêr quando apparecia deante d'elle o delinquente...

Mas, os rapazes, oh! pasmo! oh! surpresa inau-

dita! Os rapazes, não um, não dois, não cinco, mas doze, mas quinze, mas quasi todos têem o cabello em farripas, com uma falha por onde evidentemente a thesoura havia passado na sua intrepida missão destruidora...

O prefeito esbugalhava os olhos, o prefeito esfregava-os, fechava-os, abria-os...

—Um... dois... quatro... seis... Mas, qual!??

Nunca, por mais que scismasse, poude comprehender aquelle caso, que ainda mais o impressionou porque jámais se atrevesse a desafogar no seio de alguem o singular segredo d'aquella noite phantastica...

*

Houve aqui um Peixoto, o homem mais feio do mundo e tambem o mais argucioso, que emprehendeu um negociarrão, que haveria podido conduzil-o a millionario, mediante os engenhosos artificios que punha em pratica á sombra da bella e *philosophica* arte da dança.

Ia cedo para os bailes...

Este era o principio do seu segredo.

As primeiras senhoras a chegar aos bailes, eram sempre, por via de regra, as mães com suas filhas.

Peixoto ia fazer os seus cumprimentos aos donos da casa; depois espalhava suas vistas para um lado

e outro, e, logo, de conversação com mãe rica, que avistasse:

—Aos pés de v. ex.ª minha senhora...

—Adeus sr. Peixoto, como vae, tem passado bem, tem estado em Lisboa?

—Estive no Porto uns quinze dias, para negocios e distracção.

—O util e o agradavel...

—Exactamente. Reunir esses dois bens da vida, segundo o preceito horaciano...

E, sem mais espera, pedia a primeira contradança a uma das meninas.

Como Peixoto era homem de apparencia sizuda e grandemente relacionado, as pequenas não tinham remedio se não conceder-lhe a graça implorada, até para que as mamãs não podessem, no caso de recusa, estranhar-lhes a leviandade de não acceitarem com reconhecimento o convite d'aquelle cavalheiro, que tanta confiança inspirava por seus assignalados annos.

Eram as mães as proprias, que, de muitas vezes, respondiam; poupando assim a suas filhas um testemunho mais directo da sua satisfação:

—Com muito gosto, sr. Peixoto, com o maior prazer!

Meia volta á direita, novos cumprimentos a outra familia, e a renovação do pedido a outra menina, para a schotish, para a valsa, para a polka...

Umas não sabiam das outras, e cada mãe via no pedido de Peixoto uma attenção especial.

Quando principiavam a encher-se as salas, e o

baile ia tomar calor, vinham chegando os rapazes, os janotas, os dançistas, os namorados...

E, á proporção que um ou outro se dirigia ás mais formosas, sempre a resposta que tinha de ouvir, desanimadora e melancolica, era esta:

—Estou *engajada* com o sr. Peixoto...

—Prometti a valsa ao sr. Peixoto...

—O sr. Peixoto já me pediu esta polka...

Mas, porque a propria consciencia d'ellas parecesse dizer-lhes que isso seria um caso por tal maneira nefando que a mesma orchestra teria difficuldade em o acompanhar por seus deliciosos sons, ellas accrescentavam, a meia voz, um pouco timidas e envergonhadas:

—Agora, só se elle por condescendencia...

E os rapazes ponderavam:

—Inevitavelmente. Podéra não!

E corriam a entender-se com elle.

—Peixoto! Peixotinho meu, dizia-lhe cada namorado afflicto. Venho implorar a misericordia d'esse animo generoso! O meu amigo cede-me esta contradança com fulana?

Peixoto encrespava a fronte gravemente.

—Cede! Cede... É boa, esta! Cede... E porque não veio a horas como eu vim!? Não ha mais do que estar em S. Carlos até ao fim da opera, vir para os bailes á hora das flores de ervilha...

—Flores de ervilha, sr. Peixoto! Que diabo de alcunha é essa?

—É para lhes chamar janotas á franceza, *fleurs des pois* como se dizia d'antes na sociedade do

Porto... Agora por Porto, espere lá, tambem eu estou incumbido de distribuir umas caixas de vinho do Porto, bomsinho, muito bomsinho, vinho fino, vinho finissimo, e posso ceder-lh'a á razão de vinte mil réis, superior ao que por ahi se vende a libra a garrafa. Cede... cede! É galante. Quer o meu amigo que lhe eu ceda tambem uma caixa?

—Está dito, Peixoto. É negocio feito.

E caixa por polka, caixa por valsa, caixa por contradança, e Peixoto ia pedindo meninas para dançar, e fazendo dançar as caixas de vinho do Porto.

*

Era uma vez uma abbadessa, que se lembrou de pedir ao pápa uma bulla, que conferisse ás senhoras freiras e recolhidas poderem confessar-se umas ás outras.

Fallaram n'isto ao nuncio.

O nuncio, que sabia o que são senhoras,—para aquelles logares é indispensavel saber de tudo alguma coisa—entendeu não ser conveniente dizer-lhes abertamente que não, e respondeu com palavras melifluas.

—O que não estarei eu disposto a rogar a Sua Santidade para bem de tão queridas senhoras, e o que não estará Sua Santidade disposta a conceder-lhes?! Mas estou avistando inconvenientes...

A confissão deve ser secreta, e as senhoras nem sempre talvez possam callar-se...

—Melhor que os homens! Ora essa! Muito melhor que os homens! accudiram as senhoras freiras.

—Bem, pois aproveito agora a occasião de ter de ir a Roma e lá pedirei isso.

—Não se esquecerá?

—Não me esquecerei. Até, se eu tiver demora de mais alguma semana, para que não estejam esperando—mandarei a bulla.

Ficaram as freiras a pular de contentes...

Mas, antes de se despedir, entregou o nuncio á abbadessa uma caixinha, muito bonita, de pau santo, toda marchetada de madre-perola, e com uma fechadurasinha, tudo muito bem feito.

—Queira guardar-me esta caixinha até que eu volte; e vou pedir-lhe com instancia o favor de a pôr n'algum sitio escondido e seguro, onde ninguem possa ir dar com ella; bem vê, que tem a chavinha: mas não abra a caixa! Tome bem sentido! Não lhe serviria para nada vêr o que está dentro; e, se fizesse o contrario do que lhe recommendo, vêr-me-hia obrigado a dar-lhe uma censura ecclesiastica, e talvez exigir a excommunhão.

Dito isto, retirou-se.

Não tinha dado quatro passos fóra do convento, e já as senhoras freiras, e primeira de todas a abbadessa, se sentiam mortinhas de vêr o que tinha a caixa.

Ainda resistiram, coitadas; deve dizer-se a verdade, ainda resistiram um pedaço bem bom; mas

depois pozeram-se a discutir o caso, com o intuito de resolver se devéras haveria perigo de excommunhão.

—Não é caso para tanto! dizia uma.

—Ai! não, decerto! ponderava outra.

E a abbadessa tambem lhe pareceu que se podia satisfazer aquella curiosidade sem o pápa saber de tal.

A caixa a abrir-se, e um passarinho que estava dentro a voar pela janella fóra. Ai! Que afflicção!

Quanto mais as senhoras freiras choravam, mais o passarinho cantava, trepado n'uma arvore, que havia defronte do convento...

E se não é aquillo, confessavam-se umas ás outras!...

*

Esteve no Tejo o vapor de um lord, que em pessoa o commandava; vapor que trazia a bordo, além de parentes e amigos da Escocia e de Inglaterra, o celebre Tennysson.

O motivo, porém, d'esse cavalheiro se haver contentado de vêr Lisboa *à vol* de lord, é o que nem todos sabem...

Este lord inglez conhecêra o outro, e foi isso talvez o que o afastou de estreitar com os lisbonenses uma convivencia seguida.

O outro, que andava tambem viajando, apparecêra em Lisboa nos fins de outubro, ha um par de annos.

Nem mais amigos nem mais parentes; esse, viajava com tres creados e com elles se hospedou no hotel Central.

Quartos e quartos no primeiro andar escolhidos *con amore,* isto é, com um pouco menos de ratos do que lá costuma haver.

Collocaram-se as malas; perguntou o mordomo do hotel se havia valores de especialidade ou de importancia para se guardarem no escriptorio, fez duas cortezias, e depois mais uma, depois duas outra vez e retirou-se.

Indo já no corredor, ali foi chamal-o, passados instantes, um dos creados do lord, para que voltasse ao quarto de seu amo.

—Deseja vossa graça o almoço, provavelmente? disse o mordomo. Vou dar as ordens... Quererá ser servido nos seus quartos? É natural. A minha pergunta torna-se impertinente, por inutil.

O inglez, que ouvira distrahido:

—Ha bebedores?

O mordomo reflectiu por um momento.

—Bebedores? No *sentido* de hospedes?

Alguns ha. Demoram-se depois do almoço conversando, bebendo qualquer coisa...

—Que bebem?

—Vossa graça pergunta o que bebem elles? Conforme... Alguns usam beber cognac ou kummell, chartreuse verde, chartreuse amarello, mas, quasi sempre chá ou café.

O inglez parecia não estar satisfeito com o que ouvia.

O mordomo proseguiu:

—Chá preto, tres qualidades, para cá não vem senão o sonchong, o pekao... (sorrindo-se) e outro... que são estes dois misturados...

«Entretanto, se milord não prescinde do amarello, ou camphão, de folhas compridas, manda-se vir da Russia,—a visinhança de China com a Siberia dispensa-o de viajar por mar, e o mar é, de tudo; o que lhe faz peior...

O inglez poz a vista n'elle com fixidez.

—Em Portugal, e esta noticia é talvez agradavel á attenção com que vossa graça se digna escutar-me, o chá verde é ainda muito usado. Querem dizer que ataca os nervos em sendo um pouco mais forte, mas, o guarda-livros do hotel, um francez que é o vivo retrato de Francisco I e que nos chegou de Moskow, conta que por lá até se bebe por copos, á cautela...

Parece que, tendo sido feitas em Cronstadt as primeiras chavenas e com o esquivarem-se nos botequins... e nas hospedarias a deitar no bulle a quantidade de chá que deva ser, ficava o chá tão fraco e transparente que se via, no fundo da chavena, uma vistasinha de Cronstadt. Em se vendo bem Cronstadt já os freguezes e os hospedes mandavam o chá outra vez para a cópa. Por isso se adoptaram os copos.

—Que bebem? tornou o inglez.

Por um momento o mordomo ia a intimidar-se... Mas, recobrando animo:

—Café tambem, muitas vezes, conforme tive

ha pouco o glorioso ensejo de affiançar a vossa graça.

Cinco especies, sem contarmos o chicoria, se é verdade o que se diz... (com um suspiro). Mas, não lhe faz mal a chicoria, não lhe póde fazer mal, e, agora, com a abolição da escravatura, não será para estranhar que... (compenetrando-se). O moka não se deixa beber aprasivelmente, amarga em não sendo misturado com o de S. Thomé ou do Rio... Da maneira de o torrar, e do systema de o fazer, depende o melhor. Se vossa graça podesse ter honrado este paiz ao tempo em que o café se fazia por saquinho, a nação portugueza haveria sido bastante feliz para offerecer-lhe occasião de beber o primeiro café depois do do Rio de Janeiro. Não se fazia melhor em todo o mundo! Mas, torral-o, milord, n'uma fregideira de barro sem ser vidrada, ou n'um torrador, é quanto se sabe na Europa e é insufficiente. Para hospedes de excepção, como vossa graça, poderemos gostosamente propôrmo-nos a torral-o á mineira, segredo dos segredos. Laval-o primeiro que tudo e enxugal-o ao sól; muitos o tingem com chumbo, e é preciso cuidado com isso. Uma vez bem enxuto, torra-se a fogo vivo, sempre a mexel-o, depois, quente ainda, polvilha-se de assucar com o fim de obstar ás evaporações do oleo, essencia e aroma do café. Moe-se em seguida, deita-se n'um coador de panno e despeja-se-lhe agua a ferver.

O inglez não podendo conter-se mais, e vendo que o mordomo não havia attingido o verdadeiro alcance da sua pergunta, cortou-lhe o discurso, e,

bruscamente, perguntou-lhe, penetrando-o com o olhar:

—Bebedores, de vinho? Ha d'isso cá?

—No hotel?! balbuciou o mordomo.

—No hotel, ou na cidade!

—No hotel, milord, não tem sido pedida essa especialidade... A procura de *primores* não é usual em Lisboa, nem sequer nos grandes hoteis. Ha *fornecedores,* ha *compradores,* ha *esfoladores,* ha *depennadores,* mas, *bebedores* não temos tido... Se vossa graça condescendesse em dignar-se ter a bondade de nos fazer a fineza de uma obsequiosa palavra de explicação?...

—Alguem com quem eu possa contar para a parte intellectual das comidas... Sabe, sr. mordomo, qual seja a parte intellectual das comidas?

—A parte intellectual das...

—O vinho. É o vinho sr. mordomo. As carnes são a parte material das refeições. Quando digo carnes ao sr. mordomo, digo ao sr. mordomo carnes, peixes, todo o comer; parte material. Para não fazer-se velha uma pessoa á mesa, precisa estar bebendo. Esta é a arte, sr. mordomo, que não se aprende de hoje para o dia de ámanhã.

—Positivamente, milord...

—Não positivamente, mas, muito delicadamente.

—Pois, delicadamente...

—Vae dizer-me então, agora, sr. mordomo, se posso contar, para hoje, com um bebedor bastante cavalheiro para estimar fazer o conhecimento do presidente de uma sociedade de Intemperança...

—Vossa graça tem a gloria de ser...—gaguejou o mordomo, estupefacto, suspenso, enleado, quasi desfallecido—...

—*Yess.*

—... de Intemperança!

E pasmado ficou, o mordomo; pasmado.

Diz-se temperança por moderação. Temperada se chama á terra onde não chove a cantaros. E, ao criterio virtuoso, que regula as paixões, a sensualidade, os direitos até no comer e beber, temperança, frugalidade, se costuma chamar-lhe.

Adubar a existencia de um presidente de «sociedade de *intemperança*» era empreza séria. O mordomo dobrou-se em grande cortezia, e afiançou que ia, sem perda de tempo, procurar competidor para uma pujança d'aquellas.

Muito antes da hora do jantar d'esse mesmo dia, dando na porta os tres toques, sahiu-lhe do quarto ao lado um creado, que ouviu do mordomo as informações que se seguem:

—No café Hoffmann, da rua do Alecrim, joga o bilhar das quatro horas em diante um cavalheiro bebedor insigne; milord, póde fazer-se apresentar pelo dito sr. Hoffmann já prevenido a esta hora para a circumstancia; ou, se o ordenar de preferencia, alguem do hotel irá aproveitar a honra de fazer a apresentação.

O lord ao ser-lhe transmittida esta participação, pôz o chapéo, e fez-se acompanhar, na carruagem que o esperava constantemente á porta, ao café Hoffmann.

Sorriso de satisfação do apresentante, ao vêl-o entrar.

—Eis ahi o presidente de uma sociedade de Intemperança! exclamou.

E, dirigindo-se ao cavalheiro L., de Portalegre, que presente se achava, pediu-lhe licença para apresentar-lhe o grande senhor nosso alliado, que desejava emprehender com s. ex.ª uma partida de bilhar.

Estabelecido o conhecimento, deu-se mais força ao gaz e a partida principiou prefaciada por uma simples aposta de refrigerantes, como que simples agua para molhar os beiços, uma caixita de doze garrafas de vinho do Porto 1815, de uma sinceridade de não haver paladar nem coração que desconfiassem d'elle.—Agora á *branca*, logo á *encarnada*, quando chegaram ás sete horas, bebidas apenas nove garrafas, o inglez estendeu a mão a L., explicou-lhe que tinha a jantar o commandante do vapor que o conduzira, o qual devia largar na manhã do dia immediato, e pediu-lhe instantemente para elle ser da festa.

Foram jantar, e d'aquella hora em diante, as relações ficaram firmes. Bilhar de manhã, bilhar de tarde; só a noite ficára liberta,—e as apostas succediam-se por todas as maneiras e com todos os vinhos e licores.

Eram dois verdadeiros sabios, duas capacidades, n'aquelle ramo especial de conhecimentos. Não havia segredos para elles em tudo o que dissesse respeito á arte de beber. Discutiam a antiguidade

classica do filho da vinha; os grandes productos da cepa grega; as famosas colheitas do Scio, cantadas pelo Virgilio e pelo Horacio; a cerveja triumphante desde os barbaros; o voltar da civilisação, e, com ella, o vinho outra vez.

Era um prazer ouvil-os discorrer dos preconceitos que o Bordeus havia tido que vencer, da estimação que lhe seja devida sobre o Rheno e o alto Borgonha no que respeite a *bouquet:*—de como os vinhos portuguezes cáem doentes nos mezes de abril e maio, e se tornam optimos depois em os deixando quietos; da preferencia que um delicado dará ao Grignolino sobre os vinhos da Italia, quer sejam o pequeno Chianti, ou o grande Marsalla (que, diga-se de passagem, é o mesmo pé de vinha da plantação primitiva da Madeira); e de corresponderem, ou não os vinhos de Hespanha, notavelmente o Malaga branco, o Malvasia, e o Pajarête aos de Chio, de Chypre, e de Candia, do mesmo modo que o nosso Torres aos da Arcadia depois da porção de agua com que, no dizer do Aristoteles os adelgaçavam no odre para ficarem ligeirinhos como os do Pausilippo.

De aposta em aposta, de discussão em discussão, o certo é, que nunca o Hoffmann da rua do Alecrim tivera ao seu bilhar melhores partidas. Emfim saiam d'aquelles armarios os exemplares raros, que ninguem costumava pedir—moscatel de Setubal primaz, o Tenerife, o Pedro-Ximenes, o róca do Cabo da Boa Esperança, o tinto da Madeira. . .

E riam, e bebiam, e carambolavam, e divertiam-

se, os intrepidos contendores, tarde por tarde, manhã por manhã, sempre a rirem, a carambolarem e a beberem.

N'uma noite em S. Carlos, L. que estava na platéa, viu o inglez, n'um camarote da primeira ordem a fazer-lhe signaes. Tratava-se de ir á *partida*.

—Lá está elle a chamar-me! disse L.

Acabára a opera, faltava a dança apenas; eram mãos perdidas. Ao bilhar! Ao bilhar!

Já o inglez lá estava.

—Em attenção a já havermos jantado, disse elle a L. ao pegarem nos tacos, vou dar-lhe partido; a aposta será a vinhos da sua terra!

Nunca as bolas de marfim rolaram mais gentilmente sobre o panno, nunca a lei do angulo de reflexão igual ao angulo de incidencia resolveu melhores problemas, e nunca dois homens enxugaram mais subido numero de garrafas de vinho...

Perto das tres horas da madrugada, quando L. se despedia, combinando nova entrevista para o dia immediato:

—Vamos d'ahi ao hotel, tomar um *punch!* disse-lhe o inglez.

O outro recusava-se. Era tarde. Tinha de levantar-se cedo... Mas por que a pusillanimidade faça horror aos fortes, acceitou, e, ao chegarem ao hotel o inglez estendendo-se n'um sofá, disse ao creado que lhe preparasse um *punch*.

Veiu o *punch*, e estabeleceu-se um silencio.

L. sentado gravemente á mesa, deante da poncheira, foi batendo o *punch*.

O inglez conservava-se estirado no sofá.

Uma vez o *punch* batido.

—Prompto. Vamos a isto. Prefere bebel-o ahi ou á mesa?

O inglez não respondeu.

—Está a dormir, hein? Melhor! (voltando-se para o creado): Não se accorda quem dorme. O *punch* está batido. Em seu amo accordando, póde servir-lh'o. Boa noite.

No dia immediato, ao entrar no café da rua do Alecrim:

—Já appareceu o nosso inglez? perguntou L. a Hoffmann, que de cara pendurada encrespou o sobr'olho.

—O inglez! Ainda o senhor me pergunta pelo inglez... Depois de eu haver perdido um freguez d'aquelles! O inglez não estava a dormir no sofá; o inglez morrêra. Ainda o creado foi chamar um medico, mas, quando o sangraram, deitou um pinguinho de sangue, assim...

E indicou um canto da unha.

L. estacou. Em seguida:

—Partilho da sua melancolia, disse elle ao Hoffmann; entretanto o meu amigo deveria dar-me os parabens de me vêr vivo, a mim, que bebi tanto como elle!

É desde então que os lords inglezes, quando succede passarem por aqui, preferem visitar-nos... sem desembarcar.

*

Quando se jornadeava em diligencia, se acontecia ir uma senhora só — o que então se chamava *carro de passageira,* apparecia por artes magicas a *patrulha da bolacha.*

A patrulha da bolacha constava de dois patuscos, que davam alternadamente uma bolacha um no outro... De uma vez o Sancho; — de outra o Francisco... E assim por deante!

Entravam para a diligencia, como se não se conhecessem, e nunca se houvessem visto. Comprimentavam ambos a senhora, ou comprimentava-a um só.

Principiava um d'elles a fazer-se conquistador atrevido. Pizava o pé á passageira... Encostava-se-lhe um pouco mais do que devessem aconselhar-lhe as leis da cortezia.

Em o outro a vendo agastada, reprehendia o petulante, e ameaçava-o de o pôr fóra.

Replica do outro, ou gargalhadas de desprezo, e, logo, *zás,* bofetada, mão á porta, e estrada com elle.

Fazia-se isto com tal presteza e denodo, que a diligencia ia seguindo, e nem o cocheiro dava por tal.

Concertava o heroe um pouco os dedos, como se a violencia da pancada houvesse estado a ponto de lhe quebrar a mão, a dama estremecia, avistando estatelado no pó da estrada o bem castigado atrevido, e, quasi sempre, como é facil comprehender,

recompensava por seu agrado o desembaraço e dedicação da deffeza que se lhe prestára...

Para outra occasião de senhora só,—*carro de passageira,* prestava-se elle a levar a bolacha, e tocava ao outro a vez de triumphador; sendo opinião d'esses especiaes gulosos, que não havia bolacha mais doce nem que viesse a fazer-lhes mais bom proveito do que era quasi sempre essa... da *diligencia!*

*

Havendo levado de Milão uma carta do librettista Piave recommendando-me ao sr. Nicolo Barrozzi, secretario do museu Carrer, em Veneza, procurava amiudadas vezes este cavalheiro, e tive a honra de travar com elle certa familiariedade.

Era o sr. Barrozzi n'essa época,—1866—homem de trinta e tantos annos, pállido, achacoso, temperando a doçura de voz com a tristeza veneziana que dominava os animos por aquelle tempo, mas revelando em tudo não ser do commum por nascimento ou graduação.

Entretinhamos-nos,—entretinha-me elle—conversando de uma coisa e de outra, agradavelmente, despreoccupadamente, excepto se, alguma vez, uma nuvem de melancolia assombreava subitamente a sua physionomia e o seu espirito ao encontrar com a vista os soberbos palacios de marmore em que haviam morado os Foscarini e os Bembi dos tempos grandes e livres da republica, e onde elle avis-

tasse por alguma janella aberta, o uniforme austriaco...

São compridos, quando chove, os dias em Veneza, e aconteceu chover por esta occasião;—phantastica inutilidade, chover em Veneza! chover... no mar!

Fez isso com que eu procurasse ainda mais a miudo o secretario do museu Carrer, e, de algumas vezes, me fez o favor de vir encontrar-se commigo ás noites, no café Floriani da praça de S. Marcos, o botequim mais franco do mundo, botequim sem portas, e que, durante toda a noite, se conserva aberto.

Com o tornarem-se as conversações mais frequentes, principiámos a fallar de mil differentes coisas; da guerra que se preparava, da cruel sujeição em que se achavam os venezianos, de estarem tendo os austriacos os empregos todos, de ser rarissimo vêr um filho de Veneza á frente de alguma administração, e isso, ainda assim, quando chegava a dar-se, servindo de graça; que os juizes eram estrangeiros, nada sabiam dos costumes do paiz, e nem sequer sabiam italiano; que o irmão de Piave—do *librettista* que me recommendára a elle,—estava preso havia uns poucos de annos, que a mãe morrêra ao levarem-lhe o filho, e que só havia esperança de que a guerra o salvasse, como a todos os venezianos, para que o pobre homem não tivesse de apodrecer na prisão...

Assim discorriamos tomando um gelado, ou fumando um charuto; depois seguiamos pelas arcadas de S. Marcos, mettiamos-nos pelo silencio da cidade,

— aquelle incomparavel silencio de Veneza, sem nenhum rumor de carruagens nem cavallos. (Trepou um inglez para cima de um dos de S. Marcos, tendo preceito do medico para dar passeios de equitação, e vendo que não havia, em Veneza, cavallos senão aquelles...)

De manhã, depois de me regalar em jejum com o vêr dois ou tres quadros no palacio ducal, almoçava, accendia um charuto, sentia a necessidade de conversar com o Barrozzi, e ia até ao museu Carrer procural-o, fazendo um recreio d'aquella passeata, por não andar sempre mettido em gondolas e por que me fosse agradavel cortar pelo mercado do Rialto, que fazia caminho para o museu, e, batendo bem com os pés nos lagedos, gloriar-me de que o homem fosse em Veneza o unico animal que andasse pela rua.

Uma vez lá, via o que elle fizesse gosto em me mostrar, respondia ao que elle fizesse gosto de me dizer, e escutava ou lia o que elle fizesse gosto que eu lêsse ou mostrasse desejos de que lhe ouvisse a elle fazer leitura; coisas boas, excellentes coisas sempre: é possivel que alguma rara vez, — deveria dizel-o? — um quasi nada ao longe, enfadonhas, para mim, que abria de melhor gosto os olhos para alguma *barca corriera,* que levasse um rancho de mulheres bonitas do que para invejaveis armarios que os obstinados antiquarios houvessem enchido de preciosidades...

Por decencia, todavia, não só prestava áquelle cavalheiro uma attenção, que, mercê, do seu talento

sempre acabei por considerar bem empregada, mas, de uma occasião, balbuciei timidamente, por honrar no seu conceito os meus disvellos de homem de lettras e não lhe deixar a meu respeito uma impressão por extremo futil, tanto mais que n'aquelle momento andavamos visitando os archivos:

—Não sei resistir ao empenho de lhe pedir, meu caro senhor Barrozzi, que se decida catarmos isto um dia e outro com attenção, a vêr se damos com algum achado que tenha referencia a Portugal.

Brilharam-lhe os olhos docemente, contente de me ouvir aquillo; e, estendendo-me a mão:

—Pensára já n'isso mesmo! disse-me. Reservava-lhe essa surpresa, como singella offerta e lembrança.

—Ha, então, algum achado?!

—Ha. Venha ámanhã á mesma hora, daremos a manhã toda ao presente que lhe reservo. Tenho um D. Emmanuel para si!

—Um D. Emmanuel!

—Sim; curiosissimo! Valioso! Um D. Emmanuel de 1700...

—É possivel!?!

E porque a pallidez, que se leu, talvez, no meu rosto, á idéa de que todo o dia immediato—um dia de *Venezzia la bella!*—tivesse de ser abaffado nos archivos,—se apresentasse aos olhos do digno erudito como nuncia da commoção jubilosa com que tal noticia me agitára, elle abriu-me os braços com o internecimento especial do sabio,—ternura que eu não conhecia:

—Deite-se hoje cedo! É melhor prescindirmos esta noite do charuto e do *sorbetti* no Floriani. Até ámanhã, meu estudioso amigo,—para trabalharmos com affinco!

Na manhã immediata, depois de almoçar, puz o meu chapéo, e fui-me direito ao museu Carrer, como quem trata de se despachar quanto antes de um lance delicado.

Veneza não me pareceu tão formosa n'aquella occasião; dava-lhe muito o sól, como que a allumiar-lhe as ruinas:

—Vamos! disse commigo. É preciso trabalhar todo o dia, hoje, por honra da firma; á noite, se Deus quizer, verei Veneza outra vez, os raios da lua a reflectirem-se nas ondas pequeninas dos canaes, como se déssem em esmeraldas, e a cidade a erguer-se de encanto, por entre esta serenidade admiravel; agora, archivo, Barrozzi, lapis, papel, e um D. Manuel me esperam; coragem!

Davam dez horas no sino de uma egreja, quando, entrando no gabinete do sr. Nicolo Barrozzi lhe dei os bons dias.

—Bravissimo! exclamou elle. Excellente hora. Não percamos tempo...

O archivo mettia medo, de manuscriptos guardados em innumeraveis estantes.

O Barrozzi, ora tocando n'um raio das estantes, ora abrindo uma gaveta, ora puchando um rolo, ora desanichando uns papyros e deitando a mão a um masso estreito, principiou por me mostrar algumas cartas, de entre muitas que lá estão, dos nossos

reis. (Escreviam mal, aquelles monarchas, que não se póde fazer idéa. Só visto!)

D'essas correspondencias se observava interessantemente, haver sempre tido a republica veneziana boas relações com Portugal, não tendo embaixadores permanentes.

Lá estava uma memoria inedicta do dr. Erizzo ácerca das relações de Veneza com Portugal, e um trabalho de Bartholomeu Cechetti *Visita agli archivi della republica di Venezia,* onde se encontra noticia de varias curiosidades do archivo, entre as quaes muitas ha que teem referencia á nossa terra.

Teve sempre a republica um consul em Lisboa, que escrevia ao Senado tudo o que acontecia por cá.

Por espaço de dois seculos foram estes consules de uma familia de appellido Moura, que se extinguiu n'este seculo, deixando uma galeria de quadros notabilissima, que pertence hoje a duas familias venezianas, a familia Sacchi e a familia Sernaggiotti.

Ninguem póde dizer que não haja de sorver com gosto a poeira de manuscriptos, uma vez mettido n'ella, e vendo-a espalhar-se de papeis que digam respeito a gente e coisas da nossa patria; isso me succedeu a mim, que principiei n'aquelle dia (é verdade que n'esse mesmo dia acabei) a tomar tal gosto em vasculhar todos os armarios suspeitos de arrecadarem noticia referente a Portugal, que, o secretario do museu Carrer, mostrou-se muito mais contente de mim do que cuidava poder merecer.

—Eis! exclamou, segurando um rolo de antigos manuscriptos. Sentemos-nos junto da janella. Goze-

mos primeiro isto aqui. Corra com a vista esses papeis a vêr se entende tudo. É a informação circumstanciada das aventuras de um principe portuguez. Veja com attenção! Com attenção, meu amigo...

Poucos instantes haveriam decorrido depois que eu estava de nariz em cima da papelagem, quando —chegava a parecer malificio, que, por feiticeria me quizessem fazer!—uma gondola, que vinha sulcando lentamente as ondas, me trouxe ao ouvido a toada, de principio longiqua e confusa, de uma canção.

No andar pichoso da gondola havia certa ligeireza, em que se adivinhava o remar de uma rapariga; e vinha effectivamente no barco sósinha, uma mulher nada feia e com uma voz de vibrações encantadoras, que se casavam com o murmurar da agua de encontro ao bote. Era de a ouvir e chorar por mais.

O barco passava mesmo encostado á casa onde nós estavamos.

O Barrozzi franzira levemente o sobr'olho ao verme levantar a vista do papel; mas enchi-me de coragem para não me debruçar a olhar para a moça quando a gondola ia dar a volta e a sumir-se, e continuando a leitura, ao tempo a que já o sulco da barca e a canção da bella se haviam extinguido, como se eu tivesse sonhado com aquella figura esbelta, de cabello solto espalhado ao vento, balouçando o corpo, a puchar pelo remo como se fosse bailar, disse serenamente ao erudito secretario:

—Este D. Manuel, pelo que vou colligindo correu as sete partidas...

—É o que cumpre averiguar excrupulosamente, até onde fòr possivel chegar em investigação. Entreter-nos-hemos n'isso. Não lhe faltam ahi papeis e todos de fé e authenticidade. Não treslade, escolha de todos os manuscriptos que ahi lhe apresento, as partes que lhe convenham e agradem para uma qualquer noticia que queira dar de tal assumpto. Por poucos dias que ainda se demore em Veneza, empregue duas ou tres manhãs n'isto: Vale a pena, se não me engano. Algumas participações e duas ou tres cópias de escriptos em resposta, são em italiano,—e que italiano!—será necessario que eu lh'as traduza. Deligenceie encontrar n'essa multidão de papeis a relação que liga umas coisas com as outras. O apparelhamento d'isso é o que mais custa. Sente-se a essa mesa, e sirva-se das divisões d'esta estante para accomodar melhor os manuscriptos. Á obra! Aponte tudo o que se lhe figure curioso. Quando encontrar duvida, diga-me. Não me tiro d'aqui. Depois fará selecção, — mas vá apontando... É o romance de um portuguez, que andou quasi toda a sua vida correndo aventuras por terras estranhas; e era filho de D. Pedro II; e era irmão de D. João V, esse portuguez!

Principiava, confesso, a captivar-me de curiosidade, o caso.

Fui sentar-me, dispuz cautelosamente os papeis, preparei-me de lapis e pequenas tiras para apontamentos, colloquei devidamente uma pequena estante

destinada a expôr e segurar as folhas, á proporção que eu as consultasse, e, fazendo o meu cumprimento ao Barrozzi, esqueci-me de tudo o mais e tratei apenas do que vae lêr-se.

Sendo rei de Portugal o senhor D. João V, que se regalou de subir ao throno na idade de dezesete annos, e tendo apenas decorrido nove annos depois que aquelle monarcha se regalava ainda melhor de já ser rei, appareceu-lhe em Lisboa no mez de outubro de 1734 um senhor seu irmão, de vinte e oito annos de idade, que fugira do reino quando tinha onze annos, e se conservára ausente até áquella data.

Vinha triste, e, não poderia dizer-se pobre, porém mal remedeiado, esse mancebo. Olhos vivos e penetrantes, faces cavadas, rosto sobre comprido, cabello corredio, dentes desirmanados, figura airosa. D. João V não o haveria talvez recebido de tão boa feição como succedeu mostrar-lhe, se não fôra a excellente disposição de animo com que n'aquelle dia se encontrava propenso a perdoar, a esquecer culpas... e a não estar de fallas tolhidas com ninguem. O que fizera, o que havia feito, porém, aquelle filho mais novo de D. Pedro II, por esse mundo, e á tôa, desde os onze annos?

Vinha em tanta maneira sério, que parecia de mais avantajada edade do que os annos que tinha; soberbo e impertigado, porém, como que enfeitando-se com o mundo.

D. João V—passado o tempo da primeira surpreza, suavisada pelo annuncio da chegada, que lhe

fôra dado pelo conde de Tarouca, teve grande curiosidade de o tornar a vêr e deu-lhe a alegria para rir muito e muito.

Foi esse riso considerado de principio, como mau signal; depois se viu, porém, que o rei tratou seu irmão com muito agrado em quasi todo o tempo que elle se demorou em Lisboa, que foram onze mezes; e entretinha-se a perguntar-lhe quantas particularidades lhe parecessem curiosas da sua carreira de aventuras. O mancebo era bem fallante, tinha talento natural, expremia-se com graça; e do que vi nas correspondencias, conclue-se que D. João V por vezes queria ouvir o parecer d'elle em alguns assumptos. Se queria ou não queria, é difficil agora averiguar: o que parece certo é que el-rei ouvia de boa mente a descripção das correrias d'esse heroe, e se comprazia em que uma e mais vezes repetisse de como fôra que se resolvera em idade tão tenra a embarcar ás escondidas em Belem n'um navio inglez e ir-se á ventura. O rei insistia em que elle tinha ido com outros amigos e havia sido mal aconselhado; porém o infante affirmava, que, havendo cêado em Belem, e tendo ali feito conhecimento com um embarcadiço, se resolvêra, de momento, áquella empreza de se ir por esses mares fóra, movido do desejo de vêr mundo e de se escapar de seguir o estado ecclesiastico, para o qual nenhuma vocação sentia e que el-rei teimava em lhe querer dar. Que dois creados o não haviam querido deixar partir sósinho, e que para o segredo ficar mais seguro consentira em os levar na sua companhia.

Que ao romperem de Portugal as ordens para que de Paris onde elle estava a divertir-se o mandassem para cá em occasião segura, o enviado de Portugal respondêra que ali se achava effectivamente o infante, mas que não podia sair de lá sem pagar as dividas que ali contrahira, embaraço que se resolveria mediante uma letra de cento e cincoenta mil libras que ia saccar sobre Lisboa. Vêr o infante essa tal letra, e descontal-a, foi obra de poucos momentos, mas levou-lhe ainda assim mais tempo do que a pensar no enviado do rei de Portugal seu augusto irmão, ou nos credores que lhe faziam a honra de esperarem por elle.

Sorrindo e como quem se accusa humildemente de uma culpa, — porém sem fazer reparo algum nos fidalgos que para ali estavam, e a quem sempre tratou como creados, mostrando-se de uma occasião surprehendido de vêr que de creados do paço se compunha em Portugal a nobreza toda — referia D. Manuel a seu irmão que lhe pesava agora a lembrança que tivera de haver ido dar comsigo á campanha da Hungria, e não só comsigo mas com o dinheiro que levára de França, marchando a apresentar-se no quartel general dos imperialistas a tempo ainda de tomar parte na victória de Peterwardein, em vez de, melhor encaminhado, ir formar parte da esquadra commandada pelo conde do Rio Grande que el-rei enviára em auxilio de Corfu sitiada pela esquadra ottomana.

Juizo fallado ninguem o teria melhor, e eram palavras, estas, para serem acolhidas com agrado, como

effectivamente o foram por D. João V, que levou a sua bondade a encarecer de louvor a serenidade de animo que observava em seu irmão:

—El-rei meu pae, retorquira D. Manuel, era docil e prudente, mas nem por isso deixou de ser elle que compelliu o sarraceno á fuga em Ceuta... Se não houvesse Vossa Magestade mostrado tanto empenho em que eu fosse padre, nenhuma das loucuras da minha vida teria eu agora que lamentar... mas, se tão grandes sommas se tem dispensado com o mandar missionarios ás conquistas, não é muito que haja indulgencia para mim que me fui sósinho a conquistar a minha independencia.

Por um momento ia principiando novo agastamento de el-rei, cujo animo não poderia soffrer taes réplicas, muito mais em occasião tão mal escolhida para as soltar, achando-se ali presentes pessoas da côrte, que haviam sido testemunhas da grande bondade com que D. João estava tratando aquelle cavalheiro errante, que assim parecia revoltado contra a indulgencia com que se via acolhido pelo seu irmão.

Mas D. Manuel proseguiu sem demora a sua narrativa, e a curiosidade fez dissipar um pouco a impressão menos agradavel que cortára de subito o animo do rei.

—Digne-se Vossa Magestade attender que a historia da minha vida não serve só para divertir emquanto se estiver ouvindo; pela mesm'arte que os cirurgiões receitam certas drogas venenosas, assim ha destinos extravagantes de que possam tirar-se lições de utilidade. Estimo algumas

acções imprudentes da minha vida. Dei provas de valor como voluntario nas fileiras do regimento de dragões, entrei na tomada de Temesvar onde fui ferido; tratou-me o principe Eugenio com grande estimação; e quando cheguei a Vienna fui grandemente recebido no palacio imperial. Não me consentiu o animo parar ali, é certo, e fui-me de viagem á Hollanda. Deram-me, porém, as saudades da guerra, e voltei ao exercito outra vez, com tanta fortuna que tomei parte na acção das muralhas de Belgrade e na tomada da praça. Loucuras? Ser-me-hia penoso que... Corcunda que seja o filho, nenhum pae gosta que, para lh'o endireitarem queiram cortar-lhe a corcova. Não convem de nenhum ponto a côrte ao meu caracter vagabundo; cheguei a preferir algumas vezes aos festins de apparato o mastigar em secco fazendo cruzes na bocca sem ser beato... Quando em 1719 obtive o commando do regimento de couraceiros do conde de Gromfeld, com a pensão de cincoenta mil florins, respirei como havendo ganho uma grande batalha, eu sósinho, a batalha de viver e ganhar o meu logar sem que podesse duvidar-se de que só a mim o devia. N'uma manhã em Praga, na corôação de Carlos VI e da imperatriz Isabel Christina, caiu-me uma lagrima em cima do Tosão de Ouro que me fôra dado logo depois de me ser concedida a tença; vinha do meu orgulho aquella lagrima, e de estar contente commigo, — o essencial para mim. Estabelecida a paz fui-me a estar dois annos em Madrid, nem bons nem maus. Uns queriam ali emprehender de novo a campanha

fradesca de lograrem de mim que seguisse d'aquelle dia em deante o estado ecclesiastico; outros riam commigo d'aquella teima. Não se cançou pouco o cardeal Bentivoglio a acenar-me com um chapéo que me viria do papa...

Quiz D. João V dar, n'esse ponto, a seu irmão explicações demoradas a tal respeito; affirmou não haver nunca annuido a taes propostas, e ter combatido as deligencias do Bentivoglio, não sem declarar singelamente a seu irmão que o papa tambem, por sua parte, se havia mostrado em tudo isso um pouco frio.

D. Manuel mostrou-se grato ao rei, e a côrte pareceu encantada da expressão amavel que principiava a estabelecer-se entre D. João V e o seu extravagante irmão.

A grande scena foi essa. Mais tarde, o mancebo continuou, por vezes, referindo ao rei os casos da sua vida agitada, parecendo sempre, como a Scheherazada das *mil e uma noites,* querer conservar suspensa e presa a attenção de D. João V; succediam-se as narrativas, multiplicavam-se os episodios verdadeiros, fieis, exactissimos sempre, mas incompletos na ligação que os encadeava, ora a estada d'elle em Genova nos ultimos mezes de 1728, ora uns dias de Milão, ora umas semanas de Veneza: depois em 1730, as viagens na Hungria, na Polonia, o ir parar a Moscow e as deligencias empregadas em solicitar primeiro a mão da imperatriz, e, logo depois da mão da imperatriz, a mão da sobrinha da imperatriz, não logrando alcançar nem uma nem

a outra, dando um trabalho immenso áquella gente toda para o impôr d'ali, sem já ninguem o poder aturar — o que lhe alcançou do imperador de Austria interessar-se vivamente em lhe fazer as pazes com D. João V, favor que o infante não teria de agradecer-lhe, visto como todo o empenho d'esse imparcial protector tivesse apenas em mira vêr-se livre d'elle. Fizeram-se negociações, e ajustou-se comprar-lhe terras na Allemanha com os apanagios atrazados de que se lhe estava em divida, recebendo de Portugal a dotação annual que lhe competia, não tendo nunca mais o imperador de lhe dar a pensão que lhe concedera até essa data, e deixando-lhe o regimento para não ter ares de lhe tirar tudo...

Mas, o nosso heroe achou isso tudo pouco. Apresentou-se como um dos candidatos á corôa da Polonia, disponivel por aquella occasião.

O melhor, porém, não é isso, e assim se prova o quanto a fortuna ajuda os audaciosos; o melhor é que, pela convenção de 13 de dezembro de 1732, que tomou o nome da do conde de Lœwenwold, irmão do marechal, combinaram a Austria, a Russia e a Prussia excluir qualquer candidato que a França recommendasse, e, em resultado d'essa conspiraçãosita, dirigiram para elle os seus suffragios.

A estrella, apesar d'isto, logo depois de luzir, sumiu-se. Fôra uma fosquinha da sorte, apenas, aquelle sorriso fagueiro da fortuna. A Russia não queria tal candidatura, e a Austria abandonou-o tambem. O fervor da ambição, que lhe afrontava o orgulho, sem poder mitigar-se pelas dadivas

que lhe fizeram, nem pelo agrado que lhe mostraram na côrte, minava-o com uma idéa fixa, e essa idéa era a do casamento. O throno da Polonia tornára-se em sonho predilecto das suas ambições e dos seus disvellos. N'uma manhã, ou porque a impaciencia lhe não permittisse esperar por mais tempo, ou porque o animo lhe dissesse que era chegado o momento, abriu-se com o rei, e affirmou terminantemente o empenho que o dominava.

Parece que D. João V escutára com modo ironico a confidencia, e enfadado se recusára a deixar o infante celebrar contracto de casamento.

Assim se turvou, a amenidade d'aquella visita. D. Manuel deliberou partir, e deixou Lisboa de repente em 14 de setembro de 1736, de noite. Para onde foi, como foi, com quem foi, é o que não póde apurar-se das notas e correspondencias onde colhi esta noticia. Informações diversissimas, dão-o por fugido em companhia do seu confessor e de um D. Rodrigo de Castro; pretendem insinuar que elle havia mandado na vespera comprar quantidade de joias de alto preço; que andára n'isso um frade, o qual o acompanhou, assim como alguns creados; e, tambem, que nada d'isto fôra, que partira com uma mulher por quem andava rendido. Em 1742 quando D. João V teve o primeiro ameaço de ataque apoplectico, ou o mandou chamar, ou elle lhe appareceu aqui por seu alvitre, o caso é que se achava em Lisboa por occasião da morte de el-rei, e correu pouco tempo depois o boato de o haverem querido raptar tres corsarios de Argel andando elle

a passear fóra da barra de Lisboa n'uma *bergantea,* segundo a nota italiana, que quer provavelmente dizer bergantim.

Escapou de mais essa, e o rei D. José augmentou-lhe o tratamento e deu-lhe um palacio que a nota tem a innocencia de declarar haver sido edificado á custa do thesouro, proporcionando-lhe assim acabar os seus dias na commodidade e abundancia com que frequentemente n'este mundo, de umas vezes o maioral, de outras a sorte, gratificam os que nunca pediram á vida senão o direito de fazer disparates...

*

Quando o Rossini compoz a *Italiana em Argel,* teve a mania de querer absolutamente conhecer um turco; e Benaventano, celebre baritono, que aqui esteve, durante umas poucas de épocas theatraes, e que contava do *maestro* as ratices mais extraordinarias, referia ter sido elle proprio incumbido de arranjar um turco e leval-o a casa de Rossini.

Depois de correr a procurar por um lado e outro, nada de turco. Estava o Benaventano, como se costuma dizer, em ancias.

N'isto batem-lhe á porta e apparece-lhe um pobre diabo que havia sido creado d'elle em tempo, e trocára o seu serviço pelo de estar ás ordens de outro amo que lhe offerecêra mais ordenado. Vinha de novo pedir-lhe para o tomar para casa.

—*Caro ragazzo,* tu, por dinheiro, trocas pae e mãe! Não se póde contar comtigo. És docil, és geitoso, és affavel, és submisso e respeitoso, mas o interesse, o vil interesse, é mobil de todas as tuas acções. Nenhumas garantias de segurança e tranquillidade offereces ao patrão que te quizer para seu servo. Tu a entrares, outro a accenar-te com prata ou ouro, e tu a saires e a correres atraz d'elle!... Foi o que me fizeste. Acceitar-te-hia de novo se me inspirasses confiança; mas, não m'a inspiras desde que sahiste da minha casa por modo tão insólito. O que te faltava aqui, dize? Em quê e porquê te achavas mal?

—Sr. Benaventano, eu não me achava mal; mas, ao lado da sua casa, morava um diplomata, que me offereceu grandes vantagens para entrar ao serviço d'elle e acompanhal-o ás longas terras onde o seu posto o obrigava a dirigir-se.

—E tens estado com elle todo este tempo?

—Saberá o sr. Benaventano, que com elle tenho estado; e, se agora me despedi, deve-se isso a não me ter dado bem na Turquia, para onde passámos.

Benaventano deu um passo atraz.

—Tu estiveste na Turquia?!

—De lá cheguei hontem.

—Hontem?! Da Turquia! E então viste os turcos?

O creado poz-se a rir.

—Visto isso observaste os seus usos, e o seu caracter?

—Ora, se observei! São muito somiticos.

—Excellente. Sabes, visto isso, contar, a seu respeito qualquer particularidade como se fallasses de ti proprio?

—Perfeitamente.

—Não tens um distinctivo, uma prenda, um objecto que te *turquise* bem, quero dizer, que te caracterise bem?

—Tenho. Deseja algumas chinellas? Trouxe d'isso em grande, e tambem um gorro intencional para a sua pessoa, por me parecer que lhe hade ficar ao rosto!

—Bello. Tomo-te de novo ao meu serviço, mas com uma condição. Vaes levar uma carta minha ao sr. Rossini, que ainda paga melhor do que eu. É homem generoso...

—Devéras?

—Generosissimo, principalmente para os turcos; dize-lhe que és turco e terás quanto queiras d'elle!

—Muito obrigado!

Uma vez em casa do auctor da *Semiramis,* onde se apresentou portador da carta que o indicava como turco, o maestro fez-lhe as perguntas mais extravagantes. Elle respondia a tudo. A tudo. Do que dissesse respeito a sentimentos, opiniões, religião, politica e costumes.

—Ainda tens pae? perguntou-lhe Rossini.

—Já o lavei.

Rossini não o comprehendeu bem. Para não repetir, porém, a mesma pergunta, variou de interrogação.

—Tua mãe ainda vive?

—Ensaboei-a já.

—Ensaboaste tua mãe; lavaste o teu pae?!

—Pois não me perguntou se ainda existem? As ceremonias a que me refiro são o indicio de não serem já d'este mundo. Outros fossemos nós que os cozessemos n'um sacco para os preservarmos do contacto do ar; mas, isso não, não somos capazes de tal. Deixamol-os livres no seu sudario, lavados e aceiados, para poderem ajoelhar e apresentarem-se limpamente na occasião do julgamento. Se o sr. Rossini quizer tomar-me para seu creado, deixarei de servir o sr. Benaventano, e póde ficar certo de que na occasião propria, o heide lavar e ensaboar que hade ser um gosto!

—*Sangue di Baccho!* exclamou Rossini. Pôe-te no meio da rua, patife de turco!

—Venha dinheiro, dizia-lhe o outro.

—Morre tu, turco do diabo; lava-te a ti proprio ou faze-te lavar pelos da tua raça; ahi tens e some-te, turco fatidico!

E tanto empenho tivera, de conhecer um turco!

*

—Vossa Excellencia, vem agora do conselho de estado? perguntavam a Rodrigo da Fonseca.

—Venho.

—O que se passou?

—Passaram-se duas horas, retorquiu o ministro.

*

Nos ultimos annos da sua carreira, o tenor Mario, tinha, a par de incomparaveis triumphos, algumas noites em que não se parecia completamente com o que havia sido na vespera, e em que se mostrava inferior a si proprio e, o que é mais, inferior a todos.

Foi em uma d'essas noites que um amigo d'elle passando em Londres,—grande musico e grande senhor ao mesmo tempo—comprou n'um d'aquelles armazens de pianos das immediações do theatro o seu bilhete dos logares de guinéo, por duas libras!... Cantavam-se os *Huguenotes*.

Mario estava sendo mau a valer n'essa noite.

O amigo foi vel-o ao camarim, e disse-lhe ao ouvido, rindo:

—Olha que me deves duas libras!

—De que?

—De um bilhete que comprei para te ouvir... e tu hoje não tens cantado.

Mario olhou para elle muito sério, e com o seu ar de gentil-homem (não esqueçamos que era filho do marquez de Candia) retorquiu serenamente:—Não nego a divida!

Passaram-se dias. N'uma bella ou não bella manhã,—as manhãs em Londres raramente são bellas—recebeu o amigo uma carta de Mario.

A carta continha um bilhete para a platéa supe-

rior, um dos taes bilhetes de guinéo, e dizia: «Se estás livre esta noite, faze-me o favor de vires ao theatro. Serás pago do que te devo!»

N'essa noite,—cantavam-se os *Huguenotes*,—foi divino.

*

Veiu a Lisboa, de uma occasião, o barão de Mendonça no tempo em que estava consul em Bordeus, e hospedou-se no hotel Central.

Nos quartos, que habitou, de tal ordem se estabeleceu concorrencia de visitas, que houve tempo de se entruviscar o dia, e mudar, de uma manhã clara e formosa, para uma borrascosa tarde de inverno...

O barão, que tinha de sair, disse a um dos creados que mandasse comprar para elle um chapéo de chuva.

N'uma das lojas do hotel Central acha-se estabelecido um dos melhores cabelleireiros de Lisboa, Godefroy filho, que, entre outros objectos, vende chapéos de sól ou chuva, como queiram!

O criado do hotel foi ao cabelleireiro, e disse-lhe simplesmente que mandasse chapéos de chuva ao quarto numero tantos, a fim de que o hospede podesse escolher o que mais lhe conviesse.

O cabelleireiro assim fez; e appareceram no quarto do barão de Mendonça, gentilmente encostados a um canto ao pé da porta, seis bellos chapéos de chuva.

O barão, conversando, palrando e rindo, nem sequer deu por tal.

A chuva cahia mais desapiedadamente de instante para instante, e tudo indicava que não deveria parar tão cedo.

As visitas olharam umas para as outras como quem diz—E esta?!

A pouco e pouco, vendo que não havia remedio, resolvia-se, ora uma, ora outra a despedir-se...

—Então já? dizia-lhe o barão. Está a chover muito!

—Não ha remedio. Tenho que fazer!

—Leve ao menos, um chapéo de chuva!

E, mettia-lhe nas mãos um dos chapéos de chuva, que o Godefroy enviára á escolha.

D'ali a nada, outra visita a levantar-se:

—Já não temos outro dia. Adeus, meu amigo.

—Não trouxe chapéo de chuva?

—Não trouxe, não. Pois, quem poderia esperar, que o tempo se pozesse assim?!

—Aqui está um! dizia o barão.

E dava-lhe outro chapéo de chuva.

Assim foram saindo successívamente todas as visitas, e successivamente tambem foram com ellas saindo os chapéos de chuva...—os chapéos de chuva do Godefroy!

O barão, ficando só, resolveu-se tambem a sair.

E, não vendo chapéo de chuva algum, chamou o creado.

—Então o chapéo de chuva?

—Estavam no cantinho... Seis, sr. barão, seis!

—O que?! Seis!...

—Pela minha propria mão aqui os puz...

—Bem; vá buscar-me um para mim.

—V. ex.ª já reenviou os outros, os taes seis que eu trouxe? Não gostou do feitio d'elles? Os castões não eram feios... A seda parecia boa... Eram de doze varetas, barba de baleia... Não agradaram, a v. ex.ª

—Vá buscar-me outro, vá buscar-me mais um... Despache...

—O sr. barão fica com os sete?

Muito bem! Corro a ir buscar mais esse sr. barão! É um pulo!

E, dando-se a circumstancia de não ter n'essa occasião mais chapéos de chuva á venda o Godefroy, continuando a chover torrencialmente, e não havendo maneira de obter um trem; o barão de Mendonça desceu, comtemplou á porta da rua aquella renovação do diluvio, e, na contingencia de ter de ficar em casa por não ter chapéo de chuva, ir para a rua encharcar-se, voltou para o quarto.

A esse tempo mandava-lhe o cabelleireiro Godefroy, a continha e o recibo dos seis chapéos, — que o barão pagou.

*

Com justo ou não justo orgulho, dizia um personagem á esposa:

—Turco é que é bom ser!

—Porque?

—Porque sim. É bom ser turco. É marido de umas poucas de mulheres, sem ninguem reparar; e evita, por esta maneira, o enfado, que uma constante convivencia costuma trazer á vida conjugal.

—Costuma?

—Costuma, ás vezes. Não é sempre. Excepção confirma a regra. Nós, (sorrindo como quem quer salvar-se por esperto), somos, d'isto, um exemplo...

—Exemplo do que?

—Exemplo de ventura de explendida lua de mel. Sempre cheia; ou em crescente, que ainda é de uma imagem mais delicada!

—Mas, apesar d'isso, é bom ser turco?!

—Hein?

—Dizes tu, não é isso?

—(Elle, com ares de grandeza.) Não deve ser mau, não!

—Coitado! Sahia d'ahi um fraco turco!!!

*

Nos paizes estrangeiros ser *claqueur* é um emprego, além de rendoso, cheio de dignidade.

Contou-me uma vez o tenor Naudin que um antigo chefe de *claque* vendeu o seu logar por um dinheirão.

Se fosse cá até o despensariam de assentar praça, ou, pelo menos, de ser jurado...

—Então que motivos allega para não cumprir estes deveres?

—O ter muito que fazer, sr. juiz. Saberá v. s.ª
—Em que se emprega?
— Sou artista!
—Que qualidade de artista?
—Sou do theatro.
—É comico?
—Não, senhor! Saberá v. s.ª
—É musico?
—Tâmbem não, senhor!
—Faz machinas para as magicas?
—Nada d'isso! Saberá v. s.ª...
—Então o que faz?
—Aqueço as peças!
—Está-me a disfructar?
—Saberá v. s.ª que estou a fallar sério. Está bem de ver que me não é possivel, estando lá preso ás noites e tendo de assistir de manhã aos ensaios...
—Aos ensaios?
—*Clarorio!* Para marcarmos, de accôrdo com o emprezario e os actores, as situações que devem ser palmeadas. Tem guizo! Aquillo toma tempo a valer!
—Diz bem, respondeu o juiz, meditando. Fica dispensado á vista de taes razões. Póde retirar-se!

*

Fez-se ouvir, n'um paço real um pianista.
Acabado o concerto, e depois de grandes applausos, approximou-se d'elle o rei, e cumprimentou-o nos termos seguintes:

—Muitas vezes ouvi o Thalberg...

O pianista curvou-se todo.

—Ouvi Listz muitas vezes!

O pianista curvou-se ainda mais, preparando-se para apanhar um cumprimento cada vez maior.

—Mas, accrescentou o rei, nunca vi um pianista suar tanto como o senhor.

---

*

Se o mundo tivesse sido indulgente para com ella, poderia talvez haver saido d'ali uma joia! Mas o mundo é bruto, tolo, invejoso e mau: tenho pena por elle, coitado, mas deve-se-lhe esta justiça. Fel-a gastar o melhor tempo da vida a preparar-se para ser feliz e a merecel-o, e faltou-lhe a tudo; cuidava a pobre creatura que o ser bonita é uma segurança para o amor, e veiu a conhecer com o tempo que as bonitas são principalmente destinadas... a que as deixem, para irem ás feias: que se admira quem é prendada, mas que as estupidas têem mais fortuna; e finalmente que, por uma lei absurda, tem-se grande estimação pelas que são sérias e modestas... e gosta-se das outras.

Quando ella chegou a perceber bem tudo isto, ia já a deixar atraz de si a mocidade, e estava furiosa, estava o que o povo diz damnada!

Mordia-se com a idéa de haver sempre aspirado sem obter; de lhe haver fugido tudo, quanto julgára ter seguro!

O espelho principiava a entristecel-a ainda mais, e, o pouco feliz que era, a dar razão ao espelho.

Estava já para saltar o barranco que em todos os tempos os moralistas têem desenhado com uma certeza de geographos: ia dar-se toda á devoção.

N'isto, como tivera uma herança, appareceu-lhe noivo: casou. O marido tinha uns olhinhos piscos; pretenções a importante; dava-se ares ás vezes de ter idéas largas, mas via-se logo... que eram baixas; largas, mas, baixotas!

Viveram antes mal que bem. Não é que elle fosse um monstro, era um semsaborão presumido e ajudado não pela sorte mas pelas protecções, que são uma especie de sorte que se arranja cá por baixo: ás vezes chegava a parecer um menos mau figurelho, entre interesseiro e sincero: mas se as coisas que dizia vinham do coração, não é menos verdade que lhe saiam pelo nariz: era um bocado fanhoso. E depois insignificante, o peor dos crimes.

A pouco e pouco o gosto d'ella seria esganal-o. Mas, não se esgana assim! Continha-se, e ia-lhe fazendo presente, em especial, do odio que ha muito tempo tinha ao mundo todo.

O marido um dia sentiu-se em artigos de morte, e como a mulher o fazia de fel nos ultimos tempos, não quiz morrer sem lhe pregar uma peça:—jurou-lhe de voltar cá todas as noites para a apoquentar.

—Para me apoquentares!?

—Para te apoquentar!...

Isto inquietou-a muito; inquietou-a ao ponto de querer tomar precauções.

Foi-se a elle depois de morto, e pregou-lhe um prego na cabeça e outro nos pés, para ficar bem prezo ao caixão e não se poder d'ali mecher.

O marido, este é que é o caso — nunca lhe appareceu. Ella ia por ahi passeando a sua elegante viuvez. Apesar de ir para velha, como estava rica, os caçadores de dotes faziam-lhe muito a côrte. Ella ria-se. Uma vez, em casa de uma familia de amisade, contou muito contente a duas amigas a esperteza que tivera; as amigas foram dizer tudo á familia, e um dos parentes obrigou-a a ir despregar o corpo do marido...

Desde esse dia está sempre a tremer com medo que elle se lhe apresente...

Tem horas de loucura, e, nos intervallos lucidos estremece á idéa de morrer de algum ataque mais forte... e ir encontrar-se com o marido...

Diacho!

*

O ministro de França que esteve em Lisboa, o sr. Laboulaye, filho do famoso litterato, auctor, entre outras obras, do celebre *Paris en Amérique*, deu um jantar ao seu collega do Japão e convidou differentes pessoas para essa festa.

Quando os convidados lá chegaram, tiveram, segundo o termo que as *Viagens na minha terra* au-

ctorisam, um absoluto *desapontamento:* o embaixador não era quasi nada japonez, estava vestido á européa, e largava, por qualquer coisa, a fallar francez, como se lhe déssem corda... E esta?!

Ainda se esperava, que elle, á noite, á hora em que se canta e se toca piano, fallasse um bocadinho japonez para entreter agradavelmente as senhoras e não se furtar á justa curiosidade das pessoas presentes...

Mas, qual! Francez e mais francez... Modo agradavel; conversação moderna; e um meio termo europêo, nem sublime nem grotesco, que assim como não dava idéa de sopa de ninho de andorinhas, tambem por nenhuma maneira denunciava que elle se chamasse Iou-Tay-Xu-Tang ou Zuargz-Tis-Thhing-Hoa.

Imaginem, porém, que, este celebre embaixador, era, segundo contam, casado, na sua terra, com uma italiana. Chama-se Indzuza este plenipotenciario, tem ciumes d'ella que se pella; e, por fatalidade, um namorista, um extravagante, um excentrico, que foi parar ao Japão, negociante, engenheiro, consul, vice-consul, ou não sei quê, apaixonou-se-lhe pela mulher. Olá!

Apaixonar-se, é bom de dizer; mas, é, que perdeu a cabeça, ao ponto de não haver loucura que não emprehendesse, e lhe propozesse a ella; para a conquistar. Olé...

Primeiro offerecimento ou primeira loucura, foi induzil-a a fugir, e virem divirtir-se para a Europa; —que o Japão era feio, que os japonezes pela sua

côr triste e fusca escureciam o horizonte: que o dia se tornava pardo como elles; que o sól no Japão acabaria por ter ictericia; que era necessario fugir, fugir... Trilolé!

Ella não fez caso e não lhe deu ouvidos.

Segundo offerecimento, foi o de desafiar o marido,— este Indzuza, este plenipotenciario—, para o matar em duello e fazer por este modo com que ella ficasse livre!

Tantas attenções e delicadezas não poderiam deixar de merecer resposta; e, a requestada esposa encontrou-se nas difficuldades mais melindrosas, para dar uma bonita solução a estas negociações diplomatico-amorosas.

—Sabe onde é o templo do semi-deus Sako?

—Não sei, mas pergunto; retorquiu elle.

—Está lá o idolo de Ramaca, deusa da agricultura, formoso idolo, que tem um olho só, um olho de diamante...

—É boa!

—Traga-me o idolo; ponha-me aqui o idolo; e o meu coração será seu.

O outro, negociante, engenheiro, consul, vice-consul, alto! Não era nada d'isto, era um *lingua:* era um *interprete:* agora mesmo o soube! o outro, se havia de largar a fugir, ou interpretar tudo, menos aquella singular proposta, foi-se aos bonzos do templo, propoz-lhes comprar o idolo á razão de não sei quanto por mez, fóra o dinheiro que entregasse de prompto, negocio que viria a dar em terem contas para uns duzentos e tantos annos...

Os bonzos por pouco que não o quizeram comer; puzeram-o fóra do templo aos empurrões.

Sem por isso perder as esperanças, o lingua vae a casa, arma-se bem, volta ao templo, larga aos tiros aos bonzos, e salta no idolo para levar á bella... Um dos tiros, porém, déra no olho de diamante, fizera-o saltar, como era de crêr, e, por mais que se procurasse, foi impossivel achal-o. A Providencia; pois que! A Providencia que sempre vela pelo bem, quer seja no Japão, quer n'outro sitio! A esposa do benemerito diplomata ficou virtuosa como era! Olé! Olá!

Apesar d'isso o diacho do plenipotenciario nunca mais quiz interprete, e é por isto que, conforme acima lhes disse, em largando a fallar francez, é como se lhe déssem corda!

*

O velho marquez de Fronteira, era muito distraido, e succediam-lhe os casos mais galantes por causa d'essas distracções.

De uma occasião foi a casa de umas senhoras, em Belem, creaturas idosas, muito bem educadas e de estimação, mas de posses modestas.

Entrou, cumprimentou, sentou-se, e conversou.

Conversou, conversou, e assim foi chegando a hora de jantar das duas senhoras.

Já a conversação esfriava, já as senhoras tossiam e tomavam ares de meditação, e o marquez conti-

nuava de cadeira, sem se ir embora nem fallar de tal.

Bateram á porta; era o procurador d'essas senhoras.

—Oh! sr. fulano! Queira entrar, e sentar-se...

O procurador sentou-se.

Levantou-se d'ali a nada uma das senhoras, foi lá dentro; depois, a outra pediu licença ao marquez e foi atraz da primeira.

O marquez, e o procurador, ficaram sós na sala.

As duas senhoras diziam uma á outra.

—O que significará isto?

—Não sei; o melhor é jantarmos.

—Mas, póde elle perceber.

—Convidamol-o a jantar comnosco...

—Ao marquez? Sopa e cosido!...

—Se não quizer, não janta.

Melhor é não lhe dizer nada.

—E nós?

—Janta tu, primeiro.

—Não. N'esse caso janta tu, e depois jantarei eu...

A este tempo, dizia o marquez ao procurador:

—E esta!?

—Qual?

—Não se vão embora estas velhas!

—Para onde?

—Para onde quizerem. Com tanto que me deixem. Estamos n'isto ha tres horas!

Então, o procurador, respeitosamente:

—Sr. marquez, v. ex.ª é que está em casa d'ellas.

O marquez caindo em si:

—Ai!

—É isto ou não?

—É isso é. Que coisa esta! Chame-as lá...

E pegou no chapéo, emquanto o procurador dizia para dentro:

—Minhas senhoras, o sr. marquez deseja despedir-se...

As velhas senhoras respiraram!

*

A um que era *figuron,* dizia um rei:

—Tens as mãos tão pouco esmeradas, fulano!

E elle emproando-se:

—Magestade...

—Tens. Tens as mãos sujas; ora, repara....

—Não me diria isso Vossa Magestade, se me visse os pés!

*

Vae de passeio uma menina pelo braço do seu noivo, moço esbelto e airoso; perto d'elles mas do outro lado da rua, passa um mancebo engoiado e corcunda.

Diz o noivo á namorada:

—Aquelle, que ali vae, é um grande amigo meu.

Feio de corpo, coitado; porém, riquissimo. Riquissimo!

Como isto foi, não ha sabel-o; mas, o caso é, que, essa mesma menina passou, tempo depois, por uma rua, dando o braço ao corcunda, de quem hoje é esposa. Sae de uma travessa, e corta por deante d'elles, o mancebo esbelto.

Diz o corcunda á sua consorte:

—Porque me preferiste, tu, a um rapaz tão bonito, como aquelle com quem estavas para casar?

Responde a noiva:

—Ninguem diz que elle não seja bem parecido; mas, tu, tens qualidades tão raras, tão preciosas!...

*

N'um domingo antes da missa, estava toda a gente da aldeia a querer averiguar se uma rapariga, que ali chegára n'aquelle dia, era do logar ou não.

—Por onde terá aquillo, andado?

O sachristão disse:

—Sempre me quer parecer que nos havia de fallar, se fosse ella.

—Valha-o Deus! Soberba, como a d'essa rapariga, ainda a não vi n'outra. Era preciso fallar-lhe primeiro, para ella dar os bons dias. A pêga faz o ninho no ramo mais alto do chopo: assim toda a idéa d'ella foi trepar para nos vêr de cima. O Sebastião queria-lhe d'alma, mas nunca logrou que ella lhe désse palavra de noiva.

Durante a missa houve um bichanar constante, emquanto apontavam a dedo a forasteira, que parecia nem reparar n'isso sequer, cravando os olhos no chão.

Era uma bella rapariga, alta, bem feita, de ar agressivo e dominador. Nem timidez nem embaraço; graça aspera e brava; propriamente mulher do campo; belleza da serra, pittoresca, e radiosa; acre como fructa verde.

Estava apinhado de gente o corpo da egreja quando a missa acabou, e a rapariga teve que esperar,—encostada á grade de um altar,—que o povo fosse saindo.

A poder de olharem para ella e de a irem mostrando uns aos outros, demoraram-se mais, e isso deu tempo a que o prior lhe viesse ao encontro e lhe dissesse com ar de grande benevolencia:

—Por cá!

A rapariga curvou-se e respondeu com voz firme:

—Não havia de matar-me Deus sem eu aqui voltar.

O prior redarguiu com um bom sorriso:

—Quero fallar comtigo.

E seguiram até á sachristia onde ficaram sós, calados por alguns instantes, até que o prior, parecendo encher-se de animo, como se procurasse consolal-a:

—De Deus é que é esperar tudo, e só d'Elle! lhe disse.

Ella sorriu-se, com tristeza:

—Se aqui voltei, senhor prior, é porque adivinho que vou para perto.

—O termo da existencia de cada creatura só Deus tem o poder de o saber. Vê nas lagrimas dos infelizes a suprema appellação para o bem, e se a tua alma lhe pedir forças para expiar o mal na contricção . . .

—A minha alma tem saudades, e todo o meu mal, e o d'ella, é esse!

—Saudades de quem te perdeu, sem se lembrar dos votos que o prendiam!

—Tinha trinta annos! retorquiu a rapariga no tom de quem deffende.

—Trinta annos, e um genio ardente. Só eu sei até que ponto o demonio... Na aldeia ninguem ainda hoje o sabe... Só eu conheço a historia miseranda d'essa loucura, e tu propria ignoras a lucta que houve n'aquelle coração. Quando elle chegou da cidade, disse-me que a sua idéa era alcançar uma capellania militar, aqui perto, vaga n'aquella occasião. Vivia ahi para o lado da serra. De uma vez convidei-o a encarregar-se da prédica para a festa da nossa aldeia. Julgo ainda estar a vêl-o na manhã da sua chegada, montado n'um macho grande de arrieiro; e de capote traçado, ondeando ao vento. Figura esbelta! Agradaram-se d'elle os parochianos extasiados da sua palavra e da sua voz. Na tarde d'esse dia acompanhou a procissão, ao lado do palio, já no seu trajo profano, e sentia-se saudade, ao olhar para elle, da festa da manhã, em que havia apparecido envolto na batina. . .

A rapariga estremeceu.

—Mas, nem uma palavra, nem uma pergunta,

nem um gesto, denunciaram que a aldeia lhe houvesse dado mais doces impressões do que as da innocencia do viver do campo. No pouco tempo que aqui se conservou, andava satisfeito: pareceu apartar-se saudoso, isso sim, mas, a boa fé que me inspirava fez que eu attribuisse isso á estima com que devia ser grato á minha amisade. As suas cartas tiveram mais tarde a coragem de revellar-me tudo. O poder do mal encadeára-o, ao ponto d'elle julgar que já Deus lhe não bastasse. Fugiu; fugiu-te... E quando as minhas mãos se erguiam para agradecer o raio de graça que o illuminára, tiveram que baixar-se tremulas para te abençoar, a ti, que ias partir! Juraste-me que o não seguirias e que haverias de ter o valor de remires o teu erro na expiação... Agora, voltas! Que fizeste em todo este tempo?

—Estive com minha mãe. No sitio onde ella vive, a vinte e sete leguas d'aqui, ninguem me tinha visto, nem eu nunca d'ali vira ninguem. Desde que minha madrinha tomou conta de mim em pequena, nunca minha mãe aqui viera, nem eu sahi de cá nunca mais. Era tão natural eu ir vêl-a, que todos, sem desconfiança, me abriram os braços. A velhinha estava bem longe de suspeitar porque me visse... Ainda tem forças para ir todos os dias, antes do romper da manhã, buscar lenha aos pinhaes e voltar carregadinha de feixes, que vae vender ao fornos: para me ouvir o que eu lhe poderia contar, é que ella não teria forças! Parti outra vez, para a não matar. Sempre lhe ouvira dizer que

as creaturas são como os tijolos, cosidos todos na mesma fornalha e seguindo depois seu destino; uns em ladrilho de estalagem, que todos pizem, outros na parede da casa pobre e honrada, outros no cimo de uma torre, e outros no fundo de um poço... Como estes é que eu sou: mal o sabe ella, coitada!

O prior abraçou-a chorando, emquanto ella, suffocada, beijava a mão que lhe estendia o padre, como que repellindo-a ao mesmo tempo, para terem ambos o valor de se apartarem.

Quando a rapariga tornou a entrar na humilde casinha em que d'antes residia dentro da cêrca da madrinha, estremeceu toda. Não havia ali senão uma tosca mesa, uma arca, duas velhas cadeiras, um armarinho encravado na parede, um leito, e um crucifixo.

A'quelle crucifixo, áquelle doce typo agonisante das miserias da terra, emblema da humanidade e symbolo de todos os emblemas que a illuminam, resára ella muitas vezes nas horas em que a sua alma, receiosa de se perder n'este mundo, implorára, do céo, a força, que o amor lhe ia roubando.

Mais a fez agora estremecer a tristeza, quando nem se quer sentiu desejo de resar. Avistavam-se umas flôres á entrada da cêrca, umas dhalias roxas, em que pareceu sentir a friagem das saudades sem esperança...

O sentimento da ausencia, a melancolia de estar perdida toda a alegria e toda a possibilidade de

tornar a tel-a, continuou a pesar-lhe no peito, mais e mais, de dia para dia.

Um rapaz do sitio, que desde creança lhe queria muito e fizera sempre deligencias de a alcançar por noiva, tornou, tão depressa a viu de novo, a requestal-a.

Mas, a rapariga não tinha por elle senão simples estima; sem amor, sem idéa d'isso.

Era um rapagão expedito, airoso, de cabello escuro, olhos pequenos e redondos, pelle branca como a de uma mulher.

Com uma simples vista fazia-o ella dobrar-se-lhe como uma roseira ao sopro de um norte rijo. Os rapazes do sitio não entendiam porque artificios aquella natureza varonil e energica se alquebrava e se rendia assim ao mysterioso influxo dos desdens de uma mulher.

O desgosto de se vêr regeitado foi-lhe cavando amarguras, e o pobre rapaz, para as dissipar, pediu á embriaguez o esquecimento que a sua razão lhe não sabia dar. Principiou então a evitar occasião de se encontrarem, e a rapariga pensou que isso fosse apenas a declinação d'aquella febre amorosa.

O rapaz, entretanto, deixára de trabalhar; a pouco e pouco, se fôra encontrando n'uma miseria de brio sem estima e sem pão. Cahiu n'uma noite, de cançasso á porta de uma taberna onde os trabalhadores do logar estavam a comer e a beber, sem que nenhum lhe offerecesse do seu prato nem do seu copo.

Quando a rapariga soube do lamentoso estado

a que o pobre rapaz chegára por amor d'ella, foi tão resolutamente ao seu encontro, que elle não teve tempo, nem animo, de a evitar, apesar de a avistar ainda longe.

—Anda cá! gritou-lhe. Que mal te fiz? Já me não queres fallar,—nem me dirás porque razão te encontram de noite estirado ás portas e ninguem te vê de dia nas fazendas, á hora do trabalho?

Primeiro, elle calou-se; depois, como que envergonhado:

—Se me tivesses dado uma palavra boa, tinhas-me salvo; hoje, nem Deus. Toda a pena é teres tão pequena alma n'um corpo tão bonito. Quando passaste da primeira vez deante de mim, agora, desde que voltaste, cuidei que viesses mudada. A bem dizer como a agua do rio quando lhe dá a luz das estrellas, assim me parecia teres nos olhos uma doçura que viesse do céo...

—E lembraste-te de mim, alguma vez, em todo o tempo que eu estive longe!

—Sempre te via. Como era, não sei. Parecias um phantasma, que me sahia do coração.

Ella estendeu-lhe a mão com tristeza:—Perdôa! disse.

Ficaram a olhar um para o outro, por instantes. Depois desviaram a vista ao acaso, pregando-a vagamente nos cerros que lhes ficavam em frente carregados de cepas, e na egrejinha da aldeia com a sua torrinha branca e esguia.

Ia cahindo a tarde. Apenas o murmurio leve d um regato, que passava n'aquelle sitio, quebrav

docemente a mudez do campo. As arvores banhavam-se na erva e nos juncos; o golphão espalhava as folhas ao de cima da agua dormente; estremeciam e palpitavam os arbustos com o intermitente respirar da noite; as flores desabrochavam languidas; mal circulava, tépida, a aragem, n'aquella escuridade humida e tufosa...

—Tenho um segredo na minha vida, disse-lhe a rapariga a meia voz, encarando-o fixamente. É um barranco, é um abysmo que nos separa. Talvez podesse ser feliz comtigo; mais feliz do que sou, ao menos; e teimo em não querer, com medo de te fazer mais desgraçado.

—Gostas d'outro, então?

Ella permaneceu calada.

—É d'outro que tu gostas, dize?

Ella proseguiu:

—... Serias, póde ser que fosses, mais desgraçado por eu não ter coração que fartasse o teu. Uns ciganos, que, era eu pequena, passaram ahi pela fonte, e liam a sorte nas mãos das pessoas, acharam que eu nunca poderia estimar como deva ser, coisa que o mereça. Estou que adivinharam; se eu lograsse a fortuna de que por meu respeito tu tornasses a ser como eras d'antes, e a gente do logar voltasse a estimar-te como no tempo em que eras aqui o melhor braço, a melhor enxada, e os melhores olhos,— ... quer-me parecer...

—Que tenho eu que esperar, que valha a pena de... Se o coração de um homem é que lhe faz a idade, não me falta muito para velho. Guarda essa

caridade de me não quereres ver perdido. O vinho faz-me dormir... Quando durmo, sonho.

—Não, não quero! redarguiu a rapariga com accentuação affectuosa e meiga. Ó homem, pois a amisade de uma mulher não vale, ás vezes, mais do que muito amor?!

Foi passando o tempo sem que ninguem na aldeia lograsse obter explicação clara nem da partida subita, nem do regresso inesperado, da rapariga. Encontrava-se com as outras nas estradas, na fonte, na eira, mas apenas trocava com ellas o Deus vos Salve.

Aos domingos á noite bailava-se na eira; ella nunca apparecia ali; costumava ir cedo, ainda a manhã vinha longe, á missa das almas: depois, até ao dia immediato, á hora do trabalho, ninguem mais a tornava a ver.

O prior estimou em tal apreço esta conversão, que, n'uma carta ao parocho de uma aldeia proxima, dizia-lhe fallando d'ella:— ... «Está outra. Voltou arrependida; o que é o supremo bem das peccadoras. Ninguem a vê nas danças, ás tardes dos domingos; isto agrada-me muito, porque uma das tentações da aldeia é o bailarico, com a liberdade que reina no campo e as paixões grosseiras da mocidade: ainda me hade servir para minhas admoestações, o exemplo d'esta rapariga. A egreja está sempre cheia ao domingo, ha muitas confissões e apesar da distancia e da ruindade dos caminhos não morre por aqui nenhum doente sem os sacramentos. Agora, se Deus quizer, etc...»

N'uma manhã, pela volta do meio dia, ao largar do trabalho para o jantar, encontrou o prior a rapariga.

—Vens da tua lida? Ora, porque andas tu sempre só? Pareces evitar as companheiras! Isso, não deve ser. O trabalho quer esperança que o sustente, quer alegria que o excite... Muito bom seria que te agradasses de algum dos rapazes do logar...

—Quem me hade querer? disse ella.

N'essa occasião ouviram um rumor de vozes, e, voltando ambos a vista para o lado de onde vinha o ruido, avistaram um homem, sem barrete, com a jaleca meia despida, desgrenhado, pallido, que sahia de uma taberna, a brigar com uns poucos, sem querer largar uma guitarra, e evitando por todos os modos que lh'a quebrassem. A rapariga, ao vêl-o, rompeu n'um grito dilacerante:

—Senhor prior, acuda-lhe!

Os do ajuntamento tão depressa avistaram o padre, descobriram-se respeitosos, e resmungaram apenas:

—Está o prior a ver-nos. Mais vale deixar ir seu caminho essa vasilha!

—E ahi está quem me quer, quem me queria! disse ao prior tristemente, a rapariga. Não me accusa n'isto a consciencia; mas, pensar eu que elle chegou a esse estado vergonhoso pela desesperação de me não ter agradado! Apesar da vergonha que pesa hoje sobre elle, é o unico filho da aldeia a quem eu poderia querer dar-me por mulher. É um rapaz da minha creação; teima em me querer desde pequeno.

—Póde chegar uma hora em que se te pergunte pela felicidade d'elle.

—Não teria sido maior crime ainda, se a piedade me tivesse para elle levado, affastando-me d'elle o gostar de outro?

—Com o morreres para o erro, a tua alma reviveria. Não vês, todos os annos, do que precisa o trigo para lograr vida no seio da terra e tornar-se fecundo! Morrer. A tua alma precisa libertar-se da sua propria vontade para ser instrumento docil do espirito de Deus. É preciso que cada um tenha a sua cruz n'este mundo.

—E, a minha, que pesada é!

—Pesada a tua culpa; não a tua cruz, que a não conheces. A cruz é que martyrisa e quebra a vontade. Se tens animo de a supportar para te salvares...?

Ella respondeu com o pranto, desviando o rosto.

—Vae e pensa, disse-lhe o prior friamente.

Quando a rapariga beijava a mão do prior, ouviram-se em distancia os sons de uma guitarra. Olharam-se ambos como que medrosos, e escutaram por instantes a toada plangente do tocador. Era aquella, a musica, que o rapaz tocava outr'ora, quando ainda pequenos ambos, ella se entretinha a vel-o aprender; e fêl-a sobresaltar de saudade aquella moda innocente e facil, que não envelhecera com os annos, poesia morta e viva.

Ainda que o caminho para a cêrca devesse ser o de seguir pela azinhaga, deu volta á eira e foi para o trabalho, conservando-se até á noite nas

fazendas em que andava de jorna. O seu jantar, n'esse dia, foi umas maçãs que apanhou do chão, para onde o vento as atirára da arvore.

Ao voltar para casa, tudo foi para ella applicar o ouvido, na idéa de escutar o som de uma guitarra. Iam-lhe na alma, trazidos por um pensamento, o receio e o susto. A cada instante lhe parecia que a *sua* sombra era uma pessoa, ou a sua alma que ia a acompanhal-a, sombria e escura, por cima das flores brancas dos valados.

Quando chegou a casa parecia morta. A noite tornou-se pesada e chuvosa. Os cães tiritavam á porta, farejando impacientemente a ceia; irriçavam as orelhas com a bulha da chuva e escutavam os passos apressados do matteiro, que recolhia do trabalho com a foice ou o mangoal ao hombro.

O clarão do brazeiro, ateando-se de bocado a bocado, coloria as vigas empoeiradas que atravessavam o tecto. N'uma gaiola de arame dormia um pintasilgo. Pendurada n'uma corda estava uma pouca de roupa branca a seccar. De repente os cães soltaram uns latidos de anciedade, correram, depois voltaram calados: signal de ser conhecido quem vinha.

Dizia-se depois na aldeia, que alguem a tinha visto abrir a porta, tendo na mão um tronco do brazeiro para se alumiar; que recuára então, atterrada, correndo para um crucifixo como que a pedir auxilio a Deus: e que se tinha ouvido uma voz de homem—affirmando-se que o padre moço, que estivera em tempos no logar, viera á aldeia n'aquella noite—voz, que, entre outras coisas dizia:

—Já me não conheces? Já te não lembras d'aquelle tempo, que não voltará, que não volta, que nem eu mesmo quereria que voltasse mais, que nem tu o queres nem Deus? Não me crimines de aqui me veres de novo. Ha um condão em ti, conheci-o agora! Ainda cantas como d'antes, aquella trova, que eu te ensinei? Ainda és boa, doce, sonhadora, triste; estrella de amor, que apagavas nos céos o dia? Porque me não fallas, queres-me mal por acaso? Crava nos meus os teus olhos, para veres como a minha alma guardou memoria do passado. O caminho da minha vida atravessa-se entre nuvens de pó... Tem dó de mim! Não posso atrever-me sequer a fallar a Deus dos meus pesares. Em ti está tudo para mim; todas as ternuras, a eternidade inteira, o amor immortal, que vence de céos em céos! Pesava-me de mais a ausencia, para que assim podesse cortar a esperança de tornar a ver-te. Vivia na idéa de te encontrar outra vez, se não tinha morrido, e tinha medo de morrer. Se o paraizo me prendesse, quereria fugir de lá para te vêr. Que tens? O que é? Fiz mal em voltar? Não deviamos encontrar-nos mais n'este mundo? Devia ser a nossa unica felicidade pedir perdão a Deus? Quebrei a eternidade gloriosa que nos estaria guardada?... Que tens, dize? Queres morrer sósinha?! Deixei tudo para correr aqui, logo que tive noticia de teres voltado. Ver-nos-hemos raras vezes; mas, ver-nos-hemos. Virei visitar o parocho, quem póde estranhar isso! Vou hoje mesmo bater-lhe á porta, e demorar-me-hei na aldeia... Escusas de

me aconselhar, de me pedir; a minha tenção está feita; não digas nada; não te oiço, não quero ouvir-te n'esta hora. Adeus, mas, até ámanhã: ámanhã de noite, virei aqui; o meu amor, que em cada dia mais faz de ti um idolo, será maior ainda ámanhã!...

E, quando se contava isso na aldeia, acrescentava-se, que, depois d'estas palavras, e ao abrir-se de novo a porta, se vira a rapariga extatica, e balbûciando como que vagamente:

—Ámanhã... Ámanhã é sempre!

É certo, porém, que, de madrugada, foi ella propria procurar o rapaz da guitarra e lhe disse:

—Sempre é verdade que me queiras ao ponto de te matares, bebendo, para te esqueceres de mim?

Elle sorriu-se.

—E se, proseguiu ella, olhando-o fixamente, eu te propozesse ser tua; deixariamos para sempre a aldeia, agora mesmo, sem nos despedirmos de ninguem, sem olharmos para traz, sem nos lembrarmos mais d'este logar, e assim mesmo me quererias?

—E louvaria Deus! respondeu elle.

—Louva-o então, sou tua.

Desde essa hora, nunca mais se soube d'elles por muito tempo na aldeia.

Foram peregrinando pelas estradas, ganhando lentamente o pão de cada dia.

Ao passar pela feira de Alcobaça, no anno passado, vi no largo, no centro de um grupo de espectadores, um rapaz que tocava guitarra, e uma rapariga que cantava... Conheci-a logo. Era a cantadeira como d'antes lhe chamavam no logar.

Quando eu cheguei, corria ella, com o seu chapéo na mão, a roda dos que tinham estado a ouvil os.

—Canta outra vez! disse-lhe eu.

Parece que o povo os estimava a ambos, porque quasi toda a gente lhes dava esmolas; a ella, principalmente, a cantadeira, a cantadeira...

*

Stockholmo, n'uma dada occasião fixou um olhar estupefacto em dois peraltas portuguezes, um de setenta annos, e outro de vinte e tres.

Este ultimo, que pertencia, até certo ponto, á raça Alcibiades, não só por sua natural attracção para as magnificencias da vida, mas, por ser a moda a deusa de sua preferencia, e porque de boamente cortaria o rabo a todos os seus cães, se, o mundo, por aquelle meio, promettesse fazer reparo n'elle, achava-se em Stockholmo addido á legação portugueza.

Apparecera ali de galgão, como nas magicas, com ares de concorrente á tafularia, que celebrisava na capital da Suecia o nosso ministro, Antonio da Cunha Sotto Maior, orador notavel, apregoado pela espectaculosa janotice das suas gravatas de variegado matiz, collete *ultra,* calça ora pegada á perna como uma obrêa n'um sobrescripto, ora fluctuante como pantalona de banhista; e casacos de surpresa que lograram alcançar ao nosso compa-

triota uma reputação de dandysmo *impremiavel* em toda a margem occidental do Baltico.

Estabeleceu-se lucta dos jaquetões, frakes, mantas, e capas do ministro, tido e havido como principe das elegancias, *princeps elegantiarum.*

Stockholmo, maravilhada, perguntou como se chamava aquelle mancebo, e, não lhe aprendendo bem o nome de Jeronymo Collaço de Magalhães, chamava-lhe Sotto *Mineur*.

Moço, rico de bens de fortuna e não lhe escaceando dotes de seducção pessoal, Sotto *Mineur* ou Collaço de Magalhães, ia estropeando alguns corações d'aquelle ponto do norte da Europa, sem piedade e sem recordação, até que, inesperadamente, voltou costas á Suecia, em uma manhã frigida como seu peito inconstante, e veiu até á patria a descançar das fadigas entre amorosas e diplomaticas, com que no melindroso desempenho de suas funcções, tentára representar-nos dignamente lá fóra.

Na retirada, o elegante addido deixára despreoccupadamente em poder de algumas das suas victimas um ou outro bilhete de visita, dado de mão para mão, em tempos de mais festiva folia; e, quando as chorosas abandonadas foram perguntar por elle á legação portugueza de Stockholmo, inquietas, porque elle lhes houvesse desapparecido, escutaram da bocca de ferro do continuo, que o encantador casquilho havia emprehendido viagem para os lares patrios.

Consultando então, sem demora, o bilhete de visita, e copiando-o, subrescriptaram varias cartinhas,

que, pelo correio d'esse mesmo dia, vieram na malla, aos trambulhões, com direcção a Portugal.

Ora, o bilhete de visita tinha no alto uma corôa de conde, e, pelo que respeita ao nome, dizia: C. de Magalhães.

Corôa de conde, porque a ella têem direito os pares do reino, e Jeronymo Sotto *Mineur* era filho de par do reino:—C. Collaço:—de Magalhães, porque era o seu appellido.

Uma das Didos, não se limitando no copiar do bilhete á singela transcripção do C.—pespegou no sobrescripto da epistola em correntias lettras a palavra, de que, por certo, cuidou que o C. fosse o breve: Conde.

Isso fez, que, ao tempo em que Jeronymo Collaço chegava a sua casa em Lisboa, a Lisboa chegasse uma carta de Stockholmo para o «Conde de Magalhaes» e, para casa do Conde de Magalhães a levasse o correio conforme a sua obrigação lhe indicava.

O conde andava ausente em viagem, e a senhora condessa, estando já á espera de seu marido, guardou a carta para lh'a entregar logo que elle chegasse.

N'isto, o conde é obrigado a addiar por mais uns dias o seu regresso á patria; e á carta de Stockholmo segue-se outra carta de Stockholmo, e outra carta de Stockholmo, e outra carta de Stockholmo...

Nunca chegou a saber-se bem qual seria a primeira confusão do conde ao encontrar-se na impossibilidade de explicar a origem d'aquella correspondencia, tanto mais verosimil, quanto este amavel

cavalheiro acabava de percorrer differentes paizes...

Mais tarde veiu a aclarar-se este mysterio, nem eu poderia estar a contal-o se o caso houvesse ficado segredo; Jeronymo Collaço corrêra pressuroso a salvar uma situação, em que, sem elle, nada se poderia remediar nem esclarecer, e assim ficou a poder gabar-se de haver feito, por esta acção uma obra de misericordia.

*

Um colleccionador de insectos precisava de um, d'aquella certa classe dos que tambem dão nas gallinhas... Diz-lhe um amigo:

—Você quer, d'isso, bom? Tenciona viajar na proxima primavera e ir á Hespanha... Nada mais simples. Procure lá por um ostentoso maltrapilho, embuçado n'um capote paradoxal, D. Francisco de los Quarenta Palacios: poderá enriquecer-lhe o seu museu! Estaciona ali pela plaza de...

O viajante acceita o conselho; e pergunta ao mendigo se tem devéras o exemplar que requer para a collecção.

—Magnifico!

E apresenta-lh'o, deitando o braço de fóra do capote.

Era soberbo. O colleccionador offerece-lhe uma *peseta*.

—Não! diz o mendigo. Por tão pouco, jámais! *Preffiero guardar-lo.*

*

Ainda n'outro dia fui visitar uma gente minha conhecida, e encontrei tristissimo, o filho dos donos da casa, que fazia annos, um chamado Perpetuo.

—Ó Perpetuosinho! Que tens tu, perola? Entorna nos meus ouvidos tua honrosa confiança... Que mal te fizeram, joia?

E o rapaz muito trombudo:

—O tio esta manhã deu-me um livro.

—E, isso, é motivo para que tu...?

—É; porque ainda vae ser peior... Prometteu-me outro!...

—Tens razão; não é delicado.

*

O candidato a deputado da opposição janta, não se sabe porque motivo, mas sabe-o elle, em casa do ministro.

Á sobremesa:

—Gosta de queijos francezes, meu caro? Este Brie, para Brie de exportação é excellente. Ainda em Lisboa o não vi mais fresco. Mas, se prefere o americano, ou o nosso Rabaçal; este, é legitimo, este rabaçalsito...

O candidato cala-se.

O ministro repete:

—O Rabaçal considero-o bom; o americano tem sido ultimamente, preferivel ao londrino e ao Stilton; este Brie ámanhã já não estará tão natoso, mas, hoje... De qual gosta mais, meu caro?

O candidato da opposição, que janta, não se sabe porque motivo, em casa do ministro:

—Qual d'elles é mais do gosto de v. ex.ª?

—Quer, que lh'o diga, sinceramente? Tenho o mau capricho de preferir o Rabaçal. E o meu caro?

—O queijo de v. ex.ª será o meu!

E não houve demovêl-o d'esta dedicação.

*

O imperador de todas as Russias, segundo conta França Netto, que esteve largos annos em S. Petersburgo, achava-se n'uma festa, onde estava uma quantidade sufficiente de principes russos, e um conde, Rostopehinoff, supponhâmos —que o leitor pronunciará como lhe palpitar que seja melhor, na certeza de que fica bem de qualquer maneira... principalmente se adoptar uma, que ha, de todas a mais excellente para a pronunciação do russo,—dar, a uma palavra, de qualquer idioma que seja, *chapéo, chapeau, sombrero,* duas voltas na bocca com a lingua, e depois de dar as duas voltas, deitar a palavra fóra; sáe russo!

—Ó conde Rostopehinoff, perguntou-lhe esse imperador magnanimo, porque não é você principe?

—Quer Vossa Magestade Imperial dar-me licença de lhe dizer o verdadeiro motivo?

—Pois, se eu lh'o pergunto!

—O meu avô... Não digo bem.

—Sua avó?

—Não, meu senhor. Um de meus avós, que... E, tambem não devo dizer assim!

—Temos tempo...

—Encontrei a fórmula:—aquelle de meus avós, que veiu da Tartaria estabelecer-se na Russia, chegou cá no inverno. Bem sabe Vossa Magestade, que sempre que um fidalgo tartaro apparecia pela primeira vez na côrte, dava-lhe o soberano a escolher entre um magnifico casacão de pelles e o titulo de principe. O meu avô chegára aqui de inverno, e... —preferiu o casacão de pelles.

*

—Esta é a que teve a paixoneta?...

—Não: esta, é a que canta. A da paixoneta era a irmã.

—A que não cantava?

—A que morreu.

—É isso. Por signal, que deixou de apparecer uns tempos—antes de morrer, já se vê—... por motivos *sérios,* segundo ralhava a fama.

—Que ralhava mal.

—É possivel; mas...

—Ralhava mal, é o que te digo.

Não se encontraram senão duas vezes, ella e elle. Posso affiançar-t'o.

—Duas vezes, só?!

—Só. No intervallo, passou-se o romance da vida d'ella.

—Upa!

—Quando se avistaram da primeira vez, dizia tudo esperança; da segunda, sentia-se já desgosto no olhar que acompanhou as poucas palavras, que trocaram; e, ao apartarem-se, d'essa segunda vez, que foi a ultima, havia tristeza no ar e cheirava a mortos...

—Safa!

—Homem; foi o caso mais simples d'este mundo... O mais natural, e, entretanto, o mais inacreditavel...

Basta dizer-te que nenhum enganou o outro!

—Nem elle...

—Nem elle a ella, nem ella a elle.

—É boa!

—Então que queres?! Acontece.

Erro infinito, irremediavel erro, do amor que, ás vezes, se descuida... até á sublimidade!

—A coisa foi n'um inverno...

—Foi. Ia-se dançar, elle estava para ali a seccar-se, espalhou a vista pela sala, com a pasmaceira de quem está perplexo entre o recurso de ir para casa deitar-se, ou de dar á perna até amanhecer, e, n'isto, apresentaram-o a esta e á irmã.

—Á que cantava e á que não cantava...

—Isso.

—Ella era boa; muito boa...

—Linda mulher.

Que olhos seductores de luz e de fogo!

Que cabellos negros e magnificos a emmoldurarem-lhe a mascara de marmore!

Que nobreza de perfil distincto e altivo!

E depois, meu caro, não era tola nem boneca, era uma mulher.

Serena, pallida, fixava a vista n'aquella gentiága ávida de vaidades, de ditinhos, de apertos de mão, de dialogos em que se não diz nada: depois, baixava ainda mais o olhar, e cravava-o, ao acaso, n'um e n'outro objecto, com a expressão de uma alma melancolica, que se esquece do nada das glorias do mundo...

—Já a irmã não é assim. Á falta de céo, procura o tecto com os olhos, e contenta-se de o fixar, quando toma parte nos concertos...

—Com quanto a outra não cantasse, a musica produzia-lhe grande commoção, e parecia fascinal-a, mergulhando-a n'uma especie de somnambulismo...

Illuminavam-se-lhe as feições por uma luz interior, e tinha sorrisos de bocca adormecida, que pareciam saudar as visões de sonho...

Desapparecia o mundo para ella n'essas horas, e, se a sala se devorasse n'um incendio, continuaria a arrolar-se nas ondulações da harmonia até que as chammas lhe queimassem as rendas do vestido...

Trocaram n'essa noite umas palavras, disseram umas coisas simplices e triviaes: — ou, para me explicar melhor, simplices provavelmente, não no sentido de patetas mas no de singelas, — triviaes, porém, é de crêr que não, porque, ambos, n'um sentimento rapido de attracção, adivinharam que iam gostar um do outro.

E as palavras, por estas occasiões, bem sabes, são de um alcance! É a tibia hesitação namorada, que não deixa dizer tudo... A cada phrase balbuciante não respondem então os olhos, mas o coração... E não é curiosidade, não é desejo... É a esperança, é o exordio do amor!

De que fallaram? Não se conta; falta o olhar e a voz, que o estylo não póde dar. Disseram fosse o que fosse, phrases de bailes, de concertos, de *matinées*, de *pic-nics*, phrases em que o intervallo é tudo.

Estava boa gente; realezas acatadas com bons direitos, pelo brilho dos olhos, pelo alvejar dos dentes, pelo negrume dos cabellos, pela vivacidade, pela graça, ou pela melancolia que se deixa adivinhar... Paraiso de verão: mulheres, musica, e jardins...

N'esses ajuntamentos, como acontece com as flôres de um *bouquet*, as senhoras não pódem, de improviso, todas, serem vistas: é a mescla dos lyrios e das rosas, ainda que a pallidez de uns junto da rubra côr das outras deva engrandecer-lhes a belleza... A verdade, porém, é que ella distanciava-se, e era vista.

—O modo de se vestir havia de accusar um bocadito as pretenções da provincia, quando tenta fazer-se notar em Lisboa...?

—Talvez. O que sei, é que, se não era mais formosa, era differente das outras. Havia especialidade, originalidade, singularidade, n'aquella fronte, que recordava o genio grego!

—Quando foi essa historia já lhes tinha morrido o pae, ou ainda não? Lembra-me de a ter visto em casa de uma velha parenta, de Miragaia, procurando refugio e desesperando de encontrar a felicidade n'este mundo...

—Emquanto o pae foi vivo, ambas se sacrificaram á obediencia filial, tanto mais que o egoismo paterno afastava-as de dedicações que não se lhe voltassem para elle; entretanto a que levou a vida mais suffocada, foi sempre essa!...

—A que não cantava?...

—A que não cantava. Sabes o effeito que ella me produzia? De uma rapariga, que, a todo o instante, estivesse pedindo perdão á sua alma da amargura a que a condemnava!

Quando o pae morreu, tinha ella vinte annos; se para o espirito ha idade, o animo d'ella tinha trinta!

Não soube nunca o que era viver, mas avistára a vida por um veu de lagrimas...

A desgraça é levada do diabo. Tem o condão, impio, de fazer adivinhar quantas tristezas e miserias haja...

Ella adivinhára o mundo, e criára-lhe medo.

D'ahi veiu todo o mal.

A tia de Miragaia, quando o pae morreu, disse-lhe, n'uma tarde:

—«Pouco tempo mais me farás companhia. Tens vinte e um annos, e a sociedade acha-te formosa. Quem te merecerá?»

Ella sorriu-se com ar melancolico, e, por um gesto desdenhoso e altivo, pareceu responder:

—«Ninguem.»

—Era prudente. Teria adoptado esses principios como precaução...

—Porque esperassem que uns mezes de Lisboa lhe dariam feição nova ás idéas, desafiáram-a, de cá, a irmã e as primas; e, na noite em que como te disse, se viram os dois pela primeira vez, estava ella já na vespera de se retirar.

—«O que! ámanhã! disse-lhe elle. Tenciona, porém, voltar no inverno proximo?»

—«Nem sei.»

Trocaram as palavras que te digo, rapidamente, como se conhecessem a necessidade de as dizer depressa. Elle pediu-lhe licença, perturbado, ancioso, de lhe escrever, a informar-se da jornada...

—E ella?

—Respondeu-lhe simplesmente: «Porque não?!»

Dançou-se muito, n'aquella noite...

Já despontavam os primeiros clarões do dia, e, o nosso homem encostado a uma mesa de wisth, sem jogar nem vêr jogár, pregava vagamente, a vista nos objectos que tinha em frente de si. O dia amanhecera bonito, e suscitou-se entre uns poucos a idéa de partirem do baile para Cintra.

Ahi se metteu elle n'um caleche com os amigos; chegaram lá, quiz quarto, desculpou-se de não almoçar, e pediu aos companheiros que fossem passear sem elle.

—«Para isto é que vens a Cintra, ó figurão?» disseram-lhe elles pasmados.

E convencidos de que tudo era somno, almoçaram, e foram passear sem elle.

Uma vez no quarto, já sabes o que elle fez?

—Deitou-se.

—Poz-se a escrever, d'aquellas extensas cartas, que dez vezes se principiam, dez vezes se riscam, dez vezes se recomeçam...

—Não ha remedio senão mentir; ser singelo, é parecer indifferente: ser verdadeiro, é não saber redigir; ser sensato, é parecer grosseiro. É necessario exagerar escandalosamente, e ser charlatão para aparentar de sublime. Eu quando escrevo cartas, largo a mentir que nem me sinto!

—Passados dois dias recebia ella uma cartinha singela, respeitosa, de uma trivialidade que affectava o tom sincero; respondia-lhe com simpleza de alma que o mundo era pequeno, que a unica esperança devia estar em Deus, *et cœtera*...

A essa carta seguiram-se outras, seguiram-se muitas... De um lado arte de ataque; arte de defeza, do outro. Ella a dizer, que a sua alma abatida e exhausta não tinha que dar aos affectos: elle a retorquir-lhe que os soffrimentos são a nobreza da existencia, e diplomas de vida... O correio via-se quente!

Foi um periodo de dedicações leaes. Elle, ao principio sentia-se enleado no receio confuso de que se lhe quebrasse o encanto, mas, dentro em pouco, que de sensações, que de anciedades, que inquieta alegria, que felicidade dôce e terna!

As cartas d'ella incendiavam-o. — «Não, dizia-lhe, as minhas amigas não me fallam de ti. Eu, que nunca tive segredos para ellas, não quero dar-lhes occasião de poderem dizer-me uma coisa qualquer menos agradavel. Ainda que a fé, que hoje tenho em ti, te proteja no meu conceito, desejo evitar, se a minha ventura tiver de ser anniquilada um dia, que o seja pela minha mão!»

A elle, a distancia opprimia-o. Era uma alma ardente, que precisava soffrer para sentir que vivia.

Estavam no mais bello periodo dos amores, é o que venho a dizer com isto.

Affagava-os a esperança com as suas azas brancas. Felizes pelo dia de hoje e pelo de ámanhã: confiando plenamente um no outro.

Foi por essa occasião, que, procurando elle um jornal antigo, remecheu as gavetas, e atirou para cima da secretária alguns dos papeis que lhe vinham á mão. Entre esses papeis, uma carta, fechada, mas com sobrescripto em branco.

Havia sido escripta essa carta com o destino de ser entregue mão por mão, á surrelfa, e toda juramentos pantafaçudos, a uma sujeita do theatro. Contos velhos.

Depois de encontrar o jornal, escreveu ao seu amor, e fechou a carta.

Mas, remecheu os papeis que estavam sobre a mesa, a procurar o lacre, e quando, depois d'isso, viu uma carta com o sobrescripto em branco, escreveu o nome e a indicação de morada, e mandou-a para o correio.

—Oh! Com a bréca! Trocou-a!

—Esteve ella sem lhe escrever por uns dias, e ao fim de uma semana, n'uma noite em que elle recolhia do theatro, achou uma caixa lacrada, abriu-a, e encontrou as cartas d'elle. O creado disse-lhe:

—Trouxe isto um moço de almocreve.

Perguntou a si proprio o que significava aquelle caso, e, a scismar ficou, até que, tempo depois, encontrando uma carta fechada sem endereço, abriu-a, e via que era a carta que lhe havia escripto a ella!

Lembrando-se de que ella se julgava enganada, não procurou sequer deffender-se, e preferiu a receita do Icaro de se deitar ao mar ao sentir-se cahir do céo, em vez de ficar condemnado a voar nas regiões intermediarias.

—E depois?

—E depois, tornaram a ver-se no Porto. Já os olhos d'ella tinham perdido o brilho, e já não lhe resplandecia nos labios a purpura fresca e viva! Ainda era bonita, mas como o anjo da morte. Poderia um diadema servir-lhe de cinto, tal era a magreza em que estava. Era a segunda vez que se encontravam, e havia no ar a tristeza que não tem remedio.

—«Quem sabe se a tornaremos a ver!» disse-lhe

esta irmã, para observar que impressão produziriam n'elle essas palavras.

—Porque!? Sua irmã e minha senhora, vae partir?» perguntou-lhe o pobre rapaz, a tremer-lhe a voz.

—«Embarca ámanhã para a Madeira. Os medicos aconselham-lhe ficar ali... algum tempo.»

Elle, n'essa tarde, ainda a procurou, mas, não foi recebido:—escreveu-lhe, mas, devolveram-lhe a carta;—foi a bordo, na esperança de lhe fallar, mas, ella recusou vêl-o...

E aqui tens a historia do desapparecimento d'ella. Os escandalos, para vocês, são a melhor das distracções; dá-lhes isso tanto gosto como aos naturalistas as anomalias graves. Não houve outros motivos sérios, como lhes chamaste, para ella se occultar ás nossas vistas... Não sei como vocês não se envergonham, do deleite em que vivem de ter má lingua?!

—Homem, eu nem tinha idéa se me haviam dito isso, d'esta, ou da que não cantava...

*

A Josephina era uma mulher extraordinariamente bonita.

Bonita achavam-a todos; alguns, disseram depois que era bonita e má.

Miró,—um dos talentos musicos mais delicados, que Portugal tem tido,—auctor d'aquella joia, que

tinha por titulo *A Marqueza,* e da qual ainda de tempo em tempo se tocca n'algum theatro a famosa symphonia, digna de Donizzetti,—andou louco de amores por essa creatura, que foi actriz do Gymnasio em 1850; amores agitados, febris, que tiveram funesto desenlace.

Sairam de Portugal, e estiveram um pouco de tempo pelo Brazil; á volta, na viagem, naufragaram, porém, salvaram-se com outros passageiros, saltando para uns rochedos.

Frio, isolamento, terror; a morte em perspectiva.

Miró andava por um lado e por outro a explorar, e affastára-se dos naufragos, quando uma lancha foi buscar os passageiros.

Diz-se, que, a Josephina, não o vendo ali, se contentára de chamar por elle:

—Miró? Ó Miró?

Perdeu-se-lhe a voz no mar e no vento.

Ella virou ainda a cabeça, com a idéa de o vêr:

—Miró?

Não o viu...

Então, receando perder tempo se fosse procural-o, saltou para a lancha com os outros e deixou-o.

Miró ficou, sósinho, no rochedo.

*

Bifaram dois gatos um bocado de queijo e tiveram litigio no modo de fazer partilhas.

Não houve remedio senão chamar-se um macaco

—exactamente como nós consultamos um advogado...—que o povo na sua malicia considera... um macacão.

Não recusou o macaco acceitar as funcções, que reclamavam da sua competencia, e mandou vir balanças.

—Isso não póde ir sem balanças? ponderaram os gatos pasmados.

—É indispensavel.

Vieram as balanças e o doutor macaco partindo o pedaço de queijo em dois bocados, poz cada um em sua cuia.

—Olé! exclamou. A modo que este de cá peza mais que o outro.

E comia um pedacito do bocado mais pezado.

A balança d'esta vez pendia mais para o lado opposto.

—Não ha remedio, dizia elle.

E ia tasquinhando d'aquella banda.

Estavam os gatos n'uma afflicção.

—Ó sr. doutor, espere. Queremos dizer-lhe uma coisa, dê-nos a cada um de nós um d'esses bocados e ficamos satisfeitos.

—Qual! Isso é que não. Poderiam vocês ficar satisfeitos, mas não ficaria satisfeita a justiça.

E ia roendo no queijo, ora de cá, ora de lá, até que, os bichanos, vendo o queijo a desapparecer, dispensaram completamente os seus serviços.

—Alto ahi! gritou o macaco. Eu estou aqui a trabalhar *para o urso*, ou estou a trabalhar para os gatos? Façam-se as coisas com decencia e mo-

ralidade. A porção que resta, é o que se me deve, pela luz que dei a tudo isto na consulta e na defeza.

E, mettendo pela bocca dentro os dois pedaços de queijo, fechou a audiencia.

*

—Bonito,—ponderava Eustaquio—bonito enterro! Da rua de S. Miguel, aos Prazeres, tudo era tropa. Depois, no cemiterio, a custo se podia dar um passo. Gente, e mais gente. Muito povo metteu, este enterro! E discursos... Que discursos! Aquillo é que são discursos...!

—Conta-me. O que disseram lá, os oradores?

—Isso, sim! Quem é que podia romper e chegar-se-lhes perto, para os ouvir!?

*

Um lapuz, magnate de aldeia, dizia, pelas eleições, a outro magnate lapuz, que tem tantas fazendas como elle, e ainda mais malicia que elle:

—Então volta-se já outra vez a *botar* as *listas!*

—Está para breve.

—E tu tornas a *botar* o voto no *fuão?*

—Torno.

—Para què?

—Para não o *botar* no outro.

—Mas, o *fuão,* quando a nossa charneca foi á

praça, lá em Lisboa, fez-lhe o povo do logar um *teléff*, para ir, ao que elles puzeram a alcunha de *Proprios Nacionaes,* cobrir o lanço; e aquelle raio nem lá foi, nem deu cavaco ao povo.

—Sei isso bellamente.

—Mais valêra não botar o voto por nenhum d'elles.

—Má *politrica!*

—Má *politrica?*

—Uma supposição. Estou em jejum; sim, ainda hoje não entrou nada n'esta bocca, e tenho dois coelhos para o jantar. Um, já está combalido, e o outro desmerece de pôdre. Que faço eu?

—A respeito?

—Que faço eu aos dois coelhos, é o que se pergunta? Como, ao jantar, o que estiver menos pôdre. Vou *botar* o voto no *fuão.*

*

Como é certo o rifão portuguez de que com a verdade se engana!

Conta-se na *Historia dos principes de Condé*, do duque de Aumale, que, o rei Henrique IV, affectando grande indifferença e ares de quem dissesse isto por dizer, perguntára ao general Spinola, qual era o plano d'elle para a campanha; e que, o Spinola, percebendo-lhe o intento e sabendo que el-rei estava em boas relações com Mauricio de Nassau, lhe expozera fielmente o plano.

Tratou logo Henrique IV de informar o outro, da conversação que tivera; pondo mais na carta, que, provavelmente, o Spinola, iria fazer tudo pelo contrario do que lhe dissera. O Nassau, por esperto, tomou as suas precauções em harmonia com isso, e ficou *pintado* quando viu o adversario fazer exactamente e lealmente o que havia dito ao rei.

A verdade de então para cá não tem progredido na confiança que inspira...

*

Bernardino Martins, de uma vez ou de outra, por occupar o espirito, conspirava. Havendo ordem de o prenderem, foi recommendado ao sachristão de um convento para o esconder em logar seguro.

—Vou mettel-o no carneiro, disse-lhe este homem virtuoso.

—Vamos para lá depressa! balbuciou Bernardino.

Atravessaram compridos corredores, palmilharam ao lado das sombrias cellas, e, uma vez no carneiro, disse-lhe o sachristão:

—Estamos chegados. Deixe-se aqui ficar, muito quieto. Qualquer rumor poderia ser-nos fatal!

—Oiça, ponderou o Martins, queira dizer-me uma coisa; não seria possivel comer?—Não como, desde hontem!

—Ora essa! Olhe, olhe, hade ter a sua sopinha, de hervas, ou de massa, gosta de sopa de massa?

—Muito.

—A sua sopinha de massa, o seu cosidinho, com um bocadinho de arroz, o seu chouriçinho... Gosta de um esperregadinho?

—Gosto!

—E em cima um bifesinho; hade querel-o, na grelha, ou...

—É igual; com tanto que eu coma alguma coisa, porque estou com fome!

—Bello. Não se falla mais n'isso. Até logo!

Quatro horas depois abriu-se outra vez, lentamente, surdamente, a porta do carneiro, e, o sachristão, surgiu:

—Não póde ser, meu caro! As senhoras freiras teem estado no côro, e vão, agora, accommodar-se. Não é prudente accender lume. Ámanhã hade ter um bom almoçinho; Deus lhe dê boa noite; ámanhã fallaremos: heide arranjar-lhe o seu chásinho, ou o seu cafésinho com leite; as suas torradinhas: quer uns ovinhos quentes?

—Eu sei lá o que quero, homem! Quero comer!

—Pois não lhe dê cuidado, até ámanhã.

De manhã, quando Bernardino Martins abria a um tempo os olhos e a bocca, appareceu o sachristão com um livro:

—D'aqui a pouco vae tratar-se do que nós sabemos. Ainda hade ter um bocadinho de demora, porque as senhoras freiras estão a chamar-me a todo o momento; aqui tem este livro, para se entreter.

—Um livro, para quê!

—São as *Confissões de Santo Agostinho.*

Ia entardecendo.

O dia estava humido e escuro; o carneiro das freiras dava idéa de um hypogéo de Thebas.

Bernardino de vez em quando accendia um phosphoro, e lia um trecho das *Confissões.*

O sachristão, chegando n'um d'esses momentos, pareceu affligir-se vivamente da situação em que o via.

—Ora coitado! Esqueceu-me trazer-lhe uma palmatoria, ou um castiçal... Que dia que tem sido este! As rezas não teem descançado um instante... Agora, em acabando o terço, já lá tenho os talheres e o guardanapo no meu quarto, com o pãosinho escondido... Quero vêr se lhe trago umas ervilhinhas, são da cêrca, muito doces, estão bem cosinhadas; e uma perninha de cabrito...

—Por onde se sae d'aqui, ó meu amigo?

—Não gosta de ervilhas? Ellas são indigestasitas, são; a mim trabalham-me sempre pela noite adiante... Ou é do cabrito, que...

—Oh senhor! O que eu lhe pergunto é por onde é a sahida.

—A sahida!?

—Por onde é que se sae d'aqui para fóra? Para a rua—ou até para a cadeia! Prefiro que o marquez de Fronteira, me mande fusilar, prefiro morrer de outro feitio, que não seja de fome!

—Que homem! Que homem! exclamava o sachristão. Venha cá, não seja impaciente...

—Partâmos! retrucára Bernardino.

E, sem cuidar da sorte, ia para a rua, a rir.

*

O Calça de Couro está dictando ao mestre de primeiras letras uma carta para o filho, estudante em Lisboa.

—Você lavra mais depressa que os meus bois! Leva-se com a penna que tem dialho! Não está com demoras para pôr ahi a orthographia, e faz muito bem; isso, sempre leva tempo, e elle sabe-a, aprendeu-a bem, é escusado perder tempo a mandar-lh'a de cá...

E continuou a dictar.

*

Cultiva a estima de um amigo, que o convida para jantar aos sabbados.

—Porque não vens tu aos sabbados? perguntalhe o amigo. Vem quasi sempre gente á noite...

—Não tenho casaca.

—Olha tu uma coisa; nós somos amigos?

—Somos amigos.

—N'esse caso, anda commigo ao Nunes.

Vão ao Nunes.

Tem a sua casaca preta;—e, no sabbado, em vez de ir para casa do amigo, vae para S. Carlos.

No dia immediato, carta do amigo, estranhando, e sentindo que elle não apparecesse.

Responde-lhe elle:

—Rasguei a casaca. Está descosida. Se não queres envergonhar-te por minha causa, manda-me um sobretudo.

Vae um paletósinho sal e pimenta, meia estação, bem bom.

No sabbado o janota não apparece.

Esqueceu-lhe a hora por não ter relogio. Não ter relogio! É triste, a dizer a verdade, para um cavalheiro, que tem casaca e paletot sal e pimenta...

Ainda elle considera:

—Dizem que não é moda, agora relogio, com casaca!

Mas, reconsidera e queixa-se.

O amigo manda-lhe um relogio.

Durante a semana empenha-o. Não apparece lá no sabbado.

—Homem! Então que diacho?!! diz-lhe o outro no domingo de manhã, no Chiado.

—Não tenho emprego, filho! É o que me desgosta, e me acanha de apparecer em reuniões...

—Queres trabalhar no meu escriptorio?

—Quanto póde render isso?

—Cinco libras por mez, para principiar!

—É uma bagatella meu bom amigo...

—Uma bagatella!?

—É, sim. Não me serve. Custa-me dizer-te isto, mas não me póde servir. Mais do que isso, querido, ganho eu... a pedir emprestado.

*

Apresentáram-se os conjuges, no vapor, com os seus passaportes.

Confusão, gritaria, ordens do capitão, suspiros dos viajantes; chôro dos parentes que se despedíam. . .

A *mulher da barba* procurou o beliche, que o numero do seu bilhete de passagem lhe destinava, levou para lá o sacco de viagem, e, ainda o vapor não largára, já ella estava deitada, tranquillamente, de lado, voltando as costas para o beliche fronteiro, que, ainda não tinha ninguem.

Havia vento; e, duas horas depois do vapor partir, os viajantes principiaram a bocejar e a apalpar o nariz,—o que, como sabem, é indicio de enjôo.—Uma onda menos cortez alagou a prôa, e brincou até á tolda.

Algumas pessoas haviam marcado logar, depondo um objecto qualquer, lenço d'assoar, bolso de viagem, oculo, chapéo de sól, em cima dos bancos; outras, estavam já sentadas.

Veiu um furacão; toda a gente gritou: — Ah! — á excepção do capitão, que disse apenas: — Oh! — e dos homens do leme, que não disseram nada.

O mar engrossou, de repente; o vento refrescou cada vez mais; era ao cair da noite; a viagem tomou aspecto aterrador; todos os passageiros, lividos, cambaleantes, desceram aos seus camarotes.

Depois de procurar o numero do seu, uma senhora, encontrou, finalmente, o beliche, que lhe estava marcado, entrou, tremelicando de frio e ancias, despiu-se e deitou-se.

O camarote tinha dois beliches: no outro estava já outra senhora, a dormir.

—Feliz! disse a recem-chegada. Feliz, que dormes!

Poz-se uma noite horrivel.

O costado do vapor produzia sons roucos e medonhos, ao cair sobre as ondas depois de atirado ao ar por ellas.

O estridor do vento era cortado apenas pelos assobios de bordo; uma vaga mais forte repelliu o barco com tal vehemencia, que, a senhora, que acabava de se deitar, soltou um grito de agonia e olhou para a outra—a do beliche fronteiro, que accordára n'esse instante, e estava voltando-se para aquelle lado; o grito, porém, suspendeu-se-lhe na garganta, e, o frio do horror, passou-lhe nas veias. . .

Acabava de ver a seu lado, deitado, no beliche,. . . um homem! . . .

Queria gritar, queria pedir soccorro, queria invocar o respeito das leis e decóro da sociedade, queria increpar o commandante, chamar imbecil ao commissario, expulsar d'aquelle leito o atrevido, que assim fôra deitar-se defronte de uma senhora.

Mas . . . teve medo, teve um medo horrivel. Elle tinha umas barbas, que, vistas á luz bruxuleante da lanterna de bordo, lhe davam o ar espectaculoso

de um d'aquelles bandidos da Calabria, que contam os crimes pelos dias . . .

Depois de uma noite de sustos, em que, suffocada e trémula, a cada movimento dos mysterioso personagem cuidava vêr chegado o instante da vergonha ou da morte, e a si mesma perguntava o que poderia ter originado este acontecimento funesto, abrindo na inquieta reminiscencia um indice salteado de caprichos, da sua vida, que podessem ter dado logar a uma vingança planeada com tal originalidade; e . . . depois de ter dito dez vezes entre si:

—É o José!—é o Pedro!—e dez vezes respondido a si propria:

—Mas, o Pedro, que eu namorei por ter bigode comprido, e que depois larguei por vêr que elle tinha o espirito mais curto que o bigode, era loiro; —o José, é gentil homem e estudioso, incapaz de farças; o D. João, que, infelizmente, estive a ponto de preferir a meu marido, valendo-me apenas elle ter um amigo de quem logo gostei mais que d'elle, tinha uma sombra de pêra . . . Qual é pois, Deus meu? Um namorado, um ladrão, um vingador, um facinora?!

Raiára a manhã, e os primeiros albôres do dia encontraram-a agradecendo ao Senhor por uma prece haver-lhe conservado a vida, e a virtude — *ainda mais preciosa!*

O *barbas* não lhe dirigira a palavra, não a encommodára com um só gesto, e, quando, na madrugada, ella principiára a vestir-se, observou que elle não a perseguia com vistas indiscretas.

—É um malvado. . . descortez! pensou.

Tão depressa se apanhou de pé, abriu a porta, e olhou para elle uma vez ainda. O incognito reclinava suavemente a cabeça na almofada, e, a longa barba negra, distacava sobre o lençol. . . Ella demorou-se um instante a contemplal-o:

—Será por engano, que este homem aqui está? Haverá enjoado, e, por perturbação, entraria para este camarote, deitar-se-hia n'aquelle beliche, cuidando ser o que lhe pertença? Para facinora parece-me pacifico! Cumpre em todo o caso ao commandante, cortar de uma vez esta situação melindrosa. Que bonitas barbas tem, o scelerado! . . .

O commandante estava, no seu camarote, tomando o primeiro almoço, café e cognac.

—Commandante! exclamou a senhora, resolutamente.

—Em que posso ser-lhe agradavel? perguntou o capitão, surprehendido por esta visita matinal.

—Ha um homem n'um dos beliches das senhoras!

—Um homem, n'um dos. . .

—Um homem, commandante! Um homem, que passou a noite a meu lado, de porta fechada, sem eu me atrever a reclamar soccorro, tão presa me senti de medo!

—E. . .?

—Está ainda a dormir, quer vêl-o?

—Já!

Instantes depois o commandante e a senhora acham-se deante do desconhecido, que, ainda muito

bem deitado, espreitava o mar pela fresta do beliche, e lia o seu bocado n'um jornal.

O commandante, com indignação:

—Como se explica, senhor, que eu o encontre aqui?

—Vou de viagem! respondeu o sujeito.

—Mas n'este camarote, n'este beliche?

—N'este camarote ha este beliche, que é o meu!

—Commissario! gritou o commandante. O commissario immediatamente!

D'ali a nada o commissario appareceu.

—Senhor commissario, a lista dos passageiros?

—Eil-a! respondeu este, tirando um papel da algibeira e entregando-lh'o.

—Camarotes das damas, numero 18, beliche 2, *madame Glofullia*!

—É o meu nome!

—Oh! exclamou a senhora.

—Oh! balbuciou o commissario.

—Como suppõe que eu possa interpretar esse gracejo de um atrevimento...—respondeu o commandante, irado.

O desconhecido, puchou do jornal, que tinha ali, um jornal dos Estados Unidos, e leu este annuncio em voz alta:

—«Precisa-se para completar uma companhia de artistas ambulantes, um pianista para acompanhar, um clarinete, e um phenomeno humano, gigante, anã, mulher colosso, ou mulher barbada. Preferir-se-hia uma mulher que tivesse cabeça de creança recemnascida.

—E então...? disseram todos.

—E então, não podendo arranjar para o logar da minha, uma cabeça de creança recemnascida, mas, sendo dotada pela natureza com uma barba magnifica, de vinte e sete centimetros de comprimento, apesar de mulher,—como posso provar-lhe pelos attestados, dos principaes medicos da Europa,—acceitei a proposta, dirijo-me agora a Lisboa, e irei em seguida a Inglaterra! Tenha a bondade de tirar os attestados d'essa bolsa de viagem, e examinal-os!...

—É possivel?!? exclamou o commandante.

—É possivel?! exclamou a passageira.

Em quanto ao commissario, excellente homem, aliás, que vira e escutára tudo isto de bocca aberta, consta que nunca mais disfructou completamente a riqueza de suas faculdades, e que é dado á mania de andar sempre a puchar pelas barbas... que não tem, repetindo estonteado sob a influencia de uma idéa fixa.

—Vinte e sete centimetros!...

*

Em 1820 era rarissimo em Portugal o uso do tabaco de fumo.

Passos Manuel contava, que, havendo-lhe dado um estrangeiro uns poucos de charutos, tratára de lhes dar seguimento. No fim do jantar a praxe portugueza era comer uma côdea de pão, e beber um

copo de agua. Manuel Passos comeu a côdea, levantou-se da mesa, e, a um creadito, que entrára para a casa na vespera, recommendou que lhe levasse um copo com agua á sala.

Uma vez na sala, accendeu um charuto, e, repimpado n'um canapé, poz-se a fumar e a aspirar o aroma do charuto.

Chega o moço, vê seu amo a deitar fumo pela bocca, e, assustado, perdendo a cabeça, por cuidar que elle tinha o corpo todo a arder, atira-lhe á cara a agua e o copo, para apagar o incendio.

*

O conde voltou furibundo.

Pudéra! Foi viajar, e, lá por fóra, consultou uma somnambula, levando-lhe por esperto uma carta de pessoa d'aqui, e indo pedir noticias exactas d'essa pessoa.

A somnambula põe a carta no estomago, diz-lhe que a carta é de mulher e que a pessoa que a escreveu gosta muito d'elle.

Pede-lhe o braço para irem procural-a.

Elle dá-lhe o braço. Pôem-se a caminho, — sem ella se mecher da cadeira, é claro.

Embarcam — pelo pensamento — e elles ahi vão.

A carta tinha a marca de Portugal...

A somnambula vae navegando.

É indispensavel largar em tombos, solavancos e em ancias de enjôo.

Já o consultante se quer vêr livre d'ella.

Mas a somnambula não lhe larga o braço... e aperta-lh'o em estylo de naufragio.

N'este ponto intervem o magnetisador e dá-lhe a noticia de que a somnambula doente do enjôo e das afflicções d'esta viagem não póde continuar.

Accrescenta, que, o cavalheiro, deve pagar o dobro... por lhe haver posto a somnambula n'aquelle estado.

*

Um compatriota nosso teve que ir pelo tempo das amendoas a Paris, e, de Paris a Londres.

—Forte homem! diziam-lhe as senhoras. Então vae agora a Inglaterra, no tempo das amendoas!

—E eu, que gosto bem d'ellas! Levo o *cannelão* atravessado na garganta. A minha amendoa predilecta!

—Falsa amendoa...

—Amendoa fingida, bem sei; em bicos, para uma banda e para a outra, especie de confeito de canella, coberto de assucar!

E, as senhoras:

—Não tenha mau gosto! Agora o *cannelão!*

Encolhia elle os hombros, sorrindo, como quem timbra em levar a sua por deante...

—Vae-me atravessado na garganta!

Dias depois, demorando-se pouco em Paris, por ter de voltar ali de novo, já o patricio seguia para Londres, n'um d'aquelles vapores pequenos, que

atravessam a Mancha na hora da maré favoravel, por Niewhaven, leves e maneirinhos, para se ageitarem ás ondas sem ficarem por baixo d'ellas.

Havia, cada um dos passageiros marcado com um livro ou um jornal, com um *paletot*, com um chapéo de chuva, o seu logar nos bancos da tolda, emquanto se esperava, entretidos todos a espreitarem o mar, que se avistava, espumante, no fim da doka.

Cada viajante dizia o seu dito, com mais graça uns, outros com menos; e, assim foi, que, elle travou conhecimento, com uma senhora, que ía, sósinha, de viagem, a Londres, visitar uma sua amiga, que fazia annos no dia immediato.

Recebendo o vapor em cheio, logo ao largar, as primeiras vagas formidandas, uma pela frente, e outra de cada lado, voaram os *paletots*, voaram os lenços, voaram os chapéos de chuva; cahiram os passageiros, por cima, uns, dos outros; arrastaram-se, de gatinhas, pela escada, que conduz á camara, deixaram-se ligar, nos sofás, a uma especie de janella de sacada, de improviso, armada com varões de ferro, para que o redemoinhar do barco valsista lhes não partisse as ventas com excessivo desabrimento.

Acabada essa viagem rebelde, em que, o proprio mar annunciava a desharmonia das duas nações, parecendo não querer ir o vaporsinho, por nenhum modo, de França para Inglaterra, desembarcaram na direcção de um prato de sopa, que, fumegante, os esperava no *bufete* da estação.

O compatriota, que enjoára como um misero, mal

podia mexer-se; valera-lhe o conhecimento d'aquella amavel senhora, com a qual, por um triz, que não se afoga no abundante sangue de um roast-beef:— offerecendo-lhes, logo, com as batatas, o creado, que as serviu, um bilhete, para não sei que hospedaria, franceza, ou italiana, das de *Leicester's square Leicester's place,* uma *Sablonier,* uma *Europa,* uma qualquer, que, o bilhete, abonasse com segurança, para já poderem ir d'ali, a bem dizermos, com a casa na algibeira.

Guardado aquelle cartão precioso, e porque o jantar inglez seja sempre bastante mau para nunca se atrever a ser demorado, entraram em Londres restaurados, e de bocca aberta,—que é como sempre por lá se anda, para admirar ou para rir, porque não haja ali meio termo, e seja burlesco tudo o que não fôr grande, com a simples excepção do que fôr burlesco e grande ao mesmo tempo... por exemplo, o inglez.

Porque o theatro em Londres seja uma necessidade para quem aspira a passar a noite n'uma sociedade morigerada, e, porque, por menos sabor que se encontre n'uma representação ingleza, seja indispensavel ir ali tragediar tres horas e meia, á escuta d'aquelles actores soturnos como defunctos do anno antecedente, e dos quaes, se não fossem tão gordos, se fariam phantasmas apreciabilissimos; o nosso compatriota entendeu, que, o rigorismo mais delicado o obrigava a convidar aquella dama, antes de ella ir para os annos da sua amiga, a assistir á representação, sempre interessante, de um melodrama

tetrico inglez, que um auctor novo tetrico inglez houvesse compilado, á ingleza, tetricamente, de trinta e uma situações já experimentadas em melodramas tetricos inglezes.

Foi uma excellente noite.

Só o que, n'aquella platéa, havia de beldades, de uma alvura, que tinha o condão de sobresair aos vestidos brancos de *tule;* conservando-se bonitas, até a deitarem inglez pela bocca: operação cheia de difficuldade, que obriga toda a gente a fazer caretas, indispensaveis á boa pronuncia!

Eram, aquellas meninas, nem mais nem menos, que, o bando allado, do corpo de baile de Covent-Garden.

Nas noites em que não tinham de dar á perna nas danças, iam alegrar pela sua presença, na platéa e camarotes, os enredos macambuzios das peças novas.

Verdadeiro sonho de fumista de opio.

Nem o pastor Aristéo avistára mais curiosa enxame, do que este, recrutado de todas as nações, pelo ouro despotico da Inglaterra: colmeia rara...

A franceza graciosa, de pé delgado;—a pallida italiana, de olhar banhado em fluido;—a inquieta hespanhola, que, á hora em que foge o sól, fica alumiando a terra com a luz *salerosa* do seu sorriso;—a allemã sonhadora, que conta ás estrellas os poeticos segredos da sua alma...—Maravilhosa alluvião! scismava o patricio, sem cuidar grandemente da sua convidada; á qual o prendia apenas aquelle sentimento, um pouco massador, da gratidão,

pela immensa caridade com que ella o compadecêra durante as seis horas de enjôo no vaporsinho.

E, voltando-se para ella, foi offerecendo á sua consideração differentes ponderações:—Pois, minha senhora, digo-lhe que não me faz isto saudades d'aquelle bocadinho do meu Chiado, nem da Trindade, nem da Avenida!...

Ella não percebeu.

—Sitios lá nossos! disse elle. O *cant* britanico tem de bom, pelo que observo, o muito que se accommoda com a raparigada!

—Na sua terra não é o mesmo? perguntou-lhe ella.

—Somos mais austeros! retorquiu elle, com compuncção.

—Dizem-me que teem um bello rio!

—Temos. Temos um bello rio...

—E um céo bellissimo!

—Um céo bellissimo...

—É pouco, isso? accrescentou ella em tom melancolico.

—É bastante; retorquiu elle com determinação e orgulho patrio. É mais que sufficiente, isso, é!

—O que fazem por lá?

—Conforme. Olhamos para o céo, olhamos para o rio... Agora, por exemplo, na semana que entra, olhamos para as amendoas...

—O rio, as amendoas, o céo...

—Estamos n'este costume, minha senhora. Em chegando o tempo das amendoas!

—Quanto isso me interessa! Vão colhel-as á

amendoeira? Reunem-se pelo campo, em ranchos, á procura da arvore poetica, nuncia da primavera, primeiro sorriso do anno, signal de se sahir do frio para entrar na estação das flôres e do fato claro? E, não é aleitada? Não se desfaz nos dedos, apesar das tres cascas, que tem, uma por dentro da outra, — não digo bem, — uma por fóra da outra...

—Vem a ser o mesmo...

—Effectivamente; a primeira abre na arvore, rebenta com o calor, e cáe antes da apanha; a segunda...

O patricio, desembuchando, e envergonhado de que o podessem suppôr tão poetico:

—Peço perdão; nós, só olhamos para ellas quando já estão confeitadas. Somos todos, por lá, um pouco confeiteiros. Alguns, já se vê, disfructam, n'este ramo, maior notoriedade; entretanto as nossas predilecções só teem que vêr, em questão de amendoas, com o sabel-as *dar*... Esta phrase é *de espirito;* pertence ao numero das que, lá entre nós, andam a mudar de sentido e fluctuam entre o antigo e o novo. Nascem d'isto, ás vezes, equivocos para os moralistas... *Dar as amendoas!*

—Dar as amendoas!

—Isso. Queixamos-n'os, já se vê, todos, porque nos queixêmos de tudo e sempre. Se, de um lado, ha quem dê, é porque ha do outro quem receba: mas, gememos todos. Metade esconde o jogo; — como nos bailes a troca de chapéos, mysteriosa, ao ponto de haver chapéo velho tão esperto, que vá

pelo seu pé collocar-se no logar do novo. A esta hora, anda toda a gente por lá de bocca aberta e mão estendida para as amendoas. Aqui estou eu, que faria, agora, baixesas, para apanhar um *cannelão*. Dou o cavaco! Para mim, o *cannelão!*

Discorreram de todas as coisas e de outras, e, só, de si, não fallaram.

Para quê?!

Viam-se como dois conhecidos de fresco, impermiavelmente indifferentes um ao outro... e que haviam enjôado juntos.

Á sahida, já na rua, ía elle a dar-lhe o braço, attenciosissimo, quando, de subito e sem mais *tir'te* nem *guard'te, piff paff puff,* lhe endossam tres bengaladas, de uma amplidão de abobada semi-espherica—das proporções da cupula de S. Paulo...

Canna da India, de castão forte e ponteira branca.

Golpes rijos de bengala, murro,—e pé—a fim de que, por mais affoito, que elle fosse, nunca podesse vir a zombar dos sapatos do aggressor...

Com os meios de defeza cerceados com chulipas temerosas, que o fizeram rebolar de ventas, achou-se n'uma pisa barbara, sem poder explicar aquella sovadura...

Foge espavorida a dama com o conhecer, no aggressor, seu marido, de quem andava afastada,—saltam os *policemen* com as suas varinhas. Prendem o que deu a sóva; e tomam o nome ao sovado.

—Seu nome, e morada? inquirem severamente.

—Qual morada, nem qual diabo!?! praguejou

o patricio. Raios os partam. Quero ir-me embora ámanhã. Tratar-me-hei, ao menos, em Paris, no *hotel* da rua tal. São brutos por natureza. Por um triz, que não quebro a tibia, quando me fui abaixo, n'esta amassadura! Irra, que terra!...

Para Paris voltou, de viagem, na manhã immediata, por Calais; — a mais rapida.

Acaçapado n'um quarto de hospedaria, só a legação podia saber onde elle parava, tanto mais que elle parava na cama, com enfermeiro ao lado, e em tratamento cauteloso.

Indo já melhorzinho, aos oito dias, foi procurado para passar recibo de oitenta libras, por indemnisação...

—Indemnisação de quê?

—Da tunda! responderam-lhe.

Mercê das leis inglezas, valera-lhe a sóva o direito de usufruir aquella gratificação.

E, porque se mostrasse rebelde a embolsal-a:

—Não ha motivo para escusa! insistiram com elle as auctoridades e corporações competentes. Mereceu-a!... Mereceu-a bem!...

Quando regressou a Lisboa diziam-lhe as senhoras, com a intenção mais pura:

—Viva, sr. fulano! Então divertiu-se muito?

—Immenso! minha senhora! Aquillo, é que são terras!

—A apostar, com tudo isso, que ninguem, por lá, lhe deu as amendoas!??

Elle hesitou...

—Surriada! que não lh'as deram! exclamavam

ellas rindo, sem dólo, e, como se diz, á fé do carvoeiro...

E, logo elle, aprumado:

—Pois deram! deram!...

—Haviam de ser doces; esperasse lá por ellas... É pêta! E de cannelão, nem sombras!

—Cannelão?!... Apanhei, d'isso, em cheio!

—Historias! diziam-lhe ellas. Ora adeus! Não tenha tanta presumpção de si, apesar de sempre lhe ventar a fortuna...

*

Adiante de Olazagutia o maestro Barbieri—famoso auctor de *Jugar con fuego* e de tantas das mais festejadas *zarzuelas* de Hespanha—o qual, com grande alegria minha, tive por companheiro, em 1864, de Madrid a Paris, o mais espirituoso e eloquente *cicerone,* que póde achar-se, disse-me, indicando um logarejo, cavado na baixa de um monte:

—Ali, é a Fonte da Verdade, *la Fuente de la Verdad!*

A diligencia, n'aquellas alturas, começou a seguir lentamente, porque os cavallos ao passarem deante d'uma aldeia mettessem a passo, conforme o costume nas provincias vascongadas, onde é expressamente prohibido, e castigado—como provocação—atravessar a estrada a trote na frente de uma povoação qualquer.

Ia rompendo a madrugada.

Á esquerda perfilava-se pittorescamente um grupo de casinhas brancas com telhados de piçarra, embrulhando-se no nevoeiro, que o monte lhe atirava aos hombros, e deixando entrevêr indecisamente uma paisagem, que, ainda mesmo atravez da penumbra do crepusculo, me pareceu abundar em accidentes de perspectiva. Era, ali, a fonte...

—*La Fuente de la Verdad*, continuou Barbieri, tem a propriedade maravilhosa de indicar, aos amantes, se, a noiva, conserva ainda a innocencia!

—Oh! Oh! Que me conta, Barbieri! Isso é uma fonte perigosissima, que deixa a perder de vista a taça encantada do Ariosto. E de que maneira conseguiria averiguar-se...?

—Tira-se á menina o alfinete do pescoço, com cautela de não se enganar de sitio, por ser este o alfinete, creio eu, que está mais perto do coração. Tão depressa se apanha senhor do alfinete, corre o namorado á fonte e colloca-o suavemente á superficie da agua; convém, porém, que a mão lhe não trema, aliás podia mergulhar o alfinete — o que é indicio de má nova. Se, pelo contrario, o alfinete boiar á flôr d'agua, ditoso amante, que póde, affoitamente, depôr na fronte da donzella a branquejante corôa das noivas!

—Esse methodo offerece perigos. Todos os namorados são entes naturalmente dados a tremuras, muito mais em tendo coisa que os inquiete. Quantos alfinetes não irão por agua abaixo, só porque o moço seja nervoso e lhe trema a mão? Veja o meu

amigo, se não é barbaro soffrer, a menina, as injustas consequencias... do braço tremelicoso do sensaborão, que lhe arraste a aza!?

—Tem razão...

*

O marquez de * anda na moda.

A humanidade não vive desde hontem, como parece indicar a chronologia biblica e como certas sciencias nos querem levar a crêr.

O homem, se fôrmos a olhar para o passado, está já no mundo ha muito tempo; mas, a considerarmos o futuro, que vae a abrir-se, ficaremos maravilhados da mocidade em que estamos, e observaremos que ainda agora vamos a nascer para a vida social.

Onde principalmente se nota isto—é no marquez...

Elle é o que ha mais infantil; fagulha, afortunado, aspirando a tudo.

N'outros tempos, havel-o-ia achado, toda a gente, caricato e disparatado, como um *pierrot* de baile de mascaras no mez de maio, pelo Chiado fóra.

Hoje, é quasi como os outros: mas, assim mesmo, ainda é só quasi!

Critica tudo, desdenha de tudo, sem maldade; não quer em casa senão fidalgos; viajou para voltar mais asno: é completo.

Dá de tempos a tempos um baile, de que os jornaes se occupam gravemente, e, com tanta maior

fidelidade, que, é elle proprio, que lhes fornece as informações.

Reune ás quartas feiras. Os convites dizem assim:

«Os marquezes de * ficam em casa ás quartas feiras.»

Na ultima semana do mez passado, constipando-se e caindo doente, o marquez mandou ás pessoas das suas elegantes relações o seguinte contra-aviso:

«Os marquezes de * achando-se de cama não ficam em casa na noite de quarta-feira.»

*

A ajustar dois frangãos, a um gallinheiro:

—Quanto valem os frangãos? perguntava o dr. Calote.

—Um cruzado.

—Caro!

—É o preço.

—Está dito; são meus, os frangãos. O que não trago, é dinheiro commigo.

—Então, não está nada feito.

—Pelo contrario. Ajuste faz lei. É negocio concluido. Fico só com um frangão, percebe? e deixo-lhe o outro, a você, de penhor.

*

Tomára quarto, n'uma casa, em que se recebiam hospedes.

Todos os dias, procissão de credores a baterem-lhe á porta.

—Olhem, disse elle aos seus amigos; de ora em diante hão de bater de certa maneira, pela qual eu os conheça, para não abrir a mais ninguem. Vamos a combinar n'um signal?

Combinaram.

N'uma manhã, estando o homem posto em socego, e ainda bem deitado, ouviu a voz do alfayate, que lhe dizia, da escada:

—Abra a porta, ó sr. fulano.

Elle, moita.

—Abra a porta; bem sei, que está em casa. Não arredarei, um passo, d'esta porta...

Elle ouviu, riu-se á socapa, e dormiu mais.

Por volta do meio dia já a fome lhe dava conselhos, de que se pozesse a pé; mas, sabendo que a prudencia é mãe da segurança, dizia comsigo!

—Se o diabo do alfayate ainda ali estiver...

Estendeu-se ao comprido, no chão, e olhou, pela abertura, que havia, entre a porta e o sobrado:

—Olha, olha, olha! Lá está elle ainda! Bem lhe vejo os pés!...

Tres horas, quatro horas, e ahi se estirava o homem, outra vez, para espreitar e averiguar o caso...

Anoiteceu. Elle deitou a alma ao largo, e decidiu-se.

Abriu. Encontrou, á porta, um par de botas, que lá havia posto na vespera, para lh'as engraixarem.

*

Publica-se um jornal na Italia, *Fanfulla*, que vae, de Florença, para Roma, onde, n'uma noite, os vendilhões da rua pozeram condições tão pezadas para se encarregarem de o ir vender, que seria ridiculo acceital-as.

Ficaram furiosos, os redactores.

—Que se hade fazer?

—Mas, já!?

—Isso é que é; já?!

—Mette-se o jornal n'uma carruagem, em duas, em tres, e vamos vendel-o!

—Vamos vendel-o!

Pelo dia adiante os elegantes de Roma associaram-se á funcção, e assim se distribuiu e vendeu a folha.

*

Furia de *soirées*, ancia de cada um vêr o seu nome nos jornaes, repetido pelo ecco das festas... Toda a gente cançada, mal dormida, de *soirée* em *soirée*...

Um cavalheiro vestiu a sua casaca, poz a sua

gravata branca, pegou no seu chapéo de pasta, dirigiu-se a uma casa do seu conhecimento, chegou, subiu...

Não encontrou ninguem na escada.

Ninguem, á porta.

Chamou, não lhe responderam.

Viu a porta aberta, foi entrando...

Entropeçou n'uma mesa, atirou coisas ao chão, accendeu um phosphoro...

N'isto, viu apparecer um sujeito, de chambre, e com um castiçal na mão.

—Que é isto? Quem é o senhor? Ó da guarda!

—Ó Pimentel, sou eu. Sou o Maldonado, venho para a *soirée!*

—Qual *soirée?!*

—A das quintas feiras.

—É ás quintas feiras que nós recebemos...?

—Pois, tu não sabias?!

—Não tenho tido tempo de reparar; a minha mulher é que sabe d'isso a fundo. Mas, tens razão; hoje, é quinta feira... Ficaria adiada, a festa de hoje...

—Como está a senhora D. Carlota?

—Minha mulher está boa. Foi agora para a tua *soirée.*

—Para a minha *soirée?*

—Sim! Então vocês não dão hoje uma *soirée?* Talvez por isso, é que ficasse adiada a minha. Tua mulher escreveu á Carlota a convidal-a...

—Muito me contas! Visto isso, boa noite, Pimentel; vou para lá!

—Vae. Eu, hoje, por já não poder commigo, tenho de me ir deitar.

E ahi largou a correr, o Maldonado, que, na balburdia de *soirées,* não se lembrava da *soirée* que tinha em casa!

*

Da uma hora ás tres, debaixo da arcada, emprestava dinheiro — n'uns tempos de crise politica e financeira, de que o paiz ficou guardando má lembrança — a 9 por cento.

Dizia-lhe uma victima:

—Isso é esfollar de mais! Olhe lá, o céo não o castigue. Deus vê tudo...

—O 9, visto lá de cima, parece um 6! retrocava o biltre.

*

Em Macau, o governador quiz obsequiar um japonez de alta cathegoria, e deu-lhe uma festa de concerto e baile.

O japonez foi para lá á bocca da noite, sem que ninguem ainda o esperasse, e, quando entrou nas salas, estavam os musicos a afinar os instrumentos.

—Boa musica! disse elle.

—Logo, disse o governador, logo é que hade ouvil-os!

—Estou gostando!

D'ahi a pouco, afinada a orchestra, tocaram-lhe

uma das melhores symphonias de que podiam dispôr.

—Que tal? perguntava-lhe o governador.

—Não está mau. Sério; não está mausito...

E ahi lhe tocavam valsas; redowas e trechos varios das melhores operas.

O governador, a contas com elle:

—Que tal?

—Soffrivel; mas...

—Diga, diga...

—O que eu desejava, era a repetição d'aquelle bocadinho que tocaram no principio...

—A symphonia.

—Não. Aquelle bocadinho muito mavioso, muito correcto, antes da symphonia!

—Antes?!

—Antes! Que mavioso!

Deu o governador as suas ordens, os musicos destemperaram os instrumentos, e principiaram de novo a afinar.

O japonez estava em extase.

—É isto? perguntava-lhe o governador.

—É, sim. Maviosissimo!

*

Encommendaram a um pintor um quadro representando um cavallo a rebolar-se de costas no chão. Em vez d'isso o artista, pintou-o a correr.

Quando lhe disseram não ser assim o que se queria, replicou:

—Então tornem a explicar?

—Quer-se um cavallo, de costas no chão, a rebolar-se.

—Pois ahi está!

—Ahi está; como?!

—Voltem o quadro!

Voltaram o quadro.

—E agora?! Está a rebolar-se de costas, ou não está?

*

Que ratões, os japonezes!

Quando teem vindo a Lisboa, não é senhor de ir visital-os algum alto funccionario, sem ouvir guinchos exoticos no corredor, quando vae entrando, guinchos que ás vezes o assustam muito... São os japonezes a dizerem finezas ás creadas da hospedaria.

Na terra d'elles andam carroças todos os dias percorrendo os bairros para receber meninos, que as familias por qualquer motivo não queiram guardar... Levam-os para um edificio formidavel, segundo consta, onde ha medicos, matronas e amas de leite. Sahem d'ali todos, depois, aptos para differentes profissões liberaes.

E' uso por lá offerecer dadivas consideraveis, aos parentes da menina com quem se casar. Em se

dando, porém, a circumstancia de querer um japonez casar e não ter de seu para as despezas dos presentes, diz ao pae que lhe vá escolher uma, das que andavam em creanças na carroça, e casa com ella economicamente.

Teem tal gosto, de deixar herdeira de seu nome e bens, que, alguns, vão buscar uma pequena qualquer e mettem-a em casa.

Se a bella lhes dá transtorno amoroso, dos que os ciumentos chamam vexame, sentem-se tanto d'aquillo, que logo abrem a barriga com uma espada. Tudo o tempo cura. Ultimamente conta-me alguem, que chega de lá, dão em fazerem-lhes engulir, a ellas, uma espada; — não para as matar: para fazer uma habilidade, e ganharem dinheiro. A difficuldade unicamente é parar no estomago, para não offender orgãos importantes.

Em vez de espadas, tambem estão adoptando obrigar cada um a sua amada a engulir uma lanterna. Fazem-a descer pendurada n'um fio. Já se vê, não é bem uma lanterna, como as dos carros americanos: é um tubo, que vae para o estomago, e, em a sonda, que o conduz, se pondo em communicação com o fio electrico, illumina-se, e fica o estomago ás claras.

Quando a gente pensa que fazem esta habilidade por amor d'ellas!

É por amor d'ellas; pois de quem?!

Não contentes de as vêrem por fóra, até querem vêl-as por dentro!

Pélam-se por mulheres!...

*

Por serem cegosinhos, muitos dos tocadores de gaita de folles, os principaes, poderiamos dizer, os que, n'esse instrumento, chegaram a ser *virtuoses* como o Paganini e o Sivori na rebeca, mais conhecidos se tornaram e mais estimados por tal prenda.

Não viam o que vae pelo mundo, e, como se todos os dias fossem de festa, iam tocando, desde pela manhã até á noite, alegrando os sitios por onde passavam, e recebendo agasalho e esmola até sem a pedirem. Toda a gente fazia gosto em que lhes não faltasse nada, aos pobres ceguinhos tocadores ambulantes, que, por via de regra, de se acharem perdidos na vida, comidinhos de bexigas que lhes fechavam os olhos, ou mesmo cegos de nascença, recorriam áquella arte, fazendo da gaita de folles profissão, e seguindo assim com independencia uma carreira, que não pretendia a mais do que merecer o agrado das classes populares. Tinham a habilidade rara, entre todas as da vida, de realisarem, n'este mundo, o ideal!

Appareceram ha muito tempo na capital, dois rapazes e uma rapariga, todos tres irmãos, e naturaes da ilha do Porto Santo; um d'elles cego, e, por ser visinho de dois eximios tocadores de gaita de folles, em poucas lições, mercê da sua grande ap-

plicação, com elle apprendeu e começou a acompanhal-os em suas peregrinações quotidianas.

A rapariga casou com um soldado: e o outro irmão andou por um tempo na corveta D. João I, de onde desertou, vindo trabalhar na forja de um ferreiro, Manuel Ganchinho, que havia a S. Sebastião, e saindo de lá para se despachar em mendigo e fingir-se mudo.

Um capitão, que estava de guarda no Terreiro do Paço, sem desconfiar que, talvez, áquelle mandrião se désse falla com duas pranchadas boas, ia dar esmola ao mudo: n'isto deram volta á esquina dois tocadores de gaita de folles, e elle, suppondo não ser notado, chegou-se para um d'elles, que era cego, e disse-lhe o que quer que fosse.

O ceguinho abriu logo os braços; mas, o mudo, com gestos de disfarce, foi de rancho com elles, puxando-os para uma escada.

—És tu, fulano! Deixa-me abraçar-te, pois que a minha desgraça me não consente poder vêr-te!

—Pouca bulha! retrucou o mudo. Eu passo por não ter falla...

O outro não entendeu o que elle lhe dizia, e fezlhe uma pergunta:

—A nossa irmã?

—Móra no beco de Santa Helena, numero quatro; lá em casa d'ella, é que eu resido; está casada com um grilheta, que, de dia, anda nas obras da camara, e de noite vae dormir ao Aljube.

—Que horror... E tu?

—Ando de mudo, já te disse, a pedir esmola.

O capitão entrou de repente, apanhou-o a fallar e prendeu-o.

Houve, por essa occasião, um tristissimo dito, do ceguinho, que, intercedendo pelo irmão, contou ao militar a vida de todos os tres, desde o tempo de sua infancia, quando ainda em Porto Santo, pastoreavam:

—Veja vossa senhoria; dos tres, hoje, o mais feliz sou eu! Bem póde condoer-se d'elle na presença de tal miseria...

*

Ha um dito em Italia, que faz scismar... Ouvi-o a um veneziano, e perguntei-lhe que explicação tinha isso.

—Somitica como a mãe de S. Pedro!

Dizemos em Portugal:

—Valha-te S. Pedro!

Mas, da mãe, nunca fallamos; nunca.

—Pois é novidade para si, ter sido somitica a mãe de S. Pedro? Fique-o sabendo. Chegava a ser de sórdida mesquinhez. Não dava nada a ninguem, nem emprestava... De uma occasião, porém, estando a lavar a alface, para salada, na agua de um rio, a corrente levou-lhe uma folha, sem ella dizer mais que isto:

«Boia, boia, á mercê de Deus.»

Foi a unica bisarria d'aquella creatura!

O caso é, que, por morte, teve a sorte dos somiticos,—não entrou no céo.

—Olé!

—Não põem o seu pé lá dentro, os somiticos!

—Mas, ella, com o filho á porta...?

—E de chaves na mão, bem sabemos. Foi o mesmo que nada. Dizia Nosso Senhor, que, a entrar a alma d'ella, haviam de entrar as outras... *Má, sicuro! Che cosa volétte!* Elle fartou-se de pedir, o pobre S. Pedro! E tanto pediu, tanto pediu, que, Deus, sempre pae, acabou por lhe dizer:

—Ó S. Pedro... A tua mãe em tantos annos que viveu, só uma coisa é que não enferrolhou nem arrecadou para si;—uma folha de alface, que a agua de um rio lhe levou. Se, com essa folha, te atreves a puxal-a para o céo, está o caso arranjado!

S. Pedro, recommendou á mãe, que se agarrasse á folha; a mãe isso fez; S. Pedro puxou... puxou... Estava a mãe quasi lá, estava por um apice, mas, as visinhas, desejosas de aproveitarem aquella pechincha, quizeram tambem agarrar-se á folha preciosa, e, a mãe do santo, não podendo levar isso á paciencia, e, invejosa e avarenta como era, querendo ir sósinha, tanto mexeu para que as outras largassem e tantos puxões deu á folha, que, a folha, abriu-se ao meio...

Cairam no vacuo as almas, que se lhe agarravam; e a másinha da somitica caiu com ellas; sendo assim, que, para a mãe do senhor S. Pedro, a julgar pelo que os venezianos dizem, ficaram fechadas as portas do céo.

*

Reunidos no escriptorio da *Revista Universal Lisbonense* alguns dos collaboradores da folha, ao tempo em que ella pertencia a Sebastião Ribeiro de Sá, tratava-se da vantagem, ou não vantagem, das citações.

—Só deve citar-se, quando se dérem duas condições! disse Antonio de Serpa.

—A saber? perguntou Rebello da Silva.

—Quando o escriptor citado é auctoridade tão reconhecida, que basta invocal-a para ganhar a causa; ou quando a citação resume, do modo mais completo, tudo que poderiamos dizer.

Um dos cavalheiros presentes, defendeu, com calor, a prenda e meritos de saber citar.

—Podéra! exclamou Luiz d'Almeida e Albuquerque. Elle, cita sempre!

—É menos facil do que póde parecer! returquiu o cavalheiro, ainda brincando. Não cita quem quer!

—Bem sei! acudiu Luiz d'Almeida. Quem cita não é quem quer, é quem *não póde.*

—Outros dizem, *quem sabe.*

—Os citados sempre devem saber um pouco mais; nem, aliás, seria preciso ir buscal-os, para fazer obra por elles! A grande promoção de um citador, seria a de lograr que outros o citem; mas, nunca a apanha!

Palavra cá, palavra lá, azedou-se a graça...

N'um dado momento, o collaborador da revista—por signal que um dos mais brilhantes,—sacudindo não sei que chiste de Luiz d'Almeida, que não cessava de o matraquear pela balda, ou prenda, que lhe attribuia, de citar sempre, esqueceu-se, perdeu a cabeça, e chamou-lhe tolo.

—Segundo quem? perguntou-lhe Luiz d'Almeida.

*

Houve tempo em que toda a gente adoecia em Lisboa, menos os cantores de S. Carlos, porque as escripturas de Vicente Corradini tinham a esse respeito idéas especiaes, e marcavam prescripções que valiam por todos os remedios da botica.

De uma occasião, deu parte de doente um cantor.

—Tu não estás doente! disse-lhe Vicente Corradini. Não podes estar doente. Vou mandar-te o medico da empreza!

O medico observou-o, fez-lhe perguntas, e passou em certidão que o que elle allegava como doença, para não cantar, era uma *hypothese inadmissivel.*

O cantor ficou tão satisfeito, que, quando o Corradini lá voltou, á tardinha, disse-lhe logo:

—*Multo ammalato,* caro Corradini!

E, o Corradini, espantado:

—*Cosa é?*

—*Una malatia terribile!*

—*Per Bacho!*

—*Figura-te! É un gran dottor, il tuo medico!*

—*Ostia! Ma, che cosa è?*
—*Una «hypothese inammissibile!»*

*

Encommendára, para a China,—a um amigo, a um homem que tinha de lá ir, ao consul, fosse a quem fosse,—um serviço de loiça finissimo. com o seu nome e o seu brazão, tudo bem marcado, do mais perfeito que por lá se fazia, e enviou, n'um papel, os desenhos necessarios, escrevendo-lhes por baixo

Meu brazão e da viscondessa

Passado tempo chegou-lhe a loiça.

E' inutil registar a anciedade com que elle a esperava.

A familia, gente ostentosa, *f*ortuna, *f*ama, e *f*idalguia, *f*rescas,—quatro *f f f f* assoprados,—assistiu ao desencaixotar da encommenda com ares *f*austuosos e *f*arofios; mais dois *f f!*

A loiça era esplendida.

O brazão estava soberbo.

Mas... Em cada chavena liam-se estas palavras:

Brazão meu e da viscondessa

Os ratões dos chinas tinham escripto o que para lá lhes mandaram.

Teve que esconder a loiça.

*

Rangel de Quadros dizia de uma vez no tribunal:

—O senhor faz-se tão bom! Faz-se bom de mais. Diga-me, quantos annos tem?

—Trinta e cinco.

—Gosta de mulheres? Diga, com franqueza?

—Saberá v. s.ª, que nem por isso. É coisa de que nunca fiz nem faço maior caso.

—Não gosta. Está dito! ponderou o juiz.

—D'ellas nunca veiu bem ao mundo, sr. juiz.

—E de comer bem, gosta? tornou Rangel.

—Gosto de me alimentar o sufficiente. O homem, como o sr. juiz muito bem sabe, deve comer para viver, mas não viver para comer. Não dou apreço aos prazeres da bocca.

—Tambem não dá apreço a isso. E'-lhe indifferente gostar de alguem e ter alguem que goste de si?

—Completamente indifferente.

—E comer uma truta rosada da nascente do Mondego nas voltas que dá o rio junto da Serra da Estrella, ou um rabo de bacalhau, tambem é para si a mesma coisa?

—A bem dizer, a mesma coisa.

N'isto o juiz mudou de tom.

—Tenha cautela, agora. Vamos ao interrogatorio. O senhor, pelo que acaba de me dizer, deve ser um pessimo homem. Não gosta da mesa nem do amor!
—Cautela, agora, vae começar o interrogatorio!...

*

O leitor, que ainda se recorde da celebre salchicheira gorda, que existia na rua do Ouro, deixe-se ficar sentado...

Gostava tanto de lêr os programmas que o velho Xavier fazia para as touradas, que, indo elle, pela rua, correu a abraçal-o, aturdindo-o de cumprimentos, n'um dia em que lhe disseram:

—Aquelle é o que faz os versos para os *cartazes dos touros*.

Xavier, pasmado, olhava para ella de bocca aberta, sem poder atinar quem fosse, e o que pretendesse d'elle, aquella creatura.

—Se soubesse, os gostos de riso, que me tem dado! Que pilheria, que tem, sr. Xavier! Olhe! Quer v. s.ª um paio? que eu sou salchicheira. Venha cá, homem! Muito estimei conhecel-o!

E levou-o comsigo, para a loja, onde lhe deu um paio magnifico.

Desconfio, que, ainda nenhum outro litterato, apanhou, por cá, uma prova de sympathia... *tão incontestavel!*

*

Dizia uma visinha, a um pequeno do segundo andar, quando elle lhe apparecia em baixo, á hora de jantar, e andava a brincar contentinho em redór da mesa:

—Já jantaste, Pedrinho?

—Já jantei, minha senhora.

—Que pena! Podias ter jantado comnosco! Punha-se-te um talher ao lado do menino!

Passados dias, Pedrinho voltou á mesma hora. A dona da casa fez-lhe igual pergunta:

—Já jantaste, Pedrinho?

—Ainda não jantei, respondeu o pequeno.

—Ora essa! jantas tão tarde!...

*

O Carrara, mestre de canto, depois de aconselhar os discipulos a estudarem os segredos da respiração, fazendo-lhes perceber ao que poderia arrastal-os o descuidarem-se d'isso, costumava abrir um armario velho onde estava arrecadado um esqueleto.

—Vêem? Era um dos meus melhores discipulos emquanto a prendas naturaes, mas, não fez caso da arte de respirar, e declarou-se-lhe uma tisica que o pôz n'este estado.

*

Ha n'uma das capellas de S. Francisco, em Evora, um quadro representando um anjo a acutilar uma nuvem.

Contou-me o venerando João Raphael de Lemos, que, andando o Grão Vasco a pintar esse quadro, que figurava um anjo de espada em riste—archanjo S.

Miguel ou algum dos anjos subalternos da milicia celeste—avistára no corpo da egreja uma das mais elegantes senhoras eborenses, a olhar para elle e a rir.

Observou o Grão Vasco estar aquella dama a rir-se d'elle, e é sabido que o bom humor dos artistas abre parenthesis em se lhes beliscando o orgulho, e, de meigos, como crianças, se transmudam em arrojados e féros como leões...

Esteve á uma e ás duas para erguer a voz na egreja, e dirigir a palavra á desdenhosa caçoista; mas, conteve-se, e foi trabalhando.

Quando, outra vez, voltou a vista, encontrou, de novo, o sorriso ironico da dama...

Não se sabe já ao certo, quem ella fosse; comquanto, porém, gostasse de mostrar os dentes e parecesse ser dada a escarnecer do proximo, não era creatura de condição equivoca, *mullier peccatrix in civitate:* era dama primaz.

O Vasco, estando n'aquella occasião a pintar o diabo,—figurou, n'elle, a cabeça d'ella; e, quando, da terceira vez, se olharam, sorriram-se um para o outro,—mal sonhando, a formosa, a excentrica vingança do pintor...

Prompto o quadro, ficou a obra de tal perfeição, que todos correram a admiral-o.

—Que belleza! exclamavam. E, uns, se referiam, n'isto, á excellencia da pintura, outros... á formosura do diabo!

Um padre, principalmente, parecia sentir por este quadro tão irresistivel sympathia, que não tinha força em si para despregar d'elle os olhos.

Viram isso os superiores, com magua, por lhes chegar aos ouvidos que se rosnava em Evora, n'um sentido pouco edificante, da pasmaceira em que andava aquelle sacerdote e desejarem evitar que se lhe attribuisse falta contra a pureza, ainda apesar do rifão, applicavel em questões de painel, de que longe vá do *vivo... ao pintado.*

A cabeça do demonio era tão seductora, que se pretendeu encontrar n'isso a explicação do caso. Attribuiu-se-lhe similhança com alguem, da cidade, que o padre conhecesse.

A formosura eborense tem caracteristicos famosos, de que fazem parte umas leves pintas de sarda, distribuidas com graça, pela mão voluptuosa da natureza, e que tornam, ainda mais insinuantes e tentadoras, as pallidas.

O padre sentiu-se perdidamente namorado, e se já soffria de se sentir em erro emquanto o julgava guardado entre si e o céo, bem peior foi quando entreviu o pensamento de outrem a seguir-lhe os rastros da culpa.

Fugia da egreja muitas vezes, e ia perder-se no silencio de Evora, nas praças, nas quintas, vagando como se estivera na cidade morta dos contos arabes em que o viandante peregrinava entre os simulacros da vida sem accordar voz que não fosse a do écco.

Luctou com o susto e com os remorsos; mas, em alguem se deitando á estrada do mal, custa-lhe achar o caminho para voltar ao sitio de onde partiu. Da Magdalena dizem os Evangelhos que tinha

sete demonios no coração. O pobre padre, tinha um só, e era como se tivesse quatorze!

Em redor d'elle os conegos riam, ou censuravam...—As senhoras de Evora fugiam de se deixarem ouvir por elle de confissão; o povo apontava-o a dedo; e, sempre, a cabeça do demonio, a rir, a rir!

N'uma manhã, quando o padre entrou na egreja, foi como homem, que, havendo adormecido na vespera com idéas de amores, acordasse de cabeça pesada, coração triste e exhausto...—O quadro estava no mesmo sitio,—mas, o demonio, já não.

Havia-se mandado chamar um pintor para encobrir com uma nuvem a figura do diabo; e a espada do anjo, ficou descarregando sobre essa nuvem, que apagou, para sempre, aquella cabeça de mulher, encantadora e fatal.

*

Sendo director da Casa da Moeda Sebastião Bettamio de Almeida, disse-lhe, um dos empregados antigos e mais graduados, no primeiro dia em que teve occasião de explicar-lhe differentes promenores que interessassem a um director novo, haver ali um operario, tão parcamente remunerado, que seria obra meritoria e de justiça augmentar-lhe o seu salario.

—É velho? perguntou Bettamio.

—Homem de meia idade.

—Com prestimo?

—Bom operario.

Em seguida, com expressão consternada:

—E excellente homem...

—Carregado de familia! Nove filhos tem. E ganha, coitado, sete vintens por dia.

Bettamio, que estava examinando uns papeis, logo os depôz sobre a mesa.

E, com voz firme:

—Que venha fallar-me!

—Que venha fallar a v. ex.ª...?

—Já!

—Immediatamente, sr. director!

Sem perda de um instante, o empregado dirigiu-se ao continuo:

—Vá sem demora chamar o Porfirio.

—O operario?

—O operario.

—Que venha á presença do director.

—O Porfirio!?

—O Porfirio, sim, coitadito. O director novo condoeu-se da sorte d'elle!

—Ainda bem... Pobre homem!

E, o continuo, largou a correr.

Chegando á officina onde o Porfirio trabalhava, dirigiu-se ao chefe:

—O nosso director condoeu-se do Porfirio com o constarem-lhe as tristes circumstancias em que elle se acha... Quer fallar-lhe.

—Vá-me chamar o Porfirio! disse o chefe a um servente.

E, ao continuo, que se dobrava n'uma cortezia e ia a retirar-se:

—Já lá o mando, faz favor de dizer que já

lá vae... Muito estimo, que o director tenha dó d'elle.

O servente, ao Porfirio, chegando-se a elle com alegria:

—Ó sr. Porfirio, corra ali n'um pulo...

—Aonde?

—Ao chefe. Largue isso, que está fazendo e vá de voada, avie-se!

O chefe ao Porfirio, com um sorriso:

—Viva!

—Tenha v. s.ª muito bom dia.

—Já sabe?

—De que, senhor?

—Não lhe deram ainda uma noticia...?

—Disseram-me que v. s.ª chamára por mim.

—Só? Disseram-lhe só isso?

—Só.

Novo sorriso do chefe:

—É pouco. Ora, pois; vá ao sr. director... S. ex.ª quer fallar-lhe!

—O sr. director quer-me fallar?

—Homem! eu, que lh'o digo! Mexa-se!

No corredor, o continuo esperava-o.

—Venha um abraço!

Porfirio estaca, boquiaberto.

—Anda para diante! Felizão! Deixa-te abraçar, mono! Chiaste na barriga da mãe! Ávante...

Andar, marchar, caminhar, correr
E com prazer...

Vaes ter gratificação!

O empregado antigo, á porta do gabinete:

—Bom dia, sr. Porfirio... (em benevola confidencia): Dei algumas informações a seu respeito ao novo director... (põe-lhe a mão no hombro) Vá apresentar-se... Estimarei o que fôr para seu bem!

Entra Porfirio no gabinete do director.

—Ás ordens de v. ex.ª! Foram dizer-me, que viesse sem demora a...

—Como se chama?

—Porfirio José, um creado de v. ex.ª

—Casado ou solteiro?

—Saberá v. ex.ª que sou casado.

—Vive com sua mulher?

—Saberá v. ex.ª que sim.

—Tem filhos?

—Saberá v. ex.ª que tenho nove.

—Estão vivos?

—Saberá v. ex.ª que estão vivos, graças a Deus.

—É empregado ha muito tempo?

—Saberá v. ex.ª, que ha dezeseis annos.

—Quanto ganha?

—Sete vintens por dia.

Sebastião Bettamio de Almeida recuou a cadeira, encruzou os braços, fixou o operario, cravando a fundo os olhos nos d'elle, e, severamente:

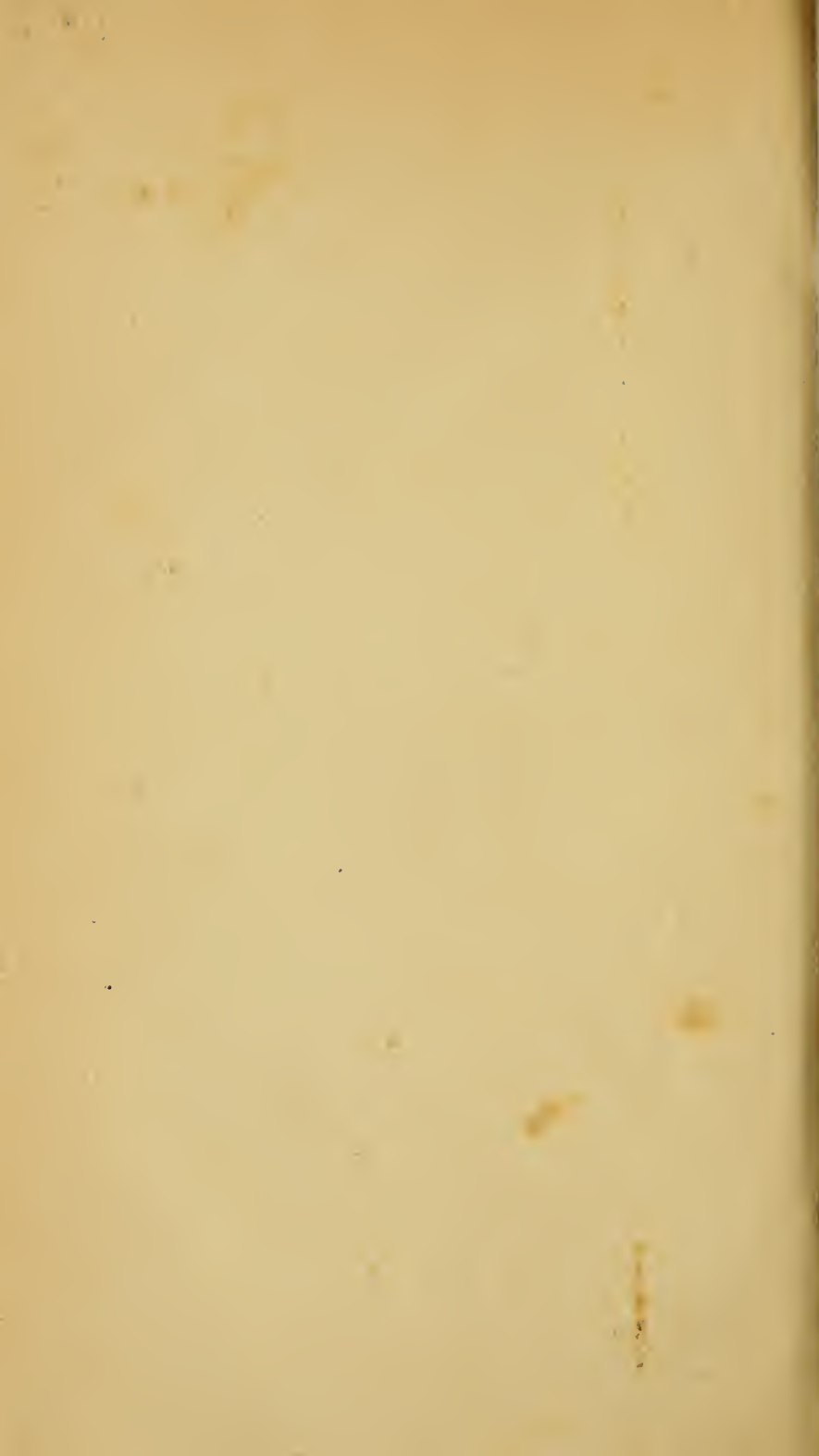
—Se não morreu de fome, é convidado a explicar-se, aliás está demittido.

Porfirio, com voz submissa, referiu então, que, fóra das horas do seu emprego, lavava casas, fazia

recados, e desempenhava differentes misteres, de tarde, e pela noite adiante...

Curioso tempo em que as pessoas podiam explicar do que viviam...

Um idyllio! como a gente diz, agora, quando quer rir — do que foi sério.

Dezembro, 29—1888.

PUBLICAÇÕES DA EMPREZA LITTERARIA DE LISBOA

HISTORIA DE PORTUGAL

POR

Ennes, A. Pimentel, C. Pinheiro, D. d'Almeida, E. Vidal, G. Lobato, L. Cordeiro... I

Illustrações de Manuel de Macedo

Contem seis grandes volumes, illustrados com primorosas gravuras, representando os quadros mais salientes da nossa historia patria. Preço avulso 12$000 rs. e por assignatura 9$200 rs.

Cada fasciculo contendo tres folhas de 8 paginas in-folio e uma excellente gravura impressa em papel velino, custa 100 rs..

Continua recebendo-se assignaturas, podendo os novos assignantes receber a obra completa, a volumes, ou em fasciculos, conforme desejarem.

HISTORIA UNIVERSAL

POR O

Dr. JORGE WEBER, traducção e notas de DELFIM D'ALMEIDA

Seis volumes em 4.º grande, illustrados com primorosas gravuras. Preço avulso 8$000 rs. e por assignatura 5$300 rs. Recebem-se assignaturas.

A comedia do amor, por Guiomar Torrezão. Um volume em 8.º, com mais de 300 paginas, contendo interessantes e primorosos contos originaes. Preço, 600 rs.
Album de ensino universal, *livro de instrucção popular*, por Alberto Pimentel. Um grosso volume. 600 rs.
A agonia de Luiz de Camões, *romance historico*, por A. Tissot, traduzido e annotado por A. Pimentel, illustração de M. de Macedo. Um volume, 500 rs.
A jornada dos seculos, por Alberto Pimentel. Um volume de mais de 400 paginas em edição nitida. Preço, 700 rs.
A união iberica, por Antonio Rodrigues Sampaio, Eduardo Coelho, Luciano Cordeiro e M. P. Chagas. Um volume, contendo importantes documentos, 500 rs.
A varanda de Nathercia, original de Alberto Pimentel, illustração de Manuel de Macedo, 300 rs.
Chronica moderna, revista critica, illustrada. Um grosso volume em 4.º grande, de perto de 400 paginas, 1$200 rs.
Diccionario de Direito Commercial, compilado e annotado por Innocencio de Sousa Duarte. Um grande vol. de mais de 500 pag. 1$500 rs.
Hygiene e physiologia do casamento, *Historia natural do homem e mulher casados*, por A. Debay, versão de Sousa Viterbo. Um volume, 600 rs.
Idyllios dos reis, poema por Alberto Pimentel. Um volume illustrado, 500 rs.
Lisboa de hontem, por Julio Cesar Machado. Um elegante volume de perto de 300 paginas, 500 rs.
Lisboa em camisa, por Gervasio Lobato. Um volume, 600 rs.
O crime de Mattos Lobo, por L. Bastos. Um vol., ornado de est. 500 rs.
O inverso da historia contemporanea, por Honoré Balzac. Um grosso volume, 500 rs.
O que anda no ar, por Alberto Pimentel. Um volume de mais de 300 paginas, illustrado com o retrato do auctor, 500 rs.
Os Rougon-Macquart, *e a côrte de Napoleão III*, por Emilio Zolá, versão de F. M. Gomes de Sousa. Dois volumes, 800 rs.
O trevo de quatro folhas, romance de costumes orientaes, por Eduardo Laboulaye. Um volume, 400 rs.
O ultimo carrasco, por Leite Bastos. Um vol. com quatro gravuras, 500 rs.
O vinho, narrativa popular por Alberto Pimentel. Um volume, 200 rs.
Rattazzi e sua epoca, *Historia contemporanea da Italia*. Original de M.me de Rute, traduzida por Guiomar Torrezão. Cinco vol. illustr., 3$000 rs.
Viagens á roda do Codigo Administrativo, por Alberto Pimentel. Um volume, 500 rs.

Estas obras remettem-se pelo correio, francas de porte, a quem enviar o seu importe á

EMPREZA LITTERARIA DE LISBOA

1 a 7 — CALÇADA DE S. FRANCISCO — 1 a 7